

A TEMPEST OF
shadows

WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

JANE WASHINGTON

LT



Aviso

A tradução foi efetuada pelo LT, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Eu nasci com uma maldição que girou uma violenta tempestade ao meu redor, apreendendo todas as coisas bonitas e frágeis que se arrastavam em minha vida, arrancando tudo do meu alcance tão sem esforço quanto as asas de uma borboleta são arrancadas de seu corpo.

Ou assim eu pensei, de qualquer maneira.

Tudo mudou quando vieram atrás de mim, quando me arrastaram para um julgamento pelos meus crimes. Eu deveria ter enfrentado a execução, mas o destino é uma coisa inconstante e engraçada, me provocando com o conhecimento de que eu sempre fui destinada a ser muito mais.

Eles sabem disso: os cinco grandes mestres que tomaram o controle da minha vida, e agora lutam pelo controle sobre minha alma.

Ele também sabe disso. O guerreiro de olho dourado cujo destino está ligado horivelmente e inexplicavelmente com o meu.

Dos grandes penhascos ao oceano largo e violento, eles assombram meus passos. Dos salões perfumados aos quartos silenciosos e empoeirados, eles empurram todos os meus limites de maneiras cruéis e implacáveis.

Porque todos nós sabemos...

Há algo maligno se enraizando no fundo da terra, um horror crescendo atrás de cada sombra, uma doença arranhando nosso meio, o fim do mundo como o conhecemos se aproximando o suficiente para detectar no horizonte.

A escuridão está chegando.

E eu posso ser a única que pode pará-la.



GLOSSÁRIO DE PALAVRAS

Fyrian - a língua comum
Forian – a língua antiga
Aethen – a linguagem do poder



Foraether - o mundo anterior
Forsjaether - o mundo intermediário
Ledenaether - o mundo posterior / pós-mundo



Vold - o setor de magia da guerra
Sjel - o setor de magia da alma
Skjebre - o setor de magia do destino
Eloi - o setor de magia espiritual
Sinn – o setor da magia mental



Setoriais – a classe de pessoas com magia
Mordomos – a classe de pessoas sem magia



Vale – o Tecelão
Fjor - o Inquisidor
Helki - o Mestre Guerreiro
Andel – o Erudito
Vidrol – o Rei
Calder - o Capitão



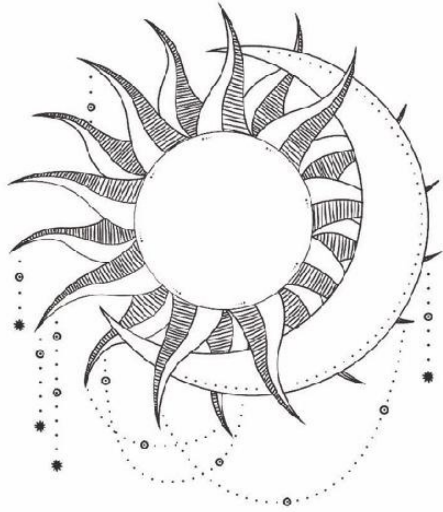
Liten - pessoa menor de idade
Kongelig - termo de respeito para um setorial adulto

Kynmaiden - mulher fértil / donzela

Vevebre - linhas do destino

Mavlys – clérigo

Mor-svjake – marca que denota assassino dos fracos



“É assim que o mundo acaba, não com um estrondo, mas com um gemido.”
T.S. Eliot

MENTIROSA

Acordei com uma sensação horrível, cambaleante. Ela me agarrou, sussurrando para mim que meu tempo estava se esgotando, que o mundo estava se esvaindo pelos meus dedos. Uma grande névoa desceu durante a noite, me tirando da cama mais cedo do que o costume. Quando comecei minha corrida, a neblina se dissipou, revelando um mundo preso em quietude entre uma respiração e a próxima, retido em uma inalação congelada. Meus pés descalços bateram contra a estrada de paralelepípedos, a névoa umedecendo minha camisa. A bainha ficou muito velha e resgada, e eu fui forçada a cortá-la. Enquanto corria, a bainha irregular se soltou da minha calça, a brisa gelada rastejando ao longo da minha cintura. O remendo incompatível que cobria meu joelho direito havia caído, exibindo o habitual tom de mel da minha pele enquanto começava a adotar uma palidez azulada.

Estava excepcionalmente frio, as montanhas ao longe cobertas por um gelo teimoso que se recusava a derreter nos riachos da primavera. Meus pés estavam dormentes e ardendo, mas continuei. Corri porque minhas pernas coçavam, porque havia algo inquieto e agitado crescendo dentro de mim. Corri para me convencer de que estava no controle.

Nunca me desviei da minha rota. Nunca parei para contemplar a paisagem, observar os pássaros ou falar com alguém. Eu nunca parei por nada.

Não até aquele dia estranho e imóvel.

Meus pés desaceleraram e viraram, meu corpo se tornando autônomo, levando-me ao muro de contenção de pedra que descia até as margens do Lago Enke. Havia alguns blocos escalonados ao longo da parede para as pessoas

usarem como escada, mas eu os ignorei, saltando sobre a borda e aterrissando abaixo com um tapa pungente contra a margem.

Sentime compelida a continuar em movimento, meus olhos atraídos para as linhas dos fios de pesca que se estiravam dos postes martelados no chão ao redor do lago. Em Forsan, a língua antiga, elas eram chamadas de *vevebre*. Linhas do destino. Elas brilhavam ao sol da manhã, afiadas e sedutoras. Me imploraram para caminhar entre elas, para agarrar meu destino em minhas mãos. Para enrolar e torcer o fio até que meu futuro se desenrolasse em minhas mãos. As linhas chamavam a todos, mas poucos eram corajosos ou estúpidos o suficiente para tocá-las. Eram premonições sagradas inventadas pelo poderoso povo Skjebre, e nem o destino nem aqueles que exercem o poder do destino deveriam ser testados, questionados ou desmascarados. Um destino desconhecido era uma oportunidade sem fim; um destino revelado nada mais era do que uma sentença condenatória... uma aposta com probabilidades impossíveis.

A orla era povoada por um mar de seixos em tons de marrom e preto, pontilhado de vez em quando com pedras brancas translúcidas. Elas se moviam sob meu peso, fazendo-me afundar a cada passo. A água era de um azul escuro, profundo e ininterrupto. Ela lambia os seixos, movendo-os suavemente. A névoa cobria toda a margem, carregando um cheiro que fez crescer garras, cavando na base da minha garganta. Tanto familiar quanto desconhecido, me lembrava uma tempestade de verão. Respirei profundamente. A água batia na ponta dos meus pés, me surpreendendo com o conhecimento de que eu havia me movido até a beira do lago. Olhei para a superfície calma, pensando em uma história que ouvi muitas vezes durante minha juventude.

Há uma fera na água,

Garras de chumbo, morte em seus olhos.

Há um monstro na névoa,

Esperando sob um século de céus.

Há uma garota perto da água, Vestida de prata, estrelas em seus olhos,

Cantando para uma fera chamada Dragur, Vadeando na costa da morte.

Há morte na água,

Escondida por um século de mentiras.

Há uma fera chamada Dragur, Esperando sob um século de céus.

Há um sussurro na água,

Um para cair, e um para subir.

“A água chama por você.”

A voz me tirou do estupor, e dei vários passos apressados para trás da beira da água, girando para encontrar o orador, o movimento espirrando água em meus tornozelos. Um homem estava atrás de mim, um cachecol marrom-escuro áspero enrolado nos ombros, formando um capuz sobre a cabeça e cobrindo a metade inferior do rosto. Ele usava roupas de linho preto com envoltórios de couro em torno de suas mãos, pulsos e sobre suas botas. Havia uma alça grossa dobrada sobre o peito, espreitando por baixo do lenço, e uma variedade de bolsas de couro, fios, cordas e bolsas de ferramentas penduradas em seu cinto. Com 1,80m de altura e mais de 90 quilos, ele era anormalmente grande, com uma magreza de músculos sob a pele visível de seus antebraços. Se outros moradores foram criados às margens do Lago Enke, então esse homem foi criado pelo vasto Mar das Tempestades, muito além das montanhas, onde os antigos gigantes viviam.

Um Skjebre saiu da névoa do outro lado da margem, agachado ao lado de um dos postes, tocando a linha presa a ele. Sua boca se moveu, mas ele estava muito longe para eu ouvir suas palavras. Seu rosto era visível, seu capuz jogado para trás. Sua capa, que roçava as rochas, era da melhor qualidade.

Voltei minha atenção para o homem gigante com uma careta. O sol nascente estava em suas costas, seu cachecol protegendo suas feições de mim – e ainda, apesar de nunca tê-lo conhecido, eu sabia exatamente quem ele era. As pessoas não cantavam canções deste homem, elas preferiam sussurrar histórias sobre ele enquanto se amontoavam ao redor do fogo com seus pescoços formigando e seus olhos cautelosos. Ele era apenas uma invenção de um mito, aquele eco horrível de um negócio obscuro dançando com uma remessa sufocada. Ele era uma ruína sem fim, esperando por alguém estúpido o suficiente para arrancar um dos fios que ele oferecia.

Alguém estúpido como eu.

“Tecelão.” A palavra escapou da minha boca antes que eu pudesse impedi-la. Eu podia sentir o gosto da névoa na palavra. Doce. Elétrico.

“Quem me procura?” Sua voz era áspera, como se ele tivesse acabado de acordar. Ela arranhou de sua garganta até todo o caminho para a minha.

Engoli o desconforto, abrindo minha boca para responder. Ele me cortou, apontando para a minha roupa. “Você claramente não tem os meios para fazer um acordo comigo.”

Ele estava certo. Minha roupa era a de um mordomo, não de um setorial. Eu pertencia à classe mais baixa de pessoas em Fyrio. As pessoas sem magia.

Balancei a cabeça em resposta, sem me atrever a falar outra palavra. Eu não chamei por ele ou procurei sua cabana escondida entre as altas sequoias à beira do lago. Ele não tinha motivos para acreditar que eu havia perturbado deliberadamente seu trabalho e seria forçado a me deixar ir embora. E ainda assim, ele olhou.

Ele esperou.

Eu podia apenas ver seus olhos, tão profundos e ininterruptos quanto a água atrás de mim. Seu olhar passou direto por mim, acendendo um medo saudável dentro do meu peito. Esse medo criou raízes, atirando no meu estômago, coçando ao longo das minhas pernas e brotando pelos meus pés para me plantar firmemente no local. Eu não tinha permissão para ficar diante de um homem tão poderoso e importante como o Tecelão sem uma boa razão... mas lá estava eu. Atraída para a margem, seduzida pelo canto da água, aprisionada pela espessa névoa do amanhecer. Eu queria ir embora. Meus pés se recusavam a ceder. O Tecelão era uma visão impossível, e eu não conseguia desviar o olhar. Eu nunca o tinha visto nos mercados, ou na margem do Lago Enke sob o sol quente da tarde enquanto as crianças corriam pelas rochas.

Nas profundezas da escuridão da noite era quando ele emergia, junto com os outros escolhidos dentro de seu setor. Eles giraram a vevebre, lançando aquelas linhas do destino na água. Ao meio-dia, todos tinham ido embora, tanto o Skjebre quanto a vevebre. Centenas de destinos descartados no oceano, liberados aos poderes do acaso, ou transformados em premonições preciosas e inescapáveis. Eu tinha me perguntado, como a maioria de nós, se alguma das premonições eram sobre mim, mas eu nunca teria procurado o Tecelão para descobrir meu destino. Um acordo com um setorial de qualquer tipo era obrigado a custar mais do que eu poderia pagar, mas um acordo com o Tecelão me colocaria em uma dívida imperdoável para toda a vida.

Ele raramente era chamado pelos mordomos ou setoriais — mesmo os mais ricos —, mas com mais frequência pelo rei de Fyrio, seus governadores ou pelos membros do pequeno conselho de Hearthenge. Foi dito que o rei era a única pessoa que restava no reino a permanecer em dívida com o homem. O preço era muito alto para o resto de nós. Todos os mordomos que carregavam sua marca morreram dentro de um ano após obtê-la, o peso de suas dívidas os esmagando em seus túmulos. Dizia-se que os setoriais duravam mais, às vezes anos, mas nunca tanto quanto o rei de Fyrio.

Fiquei rígida de frio enquanto seus olhos iam do meu rosto aos dedos dos pés, um vapor gelado respirando em cada centímetro sob exame. Ele notou o

rasgo no joelho da minha calça. As mechas de cabelo soltas e varridas pelo vento sobre meu rosto. Meus pés descalços. A sujeira nos meus dedos dos pés. A queimadura no meu pescoço, logo acima da gola da minha camisa. O arrepio em meus braços. Aquele olhar estranho e gelado tocou cada parte de mim e depois passou por mim. Uma vez que sua avaliação estava completa, ele soltou um som. Grave, totalmente sem inflexão. Não dava nada, e ainda assim parecia pingar de insatisfação do mesmo jeito.

Ele deu um passo mais perto, e eu correspondi com um rápido passo para trás, o medo gelado dentro de mim rapidamente derretendo para revelar um terror mais profundo e urgente.

Eu sempre tive um tipo de bravura teimosa e cabeça dura, mas este não era um homem para se mexer. Se o destino era uma força que era melhor deixar em paz, então o Tecelão do Destino era uma força para impulsionar um esforço considerável para fugir. A todo custo.

“De-desculpe-me, eu estava apenas de passagem,” forcei as palavras quando finalmente voltei ao meu juízo, correndo para o lado. Ele me seguiu com os olhos, mas não fez nenhum movimento para me impedir, e essa era toda a abertura que eu precisava.

Eu me virei e corri, a água cantando para mim enquanto eu passava, me chamando de volta com tristeza. Ignorei, minha atenção se esticando tão ferozmente para qualquer som de perseguição que perdi o comprimento da linha de pesca diante de mim. Ela ficou presa no meu tornozelo quando minha outra perna bateu no poste de madeira ao qual estava preso. Em questão de segundos, eu estava de joelhos, o poste desalojado em minhas mãos, descrença total desabou em meus ombros, tornando meu corpo pesado enquanto eu afundava nas pedras úmidas. A linha puxou suavemente contra o meu aperto enquanto a maré ondulante brincava comigo. A sombra do Tecelão caiu nas minhas costas. Ele se ajoelhou atrás de mim, bloqueando o sol nascente. O cheiro da névoa se agarrava a ele.

“Você escolheu seu destino, *Tempest*.” Sua voz me atravessou com tanta força rouca que me senti imediatamente mal, e a linha de pesca começou a tremer diante dos meus olhos.

Ele tinha me dado um nome Predestinado. Uma profecia autorrealizável. Nomes predestinados, embora soassem como palavras fyrianas normais, na verdade carregavam o som de uma palavra Aethen. A linguagem do poder. Eles soavam diferentes de outras palavras e carregavam a essência de seu significado em sua cadência. Quando o Tecelão falou a palavra *Tempest*, soou como

violência e morte, uma tempestade violenta para acabar com tempestades.

“Não.” Minha voz era forte. Muito mais forte do que eu me sentia. “Isso foi um erro. Eu tropecei. Não pedi isso. Liberte-me deste acordo e nunca mais me verá. Pelo rei deste mundo e do próximo, eu juro. Eu vou desaparecer.”

“Está feito, e não pode ser desfeito,” ele respondeu claramente, chegando ao meu redor para agarrar o fio.

Sua mão era duas vezes maior que a minha. Um pouco mais escura, coberta de cicatrizes e calos de anos de lançamento da vevebre. Quantos anos, eu não sabia. Ele não tinha a postura ou a voz de um homem velho, embora as histórias de seus feitos parecessem remontar, impossivelmente, a centenas de anos. Era uma prova de seu grande poder.

“Pare.” Tentei me levantar, mas estava congelada novamente. Desejei que meu braço se movesse e observei enquanto o músculo saltava sob minha pele. Eu estava *tentando* me mover, mas alguma força não natural estava me impedindo.

De todos os cinco setores que dividiam os grandes setoriais, não havia um único que pudesse congelar uma pessoa no local. Não a magia do destino dos Skjebre, a magia da alma dos Sjel, a magia da guerra dos Vold, a magia mental dos Sinn, nem a magia espiritual dos Eloi. Não havia uma única pessoa, mágica ou não, que deveria ser capaz de agarrar meu corpo sem nem mesmo um encantamento pronunciado.

O Tecelão enrolou o fio ao redor de sua mão repetidas vezes, enrolando-o enquanto o sol banhava seu ombro, lançando um feixe de luz cru nas costas de sua mão. Ele se agachou mais sobre mim, mergulhando em névoa e gelo, sua voz soando diferente, como se as vozes de muitos homens falassem por sua boca.

“Nascida pela tempestade e derrotada pela tempestade, tenha cuidado com as forças do caos que a trouxeram a este mundo, pois elas veriam você deixá-lo da mesma maneira. Banhada em sangue e gritando. Olhe para as águas profundas para o seu destino, pois sua alma não é sua.”

“*Pare.*” Eu joguei todo o meu peso na palavra e ela explodiu para fora de mim com uma força que sacudiu através de nós dois. “Eu não pedi e não vou ouvir!”

O anel em volta do meu dedo zumbiu. Era algo que acontecia sempre que minha magia adormecida tentava vir à tona, uma magia que eu não deveria ter. O anel funcionava como uma barreira, encharcando minhas emoções e aquela pequena faísca de energia mágica em água fria, enviando tudo para baixo de um cobertor pesado. Por sete anos, ele se manteve forte, mas agora o metal prateado

estava escurecendo e queimando contra minha pele. O encantamento que congelou meu corpo no lugar vacilou antes de se dissolver completamente, dominado pela onda de energia que escapou de algum lugar dentro de mim. Eu poderia me mover novamente. Minha magia se libertou.

A forma fria do Tecelão escapuliu, mas não parei para descobrir por quê. O poste caiu das minhas mãos e eu me levantei sem hesitação, desviando dos postes e lutando pela estrada que me levaria para casa.

Para o meu *verdadeiro* destino.

A névoa aumentou e intensificou, tentando me envolver, enchendo meus pulmões até transbordar enquanto a dor atravessava meu peito, estrelas nadando diante dos meus olhos. De alguma forma, aquela névoa espessa estava se tornando uma coisa viva, implorando-me com respiração vaporosa, envolvendo-me em um abraço sufocante, implorando para que eu não fugisse. Meu anel queimou novamente e desta vez eu definitivamente senti minha magia respondendo, vazando de rachaduras imaginadas no metal liso, se espalhando sobre minha pele e trazendo clareza de volta à minha visão, permitindo-me cortar a névoa.

Corri para as pedras e cheguei ao topo da parede sem olhar para trás, a energia fazendo cócegas em mim e vazando em meus músculos. Minha magia estava injetando velocidade em meus passos, foco aprimorado em minha visão, determinação em meu desespero. O anel estava queimando dolorosamente quente.

Eu *iria* fugir... porque meu sangue assim o queria. Meu nascimento exigia isso. Naquele momento, não importava que houvesse consequências para minhas ações. A história que ficou martelada em minha mente por sete anos começou a se desfazer, as palavras que facilmente brotaram dos meus lábios tantas vezes antes de irem para o fundo da minha mente, flutuando como cinzas na brisa.

Eu sou um mordomo. Vivo para servir os grandes setoriais. Eu nasci sem magia. Eu sou indigna.

Nada disso era verdade.

A magia da guerra corria em minhas veias, incapaz de se separar de mim e eu dela. Pertencia a mim assim como a magia do destino pertencia ao Tecelão.

Eu não era um mordomo.

Eu era violência, força e poder. Eu pertencia ao setor ininterrupto. Os guerreiros deste mundo e do próximo.

Eu não era indigna.

Eu era *guerra*.

Eu era um...

“Vold.”

A palavra, dita com a voz do Tecelão, me seguiu até em casa. Era a palavra que eu desejava ouvir todas as noites na escuridão, um reconhecimento que eu ansiava todas as manhãs ao nascer do sol... e eu finalmente a ouvi como uma condenação obstinada, beliscando meus calcanhares enquanto fugia do meu destino.

Meu nome era Lavenia Lihl, e eu era uma coisa acima de tudo.

Eu era uma maldita mentirosa.

O metal ao redor do meu dedo se partiu como um pedaço frágil de casca fraturada em tiras, os pedaços se espalhando no caminho a ser deixado para trás. Finalmente tinha acontecido. A coisa que minha mãe mais temia na vida. Eu tinha perdido o controle. Eu tinha cometido o maior erro de todos.

E por isso, eu seria punida.

FADADA



O caminho era feito de paralelepípedos compactados de forma apertada e desigual, mas naveguei por eles com facilidade, pulando as ranhuras da carroça, pequenos buracos e fendas como se eu os tivesse esculpido no chão com minhas próprias mãos. A magia me inundou, fazendo tudo parecer fácil, me enchendo de força e confiança.

Eu me sentia invencível.

Segui o caminho pelas colinas e cumes sinuosos até chegar aos Degraus da Expição, uma grande escadaria de pedra áspera cobrindo uma distância de quase três quilômetros. A pedra era mais lamacenta em sua forma não polida, a cor azul cristalina mal sussurrando na superfície sob uma película branca e turva. Os degraus eram murados por mármore branco, com pilares a cada meia milha sustentando grandes estátuas. As estátuas no início eram de um homem e uma mulher Vold em trajes de guerreiro de mármore, suas espadas cruzadas sobre a entrada dos degraus. Mais acima nos degraus havia um par Skjebre, e depois um par Sjel, um par Eloí e um par Sinn.

Todos tinham que subir os Degraus da Expição para chegar à encruzilhada, que levava tanto a Hearthenge, o coração de nossa civilização, quanto a Breakwater Ridge, onde os mordomos moravam nas montanhas. Eu mal tinha passado dez dos degraus antes que a onda de energia e magia começasse a escorrer de mim. Minha respiração começando a ficar difícil, minhas pernas começaram a ficar bambas, diminuindo meu ritmo. Minha visão ficou turva quando olhei para cima, tentando ver o topo dos degraus. Uma dor quente e aguda atravessou meu peito, me atrapalhando temporariamente.

Tropecei para o lado, mas consegui me segurar antes de cair.

Parei apenas um momento para recuperar o fôlego e permitir que meu equilíbrio voltasse ao normal antes de me forçar a voltar a correr. Desta vez, me movi sem magia. Meus membros ficaram mais pesados, meus movimentos repentinamente desajeitados e rígidos. Eu tinha percorrido os Degraus da Expição todos os dias desde que me lembrava, mas nunca havia tentado subi-los, eram simplesmente muitos. Minhas pernas começaram a queimar, meus pulmões ameaçando estourar, mas o medo me encheu tão completamente quanto a magia Vold fugiu de mim, que eu sabia que não poderia parar. Fui impulsionada pela sensação de que não importava o quão rápido e ágil eu corresse, nunca seria capaz de escapar do que acabara de acontecer.

O sol tinha rompido completamente o céu quando cheguei ao topo, o grande orbe arranhando as montanhas as minhas costas e lançando minha sombra para a frente. Afastei-me da estrada que levaria à cidade de Hearthenge, uma determinação obstinada me conduzindo pela floresta que me levaria para casa. Pedras ásperas e claras tomaram a batida dos meus passos enquanto eu corria, um muro baixo de pedra bloqueando o caminho. As árvores imediatamente bloquearam a luz do sol, o ar ficando frio. Assisti enquanto a névoa saía da minha boca, a temperatura caindo ainda mais. O medo passou por mim novamente, e parei bruscamente, girando para enfrentar o caminho vazio atrás de mim.

“Eu sei que você está aí.” Falei com a floresta fria, enxugando as palmas das mãos trêmulas nas calças antes de fechá-las em punhos e me virar para encarar a outra direção.

De repente, ele estava lá. Envolto em escuridão e gelo, seu capuz escondendo tudo, exceto aqueles olhos azuis escuros e profundos. Ele não parecia estar me perseguindo. Ele não estava sem fôlego. Tropecei para trás um passo. Sua mão disparou, pegando meu pulso. Ele puxou suavemente, e eu caí para frente como se estivesse encantada. Seu poder me envolveu, afogando minha luta com medo novamente.

Eu estava perto o suficiente para distinguir suas feições: um nariz comprido e reto, lábios firmes e inflexíveis. Seu cabelo era prata escuro, como ardósia fosca ou aço líquido. Era uma cor estranha e metálica, diferente de branco ou cinza. Eu me encontrei paralisada pela atração sob seu capuz. Ele não era tipicamente bonito, mas havia algo gracioso em seu rosto. Havia uma uniformidade em suas feições generosas, uma espécie de simetria que o teria feito parecer cativante se não fosse tão aterrorizante. Não era o rosto que eu

esperava. Eu esperava algo brutal. O rosto de um gigante disforme. Era de conhecimento geral que quanto mais magia um setorial possuía, mais ela os deformava. O Tecelão não tinha uma única deformidade visível.

“Você não pode fugir de mim,” ele avisou com a mesma voz áspera. “Você não pode fugir do seu destino.” Sua mão apertou meu pulso, sua cabeça abaixando até que eu pudesse sentir o peso de seu olhar me levando por todo o caminho. “E o mais importante de tudo: você não pode fugir da dívida que tem agora.”

Sua mão livre se moveu para segurar meu rosto, um gesto estranhamente terno, embora a velocidade disso me fez estremecer para longe dele. Sua boca se torceu em um leve sorriso, escuro com intenção e diversão às minhas custas. A pele no alto da minha bochecha esquerda, na parte externa do meu olho, começou a arder. Recuei novamente, mas ele segurou firme, e a picada se transformou em uma queimadura.

Ele estava me presenteando com a marca do Tecelão. Um círculo prateado, pintado magicamente sobre a pele. Um acessório permanente. Uma maldição interminável e inquebrável. Em breve, todos veriam isso em meu rosto e saberiam do acordo imposto a mim. Uma dívida mortal por um sussurro do que poderia ser. Eles saberiam que eu troquei tudo e qualquer coisa de valor em minha vida patética por um gosto do desconhecido... exceto que minha vida não era insignificante ou patética. Eu tinha um poder adormecido. Um segredo terrível que me mataria ter que revelar, e era a única coisa que eu tinha para oferecer ao Tecelão, a única coisa de valor que ele poderia exigir de mim.

“Seu destino foi ouvido pela água,” o Tecelão murmurou, seus olhos de veludo rastejando de sua marca para encontrar meu olhar horrorizado. “Estará lá nas lágrimas que você chorar, na chuva que cair, no copo em sua mesa. Toda vez que você respirar, você irá respira-lo. Quando você desejar ouvi-lo na íntegra, você só precisa pedir.”

“E em troca?” Afundei. Não havia como escapar deste acordo. Ele já havia me marcado. Ele já tinha escolhido o meu destino e me amaldiçoou a isso. Tudo o que restava era saber exatamente *como* seria forçada a pagar a dívida... e como poderia escapar dela.

Quanto ao meu destino escolhido: eu não queria uma palavra dele. Uma vida vivida com medo de uma morte profetizada não era vida. Ainda me lembrava da garota com o círculo prateado abaixo do olho. Ela usava um vestido branco que contrastava chocantemente com seus cabelos negros. Ela tinha sido incrivelmente bonita, mesmo com a erupção escura e manchada cobrindo sua

pele. Sua mutação mágica. Isso era tudo o que sabíamos sobre ela. Isso, e o fato de que ela havia saltado da beira do Breakwater Canyon. Ela bateu a cabeça nas rochas, e tinha sido muito perigoso descer e recuperar seu corpo. Fomos forçados a olhar pela janela e observar os corvos se banquetear com seu cadáver até que ela se fosse.

As perguntas foram caladas, a princípio. As pessoas ficaram apavoradas em perguntar sobre os negócios do Tecelão... e então as perguntas pararam completamente. Silenciadas como uma chama privada de oxigênio, murchando em nada. Eu tinha reunido coragem para perguntar à minha mãe o que havia feito a garota jogar sua vida fora, mas não recebi nada mais do que um olhar vazio em troca. Por necessidade, as pessoas tinham esquecido tudo sobre ela.

“O que você tem a oferecer?” O Tecelão sorriu ao perguntar as palavras, aqueles lábios severos estendendo-se sobre dentes brancos e retos. Era o tipo de sorriso que pertencia a uma fera selvagem. Uma pergunta feita apenas por causa da crueldade. “Sua riqueza?” Ele soltou meu rosto, puxando o decote do meu top. “Seu corpo?” Ele abaixou a cabeça ainda mais, mas não havia faísca de interesse em seus olhos. Apenas uma sabedoria cruel. “Seu poder?” Ele provocou.

Eu puxei meu pulso livre, me abaixando sob seu braço, o pânico azedando através de mim. Ele se virou para me ver correr, sem fazer nenhum movimento para me parar.

“Quando chegar a hora, seu serviço começará,” ele avisou.

Eu não reconheci suas palavras enquanto fugia pela floresta. Eu não precisava. Não era um pedido. Ele me chamaria, e eu atenderia porque não havia para onde correr e onde me esconder. Os setoriais detinham todo o poder da nossa sociedade, toda a magia. Havia pessoas do setor Vold que poderiam me caçar. Havia pessoas do setor Sjel que cantariam para minha alma, me atraindo de volta para o Tecelão com a mesma facilidade com que o Lago Enke havia cantado para mim naquela mesma manhã.

Eu precisava de um plano melhor.

Comecei a chorar lágrimas frustradas enquanto cortava a floresta, passando por vários mordomos a caminho de Hearthenge. Um deles montava a cavalo puxando uma carroça estreita e coberta; dois outros levavam burros carregando cestos e sacos cheios de mercadorias para os mercados; e outro embalava uma bolsa de pergaminhos para seu comércio. Eu mantive minha cabeça baixa, ignorando o fio de atividade matinal enquanto passava pelos portões sempre abertos para a cidade do desfiladeiro. Breakwater Canyon consistia em dois

penhascos de montanha escarpados de frente um para o outro, com o chicote das ondas muito abaixo agitando em sua base. Pontes curtas e robustas cruzavam a fenda entre as montanhas, levando ao labirinto de túneis e casas construídas na rocha. Meus pés se moviam por hábito, minha mente a um milhão de quilômetros de distância, até que eu estava do lado de fora da minha casa, a porta de madeira me encarando.

Eu hesitei.

Casa.

Meu medo não diminuiu nem um pouco.

Ele dobrou. Triplicou. Me aleijou.

Eu o empurrei para baixo, embora meus ombros se curvassem para dentro. Três batidas e eu entrei. Ela estava sentada à mesa: minha mãe. Ela estava vestida para sua posição de honra no Kynhouse de Hearthenge, suas sedas graciosamente enroladas sobre seus ombros, finas correntes douradas segurando o vestido em todos os lugares mais lisonjeiros. Ela era uma escultura preciosa envolta em cor líquida, seus lábios pintados de bordô, seus olhos brilhantes, calorosos e conhecedores. Ela brilhava, irradiando beleza. Era tudo natural. Ela não tinha poder, um verdadeiro mordomo, mas ela tinha algo melhor. Algo que o povo de Fyrio valorizava mais do que o poder. Ela era *fértil*. Uma kynmaiden legítima, uma criadora, por decreto real. Tanto os setoriais quanto os mordomos disputavam uma chance de procriar com ela, embora os mordomos raramente pudessem pagar por ela. Ela foi mãe de sete filhos e ainda era jovem e bonita.

Suas mãos se curvaram em torno de uma delicada xícara de chá, um dos muitos presentes dados a ela por um de seus clientes. Ela olhou para mim enquanto soprava o vapor. Cheirava a primavera. Uma bebida especial de framboesa, urtiga e trevo vermelho. Ela havia trocado um de seus presentes mais caros pelo chá e agora o bebia nada menos que cinco vezes por dia na tentativa de aumentar sua fertilidade. Assisti enquanto aqueles olhos quentes e brilhantes dela se fechavam, a linda máscara caindo. Suas sobrancelhas esbeltas viradas para baixo, seus lábios pressionados juntos, seus olhos se estreitando enquanto ela me observava da cabeça aos pés. Quando ela viu a marca no meu rosto, seus olhos se arregalaram.

“Sua garota estúpida, *estúpida*,” ela sussurrou incrédula, levantando-se tão rapidamente que seu banquinho de madeira caiu no assoalho atrás dela. Nossa casa não era grande, mas havia espaço suficiente para nós duas. Eu a mantinha limpa, e ela a mantinha bonita. Estávamos melhor do que a maioria dos mordomos. O status de kynmaiden de minha mãe nos proporcionou uma casa no

alto do desfiladeiro, onde podíamos ver os pássaros e pegar o calor do sol. Os menos afortunados caíram junto às ondas, com a espuma gelada nos peitoris das janelas e umidade escorrendo pelas paredes de pedra.

Tentei dizer a mim mesma com a maior frequência possível que tive sorte.

Tentei com a mesma frequência acreditar nisso.

“Isso foi um erro.” Minha voz estava suplicando. “Eu tropecei em uma linha vevebre. Eu não queria.”

Ela agarrou meu pulso, eu nem pensei que ela estava me ouvindo, e puxou minha mão diante de seu rosto, seus olhos cheios de horror. Havia uma linha fina e branca no meu dedo onde o anel estivera.

Seus olhos rastejaram de volta para os meus lentamente, seu aperto aumentando. “Três natimortos,” ela sussurrou, e meu estômago se apertou de uma maneira horrível e doentia. “Três mortes. Três almas. Foi isso que troquei pelo seu anel.”

Ela não precisava me lembrar. Fui eu que limpei o sangue dos lençóis e enterrei os corpos minúsculos e mutilados na terra. Fui eu quem cuidou dela de volta à saúde, repetidas vezes.

Durante anos, sonhei com seus rostos. Eu tinha sonhado com as mulheres que elas se tornariam. Eu tinha sonhado com suas experiências roubadas, trocadas por minhas próprias experiências roubadas.

“Sinto muito,” eu implorei, mas não adiantou.

Sua expressão ficou fria, seus olhos se fecharam. Ela não estava mais com raiva, e isso era pior. Ela pegou seu xale, se afastando de mim e caminhando até a porta. “Se você tem idade suficiente para fazer acordos com o Tecelão, você tem idade suficiente para trocar por um novo anel. Melhor você do que eu, monstrinho.”

Ela trancou a porta atrás dela, e eu afundei no chão, esfregando meu dedo nu.

Melhor eles do que eu, monstrinho.

Isso foi o que ela disse enquanto eu embrulhava o primeiro bebê, implorando para ela retirar o acordo. Se ela pudesse me expulsar de casa naquele dia, ela o teria feito, mas criar filhos era uma coisa sagrada entre o povo de Fyrio. A segurança de uma criança era primordial, pois eram tão raras e preciosas. Até mesmo os filhos dos mordomos. Um natimorto era uma coisa comum. Três natimortos apenas uma surpresa.

Expulsar uma jovem saudável de sua casa?

Isso era indescritível.

Ela nunca quis um filho para si mesma. Sua vida já estava cheia. Ela era tratada como uma princesa, envolta em sedas e orações; adorada durante o dia e deixada em paz durante a noite. Meu pai tinha sido um setorial, mas o homem Eloi que foi chamado ao leito de parto de minha mãe declarou que eu não tinha puxado meu pai. Nenhum poder foi detectado dentro de mim. Sem fidelidade a nenhum dos setores. Em vez disso, ele me renunciou. Seu decreto havia sido imortalizado na cabeceira de madeira da cama de minha mãe, esculpida ali por sua lixa de unha na noite em que ela me trouxe para casa.

Eu não sinto o coração dela. Onde deveria estar, há apenas uma tempestade. Esta criança está condenada à morte e a compartilhar a morte com os mais próximos a ela.

Depois disso, ninguém me compraria. Meu pai setorial não queria um filho mordomo, muito menos um amaldiçoado. A notícia do decreto do homem Eloi se espalhou, e mesmo os mordomos mais pobres, que nunca poderiam esperar ter um filho, viraram a cabeça para longe de mim. Minha mãe foi forçada a me manter, forçada — por sagrada lei — a me proteger. Alimentar-me e vestir-me e enviar-me para ser educada com os outros filhos mordomos. Foi durante um daqueles dias quentes de escola que meu poder adormecido finalmente veio à tona, minha lealdade ao setor Vold cantando em meu sangue. Algumas das outras crianças me encurralaram sob o grande carvalho nos confins do pátio da escola. Suas mães lhes contaram sobre minha maldição. Elas jogaram pedras em mim e me mandaram fugir. Elas me disseram que eu não pertencia com o resto delas.

Eu não me lembrava de machucá-los.

Não me lembrava de nada além da necessidade turva de vingança que surgiu através de mim. Levou apenas uma questão de minutos para eu quebrar a maioria de seus ossos. A professora chamou os Sentinelas para me levarem para casa, onde minha mãe recebeu ordens para me manter.

Eu disse a ela que eu era um Vold. Que senti isso no meu sangue. Toda vez que eu murmurava a palavra, parecia aumentar seu terror, até que ela finalmente saiu da casa, me trancando dentro sem dizer uma palavra. Quando ela voltou, seus olhos estavam vermelhos e o anel estava em sua mão.

“É a maldição que você sente,” ela me disse, forçando o anel no meu dedo. “Não é um presente. É uma maldição, e trará morte para nós duas. De agora em diante, você não é nada. Você é um mordomo. Você vive para servir os grandes setoriais. Você nasceu sem magia. Você é indigna.” Ela enxugou as minhas lágrimas com força, seus lábios pressionados firmemente enquanto ela me

sacudia. “O que você é, Lavenia?”

“Nada,” eu repeti, o sussurro da guerra se esvaindo de mim, o aço contra meu dedo pesando contra minha alma. “Eu não sou nada.”

Esperei de joelhos pelo resto do dia, meus olhos fixos na porta, aquelas memórias horríveis do passado minha única companhia, minha única distração. Quando a escuridão começou a cair, eu finalmente me levantei, minhas pernas rígidas e doloridas. Preparei um caldo com cenouras e cebolas e assei um pedaço de pão integral macio. Coloquei tudo sobre a mesa e esperei. Quando ela não voltou naquela noite ou na manhã seguinte, me dei conta de que, embora ela não tivesse permissão para me expulsar de casa por mais um mês, *ela* ainda poderia sair. Ela poderia deixar toda a sua vida para trás e começar de novo em outro lugar sem nada... só para ficar longe de mim. Ela poderia ir para Edelsten e juntar-se as amantes do rei, onde belas mulheres se refaziam. Todo mundo sabia que uma vez que você entrasse em serviço em Edelsten, você nunca mais voltava. Cozinheira, cavaleiro, mensageiro ou escudeiro. O castelo gigante à beira-mar era uma fera faminta, e engolia todos eles inteiros.

Ela era linda e fértil e uma kynmaiden. Certamente, eles não iriam mandá-la embora ou fazer perguntas. Certamente, ela desapareceria entre as dobras de uma cortina de veludo, para nunca mais ser vista ou ouvida. Talvez daqui a alguns anos eu ouvisse uma música trazida da corte de Edelsten de uma beleza bem torneada com cabelos como fogo e olhos como brasas e me moveria para um espelho e me lembraria dela no ruivo do meu cabelo e na lenta fervura dos meus olhos. Mas então iria escapar... porque eu não era uma beleza bem torneada e ela não queria ser minha mãe. Eu era apenas uma criança abandonada amaldiçoada, uma vela solitária em uma janela batida pelo vento, engasgando por ar enquanto minha mãe brilhava ao longe, sempre longe demais para eu sentir seu calor.

A chave na fechadura me deixou em estado de choque, a escova e a panela chacoalhando dos meus dedos enquanto eu me ajoelhava diante da pequena lareira. Eu me levantei, minha cabeça abaixada, limpando minhas mãos em minhas saias. Observei as sedas do vestido de minha mãe varrer a sala e, em seguida, atrás dela, duas longas pernas. Botas de couro marrom. Linho caro, um colete finamente tecido, uma bolsa de couro. Um manto ainda mais fino. Ele a colocou nas mãos da minha mãe. Ela a pendurou na porta, seus olhos me evitando enquanto desenrolava seu xale.

“Essa é ela?” A carranca do homem estava concentrada em mim. Ele tinha uma barba curta, olhos astutos, um nariz pontudo. Muito polido e correto,

embora suas mãos fossem grandes e de aparência áspera, as unhas irregulares de tanto roer. Se sua roupa não o denunciava como setorial, os dois chifres curtos e curvos que cortavam sua testa certamente o denunciavam.

“Sim, *kongelig*,” ela hesitou, lançando um olhar de advertência para mim.

Eu rapidamente coloquei uma perna atrás da outra, peguei minhas saias e abaixei minha cabeça. Uma reverência rígida e deselegante. “Bem-vindo à nossa casa, *kongelig*.” O termo de respeito se alojou pesado e grosso em minha boca.

“Então, foi você quem destruiu meu anel?”

Ele caminhou em minha direção, sua bolsa batendo na mesa. Ele pegou meu queixo e levantou meu rosto. Eu o encarei. O homem que coletou a morte. O dono daquelas três almas, aquelas três meninas natimortas cujo sangue eu nunca poderia lavar completamente de minhas mãos.

“Eu não vejo nenhuma mutação mágica óbvia,” ele murmurou, embora não parecesse estar falando comigo. “Elas começam muito pequenas, geralmente. Uma pequena erupção cutânea, uma protuberância, uma escama, um fio de cor onde não deveria haver.”

“Ela tem uma marca de nascença,” minha mãe se apressou. Ela parecia desesperada. Talvez ele a tivesse recusado e ela implorado que ele viesse.

Comecei a me afastar do homem, mas seus dedos apertaram com mais força meu queixo. Minha mãe deu um pulo para frente, suas mãos ocupadas em minhas saias, seu toque frio tirando um silvo da minha boca.

“Aqui,” ela exigiu. “Olhe.”

O homem se ajoelhou, uma de suas mãos na minha perna, acima do meu joelho. Minha mãe estava empurrando minhas saias quase até meus quadris, virando minha perna direita para o lado. Lágrimas agora ameaçavam cair da linha inferior dos meus cílios, mas eu olhei para o teto e as segurei. Ambos olharam atentamente para a pequena marca branca disforme no alto da parte interna da minha coxa. Nenhum homem jamais tinha visto tanto de mim.

“Tem certeza de que não há outra marca? Nenhum outro sinal de mutação?”

“Nenhuma,” minha mãe prometeu. “Eu estou certa disso.”

Ele assentiu e então se levantou, tirando algo do bolso. Era uma espécie de coleira: longa, fina e de metal. Estava inscrito em Forsan, as palavras muito pequenas para eu ler. Comecei a balançar a cabeça, súplicas saindo dos meus lábios, mas minha mãe estava atrás de mim, me segurando enquanto o colar era colocado em volta do meu pescoço.

“*Ylode*,” disse o homem ao colar, tocando-o uma vez.

Era uma palavra Aethen, mais antiga que a antiga língua Forsan. Era o

ritmo por trás de uma palavra, desprovida de letras, seu significado mais difícil de entender do que um fio de fumaça de uma vela crepitante. Eu não tinha ideia do que o colar ou a palavra faziam, mas objetos mágicos eram muito mais perigosos do que um setorial sozinho. A magia podia ser colocada em camadas sobre um objeto, encantamento após encantamento, dia após dia, às vezes anos após anos, até ser cem vezes mais poderoso do que qualquer encantamento de qualquer pessoa.

Não houve efeito imediato, mas então o homem falou e eu caí em um pesadelo.

“Abra as pernas e fique parada.”

Meu corpo estalou para obedecer, o colar zumbindo contra a minha pele.

Minha vontade se foi, tornando-me uma marionete.

Juntos, eles me despiram, ele murmurando instruções baixas para minha mãe enquanto abria sua bolsa e começava a pegar objetos. O primeiro foi um pequeno sino. Ele o segurou diante da minha boca e murmurou outra palavra incompreensível.

“*Stilhaer.*”

A respiração foi puxada dos meus lábios como se o sino a tivesse inalado, um momento desconfortável antes que ele o colocasse sobre a mesa. O próximo era uma pequena coroa de flores secas enroladas em um pedaço retorcido de madeira flutuante. Eu podia ver as palavras queimadas na madeira de onde eu estava, e meu sangue começou a gelar quando ele pendurou a guirlanda na porta.

As palavras eram legíveis, mas eu não conseguia ouvir seu ritmo cadenciado. Pareciam ser apenas a estrutura de uma palavra, seu verdadeiro propósito oculto. Eu estava perdida antes mesmo de terminar a inscrição e fui forçada a começar a ler novamente. Isso aconteceu três vezes antes de eu desviar meus olhos. Mesmo assim, as palavras me encheram de pavor.

Mãe, tentei implorar, mas a palavra foi varrida da minha boca, desaparecendo no sino sobre a mesa. Eu não poderia dizer se ela estava triste por me entregar a este homem. Ela estava na porta, com os braços cruzados, as mãos segurando as mangas. Seus olhos estavam frios e parados. Ambos estavam infringindo a lei. Eu ainda era um *liten*, faltando um mês para completar dezoito anos, ainda menor de idade, ainda para ser protegida... mas eu a havia empurrado longe demais.

Eu tinha forçado a mão dela.

O próximo item de sua bolsa era uma faca, polida e perfeita, com uma pequena curva na ponta sinistramente bifurcada. Ainda assim, a expressão da

minha mãe não mudou.

“Há um poder imenso na mutação mágica de um liten,” ele me disse. “Ainda não praticada, crua, sem forma ou influência. Não abusada por anos de uso de magia. É uma fonte pura de energia. Se sua mutação for roubada, toda a sua fonte de magia pode ser roubada com ela. Geralmente, uma marca tão pura só pode ser obtida de uma criança, mas sua magia foi amortecida por anos, ficando mais forte, ainda intocada.”

Eu era incapaz de me mover quando a faca cortou minha pele. Ele estava de posse de objetos incrivelmente raros e poderosos, do tipo que eu nunca tinha ouvido falar. E ainda assim ele não possuía uma única lata de creme para anestesiá-la minha pele, o que só poderia significar que ele simplesmente não desejava. Abri minha boca para gritar, mas foi roubado da minha língua antes que pudesse se tornar um som. Um tom fraco soou dentro do sino na mesa. O fantasma do meu grito. Foi seguido por outro, e outro, até que se tornou um tipo de música abafada. Os olhos do homem brilharam com um fervor concentrado quando suas mãos ficaram vermelhas, sangue escorrendo sobre as pontas dos dedos.

Ele embrulhou minha marca de nascença roubada em um pano de lona enquanto eu estava de pé, tremendo, sustentada apenas por magia. Colocou-a cuidadosamente em um pequeno recipiente, manuseando-a como se fosse a joia mais frágil. Ele tirou um pano de algodão da bolsa e começou a limpar o sangue das mãos, da faca e da lata. Ele fez tudo sem tirar os olhos de mim. Ele observou o sangue escorrer pela minha perna antes de mudar sua atenção para os meus seios. Seus olhos deslizaram entre minhas pernas, aborrecimento piscando quando minha mãe correu para frente. Ela tinha um curativo na mão, e sua boca estava apertada em uma linha dura. Ela enrolou em volta da minha perna, seus movimentos rápidos.

“Isso não é pagamento suficiente,” disse o homem enquanto ela se levantava novamente.

Ela girou, parecendo assustada. “Você disse...”

“Não é suficiente,” ele reiterou, seu aborrecimento aumentando. Ele a empurrou para fora do caminho e parou diante de mim. “Deite-se no chão.”

A coleira em volta do meu pescoço esquentou, e meus membros desmoronaram mesmo quando eu implorei para que não fizessem isso. Minha perna estava tremendo, paralisada com a dor e o choque. O homem estava desamarrando as calças com uma mão, a outra pousando pesadamente em meu curativo.

“Ela não é uma kynmaiden,” minha mãe disse calmamente. “Ela não pode lhe dar nascimentos e mortes.”

O homem riu, observando as lágrimas rolares sem palavras pelo meu rosto. “Eu não quero os filhos dela. Ela não é como você. Ela tem algo diferente para me oferecer.” Ele olhou para mim, libertando-se de suas calças e ajustando sua posição entre as minhas pernas. Ele pareceu parar ali como se quisesse saborear o momento.

“Isso é punível com a morte.” A voz da minha mãe estava trêmula dessa vez, e o medo brilhou em seus olhos. Ela olhou para a porta, e percebi com uma sensação horrível e desanimadora que ela estava pensando em fugir. “Se eles descobrirem...” Sua respiração ficou pesada, em pânico. “Ela ainda é jovem... por favor, kongelig, isso foi longe demais.”

Ele sorriu, inclinando-se sobre mim, ainda segurando seu punho, ainda pairando a um centímetro de me romper. Sua mão livre bateu ao lado da minha cabeça, sua barba fazendo cócegas no meu queixo enquanto seu rosto baixou para o meu. Ele cheirava a cobre e fumaça. Meu estômago se revirou violentamente, lágrimas escorrendo pela minha língua.

“Objetos mágicos não são infinitos,” ele sussurrou, seus olhos passando dos meus lábios para o colar em volta do meu pescoço. “Eles se tornam seres vivos, e os seres vivos precisam ser alimentados ou então morrem. O colar exige ser alimentado. Que melhor preço a pagar por sua maldade do que sua inocência?”

Um barulho de batida começou a surgir em algum lugar no fundo da minha mente, como um exército distante trovejando montanha abaixo, levantando poeira e batendo um pé contra a terra. No começo, eu só podia sentir as pedras que desciam a montanha para se acumular em volta dos meus pés, mas o tamborilar constante ficou mais alto e mais feroz, rolando em meu sangue e se movendo para fora da minha pele, me cobrindo com uma raiva sufocante e vibrante. Minha mãe observou enquanto o homem bombeava sua mão. Ela ouviu enquanto ele gemia. Ela esperou enquanto ele esperava, segurando seu medo enquanto ele saboreava sua completa falta dele. Ele era setorial. Um Eloi. Forte com o poder do espírito. Ele era importante.

Nós não éramos nada.

Eu a observei enquanto ela o observava, meus olhos secando quando os dela começaram a lacrimejar. O tamborilar na minha cabeça começou a bater nas paredes da minha mente e então tudo aconteceu em um instante, rápido demais para eu fazer qualquer coisa para detê-lo. Ele empurrou dentro de mim, e os limites da minha mente estalaram como uma corda puxada muito longe em cada

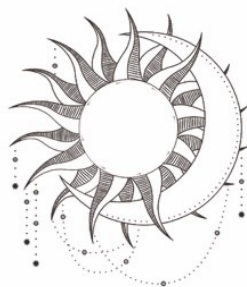
extremidade. O poder fluiu de mim na forma de uma sombra, um fino fio preto que se dividiu em dois. Uma das sombras pulou alegremente nos olhos e na boca do homem em cima de mim, a outra se curvando em direção à minha mãe. A dor queimava quente e afiada dentro do meu peito, meu batimento cardíaco vacilando, minha respiração parando. O homem se afastou de mim, ofegando sem palavras, suas mãos agarrando sua garganta, seus olhos ficando vermelhos. Minha mãe caiu no chão. Todos nós engasgamos, nossas mãos segurando nossos pescoços. A coleira queimou sob meus dedos, nada mais do que metal frágil e torto enquanto se soltava da minha pele, o fecho abrindo. Eu me afastei do homem enquanto ele se contorcia, a sombra piscando para mim por trás de seus olhos arregalados.

Peguei meu vestido, puxando-o contra mim enquanto me encolhia contra o armário da cozinha. A tontura tomou conta de mim, meu coração pulando outra batida, e depois outra. Ele tremeu fracamente, e eu observei a fina corrente de sangue escorrer da boca entreaberta de minha mãe. Tentei alcançá-la, o sino puxando um apelo dos meus lábios. Meu coração deu um pulo doentio, como um pássaro encharcado tentando puxar suas asas para cima antes de desmoronar uma última vez. Eu me derreti na escuridão, minha mão se contorcendo em imobilidade contra as tábuas do assoalho.

Meu último pensamento foi um sussurro final e desesperado nos recessos da minha mente.

Me perdoe.

AMALDIÇOADA



Acordei debaixo de um manto de água, meus olhos e bochechas doendo, meu cérebro lento, meus membros encharcados. O som foi abafado e nublado, minha visão embaçada e distorcida. Um par de botas apareceu na minha cabeça, couro contra madeira desgastada.

A madeira gasta da nossa cozinha... onde eu estava deitada no chão, meu braço ainda estendido. A sensação de me afogar varreu de mim, a realidade colidindo.

Lutei para me virar, meus olhos viajando pela perna do homem enquanto outros enchiam a sala. As botas continuavam até as panturrilhas, longas peças de armadura como penas costuradas em um padrão do tornozelo ao joelho. Suas calças eram de um tecido grosso, remendado em alguns lugares por couro fervido. O mesmo padrão de armadura em forma de pena que circundava o couro endurecido, também circundava a metade inferior de seu torso. Era alisado nessa área, as bordas suavizadas para que não rasgassem sua pele. Ele usava uma capa curta que envolvia um material cinza escuro na frente e nas costas, o padrão da armadura que se estendia sobre os ombros e se enganchava com uma corrente no peito. A parte superior do peito estava nua sob as seções de sua capa, a pele marrom-escura e cheia de cicatrizes. Eu sabia que o manto teria um capuz do mesmo bronze em forma de pena, com um bico manchado que deslizaria sobre sua testa, embora ele atualmente usasse o capuz jogado para trás. Era um uniforme que eu tinha visto muitas vezes. Um uniforme que eu uma vez sonhei em usar, nos espaços mais escuros e privados da minha mente.

Os Sentinelas chegaram.

Os outros na sala estavam vestidos exatamente como ele, e eu vi flashes de mutações mágicas enquanto tentava absorver tudo de uma vez: mãos com garras, braços escamosos, uma erupção branca brilhante. O homem acima de mim tinha um único olho dourado, a cor escorrendo sobre a linha de sua pálpebra inferior, traçando uma linha pelo rosto, pescoço e peito. Desaparecendo sob sua armadura.

Gemi, minha cabeça caindo mole novamente, meus olhos rastejando pelo chão, sobre o leve tom de fumaça e cobre que ainda manchava o ar, sobre o corpo inerte do homem barbudo, seus olhos astutos cegos, suas calças desamarradas. Continuei mesmo não querendo. Olhei além dele para a segunda forma inerte, ao lado de quem um dos guardas estava ajoelhado.

“Morta,” ele declarou, reportando-se ao homem que ainda estava em cima de mim.

“Não esta aqui,” afirmou o Sentinela de olhos dourados. Havia uma carranca em seu rosto, puxando a profunda cicatriz branca que cortava sua bochecha sob o olho direito, quase combinando com a linha dourada do outro lado do rosto. Ele se agachou, sua carranca se aprofundando, sua mão estendida como se fosse me tocar, embora seus dedos apenas pairassem, seus olhos separados. “Resíduo de magia,” ele murmurou, olhando para algo que eu não conseguia ver. Ele fungou, sua carranca se aprofundando. “Se agarra a ela. Cheira a morte. Contenha-a.”

Ele se levantou sem outro olhar, caminhando para a porta. Um homem e uma mulher deram um passo à frente, pegando meus braços e me puxando para ficar de pé. O vestido que eu tinha pendurado na frente caiu no chão e a mulher parou, passando-me para o homem, que sustentava meu peso morto.

“Capitão,” disse ela. “Olhe.”

O Sentinela de olhos dourados se virou, seus olhos pulando sobre minha nudez, parando apenas quando ele viu o curativo ensanguentado envolvendo minha perna. Suas sobrancelhas baixaram, movendo-se rapidamente para o meu rosto. Ele procurou por algo em minhas feições, mas minha atenção estava escorregando para o lado. A Sentinela se afastou da minha mãe, revelando-a aos meus olhos.

Morta, ele havia dito.

Seus olhos estavam bem abertos. Ela ainda parecia à beira das lágrimas. O medo traçou a linha dura de seus lábios, sua mão frouxa contra o peito. O decote de suas sedas se abriu ligeiramente, mostrando a marca escura de queimadura que rastejou sobre sua pele.

A sombra... *minha* sombra...

Esta criança está condenada à morte e a partilhar a morte com os que lhe são mais próximos.

Meus lábios rachados se separaram, um som rouco roubado da minha língua. Sobre a mesa, o sino sussurrou uma resposta que só eu pude ouvir.

“Você pode falar?” Perguntou o Capitão. Ele deu um passo à frente, esperando o som que lutava para se manifestar de mim. Ele era imponente, mesmo para um Sentinela. Ele carregava seu próprio tamanho enorme de uma maneira tão fácil que quase parecia ampliar o mundo ao seu redor. Seu olho dourado brilhou sutilmente, olhando através de mim. Eu não conseguia imaginá-lo tendo um amigo ou sorrindo. Eu não conseguia imaginá-lo fazendo outra coisa além de encarar e jogar ordens. Ele me parecia a estátua de Vold erguendo sua espada sobre os Degraus da Expição. Feroz e impessoal.

Tentei falar novamente, lágrimas brotando em meus olhos enquanto a dor e a raiva lutavam para se firmar dentro do meu peito ainda trêmulo. Ele assistiu com as sobranceiras abaixadas. Eu tinha pensado que ele era totalmente ilegível até que vi o rápido lampejo de desgosto em seu único olho azul.

Derrotada, eu balancei minha cabeça.

“Cubra-a.” Ele se virou para a porta novamente. “Chame um Sjel para examinar os corpos. Não podemos saber ao certo o que aconteceu aqui, mas todas as almas têm segredos para contar. Até os mortos.”

Recusei-me a olhar para minha mãe quando o Sentinela feminina agarrou meu vestido do chão e, junto com o homem que me segurava, conseguiu colocá-lo no lugar. Ela puxou um conjunto de correntes de seu cinto e estalou as algemas em volta dos meus pulsos, tocando-as e murmurando uma palavra.

“Stille.”

Outra palavra vazia que ecoou com um som que eu não conseguia entender.

Eu podia sentir a magia no ferro enquanto ele vibrava contra minha pele, os sussurros de muitas vozes roçando minha pele, todas elas dizendo a mesma palavra.

Stille.

Stille.

Stille.

Pelo menos uma dúzia de pessoas despejaram sua magia nessas correntes e ainda assim... eu também podia sentir o mecanismo na fechadura. A fraqueza do objeto. Imaginei inundar minha própria magia nele e pude sentir com que facilidade a fechadura iria girar, com que simplicidade os punhos poderiam se

tornar tão frágeis e inúteis quanto o colar. Fazia sentido para mim agora que eu tinha feito isso duas vezes antes com o anel e o colar. Com o pensamento, meu batimento cardíaco aumentou, e voltei minha atenção para dentro com o mesmo olhar crítico, sentindo outra fraqueza.

Minha *própria* fraqueza.

Estava bem ali, engaiolada contra minhas costelas, vibrando nervosamente.

Eu podia me ver desmoronando assim como as algemas e o colar, apenas mais um objeto em camadas de magia, a pressão me esmagando em um vazio frágil. Eu tinha um poder como um martelo e uma bigorna em uma ferraria dedicada à destruição em vez da criação.

Eu *tinha* uma mutação mágica de algum tipo. Eu podia sentir isso com tanta certeza quanto meus próprios dedos das mãos e pés. Havia uma doença dentro do meu coração. Uma erupção se espalhando. Senti que se eu alcançasse meu poder, a doença iria crescer, ou inchar, ou algo terrível. Eu podia imaginar a erupção se alimentando do meu poder, ficando sobrecarregada até borbulhar, replicar, consumir o órgão que me deu vida. Se isso acontecesse, não sobraria nada de mim.

Fui amaldiçoada.

A morte estava dentro de mim.

De alguma forma, todos esses anos, eu não tinha acreditado.

Os Sentinelas me pegaram pelos braços enquanto eu segurava o vestido caído na minha frente, a parte de trás ainda não fechada. Eu estava cambaleando, presa em meus pensamentos. Quase permiti que me arrastassem para fora da sala, mas cravei meus calcanhares antes que fosse tarde demais e apontei para o sino. Movi meu dedo do sino para meus lábios e tentei falar novamente. A mulher entendeu, pegando o sino e virando-o na mão. Seu cabelo louro estava trançado ao longo de seu crânio, as tranças presas em sua cabeça por círculos de bronze com agulhas enfiadas neles. Onde as tranças deveriam terminar, havia apenas uma infinidade de pontas de bronze. Cabelo em metal, sua mutação. Ela compartilhou um olhar rápido e sombrio com seu companheiro, e então colocou o sino no bolso.

“É mesmo o Negociador?” Ela sussurrou quando passamos pela porta. Ambos os Sentinelas deram uma última espiada no homem barbudo no chão.

“Ingrid.” Era um aviso, falado ansiosamente pelo Sentinela masculino, cujas pupilas eram divididas em duas. Ele lançou um olhar para mim e então ambos ficaram em silêncio.

Fyrio tinha um medo saudável de palavras. Nomes tinham poder, assim

como encantamentos, e assim os setoriais mais poderosos eram todos referidos por nomes predestinados, palavras formadas a partir dos sussurros de seus atos. O Negociador era um Eloi famoso por negócios sombrios e poder ainda mais sombrio, embora houvesse rumores de que ele era descendente de Reken, residindo no deserto a leste de Fyrio, do outro lado do oceano. Não era concebível que o homem em nossa cozinha fosse o Negociador, mas era ainda menos concebível que eu não tivesse percebido antes. Quem mais trocaria algo pela vida de três crianças ainda não nascidas? Quem mais negociaria com sangue e o roubo de algo tão precioso que não passava de uma abstração? Quem mais possuía o poder de esconder minha maldição por tanto tempo?

O Negociador era um homem procurado em Fyrio... o que significava que eu poderia acrescentar o comércio ilegal à lista de crimes e erros que havia cometido nos últimos dois dias. Ingrid e o homem de pupila dividida colocaram um capuz escuro sobre minha cabeça, mas eu ainda podia ver através da fibra o suficiente para ter certeza do meu entorno enquanto eles me escoltavam pelo Desfiladeiro de Breakwater. As pontes e os corredores das cavernas eram estreitos, o que significava que tínhamos que andar em fila indiana. Consegui distinguir sete Sentinelas no total, com o Capitão liderando a procissão. Ele caminhou com determinação, seus ombros largos e rígidos, seu rosto de pedra assustando todos para longe do nosso caminho. Ele não parecia tão velho quanto os Sentinelas que o cercavam, mas carregava sua própria autoridade com uma facilidade invejável.

Os mordomos estavam se escondendo sob os beirais das casas mais próximas ou amontoados nas sombras dos túneis pelos quais passamos, cada um deles fofocando em tom temeroso.

“As janelas foram quebradas, você não ouviu?”

“Essa é a filha da kynmaiden Lihl.”

“Não houve nenhum som da casa até que a porta explodiu.”

“É a maldição.”

“Estava fadado a acontecer eventualmente.”

“As crianças devem ser protegidas. Como ela poderia saber? O que ela poderia ter feito? Ela não teve escolha a não ser ficar com a criança.”

“E veja como ela foi recompensada.”

Eu tropecei, e o homem de pupila dividida me endireitou, sua mão no meu ombro me guiando para frente. Assim que teve certeza de que eu não cairia de novo, ele puxou a mão como se eu o tivesse queimado. Ingrid estava na minha frente, me guiando pelo pedaço solto de corrente presa às minhas algemas.

Atravessamos a entrada fechada para Breakwater Canyon e fizemos nosso caminho tranquilo para a floresta. Os ladrilhos de pedra eram abrasivos contra meus pés, minha pele hipersensível. Minha boca também estava seca, e agora que a palpitação do meu coração tinha diminuído, eu podia sentir a dor surda que disparava do meu peito até a base do meu crânio. Percebi por que os Sentinelas não estavam me tratando como uma ameaça, além de me acorrentar. Eles não estavam agindo abertamente cautelosos comigo, me olhando como se faz uma pessoa perigosa à beira de explodir em sombras assassinas. Eles estudaram magia a vida inteira, e não qualquer magia. Com raríssimas exceções, todos os Sentinelas eram do setor Vold. Eles conheciam meu poder melhor do que eu mesma. Eu estava exausta. Batida e drenada. Eu não era mais uma ameaça para ninguém além de mim mesma.

Nossa formação mudou quando saímos da floresta, o homem de pupilas divididas e Ingrid mais uma vez me encurralando. Era quase meio-dia, o sol alto no céu. Eu me encolhi para longe da luz forte, desejando a escuridão fresca da floresta. Meus olhos ardiam, mesmo com a proteção do capuz, minha cabeça abrigava um latejar lento e consistente de dor. A estrada de paralelepípedos subia o cume até Hearthenge, onde passamos por outro conjunto de portões, embora estes fossem tripulados por dois conjuntos de Sentinelas. A estrada principal se alargou, os paralelepípedos desgastados dando lugar a um tijolo liso e uniforme. A estrada foi decorada em alguns lugares com padrões de azulejos coloridos. As montanhas ásperas de Fyrio suavizaram-se depois dos portões, rolando em colinas e riachos e pequenos bolsões de madeira. Os setoriais que viviam dentro de Hearthenge tinham mais do que as casas de um cômodo nas montanhas reivindicadas pelos mordomos. Eles tinham extensos castelos de tijolos e grandes fortalezas de pedra, todos espalhados entre campos de flores inúteis e terras agrícolas mais práticas, cada nova propriedade escondida da próxima por altíssimos bolsões de abetos ou pequenas colinas ondulantes.

O sol brilhou sobre mim e eu perdi o equilíbrio mais uma vez. A secura na minha boca tinha piorado e agora eu estremecia com cada respiração que sacudia através de mim. Ingrid me pegou, mas desta vez minhas pernas se recusaram a ficar de pé novamente, cedendo em cada uma de suas tentativas de me endireitar.

“Capitão!” O homem de pupilas divididas gritou. “Ela não pode mais continuar.”

O Capitão se virou, seu olho dourado me fixando com um olhar desapaixonado. “Pegue um cavalo na guarita. Eu vou na frente com ela. Não você, Avrid.” Ele estendeu a mão quando o homem de pupilas divididas se virou

para sair e fez sinal para o Sentinela que estava ao lado dele ir. “Eu preciso que o resto de vocês vá para Sectorian Hill e mande chamar o Inquisidor. Ele vai querer examinar os corpos quando forem trazidos para a Cidadela. Eu posso lidar com a garota sozinho.”

Ingrid e Avrid não foram embora imediatamente, mas me ajudaram a chegar ao lado da estrada e me deixaram sentada em um muro baixo de pedra. Ingrid passou ao Capitão o sino de seu bolso, falando baixinho com ele antes de seguir o resto dos Sentinelas. O Capitão caminhou em minha direção, seu olho dourado brilhando mais quente que o sol. Ele tirou meu capuz, seus olhos passando pelo meu rosto.

“A mulher que alertou os Sentinelas esta manhã me falou sobre você,” disse ele, virando-se depois de me avaliar, seu olhar fixo na estrada. “Ela disse que você foi amaldiçoada.” Seus dedos se fecharam firmemente, puxando o capuz em seu punho fechado. Ele se virou para me olhar novamente, mas desta vez havia uma sentença em seus olhos. “Eu não acredito nesse tipo de coisa. Se você mata, é porque tem a morte dentro de você. É porque matar está em sua natureza.”

Eu não podia responder, mas ele sabia disso. Ele puxou o sino do bolso, girando-o entre os dedos como se mal pudesse tocá-lo. Fiquei surpresa quando ele jogou no meu colo. Eu mal consegui pegá-lo antes que ele caísse.

“Objetos mágicos são coisas vivas,” ele disse enquanto eu lutava para enfiá-lo no bolso do meu vestido. “Continua vivo, mesmo depois que seu dono falece... mas não se engane. O Negociador era seu dono. Ele responde a ele. Você não poderá comandar o sino, nem mais ninguém. Você terá que esperar que seu poder diminua e não há como dizer quanto tempo isso pode levar. Você pode nunca mais falar.”

Fiquei ali sentada, minha resposta enfiada no bolso, meus olhos voltados para a estrada de tijolos. Eu havia perdido minha mãe, minha casa, minha liberdade e até minha voz... tudo no espaço de um dia. O Capitão ajoelhou-se diante de mim, o capuz meio levantado na mão. Ele estava prestes a jogá-lo de volta sobre minha cabeça, mas algo o deteve. Ele não parou apenas para me considerar. Ele congelou, seus olhos duros nos meus. Eu podia sentir a agonia que derramou de mim, e observei como ela foi registrada nele.

“Isso foi um erro.” Não era uma pergunta. Havia uma espécie de revelação sombria em sua voz.

Eu olhei para ele – realmente *olhei* – pela primeira vez, e o senti olhando de volta para mim. Seu cabelo era de um ouro escuro e manchado, trançado ao

longo dos lados de sua cabeça até um ponto logo atrás de sua orelha. A parte de cima do cabelo estava presa por anéis de bronze, com mechas enroladas frouxamente acima do pescoço. Ele tinha o cabelo como cetim sujo. Texturizado, manchado na escuridão, mas de alguma forma também polido. Seu olho dourado não era consumido pela cor, eu podia ver o contorno fraco de sua pupila e sua íris, ambos de um tom diferente de ouro, totalmente contra o branco de seu olho. A linha dourada escorrendo de seus cílios inferiores me lembrou daquela terrível erupção que eu podia sentir dentro do meu coração, a ameaça de se espalhar e tomar conta de uma parte vital de mim ainda presente no fundo da minha mente.

Mudei minha atenção para o outro olho, sugando uma respiração rápida. Era como estar mergulhada em sol e gelo, o azul cristalino tão cheio de segredos quanto seu olho dourado estava vazio. Além da cicatriz grossa que descia por sua bochecha direita, eu também podia categorizar uma rede de cicatrizes menores espalhadas por seu rosto. Uma breve linha através de sua sobrancelha. Um pequeno corte na borda de sua boca. Uma linha no lóbulo da orelha. Eu estava tão ocupada olhando que não o notei se aproximando. Eu não percebi quando o capuz caiu no meu colo, seu punho ainda fechado no material. Eu podia sentir o calor de sua mão enluvada através do meu vestido, mas eu estava muito focada nas linhas profundas começando a se sulcar em sua testa para registrá-lo corretamente.

“Eu...” Ele fez uma pausa, sua respiração curta e afiada, mergulhada em confusão. “Já nos encontramos antes?”

Comecei a balançar a cabeça, mas suas feições de repente começaram a me parecer familiares. Eu não estava mais apenas olhando para ele, eu estava olhando para muitas versões dele, mais velhas e mais novas, de cabelos escuros, com dois olhos azuis, com dois olhos verdes. Comecei a me sentir tonta, as imagens se fundindo de volta em seu rosto antes de se separarem novamente. Eu podia sentir que eles eram todos homens diferentes... e ainda assim eles eram iguais. Eu podia ouvir suas vozes, mas não conseguia entender suas palavras. Fiz uma careta, minha mão levantando para seu rosto, para traçar a espessura de seu lábio inferior, que de repente eu senti que já o tinha visto dando um sorriso mil vezes antes. Ele recuou antes que eu pudesse tocá-lo, sua expressão incrédula. Ele rapidamente colocou o capuz de volta no lugar sobre a minha cabeça e deu um passo para longe, virando as costas para mim. Seus ombros tensos ficando rígidos como pedra.

Quando seu homem voltou com o cavalo, ele me levantou da parede, suas mãos apertadas na minha cintura, me mantendo longe de seu corpo. Ele me

colocou na sela, e eu agarrei as rédeas fracamente enquanto ele pulava atrás de mim. Ele tomou as rédeas enquanto murmurava uma ordem para o outro Sentinela. Enquanto cavalgávamos, ele se sentou o mais longe possível de mim na sela, o que não era muito longe. A simples realidade de seu tamanho significava que eu era forçada a me apoiar nele mesmo enquanto ele se afastava de mim. Tentei me curvar sobre a frente do cavalo, mas isso apenas deslizou a metade inferior do meu corpo ainda mais para trás na sela, provocando um som infeliz dele. Quando chegamos à Cidadela, meu corpo latejava de dor e exaustão por tentar manter minhas costas tão retas.

Passamos pelo cume final, cavalgando entre um trecho esparso de madeira. Quanto mais nos aproximávamos da capital de Fyrrio, mais barulhenta a água corria pela nossa estrada. Todos os riachos e lagos de Hearthenge fluíam gradualmente em direção à Cidadela, convergindo em dois rios largos que serpenteavam em direção a uma passagem entre as monstruosas montanhas do Penhasco Uivante. A estrada se transformou em uma vasta ponte quando os rios se fundiram, os tijolos abrindo caminho para pedras antigas. Tufos de musgo e trepadeiras brotavam pelas rachaduras, escalando o grosso corrimão de pedra esculpida. A névoa subiu pela ponte, produzida pela água agitada abaixo, e eu pensei no dia anterior, quando a névoa me levou para a margem do Lago Enke. Era conveniente pensar que tudo isso era culpa do Tecelão. *Ele* se aproximou de *mim* à beira do lago. Eu estava fugindo *dele* quando tropecei na vevebre. Eu estava lutando contra *seu* encantamento quando meu anel começou a vacilar. Era culpa dele que eu tivesse sido cortada e contaminada, que minha mãe estava morta e eu acorrentada.

Enfiei a mão sob o capuz, sentindo a marca ligeiramente levantada na minha pele.

O que o Tecelão poderia exigir de uma prisioneira?

Ao nos aproximarmos da entrada, encontrei minha cabeça caindo para trás, meus olhos atraídos para as figuras rochosas que se projetavam das laterais do Penhasco Uivante. As estátuas se enfrentavam sobre a vasta divisão abaixo. Um homem e uma mulher, seus braços sobrecarregados por um orbe de pedra gigante. O tempo havia texturizado o orbe, formando cumes e vales, esculpindo linhas e seções ocas para os pássaros fazerem seus ninhos. Em alguns lugares crescia musgo, como grama pintada em um mapa-múndi.

Algo feroz se esticou dentro de mim, minha mão piscando para as rédeas. Agarrei o couro, ignorando a forma como o Capitão afastou a mão. Uma mulher de túnica carregando uma cesta coberta deslizou para o nosso lado, continuando

à nossa frente. Eu nem a tinha ouvido na estrada atrás de nós.

“O que é isso?” O Capitão perguntou, tensão em sua voz.

Apontei para as estátuas.

“Você nunca esteve na Cidadela?” Ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

“O primeiro Fjorn,” ele explicou, recuperando as rédeas.

Começamos a nos mover novamente, mas mantive meus olhos fixos nas estátuas. Para a maneira como elas olhavam um para a outra. A maneira como suas mãos apertavam o globo. Havia tensão e medo ali, vibrando na pedra. Havia algo feroz também. Algo inquebrável.

Apontei novamente, desta vez com mais insistência.

“Você não conhece a história?” O Capitão pareceu surpreso. “Do rei de Ledenaether, governante do outro mundo, de todas as coisas mortas?”

Lancei-lhe um olhar.

Não havia uma única pessoa viva que *não* soubesse sobre o rei de Ledenaether.

“Houve uma profecia predita há muito tempo que três mulheres nasceriam, cada uma delas com trezentos anos de diferença,” ele me disse. “Elas teriam um poder incrível. Poder para rivalizar com o governante do pós-mundo.”

Um arrepio percorreu minha espinha enquanto ele falava, e ele diminuiu a velocidade do cavalo enquanto olhávamos para cima, sua mão baixando distraidamente para o meu colo, não segurando mais as rédeas com tanta rigidez. Eu poderia dizer que ele também estava olhando para cima, já que sua respiração não se agitava mais contra o topo da minha cabeça.

“A profecia afirmava que essas três mulheres poderiam ser as únicas chances de derrubar o rei do pós-mundo, assumir o controle de Ledenaether, anunciar uma era de ouro de pura magia, fertilidade e prosperidade para nosso povo.”

Eu me virei, e seus olhos imediatamente baixaram. Ele deve ter sido capaz de me ver parcialmente através do capuz, quando ele olhou de um dos meus olhos para o outro, e depois para a torção confusa da minha boca. Fiz um gesto para o Penhasco Uivante e as estátuas esculpidas na rocha, facilmente do tamanho de sete grandes propriedades todas agrupadas, e então fiz sinal entre o Penhasco, para onde a água convergia e fugia. Ela formava uma bacia de rocha natural, a borda da Cidadela marcada por um grande perímetro arqueado, parecendo curvar-se de um lado para o outro do Penhasco, cercando a água e a Cidadela. Um grande montículo de pedra se erguia da água no centro da bacia,

de cor ricamente escura, como um forte pilar de uma montanha cujas imperfeições haviam sido desbastadas e preenchidas com torres e pináculos de granito polido. Erguiam-se na metade do penhasco, ondulando bandeiras azuis voando em várias ameias, passarelas de granito curvando-se para cima ao redor da base de pedra, que acabou se encontrando com a ponte em que havíamos parado.

Minha mensagem foi clara.

Esta já *era* uma era de ouro.

Estávamos cercados de grandeza a cada passo. Possuíamos depósitos de pedras preciosas. Nosso solo era rico, nossas colheitas em excesso. A magia de nosso povo era forte, sua força em batalha lendária.

Ele pareceu entender, sua respiração mexendo no meu cabelo novamente. “É apenas uma lenda.” Ele persuadiu o cavalo a trotar.

Tomei as rédeas novamente, apontando para a outra estátua. O homem.

O Capitão resmungou alguma coisa, uma de suas mãos puxando a corrente presa às minhas algemas enquanto recuperava o controle do cavalo. “Esse seria o Blodsjel. Como uma garota silenciosa pode ter tantas malditas perguntas?”

Blodsjel. *Irmão de alma*.

Era uma palavra em Forsan que eu não tinha ouvido antes, mas era facilmente traduzível, composta por duas palavras que eu conhecia. Um calafrio percorreu minha nuca, e rapidamente desviei o olhar das estátuas, assustada.

Deixei o Capitão em paz quando entramos pela abertura no Penhasco. Sentinelas montavam guarda no topo de duas torres de vigia que eu não tinha notado escondidas dentro da montanha. Vários deles olharam para nós passando, e um deles sinalizou algo para o homem parado ao lado dele, fazendo os dois rirem. Apertei os dentes, olhando para as minhas correntes. A névoa tinha umedecido meu vestido, que estava sem um espartilho e uma sobressaia, e ainda não tinha sido apertado corretamente. Meus pés estavam descalços, meu cabelo emaranhado. Eu parecia tão desconectada da realidade quanto me sentia.

Entramos em um pequeno pátio, onde um cavalariaço correu para pegar o cavalo. O Capitão deslizou para fora da sela, suas mãos na minha cintura em um instante, me levantando ao lado dele.

Eu já estava me sentindo um pouco mais forte. Consegui andar sem apoio enquanto caminhávamos até um dos caminhos sinuosos que subiam até o topo da Cidadela. O ar ficava mais rarefeito à medida que subíamos, mas me recusei a pedir uma pausa, apenas parando enquanto caminhávamos ao longo da primeira ameia até uma grande torre na extremidade da rocha. Estávamos de costas para a

entrada do Penhasco, e pude espiar por cima do muro onde a terra descia da montanha. Se o Penhasco Uivante parecia vasto do outro lado, não era nada comparado ao que eu estava vendo agora. A água que corria pela Cidadela passava entre os arcos da parede curva da represa, caindo em uma vasta cachoeira que terminava apenas em neblina e eco.

Minha mãe tinha estado na Cidadela, mas nunca me falou das estátuas ou da cachoeira. Ela me contou sobre o Penhasco Uivante: como as pessoas pensavam que era uma porta para o outro mundo, e como o vento uivava pela fenda entre as montanhas, carregando as canções torturadas dos mortos. Ela havia pensado que Ledenather era um lugar de escuridão e horror, o rei morto-vivo um mestre de punição e arrependimento. Outros pensavam que ele era sábio e benevolente, ou que o pós-mundo era um paraíso sem fim.

Eu me perguntei qual Ledenather minha mãe havia encontrado. E me perguntei qual rei a havia saudado.

O pensamento quase me desfez.

SEGREDOS



Fui mantida em uma das torres da Cidadela por três dias, em um quarto vazio com vista para a queda abrupta no lado norte da montanha. Havia um cobertor no chão para eu dormir, e eu era liberada uma vez todas as manhãs para visitar a latrina. Fui alimentada duas vezes, uma tigela de mingau em cada ocasião. O Capitão desapareceu depois de me depositar lá e não reapareceu até a terceira manhã.

“Seu julgamento vai começar,” ele me disse, o sol entrando na sala atrás dele, a porta escancarada batendo contra a parede.

Eu pulei do cobertor, espanto no meu rosto. Apontei para meus lábios e levantei minhas mãos em um gesto impotente.

“Você não vai precisar falar,” ele me disse. “Tomaremos o testemunho dos mortos e deixaremos que seja a nossa verdade. Venha.”

Ele se virou e eu o segui com medo de ficar sozinha no quarto novamente. Subimos mais alguns níveis da Cidadela antes de chegar a uma vasta plataforma, aberta por todos os lados e sustentada ao longo de toda a fronteira por longos pilares de mármore. Os ladrilhos sob os pés estavam tão polidos que eu podia me ver em seu reflexo, meu cabelo uma bagunça emaranhada, meus olhos tão brilhantes e escuros como sempre, embora houvesse algo diferente neles agora. Uma agonia aguda que não tinha estado lá antes. Minha pele era de uma cor fantasmagórica, meus lábios de um vermelho-sangue surpreendente, mais escuro que o vermelho do sol do meu cabelo. Respirei fundo, vendo minha mãe olhando para mim, e me concentrei em frente.

Um estrado rebaixado marcava o meio da plataforma, grandes cadeiras de

mármore pontilhando o lado de fora. Estavam todas voltadas para o meio, onde um anel de ferro estava aparafusado ao chão. Não havia pessoas em nenhuma das cadeiras, mas o Capitão me acompanhou até o círculo no meio do estrado e começou a prender minhas correntes nele. Suas mãos enluvadas deslizaram sobre minhas algemas, verificando se ainda estavam seguras.

“Os mortos não contam mentiras,” ele murmurou, ainda inclinado sobre mim. “Se você é inocente, isso vai aparecer.”

Eu virei minha cabeça para ele, olhando para o céu claro da manhã. Pode ter sido um acidente... mas eu ainda tinha matado duas pessoas e participado de um comércio ilegal. Eu era culpada de *alguma coisa*, senão de muitas coisas. Ele se afastou de mim sem outra palavra, desaparecendo da plataforma. Esperei assim por vários minutos até que as pessoas começaram a aparecer, lideradas pelo Capitão. Ele se sentou em um dos assentos de mármore, com a cabeça voltada para a mulher com quem estava conversando. Ela usava uma túnica preta com mangas drapeadas forradas de ouro. O decote do vestido era tão baixo que a pele pálida e lisa de sua barriga estava à mostra, a abertura em seu vestido presa apenas por uma delicada rede de correntes douradas. Seu cabelo era escuro, seus olhos de um azul pálido. Perdi a oportunidade de examinar os outros quando a última pessoa que eu esperava ver se sentou do outro lado da mulher. O Tecelão estava com o capuz jogado para trás, o cabelo de luar solto sobre os ombros. Seus olhos encontraram os meus, mas não havia nem um pinga de reconhecimento neles. Ele simplesmente se sentou e olhou. Engoli em seco, mas não estava mais com medo dele. Eu já tinha perdido tudo. *O que mais ele poderia fazer?*

Outras três mulheres entraram, duas delas com erupções visíveis na pele, uma com estranhas protuberâncias nas mãos, e outros dois homens, ambos com marcas estranhas e coloridas em seus rostos, espalhando-se por seus cabelos. Todos eles falaram baixinho um com o outro, principalmente me ignorando, até que passos atrás de mim fizeram todos se virarem ao mesmo tempo em vários graus de surpresa. Aqueles que se sentaram pularam para trás. Todos eles, exceto o Tecelão, que permaneceu, um sorriso sombrio tomando conta de seus lábios.

“Vidrol.” Sua voz áspera estremeceu sobre a plataforma. “Atrasado, como sempre.”

Vidrol... como em *Rei Vidrol*? Era o nome pertencente à família real, mas o rei era o único membro remanescente dessa família.

Eu girei, medo na minha garganta. O homem que caminhava em nossa direção era tão grande quanto o Tecelão, um xale de pele leve cobrindo seus

ombros, seu cinto decorado com um fecho de águia dourada. Suas roupas eram de uma cor azul ricamente brocada, seus olhos refletindo as partes mais profundas e escuras da floresta. Eu podia senti-los deslizando como coisas na vegetação rasteira e sussurrando como folhas na brisa em um único momento deles passando sobre mim. “Vale,” ele cumprimentou, falando com o Tecelão. “Quem chega cedo não tem nada melhor para fazer.”

O Capitão fez uma pequena reverência antes de seus olhos se fixarem em mim. Seu olhar era ilegível, mas mesmo eu poderia dizer que ele estava surpreso.

“Sua Alteza,” ele declarou, voltando sua atenção para o Rei antes de olhar para o Tecelão. “Quem mais foi chamado para este julgamento? Eu apenas convoquei o Inquisidor e o pequeno conselho.”

Foi a mulher de cabelo de ébano que respondeu, inclinando a cabeça na direção do rei. “Acredito que isso responderá à sua pergunta.”

Três outros homens haviam tomado o lugar do Rei, que estava se movendo para o assento ao lado do Tecelão. Achei curioso que eles se chamassem pelos nomes verdadeiros e que o Tecelão não tivesse se curvado ao rei ou mesmo se levantado de sua cadeira como a cortesia exigiria. Minhas sobranceiras estavam franzindo ainda mais, a confusão afastando meu medo. Os três homens restantes eram do mesmo tamanho e altura do Tecelão, sem uma única mutação mágica visível, cada um deles emitindo uma forte vibração de poder escondida sob a perfeição selvagem de suas feições. Eu nunca tinha visto a magia fazer o oposto da mutação antes. Eu não acreditava que fosse possível, mas não havia como negar que eu estava vendo a evidência disso agora. No Tecelão, o Rei e estes três homens. Seu poder era tão grande que havia ultrapassado o estágio de mutação e os distorcia em diferentes versões de uma perfeição assustadora.

“Bom dia,” um deles explodiu, seus olhos castanhos translúcidos procurando cada um de nós e depois se movendo além de nós, examinando toda a plataforma. Ele tinha cabelo escuro selvagem, meio preso em um nó de couro, seu rosto e pele marcados pela batalha, uma enorme espada pendurada em seu quadril, outra amarrada em suas costas largas. Ele tinha uma sombra grossa de barba por fazer cobrindo seu pescoço e queixo, e ele me lembrou instantaneamente um urso ou alguma outra fera selvagem, enfiada em roupas e arrastada para a sociedade educada, onde ele poderia nos rasgar membro por membro.

Percebi quem ele era mesmo quando os outros entraram em ação.

“Mestre Guerreiro,” vários deles gaguejaram em resposta.

“Vale.” Ele ergueu sobrancelhas grossas e escuras para o Tecelão. Uma espécie de saudação, que deslizou para o rei. “Vidrol.”

O Rei acenou de volta. O Tecelão não disse uma palavra. Parecia natural para ele simplesmente sentar e olhar.

Se as histórias do Mestre Guerreiro de Fyrrio eram passadas ao redor das fogueiras com tanta frequência quanto o vinho do odre, então eu tinha bebido dele tantas vezes que vê-lo agora – embora eu nunca tivesse posto os olhos nele antes – era um gosto familiar. Todo mês, eu me apressava para o banquete celestial no topo do Breakwater Canyon, cada um de nós esquecendo nossa amargura e preconceito enquanto nos aconchegávamos junto aos bardos viajantes, implorando por novos contos de nossos personagens favoritos. As memórias fizeram meus olhos arderem enquanto ele passeava por mim, meu herói em carne e osso, vindo me condenar como uma criminosa.

Enfiei a mão no bolso, meus dedos enrolando ao redor do sino... mas não precisava engolir minha miséria, porque não ia chorar. Agora não era hora de luto. Por três dias em uma cela vazia, o passado tinha sido meu companheiro assombroso, mas agora era hora de olhar para o futuro. Eu tinha que me concentrar em sobreviver ao resultado desse julgamento, mesmo que isso significasse fugir de uma sentença de morte.

Enquanto eu estava preocupada com o Mestre Guerreiro, os outros dois homens haviam tomado seus assentos... e nenhum deles precisava de uma apresentação. O Erudito estava envolto em túnicas escuras, seu cinto grosso carregado por pequenos frascos, vários estojos de pergaminhos também pendurados. Seu cabelo era como o do Tecelão, embora houvesse um pouco mais de dourado misturado com o luar. Foi raspado nas laterais, a parte superior presa para trás através do uso de uma fina corrente preta. Seus olhos eram do violeta mais pálido, quase branco, e seu temperamento infamemente curto pairava nas bordas duras de sua boca. Ele era da raça Sinn, tão poderoso com sua magia mental quanto o Tecelão com sua magia de destino, como o Mestre Guerreiro era com sua magia de guerra, e o Rei era com sua magia de alma.

Empalideci, percebendo o que estava acontecendo um pouco tarde demais. A pessoa final era, é claro, o Eloi vivo mais poderoso, completando o quinto setor ainda não explicado. O da magia espiritual.

O Inquisidor.

Cada um dos cinco homens era considerado o pioneiro em suas artes mágicas, o mestre singular de seu setor. Me incomodava que nenhuma deles fosse mulher, mas me incomodava ainda mais que todos fossem tão...

Apertei os olhos, tentando colocar meu dedo nisso. *Semelhantes?* Não, isso não estava certo. Eles eram todos completamente diferentes e, no entanto, pareciam estar em uma categoria preenchida apenas pelos cinco. Eles eram maiores, mais inteligentes, mais fortes e mais perfeitos do que os outros setoriais. Era assustador.

“Inquisidor,” o tom do Capitão ganhou um tom nitidamente mais agudo. “Começaremos?”

O Inquisidor assentiu, levantando-se de sua cadeira e caminhando em minha direção. Percebi que todos os assentos haviam sido ocupados e que a plataforma além do estrado estava lentamente se enchendo de pessoas. Ou a notícia se espalhou enquanto o rei viajava para a Cidadela, ou a multidão que nos cercava estava simplesmente acompanhando as várias pessoas importantes sentadas no estrado. O pequeno conselho era composto, suponho, pelas quatro mulheres e dois homens cujos nomes ou títulos permaneciam desconhecidos para mim. Cada um deles teria trazido um punhado de assistentes e conselheiros. O Rei teria trazido um regimento, o Inquisidor uma guarda pessoal, o Mestre Guerreiro raramente viajava sozinho, e haveria aqueles dentro dos setores Skjebre e Sinn que teriam seguido o Tecelão e o Erudito simplesmente para satisfazer suas previsões, pois a magia do destino e a da mente muitas vezes exigiam.

O Inquisidor estava diante de mim da mesma forma que um deslizamento de terra está diante de uma cabana tosca. Ele tinha olhos escuros, como os meus, mas diferentes. Onde o meu brilhava, o dele engolia. O meu era uma superfície cintilante; o dele, uma abertura profunda e sem fim. Suas maçãs do rosto eram altas e afiadas, o arco de suas sobrancelhas perfeitamente elegante. Seu cabelo estava em algum lugar entre curto e longo, as ondas preguiçosas presas atrás de suas orelhas; não havia anéis ou presilhas de metal em seu cabelo, mas vários pontos escuros de bronze perfuravam o arco de sua sobrancelha esquerda. Ele parecia mais um guerreiro do que um homem político, e a natureza avaliadora de seus olhos tinha uma borda perigosa que me gelou.

Instintivamente, tentei me afastar dele. Minhas correntes tilintaram muito alto, puxando contra o anel de ferro. Ele ignorou minhas tentativas de ganhar espaço, dando mais um passo à frente até que o calor sutil de seu corpo roçou na minha frente.

“Disseram-me que você não pode falar?” Ele perguntou, sua voz um suave rolo de poder.

Estremeci, entregando um aceno rápido, meus olhos desviados. A magia

Eloi era a mais misteriosa de todos os setores. Não era sólida, do corpo, como a magia Vold era. Não era da mente, tão facilmente mapeada e dissecada como a magia Sinn. Embora a magia do destino dos Skjebre envolvesse conceitos vastos e assustadores, ainda era tangível, fácil de entender. Todos tínhamos nossos sonhos e nossos destinos. A magia da alma do setor Sjel era um pouco menos estruturada, embora ainda lidasse com conceitos terrenos. Amor, desejo, manipulação. A magia Sjel podia curar o corpo através de uma suave persuasão da alma. Um Vold nunca poderia fazer o oposto, curando a alma através do corpo. Essas coisas eram compreendidas. A magia Eloi era simplesmente... não compreendida. As questões do espírito não eram facilmente compreendidas.

O Inquisidor me examinou, talvez se perguntando se eu menti antes dele colocar a mão no meu ombro, seu poder roçou em mim tão suavemente que eu teria perdido completamente se não estivesse esperando por isso. A magia espiritual era misteriosa porque era o poder da própria magia. Era uma habilidade de ligar e desligar, de ver dentro de uma pessoa e provar o que estava lá. Foram os Eloi que primeiro ligaram a magia aos objetos, e enquanto os outros setores agora eram capazes de colocar sua magia em objetos existentes, eles ainda eram incapazes de criar artefatos originais sem os Eloi.

“Ela é como você suspeitava, Capitão.” Suas palavras sussurraram sobre a sala tão suavemente e tão eficazmente quanto sua magia sussurrou através de mim, persuadindo os pequenos armários da minha mente e cavando os lugares secretos do meu coração. Ele estava caçando meu poder. Quando ele o encontrou, escondido no fundo do meu peito, seus dedos apertaram meu ombro enquanto seus olhos deslizavam do meu rosto para a frente do meu peito, como se ele pudesse ver através do algodão e da pele até o meu centro borbulhante.

“Sim,” ele murmurou. “Exatamente como você disse. Ela exagerou, e sua magia recuou, mas ela realmente tem o poder dos Vold.” Quando ele disse as palavras, seus olhos voltaram para o meu rosto, e havia um leve vinco em seus lábios. Um sorriso?

Desapareceu quando ele se virou para se dirigir aos outros, seus dedos deslizando para longe de mim. “Vamos ver o que os mortos têm a dizer sobre isso?”

Sem esperar uma resposta, ele caminhou até o Rei e estendeu a mão. O Rei tirou uma pequena caixa, entregando-a, seus olhos verdes nunca se desviando de mim. O Inquisidor puxou minhas mãos para cima, abrindo meus dedos cerrados. Ele colocou a caixa na palma da minha mão, e então voltou para o seu lugar.

“Vá em frente.” Seus olhos pousaram no meu rosto. “Abra.”

Olhei para a pequena caixa, meu estômago revirando.

“Deve ser uma alma familiar,” o Inquisidor insistiu em sua voz suave e baixa. “A alma não pertence mais a este mundo. Só reaparecerá por insistência de uma presença familiar. Não é mesmo, Vidrol?”

“Correto,” o Rei grunhiu. “Você deve ser a única a chamá-la, garota.”

Olhei entre eles, e depois para os outros. Quando cheguei ao Tecelão, me vi capturada, o lago refletido em suas íris, sua cabeça inclinada levemente, sua influência derramando através de mim como água enquanto a marca em meu rosto queimava. Estremeci, minha mão livre voando para minha bochecha. Vários dos outros olharam para o Tecelão, e uma onda de sussurros rolou sobre as pessoas reunidas além do estrado. O Capitão franzia a testa profundamente, uma veia visível em sua têmpora. O Mestre Guerreiro, o Erudito, o Rei e o Inquisidor sorriram.

Abra, o Tecelão murmurou, e minhas mãos obedeceram sem minha permissão, soltando o pequeno trinco e abrindo a tampa. Foi pior do que a influência do colar do Negociador. A marca no meu rosto deu origem a um desejo *dentro de* mim, uma necessidade secreta de cumprir os pedidos do homem que balançou meu destino diante de mim.

Uma aparição fantasmagórica encheu o ar, escapando da caixa. Era *eu*, de pé na porta de nossa casa.

“*Sua garota estúpida, idiota.*” A voz da minha mãe ecoou em todos os lugares, fazendo-me recuar, minhas correntes retinindo novamente. Arrepios correram dolorosamente pela minha pele.

A aparição tornou-se confusa, concentrando-se no meu rosto, no medo e na confusão ainda cambaleante enchendo meus olhos.

“*Foi um erro...*” Minha própria voz fantasmagórica seguiu a da minha mãe, e a imagem tornou-se confusa novamente, mudando para uma vista de Breakwater Canyon, e então para a imagem das costas de um homem.

“Pode ser difícil chegar mais longe do que os últimos momentos antes da morte,” explicou o Rei enquanto várias pessoas murmuravam em confusão. “Todas as memórias manchadas pela passagem do tempo foram removidas, embora os momentos finais permaneçam intocados.”

Resumidamente, eu me perguntei por que essas pessoas ainda não estavam familiarizadas com o processo. Pela maneira como todos observavam, parecia extremamente raro que o Inquisidor tirasse as memórias de uma alma morta de seu corpo, apesar de quão casualmente o Capitão havia falado sobre isso.

Todos nos voltamos para a aparição enquanto ela seguia o homem para

dentro da cabana. Na aparição, eu estava agora sentada ao lado da lareira, uma panela e uma escova tilintando de minhas mãos. O fantasma de mim pulou e enxugou as mãos na saia.

“Esta é ela?”

Ao som da voz do Negociador, comecei a puxar minha corrente com força, me esforçando cada vez mais para longe da aparição até cair no chão e, mesmo assim, ainda estava tentando rastejar para longe.

“Ela tem uma marca de nascença,” a voz fantasmagórica da minha mãe me perseguiu, rompendo a névoa de pânico que tinha me dominado tão completamente.

Me virei quando o fantasma de mim foi despido de roupas, meu olhar passando direto pela forma translúcida do meu corpo nu para um conjunto de olhos azuis gelados. O Tecelão estava me encarando. Quando o Negociador puxou sua faca e começou a cortar minha marca de nascença, peguei várias pessoas se encolhendo na minha visão periférica, e desviei meus olhos do Tecelão para o Mestre Guerreiro, que também estava ignorando a aparição, seu olhar fixo em mim. O *verdadeiro* eu. Pisquei, de alguma forma capaz de bloquear a cena espectral enquanto olhava para o Erudito. Olhos violeta pálido travados nos meus, seu poder tangível, invasivo e vasto, embora eu não achasse que ele estava mesmo usando.

O que em Ledenæther?

Uma rápida avaliação me disse que os cinco grandes mestres estavam, mais uma vez, agindo em estranho uníssono. Cada um deles ignorando a cena que se desenrolava diante deles, cada um deles fixado em mim com um foco enervante e inabalável. Eles já tinham observado a memória? Eles não se importaram em descobrir minha culpa? Eles já tinham decidido sobre a minha sentença?

“Isso não é pagamento suficiente.” As palavras do Negociador quebraram a barreira cuidadosa que eu construí entre mim e a aparição, arrastando minha atenção relutante de volta enquanto ele me mandava para o chão. Do outro lado do estrado, o Capitão ficou de pé. Seu punho estava cerrado, sua mão esquerda pairando sobre um pequeno punho meio escondido amarrado ao seu lado. Ele parecia estar prestes a objetar, mas igualmente confuso quanto ao motivo pelo qual o faria. Ele balançou a cabeça, sua carranca ficando escura.

O Negociador começou a gemer enquanto seu braço bombeava. Ele estava curvado sobre mim, sussurrando coisas para mim. Os olhos da minha mãe - e, portanto, a própria visão - perderam o foco em tudo, exceto no meu rosto. Todos nós assistimos enquanto as lágrimas secavam em meu rosto, enquanto meus

olhos se moviam para cima, por cima do ombro do homem, para a observadora da cena. Enquanto o Negociador avançava, engasguei com a respiração quando a minha aparição mudou, meus olhos de brasa escurecendo para um ônix profundo e insondável, meu peito brilhando suavemente antes de explodir em escuridão e luz. A luz parecia abrir minha pele, abrindo meu peito para que a escuridão se espalhasse. Ela capturou o Negociador primeiro, enchendo seu nariz e boca, e então se curvou em direção à minha mãe. Quando ela olhou para baixo, agarrando sua pele, a escuridão estava lá, empurrando em seu peito como fumaça desaparecendo por uma peneira. A porta explodiu para dentro, batendo contra a pia de cobre. As vidraças se estilhaçaram, soprando para fora, e a escuridão desceu em um suspiro sufocado, uma quietude se instalando sobre a cena, transportando-se do passado para o presente e se espalhando sobre a plataforma.

O Capitão ainda estava de pé, mas não consegui olhar para ele. Eu não tinha amigos aqui. Puxei meus joelhos para o meu peito, ainda sentada no chão tão longe da pequena caixa quanto minha corrente permitia. O Rei se levantou, pegando a caixa com dedos cuidadosos enquanto os restos de fumaça fantasmagórica caíam de volta em seu esconderijo. Ele enfiou a caixa no bolso e depois voltou ao seu lugar.

“Acho que todos podemos concordar...” Ele esticou as pernas, cruzando as botas no tornozelo, prolongando suas palavras até que todos estivessem sem fôlego, esperando o veredicto. Ele sorriu. “A garota é obviamente culpada.” O silêncio se aprofundou quando seu sorriso se alargou, seus olhos brilhando em um verde mais claro e venenoso. “No entanto, ela executou um assassinato com o que eu tenho certeza que todos vocês concordarão que foi uma exibição impecável da antiga magia Vold. *Sem um único encantamento*. Um poder como esse não pode apodrecer em uma cela, nem pode ser extinto em uma execução.”

“Ela quase se matou.” O Capitão falou, seus olhos se alternando entre os outros, sua expressão estreita fechada de emoção. “O Negociador não esperava que ela atacasse. Ele não estava preparado para responder. Se ele tivesse a chance de revidar ou se ele tivesse levantado uma barreira para sua magia, o esforço para superá-la certamente a teria matado. Ela não tinha controle sobre o que fazia. Eu não chamaria isso de impecável.”

O Rei sorriu graciosamente. “Como você disser, Capitão. E por causa disso, você será designado para manter a garota viva enquanto ela cumpre sua sentença.”

Uma nova onda de sussurros irrompeu atrás do estrado, pessoas dobrando

suas cabeças juntas e murmurando rapidamente atrás de suas mãos. O Capitão olhou para o Rei em choque. Por um momento, o estrado ficou em silêncio e parado, um estupor pairando sobre aqueles que ainda estavam sentados.

“Vossa Alteza...” A mulher de cabelos cor de ébano se levantou, seu vestido ondulando como água. “Se a garota é culpada, então certamente é hora de decidirmos sobre sua punição. Por que ela deveria precisar de proteção?”

“Porque o Rei decidiu poupá-la, Madame Emory.” Isso veio do Mestre Guerreiro, que estava inclinado para frente, seus braços enormes apoiados nos joelhos, seus olhos castanhos fixos na mulher, uma luz dentro deles fazendo-o parecer alerta apesar de sua posição relaxada. “Isso não é óbvio?”

Com isso, o Capitão encontrou sua voz. “Meu trabalho é supervisionar os Sentinelas aqui em Fyrio. A Companhia está sob meu comando. A segurança das pessoas é mais importante do que a segurança de uma menina.”

“E ainda assim você pessoalmente a escoltou até aqui,” respondeu o Tecelão, sua voz grave estalando minha cabeça em sua direção. “Por que isso?”

O Capitão olhou para o Tecelão antes de virar os olhos para o Mestre Guerreiro. “Um mordomo insistiu que a menina não era setorial, que tinha vivido a vida inteira como mordomo. Ela me disse que a garota não tinha poder, mas sim uma maldição da morte. Uma superstição boba. Era fácil ver que a garota havia sido condenada ao ostracismo, e ainda mais fácil ver que tinha sido em vão. A magia Vold se agarrava a ela, mesmo tão esgotada quanto ela estava quando a encontrei.” Ele puxou os lábios para trás de seus dentes, sugando uma respiração curta e balançando a cabeça. “Isso chamou minha atenção. Eu nunca conheci uma pessoa que escondesse seu poder antes. Não fazia sentido... ainda não faz sentido.”

“Então você descobrirá a verdade enquanto a mantém viva.” O Rei estava começando a parecer entediado com a conversa. A resistência deles à sua ideia o estava consumindo.

“Do que em nome de Ledenaether ela precisa ser protegida?” O Capitão retrucou antes de fechar os olhos por um momento e depois acrescentar: “Sua Alteza.”

“Disso,” o Rei disse serenamente, caminhando em minha direção.

Eu me afastei, ainda sentada no chão, até que minhas correntes estivessem esticadas novamente. O Rei se ajoelhou à minha esquerda, o verde sussurrante de seus olhos esvoaçando sobre meu rosto antes de parar abaixo do meu olho esquerdo. Sua atenção desviou da marca do Tecelão para encontrar meu olhar. Aquele sentimento sussurrante e escorregadio ficou mais forte, puxando as

cordas sob minha pele. A corrente fez um som pequeno e tímido contra o chão. *Eu me aproximei?* Eu podia sentir o toque de sua magia, como folhas sedosas fazendo cócegas em meus braços, afundando a terra sob meus pés, ou a luz do sol filtrando em vislumbres e flashes contra minhas bochechas. Ele tinha um cheiro como um vasto campo recentemente seco da chuva.

Este homem era *perigoso*.

Fiz uma careta, a percepção atravessando a neblina que pairava na minha cabeça. O Rei era um poderoso Sjel, e a magia da alma tinha um fascínio manipulador. A alma muitas vezes se enrolava com o desejo. Seus olhos se desviaram para um ponto logo abaixo do meu olho direito, oposto à marca do Tecelão.

“Lá.” Ele falou, sua voz um pouco mais profunda, um pouco mais baixa do que antes. Sua mão se levantou, seu dedo quase tocando o local. “Fjor, presenteie-a com a marca *mor-svjake*, para que todos saibam o que ela fez.”

O homem que se levantou para cumprir sua ordem foi o Inquisidor, que se ajoelhou ao meu lado, com a mão no meu queixo, erguendo meus olhos horrorizados para os dele.

Mor-svjake.

Assassino dos fracos.

Era a pior desonra que uma pessoa poderia receber. A marca se referia àqueles que atacavam os membros mais sagrados e vulneráveis de nossa sociedade: as crianças... e as kynmaidens. Arranquei meu queixo da mão do Inquisidor, afastando-me dele, balançando a cabeça. Pedidos silenciosos saíram dos meus lábios, caindo no pequeno sino de bronze no meu bolso. Aqueles com a marca *mor* eram alvejados o suficiente, mas se alguém se aproximasse o suficiente para ver que o pequeno escudo que continha a marca *mor* tinha uma pequena lágrima dentro... se alguém reconhecesse o *mor-svjake* no meu rosto, eu enfrentaria todos os tipos de castigos depravados. Aqueles marcados pelo *mor-svjake* carregavam uma sanção em sua pele: uma sanção para qualquer pessoa cometer qualquer ato de violência ou horror contra ela *completamente sem repercussão*.

Eu seria um ponto cego no sistema de justiça. Um pontinho no mapa da humanidade. Um lugar secreto onde as pessoas podiam distribuir sua fúria e frustração secretas.

O Inquisidor recapturou meu rosto, seus dedos mordendo, seus olhos escuros fixos no ponto que me condenaria a uma vida curta como um receptáculo para o ódio de estranhos. Minha pele começou a formigar enquanto

meus olhos queimavam, mas ainda assim, eu me recusei a chorar. Mordi meu lábio até sentir gosto de sangue, e o foco do Inquisidor vacilou, descendo até meu lábio. Seu polegar passou do meu queixo para a minha boca, puxando-o livre dos meus dentes.

“É melhor que a morte, garota.”

Não, não era.

Ele se levantou, suas vestes escuras roçando meus joelhos enquanto caminhava para o lado do estrado, parando ali e olhando para trás. “Eu reivindico a sentença dela.”

“Que sentença?” Perguntou o Capitão. Ele parecia estar sob melhor controle agora, embora houvesse um lampejo de frustração em seu rosto, estremecendo nas bordas de sua boca, puxando a cicatriz em seu lábio. “A marca não é o castigo dela?”

“Eu a perdoei da morte, certamente.” Isso veio do Rei, ainda ajoelhado ao meu lado, seus olhos na minha nova marca. Ele se levantou, encarando o Inquisidor. “Uma vida inteira de serviço é melhor do que a morte.” Ele fez uma pausa, olhando para o Inquisidor. “E é uma sentença que *eu* vou reivindicar.”

O Mestre Guerreiro se levantou, seus grandes braços cruzados sobre o peito, seus olhos se tornando ainda mais translúcidos, aquele fogo dentro deles acendendo uma queimadura alarmante. “Ela é do meu setor. Ela deve estar com pessoas de sua magia. Ela vai cumprir sua sentença comigo.”

Minha boca caiu aberta. Vozes chocadas se aumentaram na conversa além do estrado. O Mestre Guerreiro acabara de se opor diretamente ao Rei.

O Erudito suspirou, levantando-se da cadeira. Ele olhou para mim, desgosto suave em suas feições, como se mesmo emoções feias pudessem apenas realçar suas características marcantes. “Ela não sabe nada de sua magia. Ela deve cumprir sua sentença no Obelisco, como minha serva. Ela será educada em um ambiente calmo e temperado, onde não representará perigo para si mesma ou para os outros.”

“Eu vou fazer dela uma aprendiz,” o Mestre Guerreiro respondeu, os músculos de seus braços pulando enquanto ele ficava tenso. “Ela aprenderá como sua magia exige que ela aprenda. Através das difíceis provações da guerra.”

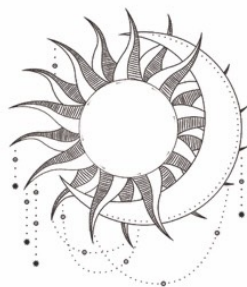
“Realmente, isso é bastante sem precedentes,” outro homem sentado no estrado murmurou, parecendo desconfortável e confuso. A mulher ao lado dele concordou com a cabeça, embora seu rosto estivesse branco, seus olhos piscando entre os quatro homens de pé. Seja qual for o motivo, esses homens tinham uma

história. Eles ignoraram os títulos um do outro e optaram por renunciar aos movimentos de respeito devidos ao Rei. Eles estavam brincando com a minha vida muito possivelmente por causa de uma competição entre eles. E, no entanto... eu tinha a sensação de que havia algo que eu tinha perdido, alguma peça crucial do quebra-cabeça que passou despercebida sob mim.

Olhei além de todos eles, para o Capitão. Ele tinha aquele sulco em sua testa, aquela suspeita em seus olhos. Senti a queimadura de seu olho dourado antes que o olho azul se fixasse em mim, e algo pareceu passar entre nós. Um reconhecimento silencioso de coisas maiores em ação, de segredos passando acima de nossas cabeças, dos tolos que parecíamos... ele envolto em uma capa de Sentinelas e eu ajoelhada acorrentada, nós dois perdidos na escuridão das maquinações de outras pessoas.

Seu interesse havia sido despertado novamente e eu o vi decidir, naquele exato momento, que aceitaria seu papel como meu protetor. Onde quer que eu fosse, ele me seguiria, até que a verdade fosse arrancada do infeliz tecido do meu ser e sua curiosidade fosse saciada.

INOCÊNCIA



“E você, Vale?” O Rei virou-se para o Tecelão, que estava sentado em silêncio, observando a troca com um pequeno e duro sorriso nos lábios. “Que direito você tem sobre a garota?”

“Deve haver um,” o Erudito acrescentou enquanto o Tecelão se levantava de seu assento. “Você não estaria aqui de outra forma.”

Todos eles tentaram reivindicar minha vida antes mesmo de chegarem?

“Minha marca está sobre ela,” o Tecelão respondeu. “A vida dela pertence a mim.”

“Ela é uma prisioneira e eu sou o monarca deste reino...” O Rei fez uma pausa, as sombras em seus olhos piscando para a superfície, algo passando entre ele e o Tecelão. “A vida dela é minha.”

Nunca antes desejei tanto o calor suave do tapete gasto perto da lareira em casa. Eu podia me lembrar da insatisfação de minha mãe queimando na minha cabeça com a mesma facilidade com que meus dedos se lembravam das ranhuras entre as tábuas de madeira do piso. Eu podia sentir seu alívio quando ela escapava da cabana com os primeiros raios de luz da manhã, e sentir os cheiros estranhos que se apegavam a ela quando ela voltava com a escuridão.

Eu tinha crescido praticamente sozinha, aventurando-me a correr com a névoa do amanhecer ou realizando pequenas tarefas nos dias em que minha mãe não trabalhava. Eu não estava completamente isolada... mas minha vida não me preparou para isso.

“Ela deve ser compartilhada, então,” disse o Erudito, começando a sair do estrado, suas palavras flutuando atrás dele. “Vamos nos retirar para algum lugar

para discutir isso. Calder...” Ele parou, virando-se e procurando o Capitão, como se não tivesse prestado atenção onde o homem estava sentado. “Eu acredito que você não tem mais argumentos?” Ao balançar a cabeça do Capitão, curto e rígido, o Erudito se virou e começou a se mover novamente. “Muito bem. Você pode soltar a garota. A sentença dela começará pela manhã.”

Ele desapareceu em meio a uma multidão de pessoas reunidas – o tamanho da multidão aumentou consideravelmente – e todos, ao que parece, se voltaram para o Rei.

“Deixe-nos,” o Rei concordou, embora o Erudito não estivesse mais à vista.

Ele caminhou atrás dele, e um por um, o Mestre Guerreiro, o Inquisidor e o Tecelão o seguiram. Assim que eles desapareceram, algo dentro da atmosfera pareceu *estalar visivelmente*. As respirações foram liberadas, o volume da tagarelice aumentou, e vários dos homens e mulheres sentados no estrado soltaram suas posturas rígidas, alguns deles pronunciando palavras pela primeira vez desde que apareceram.

“O Rei nunca mexeu nos assuntos do pequeno conselho antes,” disse uma mulher, seu tom de medo. “Por que começar agora? Esta deveria ter sido a nossa decisão.”

Todos conversavam entre si, embora eu não fosse ignorada. Eles me observaram pelo canto dos olhos até que o Capitão se aproximou de mim, destravou minhas correntes e então simplesmente se virou e foi embora. Eu me levantei, ignorando a oscilação do tremor em meus joelhos, e corri atrás dele. A multidão correu para longe de mim, e eu podia sentir o mor-svjake como se queimasse de novo em minha pele. Abaixei minha cabeça, permitindo que meu cabelo cobrisse meu rosto enquanto eu me concentrava nos sapatos do Capitão.

Ele caminhou rapidamente, com um propósito, e nós entramos em uma das salas da torre em um nível mais baixo da Cidadela, aparentemente no momento em que o Rei, o Mestre Guerreiro, o Erudito, o Inquisidor e o Tecelão estavam tomando seus assentos ao redor de uma longa mesa de pedra esculpida com vista para a queda da cachoeira.

“Alteza.” O Capitão fez uma breve reverência ao Rei. “Minhas desculpas, mas... se é o serviço da garota que todos vocês precisam, não seria melhor se ela pudesse falar?”

“Falar pode se tornar irritante,” observou o Tecelão.

“Isso atrapalharia o estudo dela,” o Erudito argumentou, seus olhos violeta brilhando com aflição, como se ele já lamentasse a atenção extra que ele precisaria me dar.

“Eu concordo com Vale,” o Mestre Guerreiro resmungou, olhos cor de âmbar me ignorando assim que eles me notaram. “Falar seria irritante. Eu continuo esquecendo que ela está lá, o que é, de fato, bastante agradável.”

“Então eu suspeito que você mudou de ideia sobre reivindicar a sentença dela?” Isso foi disparado pelo Inquisidor, a escuridão de seu olhar aumentando enquanto ele observava o outro, que grunhiu. Quando o Mestre Guerreiro apenas se acomodou mais confortavelmente em sua cadeira, que rangeu ameaçadoramente sob seu tamanho considerável, a boca do Inquisidor se apertou e ele contornou a mesa para ficar diante de mim.

“Há um feitiço bloqueando sua voz?” Ele perguntou.

Enfiei a mão no bolso sem hesitar, rapidamente segurando o sino. Ele o pegou com um olhar para o Capitão, e então o estava virando diante de seus olhos. Com um aceno de cabeça, ele o enfiou nas dobras de seu manto, retornando ao seu lugar.

“Esta é a magia do Negociador. Provavelmente vai superar ela, mas... eu não sou ela. Dê-me algum tempo, e ela falará novamente.”

Com isso, ele pareceu nos dispensar. O Capitão fez um gesto impaciente para que eu o precedesse para fora da sala. Ele assumiu o comando assim que chegamos à passarela de pedra curvada que contornava o lado de fora da grande rocha, passando por mim, seus passos duas vezes mais longos que os meus. Corri para acompanhá-lo enquanto me concentrava internamente, acalmando minha mente.

Eu tinha sido julgada e considerada culpada. Eu tinha sido poupada da morte, minha sentença dividida em cinco partes entre as lendas da minha infância. Um deles foi minha queda; outro, meu herói; e ainda outro, o líder singular de nossa sociedade. Absorvi esses fatos à minha maneira tranquila, revirando-os em minha mente e tentando encaixá-los em várias teorias. Talvez eles pensassem que eu era diferente, como eles. Um setorial sem uma mutação mágica. Afinal, roubar uma mutação mágica era roubar o poder daquela pessoa, e eles viram o Negociador roubar minha única marca e testemunharam meu poder explodir após o fato. Mas é claro que isso não importava. Eles haviam viajado para a Cidadela com a intenção de reivindicar minha sentença, ao que parecia. O que viram na aparição não significou nada para eles.

O que só poderia significar uma coisa.

O Tecelão tinha visto algo em meu destino e, por alguma razão desconhecida, ele disse às quatro pessoas mais poderosas do reino, além de si, como um grande general montando uma companhia de elite para lidar com uma

questão de grande importância.

Exceto que eu não era uma questão de grande importância. Após o meu nascimento, um Eloi olhou para o meu coração e cometeu um erro. Quase dezoito anos depois, tropecei em uma linha de pesca e cometi um erro. Há cinco dias, o Negociador me subestimou e cometeu o erro final na coleta de erros que constituiriam minha *importância*. Agora, esses cinco homens poderosos estavam amontoados em uma sala, discutindo sobre quem tinha mais direito sobre mim. *Eu*. Uma garota composta por nada mais do que uma pequena coleção de erros.

Quando o Capitão chegou ao fundo da Cidadela, parou no pequeno pátio, agarrando um menino que passava e ordenando-lhe que trouxesse dois cavalos do estábulo. Quando o menino voltou, subi na sela do cavalo castrado que me foi entregue, pegando as rédeas em minhas mãos enquanto o Capitão pegava seus alforjes do menino e começava a prendê-los ao cavalo. Eu me encontrei olhando para os portões abertos, as rédeas de repente queimando na pele das minhas palmas, minhas coxas apertando ao redor do cavalo para testar sua capacidade de resposta. Não pensei na decisão de fugir. Em um minuto eu estava esperando, e no próximo, eu estava atravessando o pátio enquanto o Capitão xingava em voz alta atrás de mim. Inclinei-me sobre o cavalo, o vento rasgando meu vestido, chicoteando a bainha gasta contra minhas pernas nuas. Meu cabelo batia em meus olhos, o vento gelado e cruel enquanto batia contra a ponte. Tornou-se suportável quando entrei na floresta, mas também pude ouvir o Capitão atrás de mim. Ele estava quase em cima de mim, e sabia que não havia lugar para onde eu pudesse ir. Ele era mais rápido, um Sentinela treinado. Tínhamos chegado ao Capitólio em menos de um dia simplesmente porque o mundo se movia mais devagar para ele. O próprio tecido da terra se reorganizou sob seus pés para facilitar sua jornada.

Meu rosto se contraiu em uma careta de frustração, e eu pressionei meus calcanhares com mais força nas laterais do cavalo castrado. Eu era um Vold.

Talvez eu tivesse uma chance...

Mesmo enquanto o pensamento voava na minha cabeça, o Capitão apareceu ao meu lado, sua mão esquerda agarrando minhas rédeas. Balancei descontroladamente para o lado, para fora do caminho e para as árvores da floresta limítrofe. Tentei alcançar minha magia Vold, mas não veio tão prontamente quanto quando eu fugi do Tecelão. Eu cavei em meu peito, onde sabia que ela se escondia, lutando por uma magia que apenas girava em torno de meus dedos como fumaça e sombra. Um gemido silencioso de frustração vibrou da minha garganta, fugindo da floresta e escapando de volta para a Cidadela em

busca do sino, enquanto meu cavalo se lançava no ar em pânico, tentando evitar uma árvore caída. Algo pegou a saia do meu vestido, me arrancando do lombo do cavalo e me jogando no chão.

O Capitão estava montado em seu cavalo acima de mim, um pedaço de tecido rasgado na mão. Ele estava respirando pesadamente, seu olho dourado queimando em fúria. Ele pulou enquanto eu me afastava, procurando uma arma. Não havia nada. Apenas galhos e folhas e pequenas samambaias frágeis. Uma vez que ele estava quase em cima de mim, eu me lancei do chão, colidindo com ele e nos jogando para trás. Eu tinha minhas mãos em volta do punho de sua espada, mas ele foi mais rápido. Em pouco mais de um segundo, ele me rolou de costas, esmagando minha mão entre nós enquanto ele liberava sua adaga, levantando-a até minha garganta.

“Eu não sou o Negociador,” ele prometeu, sua voz calmamente fervendo. “Ele se considerava imortal, e essa é a única razão pela qual você foi capaz de matá-lo. Se você usar sua magia em mim, eu *vou* me defender.”

A mensagem ficou pendurada entre nós, passando de seus olhos para os meus, do aço de sua adaga para a pele do meu pescoço, da vibração de seu poder para o meu núcleo adormecido. Eu não poderia entendê-lo mal, mesmo que eu quisesse.

Se eu lutar, eu morro.

Balancei a cabeça, esperando que ele se afastasse de mim. Ele se levantou em um instante, o oxigênio correndo de volta ao meu corpo enquanto ele tirava as folhas de sua capa. Ele estendeu a mão enluvada, a adaga fez um ato de desaparecimento, e eu a afastei, ficando de pé sozinha. Meu vestido estava caindo novamente; os botões que eu conseguira prender durante meu tempo na Cidadela haviam sido arrancados. Agora que eu estava desacorrentada, eu poderia alcançar atrás de mim e encontrar duas metades do material rasgado, amarrando-as grosseiramente. O vestido estava completamente arruinado.

“Devemos voltar para Breakwater Canyon,” o Capitão murmurou, empurrando algumas mechas perdidas de cabelo dourado manchado de sua testa cheia de cicatrizes. “Você vai precisar arrumar suas coisas. Roupas. Pertences. Você não pode ficar lá agora.”

Balancei minha cabeça, apontando na direção de Breakwater Canyon e, em seguida, fazendo um movimento de dormir com minhas mãos entrelaçadas na minha cabeça. Mostrei a ele meus pulsos soltos, sacudindo-os diante de seu rosto.

Eu estou livre. Eu não vou sair da minha casa.

Ele pareceu entender a mensagem porque um lampejo de pena entrou em seu olho azul antes que ele se afastasse de mim, capturando as rédeas de seu cavalo. O castrado havia fugido.

“Sua casa pertence à cidade e foi atribuída à sua mãe. Você ainda é um liten. Apenas kongeligs podem possuir propriedades. Você ainda não atingiu a maioridade. Até o final da semana, os funcionários do distrito organizarão um novo proprietário e suas coisas serão limpas.”

Agarrei sua capa, forçando-o a me encarar novamente. Eu joguei meus braços para cima.

Para onde eu vou?

Ele me agarrou pela cintura sem aviso, me jogando em cima de seu cavalo. Aterrissei desconfortavelmente e tive que agarrar rapidamente a sela para não cair.

“Você estará à mercê de seus mestres. Se eles realmente dividirem sua sentença entre os cinco, duvido que você tenha tempo para dormir. Você é uma andarilha agora, garota. Não pense mais em casas e lares. Você foi escravizada três vezes: uma vez com o Tecelão; uma vez com a sua sentença; e uma vez com o mor-svjake. O Tecelão decidiu seu caminho, sua sentença decidiu as condições, e essa marca em seu rosto trouxe perigo em seus calcanhares. O único caminho é seguir em frente.”

Ele parou atrás de mim e partimos em busca do cavalo castrado, encontrando-o um pouco mais tarde no início da trilha para a floresta. Enquanto voltávamos por Hearthenge e em direção a Breakwater Canyon, comecei a realmente notar a velocidade com que viajávamos. Não era uma coisa totalmente visível, certamente não algo que os transeuntes notariam a menos que estivessem prestando muita atenção. O cavalo na verdade não se movia mais rápido, mas de vez em quando parecia que a paisagem se dobrava sobre si mesma e, no espaço de um piscar de olhos, passamos por essa dobra e saltamos mais à frente do que deveríamos ter ido. Era como pegar um atalho pelo tecido do nosso ambiente, tão pequeno que passa despercebido, mas tão constante que faz a diferença.

Deixamos os cavalos no estábulo público logo após os portões do Breakwater Canyon e continuamos a pé. Mantive minha cabeça baixa, ignorando os sussurros das pessoas por quem passamos, meu cabelo cobrindo a marca mor-svjake. Elas não ousaram se aproximar de mim com um Sentinela nas minhas costas, sombreando cada um dos meus passos curvados, mas seus olhos queimaram em mim, quentes de ódio e acusação... e algo mais.

Observei como eles se afastaram do meu caminho, a última emoção

finalmente se encaixando.

Medo.

A porta da nossa casa tinha sido encaixada de volta no batente. O Capitão passou por mim para pegá-la e me conduzir. Ele a retirou e colocou a porta de volta no lugar antes de lançar seu olhar dourado ao redor. O vidro quebrado foi varrido para o lado, os corpos removidos. Duas pequenas marcas pretas de queimadura marcavam o piso de madeira gasto, uma delas chamuscando o lado do tapete. Engoli em seco, passando por tudo sem olhar duas vezes e indo para o quarto de solteiro. Havia uma cama em cada lado do quarto, uma cômoda instável atuando como sentinela rígida entre elas, as maçanetas desencontradas nas gavetas superiores como olhos tortos e conhecedores lançando um olhar triste sobre mim. Peguei a bolsa de couro liso da minha mãe no gancho ao lado da cômoda. Ela recebia tantas coisas boas de seus clientes, mas raramente conseguia vendê-las. Isso resultou em uma atmosfera estranha dentro da casa, de couro rico e cobertores remendados; de grossos xales de seda e prateleiras vazias. O baú no final de sua cama estava cheio de todos os tipos de bugigangas e tesouros. O único par de botas que eu tinha estava no final da minha, borracha descascando das solas.

Enchi a bolsa com uma muda de roupa, vários conjuntos de roupas íntimas, minha escova de cabelo e um lenço velho. Chutei a porta fechada e, em seguida, movi o pequeno baú na frente dela. Eu quase deixei assim antes de mudar de ideia e arrastar a cama da minha mãe na frente dela, invalidando completamente a posição do baú. Eu puxei meu vestido sobre minha cabeça, deixando-o cair sobre a cama, minha calcinha caindo em cima dele. Pela primeira vez em dias, permiti que o fedor da minha pele ficasse registrado no meu nariz. Eu estava coberta de cinzas da lareira e sujeira do chão do meu quarto solitário na Cidadela. Eu podia sentir o cheiro de pânico, suor e tristeza. Havia algo mais horrível agarrado a mim também. Sangue velho e desespero. Assim que se registrou, eu me encontrei curvada, vomitando.

Depois que a onda de enjoo passou, fui até o banheiro e comecei a encher a banheira com baldes de água da bomba encostada na parede. Eu não podia aquecer a água no fogo, não com o Capitão na outra sala, mas um banho frio era melhor do que nada. Normalmente eu só preenchia um quarto do caminho, mas desta vez eu preenchi até a metade antes de afundar nas profundezas. A água estava congelando, e eu ignorei o bater dos meus dentes quando peguei a escova e comecei a esfregar na minha pele. Eu me ataquei como se fosse o chão da cozinha, desgastando a evidência de tudo o que havia acontecido na superfície

do meu ser. Todas as marcas de arranhões. As manchas. As marcas das botas de tantas pessoas importantes pisando em mim. Esfreguei até que a dor substituiu a memória e até a água fria parecia quente, e então joguei a escova de lado, afundando minha cabeça sob a superfície para soltar um grito silencioso e sufocado pela água.

Eu gritei e gritei e gritei, a vibração da água parecendo, no momento, como um som real. Eu não conseguia ver através de todas aquelas bolhas e fui pega de surpresa quando uma mão cortou a água, passando pelo meu rosto e segurando a parte de trás da minha cabeça, me arrastando rapidamente para cima e para fora. O Capitão pairava acima de mim, com os olhos arregalados. Ele estava de joelhos, uma mão segurando a borda da banheira de metal. Ele havia tirado as luvas. Esse foi meu último pensamento antes da queimadura de seus dedos contra a parte de trás da minha cabeça inundar meu corpo, sacudindo meus pensamentos da minha cabeça e, em seguida, puxando-os de volta para uma única conclusão.

Calder.

Seu rosto mudou novamente, tornando-se um daqueles rostos do passado que de alguma forma lhe pertenciam. Ouvi as palavras de uma mulher, familiares o suficiente para que meus próprios lábios pudessem tê-las formado.

“Encontrei meu propósito, as páginas do meu livro, sem as quais não posso ter palavras.”

Essa voz mudou, mas as palavras continuaram, outra mulher falando com outro rosto.

“Cada gota que você sangrar por mim será um curativo sobre este mundo.”

Eu pulei para longe. Sua mão permaneceu congelada, ainda emaranhada nas pontas do meu cabelo. Ele parecia em estado de choque. Puxei meus joelhos para o meu peito e chutei seu braço, reunindo fúria silenciosa suficiente para queimar minha própria casa.

De onde em Ledenather vieram esses pensamentos? Esses rostos eu estava vendo? As vozes de quem eu estava ouvindo? Meus dentes começaram a bater com o choque, um arrepio violento tomando conta de meus membros.

“Achei que você estava se afogando.” O Capitão limpou a garganta, seus olhos rastreando lentamente até onde eu estava amontoada na outra extremidade da pequena banheira.

Ele desembaraçou a mão, arrastando-a sobre o rosto, escondendo sua expressão de mim. “Eu vou... apenas...” Ele se levantou, desviando os olhos. “Esqueça.” Ele invadiu de volta para o quarto, e eu esperei a porta fechar antes

de soltar meus joelhos, minhas pernas relaxando e caindo de volta na água. Olhei para o local em que ele se ajoelhou, minha mente voltando para cada um de nossos encontros, examinando furiosamente cada detalhe deles. Esta foi a primeira vez que ele tirou as luvas. Foi a primeira vez que nossa pele entrou em contato. Mas o que essa sensação de arrepiar e girar a terra *significava*? De onde vieram esses pensamentos estranhos?

Tinha que ser algum tipo de magia, mas nada que eu já tivesse ouvido falar.

Eu agonizava enquanto esfregava meu cabelo, chegando ao ponto de abrir uma das caixas da minha mãe no banco ao lado da banheira. Ela tinha sais e ervas, flores secas e óleos, aromas e sabonetes. Qualquer coisa que pudesse realçar sua beleza. Eu nunca tinha ousado tocar em nada disso antes, a não ser virar as flores em minhas mãos ou sentir o cheiro dos óleos. Também não parecia certo tocá-los agora, mas peguei um quadrado de sabonete gasto, ensaboando meu cabelo e usando-o para suavizar os esforços da minha lavagem anterior. Flutuei na água, sentindo o cheiro familiar de flores kalovka esmagadas. Elas tinham pétalas como gelo e me lembravam o frio da neve fresca, embora o néctar fosse doce e estival. Senti que poderia mergulhar no passado e ficar lá para sempre, amortecida por um campo de botões de kalovka espreitando através da neve enquanto ela caía e caía e eu afundava cada vez mais fundo. Até que fui enterrada tão fundo que o branco ficou escuro e onde eu estava não era diferente de onde minha mãe estava...

“Depressa, Lavenia!” A pancada na parede sacudiu meus dentes, me fazendo ficar de pé. *Lavenia*? Durante esse processo, nenhum deles havia falado meu nome. Eu não sabia que algum deles se importava o suficiente para perguntar sobre isso, ou para se lembrar dele depois de ter sido falado. Ele tinha ouvido meu nome quando me tocou, como eu tinha ouvido o dele?

Eu rapidamente saí do banho, o frio da água fazendo meus membros estremecerem enquanto eu rapidamente me secava e rastejava de volta para o quarto. Enfaixei novamente o ferimento na coxa sem olhar para ele e depois vesti as calças remendadas que normalmente usava para correr, colocando um meio espartilho por baixo da camisa com a bainha rasgada. Calcei as meias, as botas e fui até o armário que dividia com minha mãe. Meu casaco desbotado foi empurrado até o fim. Empurrei vários xales, mantos, cachecóis e capas, cada um deles fiado como piscinas de seda líquida ou embalado com lã quente e rica. Eu os empurrei para o lado, extraí meu casaco e o vesti, jogando meu cabelo úmido para fora. Trancei-o por cima do ombro, amarrando-o rapidamente antes que pudesse se transformar em cachos grossos e incontrolláveis.

Em uma mudança de opinião de última hora, embrulhei a barra de sabonete kalovka e adicionei-a à bolsa de couro de minha mãe antes de voltar para a porta, notando que a força que o Capitão havia usado para abri-la havia quase empurrado a cama de volta para dentro em sua posição original. O baú tinha sido jogado para o lado, seu conteúdo derramado no chão.

Por que ele entrou com tanta urgência?

Eu fiz uma careta, me agachando perto do baú, juntando os itens e empilhando-os de volta. O último era um bracelete de contas de pedra da chuva, polido em um brilho azul brilhante. Sentei-me duro, meus olhos vagando até as palavras esculpidas na cabeceira da cama da minha mãe.

A pulseira tinha sido um presente do setorial que me gerou. Lembrei-me dele visitando minha mãe e do jeito frio e desapaixonado que ele olhou para mim.

“*Que pena,*” ele murmurou, antes de se voltar para minha mãe. “*Que desperdício.*” Ele havia beijado a mão dela antes de colocar a pulseira em seu pulso. “*Vamos tentar novamente.*”

Enrolei meus dedos ao redor das contas, pulando para meus pés e caminhando para a porta. Eu estava do outro lado da sala e no rosto do Capitão em um segundo, minha raiva deslocada encontrando um alvo disponível. Eu estava com raiva de mim mesma, mas isso não importava. Ele havia invadido meu banho, e essa era a única desculpa que eu precisava para transferir toda aquela raiva para ele. Eu bati nele uma vez no peito, forte o suficiente para enviar um zunido agudo de dor pelo meu antebraço. Ele agarrou meu pulso, e o mundo caiu novamente.

Eu me senti aterrada e explodindo de uma só vez, como se finalmente tivesse encontrado meu propósito, mas havia *tanto* dele, que estava a segundos de romper os limites da minha pele. O Capitão estremeceu, rapidamente puxando a mão para trás e se afastando de mim.

“Nós precisamos ir.” Ele estava evitando olhar para mim novamente, sua mão passando pelo rosto. Estava tremendo. “Você tem tudo o que precisa?”

Tropecei para trás, desviando meus olhos para o chão, onde fui imediatamente distraída pelo brilho do metal. A coleira do Negociador. Tinha ficado presa embaixo do banco da cozinha. Larguei a mochila de couro na mesa da cozinha e me agachei, soltando o colar. Ficou quente em minhas mãos, cheia de poder. *Uma coisa viva.*

Repentinamente enojada, resisti à vontade de jogá-lo para longe de mim, porque naquele momento, também pude sentir outra coisa. Algo que me

pertencia. Algo que o colar havia roubado de mim. Meu coração chamou por ele, desesperadamente procurando por ele para se juntar a mim novamente. Acomodei-me em uma posição ajoelhada, descansando o colar nas minhas coxas, virando-o várias vezes. Eu não o tinha quebrado quando o desalojei do meu pescoço, como eu tinha pensado originalmente. Eu só tinha quebrado seu controle sobre mim, o fecho ainda estava preso, aberto inofensivamente. Era muito poderoso para eu realmente quebrar. E, no entanto, eu podia sentir sua fraqueza. Uma rachadura invisível na superfície do metal. Eu podia sentir uma sombra caindo sobre aquela rachadura, uma escuridão que lentamente afundou nela, arranhando cada vez mais fundo na piscina infinita de magia contida dentro do objeto. Minha própria magia finalmente se ergueu, chamada pelo meu pedaço encaixado dentro do colar. Meu poder era fumaça, cinza-preto e líquido-rápido. Ele nadou inofensivamente através da energia do Negociador, que ecoou das profundezas do colar. A magia do Negociador era um inferno: vermelho rubi, rocha derretida e fogo. Minha escuridão fria varreu um caminho de pedra, ileso pelas fissuras de vapor ou o lento rolar de lava pelas rachaduras no caminho. Minha sombra foi atraída por algo puro e brilhante, um orbe branco impressionante afundando lentamente no fogo líquido. O orbe branco tinha uma essência inconfundível, como os segredos mais sombrios e profundos da mais longa noite de inverno. Como céus de veludo e condensação gelada.

Era minha essência.

Era *meu*.

Minha sombra se arrastou em direção a ele, cavando garras esfumaçadas na lava que o cercava. De repente, minha presença dentro da coleira não era mais suave e pacífica. O fogo queimava, e minha garganta estava em carne viva pelo grito silencioso que tentou se formar, esfregando-se contra os gritos que eu já havia falhado em soar no ar. Minha sombra cavou mais fundo, arranhando o pedaço roubado de mim, arrastando-o das dolorosas e ardentes profundezas do colar. Sentei-me em uma poça de dor e som roubado, lágrimas correndo pelo meu rosto enquanto um tremor feroz começou a destruir o comprimento do meu corpo... mas ainda assim eu não soltei o orbe. De repente, a sombra era eu, e eu estava puxando, lutando contra a lava que subia pelos meus braços, tentando extrair aquela bolinha de luz. Estava tão apertada que quase pensei que estivesse plantada no leito rochoso sob a lava. Meu coração batia tão alto que eu não conseguia mais ouvir o rugido do fogo à distância, ou o crepitar da lava diante do meu rosto.

Baque. Baque. Baque. Pausa... Baque.

O ritmo irregular e instável me encheu, flutuando pelo meu corpo e nas minhas mãos. Meus dedos se contraíram, meu aperto afrouxou, o orbe escorregando.

Eu mal registrei os dedos que deslizaram no decote da minha camisa, pressionando em meu coração, ou a palavra que foi murmurada contra o meu cabelo. “*Leevskmat.*”

Eu ouvi apenas o som do meu próprio coração e os gritos que não fizeram nenhum som enquanto eu jogava toda a força restante na minha tarefa, puxando o orbe com tudo que eu tinha. Finalmente, ele se deslocou, e eu fugi de volta pelo caminho, meu ser sombreado se dividindo em vapor e escapando por rachaduras invisíveis para se retrair de volta à minha pele. Caí para trás, mas quando meu cotovelo bateu com força no chão, um braço duro me impedindo de cair ainda mais, notei algo brilhante e cintilante enrolado na palma da minha mão, tremendo longe do mundo, aninhado nas linhas fracas da minha pele. Sem pensar, tirei o bracelete de pedra da chuva do bolso. Era o objeto mais próximo, e senti que a luz já estava começando a diminuir e tremeluzir, incapaz de sobreviver ao ar livre. Larguei a pulseira na palma da mão e fechei os dedos em torno dela, envolvendo minha outra mão em volta do punho direito. Levei-o à boca, fechando os olhos e procurando qualquer vestígio de poder. Qualquer coisa que pudesse ajudar a impelir a luz para seu esconderijo.

“*Forene,*” uma voz profunda, mas fraca, sussurrou em meu ouvido, a palavra soando quente e *certa*.

Forene, eu repeti em minha mente, pressionando meus lábios em meus punhos e apertando minhas pálpebras com mais força. Eu murmurei a palavra de novo e de novo, agitando minha magia relutante de volta para as bordas da minha pele. Eu não conseguia ver a sombra da minha magia, mas sabia que estava lá. Eu podia senti-la se arrastando ao longo do meu braço. Estava ferida, sem vontade, mal conseguindo se mover. Repeti a palavra mais rápido, desesperada para manter essa parte de mim. Desesperada para reivindicar de volta um pequeno pedaço de mim que foi roubado dos muitos que eu nunca mais veria. A sombra aqueceu as costas das minhas mãos, passando pelos meus lábios enquanto eu continuava a murmurar a palavra.

Era o único ponto de calor no meu corpo. O resto de mim caiu vários graus de temperatura, meus lábios ficaram rígidos quando aquele som horrível encheu minha cabeça novamente.

Baque. Baque. Baque. Pausa...

Uma maldição áspera soou no meu ouvido assim que eu caí para trás,

minha cabeça pousando em algo quente. Uma mão grande e áspera envolveu a minha, e os dedos que permaneceram contra o meu batimento cardíaco desvanecido pressionaram para dentro novamente, aquela palavra estranha retornando aos meus ouvidos cansados.

“Leevskmat.” Uma respiração áspera e trêmula, e então, “Droga.”

O som doentio do meu batimento cardíaco desapareceu no fundo novamente enquanto as pedras na minha palma esquentavam, a luz se enterrando dentro. Abri meus olhos, minhas mãos caindo no meu colo. O Capitão estava atrás de mim, sustentando meu peso. Um de seus braços estava em volta da minha frente, seus dedos mergulhados na minha camisa, agora flácidos contra a minha pele. Sua outra mão embalou a minha, mas nossos punhos afrouxaram quando bateram no meu colo, nossas mãos se separaram para revelar o bracelete, cujas contas agora brilhavam em um branco perolado e translúcido.

“O que é que foi isso?” O Capitão resmungou, sua voz tingida de dor e frustração.

Minha inocência, pensei antes de meus olhos se fecharem.

TEMPERAMENTO



Despertar do sono parecia como alguém drenando muita água dos meus pulmões em uma purga dolorosa, e foi assim que eu soube que tinha ido longe demais novamente. A luz perfurando minhas pálpebras foi um milagre. Eu rolei, fazendo barulhos estranhos e silenciosos, minha garganta em carne viva. Minha mão bateu contra algo metálico e redondo, meus dedos se curvando contra ele instintivamente. Uma onda de calor percorreu minha palma, e eu abri meus olhos, olhando para a coleira do Negociador. E então a mão grande e desgastada pela batalha que estava ao lado da minha. Eu congelei, percebendo que estava deitada contra a perna do Capitão, minha espinha torcida desajeitadamente sobre ela. Ele havia caído para o lado, a cabeça contra o batente da porta do quarto. Ele deveria ter sido menos intimidador, todo esparramado no chão, seu olho dourado escondido atrás das pálpebras fechadas, mas em vez disso, serviu apenas para ilustrar que ele era grande demais para caber adequadamente em nosso pequeno espaço de cozinha. Ele tinha a altura de um homem cuja infância foi banhada pela luz do sol e pelo ar fresco da montanha.

Era quase injusto.

Arrastei meu corpo dolorido para longe, soltando meu braço esquerdo de onde o peso dele estava me prendendo no chão. Quando me levantei, notei o bracelete de pedra da chuva no meu pulso. Eu não tinha amarrado lá. As pedras brilhavam levemente, a cor pura e translúcida, girando preguiçosamente. O bracelete não irradiava exatamente nenhum calor, ou qualquer sensação de poder, mas quanto mais eu olhava para ele, mais forte uma certa emoção crescia dentro de mim. Era uma alegria não adulterada, amarrada em admiração infantil.

Eu não estava olhando para uma pulseira, estava olhando para a lua e senti que poderia fazer qualquer desejo no mundo. O aperto horrível em meu coração diminuiu, e olhei de volta para o Capitão.

Havia algo ali, entre mim e ele. Eu não poderia dizer se ele sabia o que era ou não, mas ele definitivamente podia sentir. Não era natural ou normal. Eu não o *conhecia*, não podia sentir nenhum sentimento orgânico por ele, além da apreensão inspirada por sua presença. Além do mais, ele não *me* conhecia além do fato de que eu tinha feito um acordo com o Tecelão antes de matar duas pessoas, uma delas minha própria mãe. Nenhum desses fatos inspirava cuidado ou companheirismo, e ainda assim lá estava ele, desmaiado no chão da minha cozinha depois de ter passado seus últimos momentos de consciência amarrando a pulseira em meu pulso.

Fui até o armário embaixo da pia da cozinha, tirando um quarto de saco de farinha. Sentei-me de frente para ele enquanto ele dormia, espalhando a farinha no chão e pensando na palavra que ele havia sussurrado sobre mim no dia anterior.

Leevskmat.

Tentei soletrar na farinha, mas meu dedo vacilou, inseguro. Eu podia dizer a palavra em minha mente, mas não sabia de que letras ela consistia. Minhas habilidades de leitura e escrita eram abismais. Eu fiz o meu melhor e então me sentei, murmurando a palavra sem realmente falar. Mesmo que eu não tivesse voz, ainda havia muito poder nas palavras, especialmente as palavras Aethen.

Eu não tinha notado o Capitão acordar até que sua mão estava afastando a minha. Ele bagunçou a farinha e escreveu a palavra corretamente, de alguma forma adivinhando o que eu estava tentando soletrar.

Olhei para ele sob meus cílios, rapidamente mudando meu olhar de volta para a palavra quando o senti olhando para mim.

“Força vital,” ele murmurou, sua voz áspera. “É isso que significa.”

Fiz uma careta, refazendo as letras, tentando aprendê-las. Eram as letras da língua antiga, mas a palavra em si pertencia a algo mais antigo, algo mais poderoso. Era o resumo de uma palavra, uma definição em vez de um som ou a soma de letras. As palavras Forian pareciam afiadas e rígidas em comparação, planas com um significado inflexível.

Força vital em Forian era um pouco diferente, duas das letras substituídas por outra, a palavra inteira dividida em duas. Mas de alguma forma, essas pequenas mudanças mudaram completamente o poder da palavra. Baguncei a farinha de novo, escrevendo uma única palavra em Fyrian, a língua comum, que

era muito mais fácil para eu me comunicar.

Por quê?

“Você estava morrendo,” ele respondeu. “É possível salvar alguém à beira do precipício, mas não trazê-lo de volta do precipício. Se eu não tivesse lhe dado um pouco da minha energia... sua vida teria sido irreversível.”

Eu finalmente olhei para ele corretamente, meus olhos se arregalando. Ele havia dito a palavra duas vezes. Eu simplesmente não tinha ido longe demais, quase me matei *duas vezes*. E ele tinha feito algo que definitivamente não era comum para me manter viva. Ele não estava simplesmente me protegendo. Ele estava se arriscando para me manter viva.

Esta criança está condenada à morte e a compartilhar a morte com os mais próximos a ela.

Estendi a mão, sublinhando a palavra diante de mim várias e furiosas vezes, meus olhos queimando mais que os dele, duas esferas de carvão queimando sob o fogo dourado que ele derrubou. Ele sorriu, o gesto estranho e de tirar o fôlego, uma tristeza rígida pairando nas bordas.

“Porque nossos destinos foram escritos juntos. Se suas páginas param de virar, as minhas também param. Não sei ao certo, mas é como me sinto e não estou disposto a testar. Ainda não.”

Eu senti a verdade daquelas palavras, a correção delas se instalando em mim. Fazia tanto sentido para mim... e ainda assim não fazia nenhum sentido. Sublinhei a palavra novamente, minha mão tremendo. Ele balançou a cabeça, seus grandes ombros curvados, desconforto tensionando seus músculos.

“É apenas algo que eu sinto, não algo que eu tenha prova. Mas você...” Ele apontou para o meu rosto, sua mão grande e firme. “Você tem a marca do Tecelão. Você ouviu seu destino.”

Fiz uma careta, bagunçando a palavra diante de mim e rabiscando novamente.

Acidente. Não ouvir o destino. Eu me encolhi, embora não adiantasse ficar envergonhada com a minha falta de habilidades de leitura e escrita. Carregar a marca da subcategoria de pessoa mais desprezada do mundo realmente coloca as coisas em perspectiva. O Capitão estava franzindo a testa com as palavras e quanto mais ele falava, mais eu percebia que não eram totalmente verdadeiras. Balancei minha cabeça, pegando a farinha que tinha começado a se espalhar demais e juntando-a no centro novamente. Eu não estava confiante de que seria capaz de escrever tudo o que o Tecelão havia me dito enquanto colocava a marca no meu rosto, não que eu me lembrasse perfeitamente de suas palavras de

qualquer forma. Ele havia mencionado água e morte. Claro que ele havia mencionado a morte.

Nascida pela tempestade e derrotada pela tempestade.

Estremecendo com a memória, rabisquei uma palavra.

Tempest.

“Tempest?” Perguntou o Capitão.

Eu balancei a cabeça.

“O Tecelão te deu um nome Predestinado?” Sua carranca ficou mais escura, o sulco dramaticamente mais profundo em sua testa.

Balancei a cabeça novamente, e nós ficamos lá olhando para a palavra até que houve uma batida na porta. Eu me levantei, mas congelei, percebendo que esta não era mais minha casa. O Capitão passou por mim, agarrando a parte externa da porta e levantando-a para o lado, apoiando-a contra a parede. Do outro lado estavam duas garotas da minha idade. Seus cabelos estavam puxados para trás e amarrados em pequenos nós, seus olhos semicerrados na luz fraca da cozinha. Eram claramente setoriais: uma com marcas nos olhos e a outra com unhas amarelo-escuras. Eu poderia dizer pelas suas vestes que elas eram servas do Obelisco, embora ainda fossem menores de idade. A maioria dos litens deixaria a escola em algum momento para ingressar em estágios ou servir em uma das instituições. Mordomos femininos férteis se mudariam para Hearthenge, encontrando alojamento e alimentação em um dos kynhouses, onde poderiam observar, limpar e aprender. Isso era o melhor que uma jovem mordomo poderia esperar, a menos que tivesse uma aptidão especial para um dos ofícios de entretenimento e uma vontade de viajar para tão longe que talvez nunca mais voltasse para casa.

Os setoriais não precisavam trabalhar nos campos ou nas oficinas de metalurgia ou nas kynhouses. Centenas de anos atrás, eles se tornaram a raça dominante por meio de um simples ciclo de oferta e demanda. Eles tinham magia, mas precisavam de trabalho, e os mordomos tinham trabalho, mas precisavam de magia. Nós nos estabelecemos nesse ciclo. Os mordomos eram as raízes da nossa sociedade, labutando no chão, buscando nutrientes e estabilizando os setoriais que lutavam pelo sol, devolvendo frutas aos mordomos que esperavam embaixo. Com os mordomos, todos nós tínhamos vida, mas eram os setoriais que tornavam essa vida magnífica.

As duas meninas diante de mim estariam em seu primeiro ano de serviço no Obelisco, e só poderiam pertencer ao setor Sinn, com o poder da mente.

“Sim?” Perguntou o Capitão. Não era um tom gentil, e as meninas se

encolheram um pouco.

Atrás delas, os dois Sentinelas que me escoltaram até Hearthenge apareceram: o homem com as pupilas divididas e a mulher com o cabelo de metal.

“Ingrid? Avrid?” A carranca do Capitão diminuiu. “O que aconteceu?”

“Nada,” respondeu Ingrid, seus olhos passando rapidamente para mim. Havia suspeita em seu rosto, lavado por um rápido lampejo de ressentimento. “Você não voltou para a torre ontem à noite, então fomos para a Cidadela. Peguei essas duas na saída... o Erudito as mandou buscar a garota. Ele disse que ela estaria aqui.”

“Não é uma dedução difícil de fazer,” o Capitão murmurou antes de sacudir os dedos para mim. “Vamos lá. Sua sentença está começando.”

Arrastei meu pé sobre a farinha, obliterando a palavra que ainda olhava para mim do chão. Enquanto eu estava agachada, peguei o colar descartado e rapidamente o enfiei na mochila de couro da minha mãe, passando as alças sobre meus ombros. Passei pelo Capitão, ignorando o pequeno choque que percorreu meu sistema. *Sim*, estávamos conectados de alguma forma, mas eu não era sua prisioneira. Levantei minhas sobancelhas para as duas garotas setoriais que se afastaram de mim, seus olhos no mor-svjake. Elas ainda não tinham dito uma palavra.

Ingrid e Avrid não pareceram surpresos ao ver a nova adição ao meu rosto – eles, na verdade, não deram mais do que um olhar passageiro. Eles deviam estar no meu julgamento.

Todos nós viajamos silenciosamente de volta para os portões, as duas garotas sussurrando juntas atrás de mim, os Sentinelas alguns metros atrás delas. Eu poderia dizer que Ingrid tinha perguntas, mas ela não as fez. Ela caminhou atrás do Capitão, com os olhos no chão. Os estábulos deram cavalos para todos nós, mas as duas garotas se separaram do nosso grupo enquanto montamos, cavalgando sem dizer uma palavra.

“Senhoras e senhores, o setor Sinn.” Avrid revirou os olhos. “Se eles podem prever sua resposta, a conversa já aconteceu.”

Ingrid bufou, virando seu cavalo para a estrada e partindo em ritmo acelerado. O Capitão esperou por mim, claramente relutante em me deixar ir atrás de todos. Eu parti atrás de Avrid, minha mente surpreendentemente vazia enquanto viajávamos. Não expulsei nenhum poder, mas a velocidade de Vold deles parecia um cobertor jogado sobre nós quatro, nos mantendo em formação enquanto piscamos sutilmente a frente do tempo. Passava apenas uma ou duas

horas do amanhecer quando desmontamos no pátio da Cidadela. Um menino esperava por nós, envolto nas vestes azul-marinho de um servo do Obelisco.

“Venha,” ele disse, seus olhos no mor-svjake.

Ele se virou, ignorando os outros, e eu o segui até o lado da sinuosa passagem de pedra que serpenteava até o topo da montanha na qual a Cidadela havia sido esculpida. A passagem não era estreita, mas estava sombreada por velas coloridas no alto, listras de azul escuro e dourado brilhante nos escondendo dos dedos suaves e penetrantes da luz do sol da manhã. Enquanto circulávamos ao redor da base da Cidadela, encontramos outro grupo de Sentinelas, que nos observavam passar com interesse mal disfarçado. O servo do Obelisco nos levou para o extremo nordeste, onde a água dos rios se acumulava em uma bacia de fluxo rápido, inclinando-se em direção à beira do Penhasco Uivante. Havia uma ponte que conduzia rigidamente sobre a água até a parede da represa que se curvava ao redor da bacia, enterrando-se na montanha de cada lado do penhasco. Passamos por um grupo de Sentinelas no início da ponte, outro grupo no final, e então ficamos sozinhos. Não havia outros setoriais, nem homens e mulheres vestidos de túnica da Cidadela movimentando-se em conversas silenciosas, nem pessoas do pequeno conselho reunidas por setoriais conversando rapidamente por sua atenção, nem servos ou jovens aprendizes carregando mercadorias e missivas.

A passagem marcava a borda da Cidadela e, por extensão, o ponto nordeste do Império Fyrian. Viajar mais longe era impossível, pois o Penhasco era monstruoso demais para qualquer um descer, e mesmo que conseguissem por algum milagre, precisariam sobreviver o Vilwood, um lugar escuro e emaranhado, livre de segurança e civilização.

Nossos passos foram abafados pelo rugido da cachoeira passando entre a parede arqueada abaixo de nós e o longo gemido do vento chicoteando o segundo conjunto de arcos acima de nós. Ingrid e Avrid estavam conversando um com o outro, suas cabeças inclinadas juntas. Eles estavam gritando para serem ouvidos, mas nenhum barulho chegou a mim. Seguimos a passarela até o outro lado do Penhasco, onde ela desaparecia por uma abertura esculpida na rocha. Estávamos mergulhados na escuridão, e meus pés pararam imediatamente, embora uma mão nas minhas costas me levasse para frente enquanto meus olhos se ajustavam. Eu sabia que era o Capitão me tocando devido a leve sacudida no meu sistema. Examinei essa sensação quando a luz suave e bruxuleante de várias lanternas começou a ser registrada no súbito choque da escuridão. Não era um sentimento de excitação, ou um lampejo de

qualquer sensação em particular. Era mais um reconhecimento.

Calder. Seu nome ecoou com o toque, queimando no fundo da minha mente.

Minha mente simplesmente... o *conhecia*.

“O Obelisco,” o menino anunciou, levando-nos pela outra extremidade do túnel e de volta para a luz do sol ofuscante.

Parei, momentaneamente cega novamente, enquanto os Sentinelas continuavam se movendo. Os Vold não vacilavam com o sol. Os Vold não vacilavam com nada. Quando meus olhos se ajustaram novamente, encontrei minha cabeça inclinada para trás e minha boca aberta. O Obelisco era uma torre de pedra escura e ondulante, um material tão raro quanto a pedra da chuva, tão insondável e afiado enquanto a pedra da chuva refletia e brilhava como cristal. Uma enorme caverna cilíndrica havia sido escavada no Penhasco, curvando-se à esquerda da plataforma abaixo de nós, outra parede de represa em arco circulando do outro lado, a gêmea menor da parede de represa da Cidadela. O próprio Obelisco estava afastado do Penhasco, mantendo sua concha rochosa à distância enquanto se projetava imponente no céu. Estava totalmente escondido do resto de Fyrio, visível apenas de Vilwood e das terras indomáveis abaixo de nós. Imaginei-me de pé tão abaixo, espiando através da saliência da floresta retorcida, através das brumas baixas que se enroscavam ao redor da base do Penhasco até a afiada torre de pedra da tempestade cortando a montanha como uma espécie de espada gigante de obsidiana. O Obelisco parecia, naquele momento, mais do que um simples lugar de aprendizado e conhecimento, um guardião da história e o guardião dos segredos de nossa grande sociedade. De onde eu estava, parecia um resquício de algum grande passado esquecido. Um artefato de uma época em que Fyrio precisava de colossais torres de vigia para assustar o resto do mundo, e mais importante, o resto do mundo *além*. O pós-mundo.

De repente, as coisas que eles disseram sobre o Penhasco Uivante fizeram sentido. Se os gritos do outro mundo carregavam o vento através das montanhas, o Obelisco era a sentinela solitária absorvendo cada grito.

Eu podia senti-lo retornando meu olhar, perfurando em mim enquanto perfurava o céu.

Nós vemos tudo.

Sabemos tudo.

Um arrepio passou por mim enquanto seguíamos o servo do Obelisco sobre a plataforma de pedra incrustada de granito até a entrada principal. Cada

centímetro da torre parecia ser feita de pedra de tempestade, desde os degraus da frente até a entrada principal. Não havia portas dentro do arco de vários metros de largura, pilares e cornijas esculpidos em histórias longas e sinuosas que pareciam seguir o padrão profundo e misterioso na pedra. A antecâmara era ampla e aberta, algumas fontes borbulhantes colocadas dentro de bacias em forma de lua, a água parecendo elétrica contra a pedra.

“Você está atrasada, *Tempest*,” uma voz anunciou, a última palavra pronunciada como um palavrão.

Uma garota apareceu. Ela tinha cabelos negros e brilhantes olhos azuis, tão afiados e chocantes quanto a cor da água nas fontes. “O Erudito espera por você.”

Ela estava falando comigo, mas eu não tinha como responder. Eu estava muito ocupada pensando no fato de que ela tinha usado meu nome Predestinado. O Tecelão estava falando com o Erudito sobre meu destino, e o Erudito havia falado com seus servos do Obelisco. Em breve, toda Fyrio conheceria a história sórdida da *Tempest* que matou sua mãe kynmaiden. Os olhos da garota se estreitaram bruscamente, seus braços cruzando sobre o peito. Suas vestes azuis Sinn se movendo contra o chão.

“Depressa,” ela finalmente disse, girando nos calcanhares. Ela parou do outro lado da antecâmara, olhando entre o Capitão e os Sentinelas que o seguiam. “Só você,” ela reiterou.

“Este é o *Capitão*.” Avrid caminhou até a garota, seu polegar apontando atrás dele.

O *Capitão*, e não o Capitão. Era um nome Predestinado, não um título. Fiz uma careta, olhando de volta para ele. Claro que era um nome Predestinado... eu não me senti compelida, mesmo na minha cabeça, a continuar chamando-o assim mesmo depois de descobrir seu nome verdadeiro? Era a maneira dos nomes Predestinados: uma vez ouvidos, tornavam-se mais fáceis de repetir do que os nomes mais poderosos e *verdadeiros*. Mentes mais fracas lutariam para mencionar esses nomes verdadeiros novamente.

“Muito bem,” a garota disse, seus olhos demorando no Cap... em *Calder*.

Subimos as escadas para o primeiro nível, que se abriu imediatamente para uma grande biblioteca tão alta quanto o próprio Obelisco. Não havia janelas e tinha uma circunferência muito menor que a torre, indicando que era apenas o núcleo do edifício. Prateleiras e mais prateleiras curvavam-se ao redor, escadas subindo para plataformas povoadas por servos do Obelisco vestidos de azul tirando livros das prateleiras ou deslizando tomos de volta no lugar das carroças

estreitas puxadas atrás deles. Cada segundo pilar das sacadas se fundia em uma lanterna de pedra da tempestade – fina como vidro, brilhando suavemente em tons de vermelho, laranja e amarelo. As centenas de lanternas lançavam toda a biblioteca em um brilho nebuloso, alimentado pela luz do sol que entrava na torre através do telhado fino e espiralado. Veios de pedra da tempestade captaram a luz, fazendo com que o ocasional lampejo de sombra cortasse o eixo principal de luz do sol.

A garota de olhos azuis olhou ao redor, examinando para cima, ao longo das prateleiras. “Ele estava no nível trinta esta manhã. Tinha bastante temperamento. Muito zangado para já ter se acalmado.” Com isso, ela disparou pelo chão, marchando através do brilhante raio de sol para o outro lado, onde várias gaiolas em longos cabos estavam na parede.

“Nível trinta,” disse ela a um jovem sentado em uma pequena cabine ao lado da gaiola.

Servir setoriais no Obelisco era um trabalho invejável para um mordomo, e ele era definitivamente um mordomo. Ele não tinha nenhuma mutação mágica, e o tecido de sua jaqueta era fino, alguns fios saindo da gola. Seu cabelo estava cortado desigualmente, sua barba áspera. Ele assentiu profundamente, mas não falou, seus olhos baixaram. A garota de olhos azuis me fez sinal para a gaiola. Calder entrou atrás de mim, Avrid e Ingrid pressionando atrás dele. A garota de olhos azuis fechou a porta da gaiola e deu um passo para trás enquanto ela gemia em movimento, nos puxando para cima.

“Na verdade, nunca estive aqui,” Avrid murmurou, olhando para baixo através das barras da jaula, a fenda em suas pupilas tornando difícil dizer exatamente para onde ele estava olhando. “Pensei que fosse menor.”

“Você pensou que a maior torre de Fyrio seria *menor*?” Ingrid gritou, lançando um olhar para mim. Irritada por ele ter iniciado uma conversa na minha frente.

“Sky Keep é a maior torre de Fyrio,” Avrid argumentou, sua mão agora segurando a porta da gaiola enquanto ele se inclinava mais para dentro dela, seus olhos se movendo rapidamente. “Todo mundo sabe disso.”

“Sky Keep não é uma *torre*,” disse Ingrid, sua voz baixando enquanto ela se movia ao lado dele. “É um *castelo*.”

“Você está com esse pessoal Sinn há menos de uma hora e já está obcecada com a semântica.” Avrid olhou para ela, sua boca se contraindo.

Eu os observei discutindo baixinho, deixando-me com apenas um momento para me preparar rapidamente para ver o Erudito antes que a gaiola gemesse até

parar e a porta estivesse sendo aberta por uma mulher que rapidamente desapareceu. Avrid e Ingrid recuaram para as laterais da gaiola, esperando que eu passasse por eles.

Certo, eles estavam aqui apenas para... por que eles estavam aqui de novo?

Com um aperto desconfortável na boca, passei por eles e fui para a varanda acarpetada. Era larga o suficiente para as prateleiras grossas que contornavam a parede, uma pessoa e um carrinho de livros. O parapeito era uma pedra da tempestade retorcida e estampada. As lâmpadas que se estendiam a cada segundo poste eram menores do que pareciam de baixo, considerando o brilho coletivo que todas elas produziam. De perto, elas eram quentes e sutis, seu brilho acolhedor. Caminhei pelas prateleiras, meus dedos roçando as escadas pelas quais passava. Elas estavam em trilhos presas às prateleiras. Uma se deslocou ao meu toque, e meus pés pararam. Minha mão estava passando pela escada, para a prateleira além dela, como se eu tivesse escorregado. Meus dedos estavam contra a lombada de um livro, as letras desbotadas mergulhando no couro gasto.

A Batalha por Ledenather.

Meu dedo traçou a última palavra, pegando os sulcos, soletrando letra por letra.

O pós-mundo.

Era uma palavra em Foryan que todos conheciam, mordomo ou setorial.

Estremecendo, eu me afastei dele e girei para descobrir que Avrid e Ingrid haviam escapado. Eles estavam vários metros atrás, ambos olhando por cima do meu ombro. Calder também estava olhando para aquele lado, embora seu olho dourado estivesse tão claro e brilhante como sempre, nenhuma tensão nas cicatrizes que cobriam seu rosto. Engoli em seco, preparando-me para o Erudito enquanto girava rapidamente em meus pés, puxando minhas mãos firmemente atrás das costas e dando um passo para longe da prateleira.

O Erudito parecia reunir escuridão ao seu redor. O brilho vermelho-dourado da lâmpada ao lado dele estava tenso, esperançosos raios de luz banhando seus ombros, tentando acariciar o forte ângulo de sua mandíbula. Todo esforço foi curto, o brilho morrendo contra sua pele. Ele usava vestes escuras novamente, abertas na frente. Suas roupas por baixo eram pretas. Um cinto pesado estava carregado com estojos de pergaminhos e bolsas de couro liso. Seus olhos eram de uma cor suave e raivosa, em algum lugar entre azul e vermelho. Um violeta profundo e antinatural. Com ele tão perto de repente, eu podia ver as marcas estranhas contra os lados nus de sua cabeça, contornando o cabelo dourado de luar no topo de sua cabeça que se enroscava em uma fina corrente preta, uma

longa trança desaparecendo em suas vestes. As marcas mal eram visíveis, da cor de sua pele.

Cicatrizes.

Esculturas.

Eu fiz um som de asfixia sem som, meus olhos voltando para os dele com horror. Ele olhou para mim e depois para o livro que eu havia tocado.

“Você sabe ler Forian, *Tempest*?” Ele cuspiu meu nome Predestinado como se fosse uma maldição. O que, claro... era.

Eu balancei minha cabeça, mesmo que fosse apenas meia verdade. Parecia a coisa mais segura a dizer.

Guarde seus segredos, minha mãe dissera uma vez, com os olhos vendo, mas sem ver, o rosto virado para a janela enquanto o vapor de seu bule se enrolava no ar. Eu podia sentir o cheiro do jasmim na minha memória, a dor dele penetrando na minha garganta. *É assim que vencemos*. Ela tinha olhado para mim sem desprezo. Sem medo ou nojo. Seus olhos cheios de segredos. *Quero dizer mulheres, Lavenia. É assim que as mulheres vencem os homens. Eles nunca sabem o que sabemos até que seja tarde demais*.

Eu não tinha certeza porque isso parecia tão importante agora, mas eu não tinha muitos conselhos para usar quando se tratava de pessoas poderosas controlando minha existência. Como mordomo, era um modo de vida que eu tinha sido criada para aceitar. Tornar-se uma criminosa parecia estar a apenas um pequeno passo disso.

“Você sabe ler?” O Erudito perguntou, erguendo-se em toda a sua altura.

Eu hesitei antes de balançar a cabeça novamente. Calder sabia que eu estava mentindo dessa vez. Eu tinha escrito para ele em Fyrian... embora mal. Olhei para ele, mas ele também deu um passo para trás, mais perto dos outros dois Sentinelas. Ele estava assistindo e ouvindo, mas fingindo que não estava.

“Inútil,” o Erudito resmungou.

Ele começou a se afastar, e eu rapidamente voltei para a prateleira, pegando o livro que eu havia tocado e enfiando na minha mochila. Quando o Erudito percebeu que eu não estava seguindo, ele se virou e capturou meu braço, me puxando de volta para a gaiola. Ele me empurrou contra a parte de trás da gaiola e então se virou, enchendo a entrada com seu tamanho. Ele estendeu a mão e bateu à porta na cara dos três Sentinelas e então gritou “Um” para o mordomo escondido.

A gaiola deu um solavanco e então começou uma descida lenta, deixando-me olhar para as costas do Erudito.

“Você usou sua magia novamente,” disse ele.

Não tinha me ocorrido até aquele momento que enquanto eu realmente tinha usado minha magia novamente... eu a tinha usado de uma forma que a magia Vold certamente não deveria ser usada. Na verdade, o que eu tinha feito deveria ser *impossível* para um Vold.

Concordei, mas ele não podia me ver, o que significava que ele não estava fazendo uma pergunta.

“Você também não comeu. E o esgotamento mágico não conta como sono. Você tomou banho pelo menos, mas espera-se que meus servos sigam horários rigorosos. Não tenho tempo para desmaios ou doenças.”

Ele se virou, e apontei para mim mesma e depois para ele e depois para o Obelisco atrás dele. Ele me encarou, sem entender meus comandos sem palavras como Calder. Mordendo o lábio, tentei de novo, beliscando meu casaco e apontando para um dos servos do Obelisco enquanto passávamos lentamente por outra sacada. Desta vez, eu tinha certeza de que o Erudito entendeu o que eu estava perguntando, mas ele ainda permaneceu em silêncio, olhando para mim. Ele parecia estar rangendo os dentes. Eventualmente, ele soltou uma respiração curta e afiada.

“Você não vai se tornar uma serva do Obelisco. Mesmo se você fosse um Sinn, isso seria uma posição de grande honra.” Ele deixou a explicação pairar no ar entre nós, um certo desdém caindo sobre mim. Vergonha e raiva inundaram-me. Eu me senti estúpida, mas estava com raiva dele por me fazer sentir assim. Puxei meu casaco novamente e dei de ombros desta vez, jogando minhas mãos para cima.

O que você quer de mim?

“Você vai me servir. Uma vez a cada cinco dias.” Seus olhos se tornaram cortantes, sua raiva queimando novamente. “Depois de seu serviço comigo, você retornará à Cidadela e servirá a Fjor. No terceiro dia você estará em Hearthenge com Helki, depois no Lago Enke com Vale, e então você irá para Edelsten para servir Vidrol em Sky Keep.”

Minha cabeça estava girando, e por mais de uma razão. Eu estava tentando encaixar os nomes que ele usou com os outros quatro mestres. Vale, eu já sabia, era o Tecelão; Fjor era o Inquisidor; e Vidrol era o Rei. Isso deixou Helki como o Mestre Guerreiro e o Erudito ainda sem nome.

E então havia o segundo ponto de confusão.

Dei um passo à frente, batendo no mostrador do relógio preso ao cinto do Erudito. Ele agarrou meu pulso, arrancando minha mão, o olhar em seu rosto

incrédulo. A gaiola desacelerou até parar no primeiro nível, e um mordomo apareceu na porta. O Erudito virou-se, fixando-o com um olhar. Ele rapidamente desapareceu, e então aqueles olhos violetas raivosos estavam batendo de volta em mim, seu aperto aumentando até um beliscão doloroso.

“Toque-me novamente... e eu removerei cada um de seus dedos, um por um.” Sua voz baixou para um sussurro, seu tom estremecendo com o perigo. Ele fechou os olhos e então me soltou, abrindo-os novamente.

Ignorei a ameaça, porque não *o toquei*. Alcancei o relógio novamente, mas não o toquei, apenas apontei para ele. Ele não respondeu minha pergunta.

“Você terá tempo suficiente para viajar entre nós,” ele retornou asperamente. “Fjor criou algo para garantir isso.”

O Inquisidor havia criado um objeto mágico para mim, mas não havia quebrado o feitiço que mantinha minha voz cativa. A percepção me deixou desconfortável. Teria custado muito menos esforço para devolver minha voz do que para criar um artefato mágico totalmente novo.

O Erudito se virou e abriu a porta com um puxão, gritando uma ordem para que eu o seguisse. Apenas alguns momentos depois, Calder, Avrid e Ingrid saíram de outra das gaiolas. Eles caminharam em nossa direção, mas eu apenas abaixei minha cabeça e segui o Erudito. Ele passou do núcleo da torre para uma passagem externa. Parecia que a camada externa do Obelisco era como qualquer outra torre, crivada de escadas e salas vazias e cheias de detritos, modeladas como o interior de pequenas torres, completas com a luz do sol atravessando pequenos buracos assassinos nas paredes de pedra escuras. Outras salas eram ricamente mobiliadas com tapetes grossos e janelas largas, com móveis dispostos em padrões cuidadosos. Eu só vislumbrei aquelas salas através de portas parcialmente abertas quando o Erudito passou por eles. Ocasionalmente, eu via servos do Obelisco se afastando de seu caminho e desaparecendo naquelas salas, as portas se fechando suavemente atrás deles. Atravessamos o primeiro nível e paramos diante de outro conjunto de gaiolas. O Erudito murmurou, “Topo,” antes de me empurrar para uma. Os outros não se aproximaram da nossa gaiola desta vez, mas o Erudito ainda bateu à porta fechada. Eles se moveram silenciosamente para a próxima gaiola, Calder me dando um olhar. Eu podia ver seu olho azul fixo no meu braço onde o Erudito me agarrou.

A gaiola começou a se mover, mas desta vez, o Erudito permaneceu em silêncio, de costas para mim como se tivesse esquecido completamente minha presença. O topo do Obelisco estava encharcado de sol e teria sido sufocante se não fossem as janelas abertas e sem vidro. Todo o último andar parecia ser uma

longa residência, curvando-se em volta da biblioteca. As paredes internas tinham linhas geométricas e formas recortadas na pedra de tempestade, algum tipo de superfície refletiva pintada nas ranhuras para que o sol que entrasse refletisse suavemente ao redor, destacando essas formas. As paredes externas tinham enormes janelas abertas sobre assentos de pedra a cada poucos metros, as aberturas cobertas por velas douradas para proteger o interior dos ventos fortes. Os móveis foram colocados com uma rigidez metódica, a maior parte feita de madeira de bordo ou pedra ou uma combinação de ambos. Não havia confortos jogados ao redor. Havia pilhas de livros organizados por cor e tamanho e um estojo de couro aberto sobre uma mesa para revelar uma variedade de canetas e lápis. O Erudito caminhou até um carrinho de livros que havia sido colocado ao lado de uma das mesas, alguns pacotes empilhados em cima.

“Você tecnicamente não é prisioneira, então você pode escolher suas roupas.” Ele bateu na lateral do carrinho. “Isso não veio de mim.”

Ele parecia estar esperando, então me aproximei e separei a fita de um dos pacotes. Era uma capa macia e esbranquiçada com um capuz profundo, os fechos em forma de pequenas espadas. Dentro da capa encontrei um pacote de couro macio e uma estranha variedade de peças blindadas. Sem saber como usar qualquer uma delas, eu rapidamente o envolvi de volta na capa e fui para o próximo pacote. Era um longo pedaço de tecido cinza-azulado com a textura de seda fina. Foi acompanhado por um cinto de corda e um xale grosso de ouro amarelo. Peguei o pacote, esperando por mais ordens.

O Erudito continuou a me encarar, o olhar de raiva desdenhosa em seu rosto se aprofundando. “Você está esperando por permissão? Troque-se.”

Agarrei o tecido no meu peito, rapidamente passando por ele para tentar encontrar um lugar seguro de seus olhos.

“Estes são meus aposentos particulares,” ele disparou, parando meus passos. “Você não pode ficar sem vigilância aqui em nenhum momento. Deixe minha vista, e eu vou puni-la por invasão.”

Olhei para ele, em parte incrédula, mas também com um ódio florescente. Calder também estava olhando para ele, mas sem descrença ou ódio. Avrid e Ingrid viraram o rosto, embora Ingrid, ao que parece, ainda estivesse tentando monitorar a situação pelo canto do olho. Calder caminhou até mim, sua boca em uma linha dura. Quando ele passou pelo Erudito, notei que a diferença de tamanho entre eles não era tão grande quanto eu pensava que fosse. Os cinco mestres *pareciam* enormes. Talvez fosse um efeito de seu grande poder. A mão de Calder pousou no meu ombro, conduzindo-me mais para dentro da residência

até que eu estivesse fora de vista do Erudito. Nenhuma palavra foi dita por nenhum deles, mas a ação parecia gritar muito.

Eles o encarregaram de me proteger e ele o faria... mesmo que fosse contra eles.

Calder ficou de costas enquanto eu me trocava, deixando-me maravilhada com as roupas em paz. Se o Erudito já não tivesse me dito que as roupas não vieram dele, eu saberia no segundo em que tirei as roupas de baixo. Macias como seda, mas reforçada por baixo com o linho desossado de um espartilho, o body composto por roupas íntimas unidas ao corpete, que era amarrado no meio das costas e sobre o peito para criar a figura perfeita. Eram as roupas íntimas de um setorial. Um setorial muito *rico*. Não havia como o grande Erudito Sinn considerar apropriado ou produtivo me vestir com roupas luxuosas.

O vestido cinza-azulado se encaixava perfeitamente no body, contrastando com a cor creme e estremecendo levemente como seda sobre seda. Era um estilo muito típico de túnica para as mulheres setoriais, solto sobre os ombros e fechado no braço por um único botão. Ele expunha o decote rendado da roupa de baixo antes de escurecer para uma cor mais profunda e se fechar na cintura, onde a saia se separava em duas longas e esvoaçantes seções de seda amarradas sobre as coxas com fio de seda. Se eu fosse uma garota setorial, teria recebido um vestido assim no meu aniversário de dezesseis anos para marcar o início de minha jornada para a feminilidade. O xale amarelo-ouro era da lã mais macia e quente, e eu o enrolei ansiosamente em volta de mim, girando suavemente.

Foi um momento pequeno e privado. Um segredo terno que eu nem tinha revelado a mim mesma. Lá estava eu, de pé no topo do mundo em uma torre de pedra afiada com o sol fluindo para enfiar dedos de fogo em meu cabelo. Eu tinha me afastado das muitas vidas do meu passado – amaldiçoada, pária, desesperada, criminosa, *assassina dos fracos* – e agora eu era apenas uma garota que sempre se perguntou como seria usar seda. Claro, alguém me *obrigou* a usá-la... mas eu não a teria colocado de outra forma.

Não olhei para Calder quando passei por ele, mas peguei as sobrancelhas levantadas e abaixadas de Avrid e Ingrid, respectivamente. O Erudito pegou outro pacote em seu carrinho e o jogou aos meus pés, seus olhos varrendo sobre mim.

“Arrume toda essa merda.” Ele apontou um dedo para os pacotes restantes. “Queime suas roupas velhas. Principalmente essas botas. Devemos torná-la desejável o suficiente para tolerar, no mínimo.”

Franzindo a testa, coloquei minhas roupas velhas no chão e peguei o novo

embrulho, desenrolando o pacote de lona de um requintado par de botas e meias de lã. Eu os vesti, meus dedos tremendo contra o couro marrom escuro. Eles se amarravam por todo o caminho até meus joelhos e imediatamente me envolveram em um calor confortável.

O Erudito afastou-se, de volta às gaiolas. Eu o ouvi gritar algo quando finalmente me virei para olhar para Calder. Ele estava olhando para mim, sua expressão perturbada. Aquelas palavras vibraram entre nós, como se tivéssemos ficado presas nelas simultaneamente.

Desejável o suficiente para tolerar.

Eu me ocupei em recolher meus itens do chão, minha testa enrugada. Era uma afirmação bastante simples, e possivelmente até compreensível se se considerasse que os cinco mestres, ou pelo menos o Erudito e um outro, não eram os cavalheiros mais gentis e, no entanto, como tantas outras coisas que haviam sido ditas tanto no meu julgamento e desde então... fui atormentada pela sensação de um significado mais profundo.

O Erudito voltou à vista, uma garota mordomo correndo atrás dele. Ela correu até mim e arrancou a trouxa de roupas velhas dos meus braços, fugindo da nossa presença o mais rápido que podia. Assim que os pacotes extras foram enfiados em minha mochila, o Erudito apontou para um dos bancos. Aproximei-me e sentei-me onde ele indicou, esperando por mais instruções.

E então esperei um pouco mais.

Ele voltou ao seu trabalho, sentado em sua mesa e fazendo anotações em um livro gigante, sua caneta rabiscando na página mais rápido do que eu já tinha visto alguém escrever. Sempre que eu mudava de posição ou virava os ombros para trás, sua testa se contraía, seus olhos se estreitando. Logo fiquei imóvel, meus olhos vagando para a janela. Depois de várias horas disso, Calder mandou Ingrid e Avrid embora, murmurando algo baixinho enquanto voltavam para as gaiolas.

Quando o sol começou a se pôr, o Erudito ergueu os olhos de seu trabalho, seus olhos violeta demorando um momento para se ajustar ao ambiente, como se não os tivesse percebido até aquele momento. Ele se levantou, caminhando até mim, uma folha de papel na mão, uma lista em uma caligrafia perfeita e nítida. Ele olhou para mim e depois consultou sua lista.

“Você vai cozinhar minhas refeições, limpar minha casa...” ele balançou o papel ao redor, indicando a residência, “Você terá permissão para comer minhas refeições comigo, e você dormirá na minha cama...”

“Você reivindicou o serviço dela para isso?” Calder interveio, seus dentes

apertados, seus olhos brilhando em desgosto. “Ela é uma liten.”

“Você leva seu papel muito a sério,” o Erudito o incitou. “Litens mais velhos são casados com bastante frequência, e ela será uma kongelig em menos de um mês. Mas não importa. Estes são puramente os elementos necessários para que a fórmula funcione.”

“Que fórmula?” Calder perguntou, minha boca formando as mesmas palavras, embora nenhum som se juntasse à sua voz raivosa.

“A menina deve estar apaixonada por mim no momento de sua cerimônia kongelig. Ela vai se casar naquele mesmo dia, nem mais cedo nem mais tarde, e eu serei a pessoa que ela...” Ele vacilou, sua garganta trabalhando, seu rosto bonito e furioso torcendo-se de desgosto mais uma vez quando a última palavra foi forçada de seus lábios. “Escolherá.”

FANTASIA



Ela vai se casar naquele mesmo dia, nem mais cedo nem mais tarde.

As palavras do Erudito me assombraram enquanto eu executava as tarefas de sua lista. Cada item era absurdamente detalhado. Fui forçada a usar um pano de limpeza diferente para cada seção e cômodo dentro de sua residência. Suas penas deveriam ser afiadas em um ângulo exato, que deveria ser medido por um instrumento em sua mesa. Seus lençóis deveriam ser dobrados em um padrão específico e trocados todos os dias. Seus travesseiros deveriam ser borrifados com uma névoa que eu precisava misturar com ingredientes encontrados no boticário. Essa era a tarefa final da minha lista, logo abaixo da exigência de que eu durma ao lado dele todas as noites.

Dizia especificamente que eu não deveria tocá-lo ou observá-lo dormir e que deveria estar vestida adequadamente e me confinar ao lado esquerdo do colchão. Eu também receberia um cobertor separado e não tinha permissão para tocar no seu.

A preparação do jantar foi igualmente estranha e pedante. Ele exigia alimentos simples, sem sabor, sem tempero ou adornos. Grãos, sementes, legumes e vegetais. Cozido ou cru. Sem carne.

Deixei sua bandeja de jantar em sua pequena mesa e coloquei a minha no chão, conforme as instruções. Calder desapareceu enquanto eu estava sentada lá com o Erudito, e sabia que ele estava indo para o mercado do pátio da Cidadela. Ele não ia sofrer com o mingau de lentilha e arroz, ele me disse isso enquanto me observava cozinhar.

Imaginei as barracas no mercado e o que estariam vendendo. Pastéis

recheados com um rico molho de carne e legumes cozidos. Pão de soda salgado. Baguetes pequenos com queijo sar assado no topo. Frutas congeladas e creme em copos de papel manteiga. Gelo picado com calda de cereja pingando dos topos foscos. Meu estômago roncou alto, e eu rapidamente enfiei outra colherada de mingau na boca. O Erudito não tinha falado comigo desde que me apresentou a lista e não parecia inclinado a falar comigo agora. Ele nem parecia perceber que eu estava lá quando se sentou ereto em sua cadeira, seus olhos na janela aberta com vista para o Vilwood. Eu havia preparado a área de jantar exatamente como ele havia instruído, uma vela colocada no centro da mesa, perfumada com hortelã suave; a cortina fechada, a janela vazia. Sua bandeja havia sido colocada no lugar correto da mesa, de frente para a janela. Seus talheres à distância correta de seu prato, um guardanapo de pano dobrado exatamente perpendicular aos seus talheres.

E ainda assim, ele não comeu.

Ele olhou fixamente, imóvel, seus olhos ligeiramente desfocados. O poder Sinn não era óbvio. Não acontecia em uma explosão de violência. Não podia ser falado na voz sinistra da premonição. Não puxava sedutoramente algo na boca do seu estômago ou sussurrava para o espírito dentro de você. Era silencioso, interno, desapegado. Eu tinha ouvido falar que os Sinn podiam construir mundos inteiros dentro de suas cabeças: mundos compostos de memórias ou previsões. Alguns deles eram treinados para trabalhar com os Sentinelas como Sinn Olheiros, onde eles poderiam percorrer todos os cenários de batalha possíveis dentro de suas mentes até que um resultado ideal fosse decidido. Eu tinha ouvido falar de Sinn que podiam andar por mundos de memória dentro de suas mentes, onde tudo que eles já tinham visto ou ouvido estava armazenado. Eu tinha ouvido falar de homens e mulheres que ficaram presos dentro de suas próprias mentes, preferindo sua imaginação poderosa ao mundo real.

Eu não os culpava.

Fechei os olhos, tentando imaginar um lugar melhor. Minha mente vagou para o pensamento de comida, novamente. Imaginei uma massa quente e doce enchendo minha palma. Um deleite que eu só tinha provado uma vez antes na minha vida. Levei uma colherada de mingau aos lábios e imaginei a explosão de frutas cozidas ao atingir minha língua, misturando-se com uma casca de massa folhada e amanteigada. Alegria correu através de mim, meu estômago apertando em antecipação.

Não havia mais colher na minha mão. Eu estava no mercado do pátio da Cidadela. Calder estava ao meu lado, seus dentes rasgando uma massa, seus

olhos desiguais fixos com uma intensidade de águia em direção aos portões de entrada. Ele parecia absorto em pensamentos, mas eventualmente olhou para o lado enquanto eu gemia na última mordida, sua atenção cortando para mim.

Ele franziu a testa. “Ele deixou você fazer uma pausa?”

“Eu...” eu comecei antes de deixar cair minha massa, meus olhos se arregalando em choque. “Eu posso falar?”

Claro que eu poderia falar. Eu estava dentro da minha própria imaginação. As botas de Calder bateram no chão quando ele se virou para mim, agarrando meu queixo.

“Você pode falar?” Ele demandou.

Minha imaginação.

Eu estava dentro da minha imaginação.

Perdi o controle da fantasia, o rosto de Calder oscilando fora de foco. Seus olhos se arregalaram em alarme, olhando ao redor como se sua visão também oscilasse. Eu caí de volta no meu corpo com um movimento duro e chocante que realmente parecia sacudir meus ossos. A colher de mingau caiu da minha mão, batendo contra a tigela. O Erudito se virou, seus olhos violeta piscando um aviso antes que ele se levantasse da cadeira, me puxando pelo braço. Seu rosto baixou, seu nariz perto da minha têmpora.

“Você usou sua magia novamente.” Sua voz estava rouca, como se ele tivesse acabado de acordar. *Ele estava me cheirando?* “O que você fez?”

Dei de ombros, o alarme vibrando através de mim. Ele se afastou, examinando minhas feições, aquela raiva fervendo um pouco mais perto da superfície de seus olhos do que eu estava confortável.

“Vá e faça o elixir do sono,” ele exigiu, me empurrando bruscamente no chão. “Leve essa bagunça com você.”

Eu não precisei que me dissesse duas vezes enquanto eu apressadamente embalei sua bandeja e a minha em um carrinho e corri para as gaiolas. Nenhuma delas estava disponível, mas o Erudito não estava mais à vista, então eu me recostei no carrinho para esperar, puxando minhas pernas trêmulas contra meu peito. Quando a gaiola chegou ao andar de cima, Calder estava nela.

“Aonde você está indo?” Ele perguntou, um olhar estranho em seus olhos.

O boticário, tentei dizer, mas minha fantasia era apenas isso. Uma fantasia. Minha voz fugiu, as palavras nunca se manifestando em som, e eu tentei manter a decepção longe do meu rosto enquanto puxava o carrinho para dentro da gaiola e mostrava a Calder a lista, apontando para a tarefa do boticário. Ele ficou quieto enquanto descíamos e pegou o carrinho de mim quando chegamos às cozinhas.

Havia um mordomo na bacia quando saímos para o pátio, onde ficava a estação de lavagem.

“Por favor, deixem aí,” ele nos disse, apontando para uma fila de carrinhos atrás dele.

Voltamos à gaiola e retornamos ao décimo terceiro nível, que era novamente diferente dos outros níveis. Entramos em uma sala de espera mal iluminada, onde um servo mais velho do Obelisco estava sentado atrás de uma mesa alta, com um livro-caixa aberto à sua frente. Ele olhou para nós por cima das páginas, seus olhos azuis desbotados fixando-se no meu cabelo por um momento antes de deslizar para a marca do Tecelão na minha bochecha esquerda e depois para o mor-svjake.

“Você é Tempest?” Seu tom era hostil, e ele falou meu nome Predestinado como se fosse veneno, como se a própria energia por trás da palavra o deixasse doente.

Eu acenei com a cabeça.

“Muito bem.” Ele anotou algo em seu livro. “Você só pode tocar o que seu mestre lhe deu permissão para tocar. Entre por esta porta.” Ele fez um gesto para a esquerda.

Eu me abaixei pela porta. Calder seguiu meus passos, fechando-a atrás dele. Antes mesmo de eu dar um passo, ele agarrou minha mão e me arrastou por várias prateleiras de caixas, engradados e garrafas. Do outro lado do boticário, as prateleiras deram lugar a uma estação de trabalho que dava para uma das únicas janelas de todo o andar. A luz da tarde fluía suavemente, tocando as almofadas desbotadas do banco sob a janela. Calder soltou minha mão quando chegou ao meio da área de trabalho, bancos altos nos envolvendo, um tapete remendado sob os pés.

“Você me puxou em sua mente,” ele acusou baixinho, seu rosto abaixado para o meu, seus olhos resolutos e nitidamente analisando. “Essa é uma habilidade Sinn que poucos Sinn podem dominar. E ontem...” Sua voz caiu ainda mais, sua cabeça virando para o lado para que as palavras mal me alcançassem, seus olhos escondidos. “Você usou uma habilidade Eloi. Eu sabia o que você estava tentando fazer... já vi um Eloi fazer isso antes. Uma vez. Então eu te dei o encantamento... e funcionou. Você extraiu algo daquele colar e o prendeu a outro objeto.”

Balancei minha cabeça. *Eu quase me matei.* Eu queria comunicar esse ponto, mas fui interrompida pela percepção de que ele estava certo. Eu tinha usado a magia Vold e a magia Sinn e a magia Eloi.

Na verdade, eu tinha usado a magia Eloí várias vezes, a primeira vez para quebrar o controle do colar sobre mim. Eu senti a habilidade novamente quando fui colocada em algemas. Eu podia ver dentro do objeto a energia que estava abaixo da superfície e entendi como dominá-lo. Eu tinha visto dentro de mim onde estava minha própria fraqueza. Senti isso, vibrando e tropeçando e falhando enquanto eu quase morri. Senti a magia de Calder quando ele me salvou.

Essas coisas intangíveis, esses sentidos impossíveis pertenciam à magia espiritual.

Eu... era um Eloí.

Um bufo silencioso e risonho percorreu meu corpo, e eu me libertei das garras de Calder, passando pelas mesas até o assento da janela, onde me sentei pesadamente. Eu não podia acreditar. Tinha que haver outra explicação. Calder me seguiu, mas ficou ao lado do assento. Embora ele estivesse me dando espaço, a intensidade de seus olhos me encheu, e me encontrei olhando para longe do dourado nítido de um olho para o azul mais nítido do outro, sem saber onde focar. Fechei os olhos, tentando nos levar de volta ao mercado, de volta ao sabor de frutas vermelhas, mas as imagens não evocaram. Bati a palma da minha mão contra o assento, frustrada, meus olhos se abrindo novamente.

“Eu acho que sei o que você é,” disse Calder, seu tom de descrença, ficando mais fraco com suas próximas palavras. “Acho que sei o *que* somos.”

Ele caiu no banco ao meu lado, mas não conseguia mais olhar para mim. Ele balançou a cabeça, deixando-a cair em suas mãos.

“Não, é impossível,” ele murmurou. “Mas eu senti isso quando toquei você. Quero dizer... eu *as* senti. As outras.”

Eu agarrei seu ombro. *Você também as ouviu?* Ele se afastou de mim, levantando a cabeça.

“Eu vi algo na primeira vez que toquei em você. Duas garotas. Vi uma delas morta e senti meu coração se partir... mas não era meu coração, não exatamente. Eu vi uma delas uma segunda vez. Eu a ouvi rir e falei com ela com uma voz que não era minha.” Ele olhou para o telhado, como se pudesse ver através de cada uma das camadas até o teto de pedra de tempestade com veias enquanto o sol moribundo sangrava. Havia uma expressão sombria e raivosa em seu rosto. Pela primeira vez, sua máscara cuidadosa escorregou, e engasguei com o que estava por baixo.

Ele era a dor e a raiva arrastadas pela memória violenta, um arranhão agudo da realidade que rangia contra mim enquanto eu testemunhava. Cada músculo

tenso de sua forma estava se retesando com relutância, suas pernas tensas, a ponto de forçá-lo a fugir. Seus dentes estavam cerrados, e quando ele abaixou a cabeça novamente, suas palavras foram forçadas entre eles.

“Eu vi uma terceira mulher, também. Não uma fantasia. Não uma visão. Uma mulher que eu conheci. Sete anos atrás.” Sua respiração estremeceu, seu torso inteiro vibrando. Eu nunca tinha visto um homem com tanta dor, como se ele estivesse escondendo uma ferida fatal todo esse tempo, mas agora o sangue escorria por suas roupas, revelando-o como o moribundo que era.

“Eu a vi no dia de sua cerimônia kongelig, no dia em que ela completou dezoito anos. Alina.” Ele se levantou, o ouro em seu olho esquerdo se intensificando de alguma forma, uma energia escura e crepitante vazando de seu corpo e rolando sobre mim com o peso sufocante de uma onda pesada, me empurrando para baixo. “O dia em que nós *dois* completamos dezoito anos.”

Os pelos dos meus braços se arrepiaram, adrenalina pulsando no meu sangue enquanto eu me levantava, dando um passo cuidadoso e medido para longe dele.

“Eu não queria acreditar,” ele fervia, medindo meu passo para trás com um passo inconsciente para frente. “Não achei que fosse possível. Mesmo quando te toquei, mesmo quando as vi, quando *a* vi. Eu não podia aceitar. Eu não posso aceitar. Não posso passar por isso de novo. Era para terminar com ela.”

Ele estava se perdendo, sua energia opressiva e quente. Eu ouvi o tambor de novo, aquele som estranho de um exército distante no topo de uma montanha distante, o gosto arenoso do solo em minha língua e o pesado sacudir da terra sob tantas montarias frenéticas sacudindo meus joelhos. O tambor se intensificou, enchendo meus ouvidos e nublando minha visão.

Desejei me acalmar, desejei que minhas sombras ficassem trancadas onde não pudessem machucar ninguém. Dei outro passo para trás, tentando lutar contra a energia de Calder. Ele estava me assustando. Fechei os olhos novamente, o desespero se transformando em poder. Eu precisava atraí-lo para minha imaginação novamente. Eu precisava da minha voz, porque a voz dele não fazia nenhum sentido.

Lutei por um detalhe que eu pudesse focar, como o sabor do bolo, mas cada palavra e conceito parecia escapar de mim, escondido atrás de uma névoa enjoativa. Talvez tenha me lembrado das brumas sobre a margem do Lago Enke, porque não havia outra razão para aquelas águas nadarem em minha memória. Eu podia sentir tudo, o ar fresco, a neblina enjoativa, o leito de seixos afundando sob meus pés. O sol havia desaparecido, lançando uma palidez acinzentada sobre

as montanhas do outro lado do lago. O frio percorreu meus braços antes de cavar em minha pele e envolver meus ossos, me congelando no lugar.

“Onde estamos?” Calder perguntou atrás de mim.

Eu me virei, a água espirrando em meus tornozelos. “Lago E...” eu comecei, antes de engolir em seco. Atrás dele, não havia nada. Apenas um céu cinza sem fim, pontilhado de estrelas tímidas e emergentes. O outro lado da margem caiu no nada, vários dos seixos se deslocando e caindo para o lado enquanto a água os movia. Não havia som deles caindo abaixo. A paisagem mudou enquanto eu olhava, a parede de pedra se construindo tijolo por tijolo, a estrada esculpindo a terra que surgiu do nada. A Sectorian Hill se curvava da estrada, alcançando o horizonte, mas as casas que normalmente pontilhavam a colina estavam faltando. Não havia carroças na estrada, nem cavaleiros passando. Não havia Skjebre à beira do lago ou crianças correndo da água para voltar para casa. Não havia nenhum sinal de vida.

“Eu... não sei,” respondi. “Em algum lugar na minha mente.”

“Belo truque.” Sua voz havia retornado ao seu tom inexpressivo habitual, embora houvesse um tom sombrio agora, seu temperamento pairando perto. “Eu me pergunto por quanto tempo você pode mantê-lo antes de entrar em colapso no mundo real.”

“Do que você estava falando lá?” Eu exigi, estimulada pelo conhecimento de que eu estava com tempo emprestado.

Ele pareceu se encolher ao som da minha voz. Ele se virou, seus olhos direcionados para o topo da Sectorian Hill antes de deslizar para o leste.

“Você se lembra do que eu disse sobre as estátuas da Cidadela?” Ele perguntou. “Os guardiões do Penhasco Uivante?”

Lembrei-me das figuras que ele mencionou, e a atmosfera começou a vibrar ao nosso redor, as pedras escorregando debaixo de nós, a água jorrando pelos buracos que se abriam no chão. As montanhas desmoronaram como castelos de areia, o céu engolindo tudo. Calder agarrou-me quando ambos começamos a escorregar para baixo, apanhados na corrida de pedras e água quando a margem se abriu. Ele me puxou contra seu peito, seus braços envolvendo todo o meu redor, uma grande mão protegendo a parte de trás da minha cabeça. Caímos e caímos, colidindo com uma barreira de água. A corrente era forte, imediatamente nos puxando rio abaixo quando Calder colocou as mãos em meus braços e me impulsionou para cima. Eu não era uma nadadora forte, mas rompi a superfície e consegui chegar até a margem, onde me agarrei a um galho de árvore. Calder emergiu um pouco mais abaixo, nadando até a margem, seus braços golpeando

com movimentos fortes e precisos através da água. Ele saiu sem sequer consultar nossos arredores, seus olhos fixos inabalavelmente em mim. Eu me puxei para fora da água, usando o galho fino da árvore para me levantar. Não estávamos mais no Lago Enke. Estávamos do lado de fora da Cidadela, no topo da colina onde os rios começavam a se fundir.

Diante de nós, imponentes e magníficas, estavam as estátuas cortadas das bordas do Penhasco Uivante.

“Você vai se esgotar,” Calder retrucou com raiva.

“Foi um erro,” atirei de volta, meus olhos nas estátuas. “Eu não tenho ideia do que aconteceu. Diga-me sobre eles.” Apontei para as estátuas.

“Fjorn e o Blodsjel,” ele suspirou, lutando para controlar suas emoções.

“Haviam três deles?” Eu me lembrei.

“Diga-me você.” Ele cortou seu olho dourado para mim quando começou a desenrolar o lenço que envolvia seus ombros, formando o capuz do Sentinela. Ele o separou da armadura que envolvia a metade inferior de seu torso e depois sentou-se na colina para torcer. Olhei para mim mesma, percebendo que meu vestido novo estava encharcado.

“O que você quer dizer?” Perguntei, movendo-me para sentar ao lado dele.

Ele tirou as luvas, jogando-as na grama, e então estendeu a mão para mim. Confusa, coloquei minha mão sobre a dele. Imediatamente, seus dedos envolveram os meus, seu aperto forte. Seu olho azul escureceu antes que ele fechasse os olhos, a cabeça pendurada.

“Quantos deles você vê?” Ele parecia derrotado.

Fui sacudida pela sensação de sua pele contra a minha, perturbada pelo sentimento que afundou em mim, como se duas peças magnéticas tivessem acabado de se encaixar, fortalecendo seu vínculo com energia complementar.

Começa conosco, uma voz ecoou, familiar e desconhecida, acompanhada por um flash de olhos verdes abertos em admiração. O choque disso me fez tentar me afastar de Calder, mas seu aperto permaneceu firme, quase machucando.

Termina conosco. Outra voz desta vez. Sombriamente familiar. Um olho pingando de ouro, o outro cheio de tristeza.

Uma onda de tontura me percorreu, e tentei me afastar novamente, mas Calder apenas pegou minha outra mão, capturando-a também.

“Você deve ver tudo agora,” ele ralhou, cortando as imagens piscando sobre meus olhos. “As memórias não ficam para sempre. Se você não as observar agora, nunca as verá.”

Vi um homem de olhos verdes, o rosto manchado de sangue e sujeira, o braço apoiado no peito, um cotoco ensanguentado onde deveria estar a mão direita.

Ein, ele gritou, e eu vi a garota no chão. Ela tinha cabelos como prata fiada, e olhos de um azul pálido, translúcido. Aqueles olhos olhavam sem ver para o céu, sangue pingando de sua boca enquanto uma sombra prateada ferida saía de seu peito, desintegrando-se ao atingir o ar, transformando-se em partículas de cinzas na brisa.

Senti a mudança no mundo quando aquela garota morreu, como se algum grande relógio em algum lugar nas profundezas da terra acabasse de registrar uma nova era de escuridão. Senti que a escuridão começou em algum lugar, subindo das profundezas do nada em particular para alcançar nosso mundo muito real.

Os olhos verdes ficaram azuis, acometidos de medo, maculados pelo desespero. Outro homem, chorando por outra mulher enquanto ela se contorcia no chão, a névoa rodopiando embaixo dela. Sua pele era translúcida. Ela parecia existir a meio caminho entre este mundo e o próximo. Algo horrível estava acontecendo com ela, algum tipo de arrebatamento de seu espírito. Um pesadelo tinha seus dentes em sua alma, e eu assisti enquanto ela morria na névoa, sua sombra prateada se transformando em redemoinhos de cinzas.

Outro choque de tontura me perturbou, mais forte que o anterior. As imagens pareciam instáveis enquanto eu me curvava, a dor atravessando meu peito.

A sensação de encharcamento voltou ao meu coração, aquele som horrível rugindo em meus ouvidos.

Baque. Baque. Baque... Pausa.

Eu quase me libertei, mas o último par de olhos me parou. Dourado e azul. Calder. Ele era mais jovem, mais próximo da minha idade. Seu rastro de ouro só pingava em seu peito.

Termina conosco, ele sussurrou enquanto eles descansavam suas cabeças juntos.

Meu Blodsjel, ela engasgou, sangue cobrindo seus lábios. *Meu irmão. Nós falhamos.*

Quando sua sombra prateada explodiu, as cinzas ficaram verdes e fumegaram horivelmente antes de queimar. O próprio ar parecia impuro. A escuridão atingiu a superfície, e sua morte parecia a última barreira contra ela. Sangrava pelas árvores como seiva, contornando pedras e tijolos como algas

peludas. Cresceu e infeccionou, e eu senti tudo ao meu redor, explodindo.

O mundo tinha uma doença.

Eu caí longe de tudo, de volta através de camada após camada. De volta no tempo e na memória. Do terceiro Fjorn ao segundo, ao primeiro, rompi minha conexão com Calder, e então a atmosfera estava caindo novamente, mais rápido e mais violento do que antes. Foi um clarão, uma guinada, e então eu estava de volta ao Obelisco. O céu escurecido com a noite.

Lutei para ficar de pé, caindo diante de uma das lixeiras do boticário, onde comecei a esvaziar violentamente o conteúdo do meu estômago. Os passos de Calder soaram atrás de mim, mas, novamente, ele me deu espaço. Eu gemi, me inclinando sobre a cesta, minha cabeça latejando contra meu braço enquanto meu estômago se revirava novamente.

O que foi tudo isso? Tentei expressar as palavras, mas minha voz foi roubada novamente. Me afastei com raiva, forçando-me a ficar de pé, onde cambaleei por um momento.

Virei-me, olhando para Calder, exigindo uma explicação com os olhos. Ele parecia distante, mas de uma maneira estranha. Parecia que ele realmente havia acionado um interruptor em seu cérebro, desligando a própria emoção. Eu me perguntei se ele tinha visto o que eu tinha visto.

“Quantos você contou?” Ele perguntou, e me lembrei de suas palavras anteriores.

Eu levantei três dedos.

Sua mandíbula apertou, mas ele assentiu. “Deveríamos ser apenas três de nós. Três chances para derrubar o Rei de Ledenather. Três Fjorn, cada um com um Blodsjel para protegê-la.”

A informação estava me sobrecarregando. As sensações e memórias não faziam sentido, não da maneira que eu pudesse provar... mas um fato finalmente se enraizou, florescendo na vanguarda da minha mente.

Calder foi o último Blodsjel.

“E então você aconteceu,” ele continuou. “A conexão está lá, entre você e eu, como estava entre Alina e eu. Você tem o poder do Fjorn. Você tem as memórias deles, como um Fjorn deveria ter. Mas... algo está errado. Você não deveria existir. Meu Fjorn era Alina. Ela morreu. Falhamos. Você deve ter seu próprio Blodsjel. Não eu.”

Ele falou a última parte, me puxando pelos braços. Não fui inundada por imagens novamente. A energia entre nós era reconfortante e calorosa, embora sua presença fosse definitivamente muito avassaladora para se sentir confortável

por perto.

Balancei minha cabeça, porque eu obviamente não tinha ideia do que ele estava falando.

“Algo deu errado, Lavenia.” Suas palavras foram perfuradas em mim pela intensidade de seus olhos. Ele estava abalado. “Isso não deveria estar acontecendo.”

Afastei-me dele, minha atenção deslizando ao redor do boticário. Tirei a lista do Erudito do bolso do vestido com dedos trêmulos, percebendo ao desdobrar o papel úmido que ainda estávamos molhados do rio.

O rio que deveria estar apenas na minha imaginação.

Coloquei a lista em um dos bancos, ancorando minhas mãos contra ele enquanto fechava os olhos e me concentrava na respiração.

Uma respiração e outra.

Concentrei-me para dentro, no ritmo do meu batimento cardíaco lutando, deixando-o me acalmar enquanto lentamente se fortaleceu para um eco fraco do que deveria ter sido.

Tentei separar os fatos de todo o resto. Eu estava sobrecarregada de memórias e sensações, abalada até os limites da minha mente com impossibilidades. Calder estava me pedindo para acreditar em uma lenda, deixando bem claro que não *queria* que eu participasse dela.

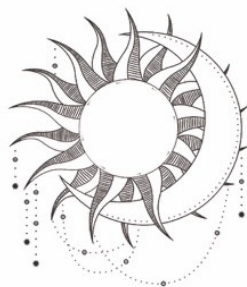
Eu tinha visto o vínculo repetido três vezes, com três mulheres e três homens. Senti a morte das mulheres, o desespero de seus três protetores. Senti o grande gemido do mundo ao passar de uma era para outra, lutando contra uma doença que se espalhava, que ficava mais forte e crescia ainda mais a cada morte.

Eu não sabia que papel eu desempenhava em tudo isso. Não sabia se eu era especial, como aquelas três garotas. Eu não sabia por que o destino de Calder estava ligado ao meu.

Só sabia de uma coisa com certeza: havia um mal neste mundo. Veio de um vazio nulo antes do tempo ou do espaço, nascido do lugar secreto onde todas as coisas se originaram. Três mulheres estavam em seu caminho, separadas por séculos. Três batalhas que elas perderam, uma após a outra, resultando em mim, um legado quebrado, a quarta em uma linhagem de três esquecidas.

Eu era o sinal de um mundo sem tempo porque a escuridão havia triunfado. E agora... estava vindo para todos nós.

BRASAS



Por algum tempo, não consegui fazer nada além de me concentrar na respiração; dentro e fora, mais e mais. Tentei organizar as informações em caixinhas arrumadas, e tentei arquivar essas caixinhas arrumadas em armários etiquetados em minha mente, como eu tinha ouvido que o Sinn podia fazer.

Mas eu estava brincando comigo mesma.

Eu não conseguia nem fazer uma pilha ou imaginar uma única lista ordenada que eu pudesse colocar naquela pilha. Eu estava muito longe de caixas e armários.

Foi Calder quem fez o elixir do Erudito, movendo-se silenciosamente ao meu redor, adepto mesmo após a turbulência emocional que eu tinha certeza que ele acabara de passar. Senti a força de sua conexão com Alina. Ele era mais que seu irmão de alma, mais que seu protetor, mais que família ou destino. Eles eram uma única respiração, e ele estava sufocando sem ela.

Ele misturou óleo de lavanda com as folhas secas da flor de *nott*, adicionando óleo de coco e despejando tudo sobre o sal preto para dissolver. Ele transferiu o óleo para um pequeno misturador, e então gentilmente me virou, colocando o pequeno tubo na palma da minha mão. Estava gelado por causa do sal negro. Agarrei-o, recostando-me no banco.

“Não é fácil com você,” ele admitiu, uma sombra caindo sobre seu rosto, aprofundando suas cicatrizes, estreitando seus olhos. “Nós não estamos presos como os outros estavam. Com Alina, era tão fácil quanto respirar. Mas com você, meu corpo recua e se rebela. Você se sente como se eu fosse o irmão de sua alma?”

Fiz uma careta, balançando a cabeça. A dele não parecia uma alma nascida ao lado da minha. Estávamos mais ligados do que isso, nossos destinos costurados de uma maneira diferente. Pressionei um punho em seu peito, e um punho em meu próprio peito. Eu os sinalizei, colocando-os lado a lado. Olhei para ele e balancei a cabeça.

Ele olhou para minhas mãos, empurrando uma delas para o lado.

Nós encaramos o único punho, e eu sabia que ele sentia isso também. Nós não estávamos separados, como os outros estavam, como ele estava com Alina. Estávamos unidos, mas não em harmonia. Onde ele e Alina davam vida um ao outro, ele e eu lutávamos pelo mesmo fôlego, sabendo o tempo todo que se um de nós parasse de respirar, o outro também pararia.

A escuridão não tinha apenas permeado o mundo, havia permeado essa coisa sagrada entre nós, a repetição de uma garota e seu protetor ao longo do tempo. Ela havia distorcido a ordem natural e envenenado o que não podia mais ser.

“Ela realmente foi a última.” As palavras de Calder eram frias, distantes. “Você é apenas... o que aconteceu quando falhamos. O resultado final. A morte do Fjorn.”

A criança está destinada à morte.

Eu o empurrei para longe, passando por ele para as gaiolas, pegando a lista do Erudito no meu caminho. Minha mochila estava no chão, e eu a joguei por cima do ombro, passando pelo homem ainda sentado em sua mesa alta na entrada, fechando a gaiola antes que Calder pudesse entrar atrás de mim.

Blodsjel, pensei, vendo sua forma sombria aparecer na porta quando comecei minha subida para os aposentos do Erudito. *Irmão da minha alma*. Quanto mais eu tentava fazer a palavra antiga significar alguma coisa, mais estranha ela parecia se tornar, até que fui forçada a varrer toda a provação da minha mente.

Eu rastejei para os aposentos do Erudito, evitando a direção da luz da lanterna e me movendo para a esquerda, nas sombras. Eu tinha limpado o chão inteiro de cima a baixo e agora estava um pouco confiante de que poderia chegar ao quarto dele no escuro. A sala estava fria, sons suaves vindos de onde o Erudito parecia estar trabalhando na sala ao lado, a luz espreitando por baixo da porta. Segui os passos de sua lista, preparando seu quarto para dormir dobrando as cobertas de sua cama, puxando as persianas sobre as janelas, apagando uma lanterna ao lado da cama e borrifando seus travesseiros com o elixir.

Separei um cobertor para mim, e então puxei os pacotes embrulhados da

minha mochila, separando-os por algo adequado para dormir. Calder apareceu quando eu estava tirando um vestido de uma pilha de roupas íntimas. Ele olhou para o material em minhas mãos e imediatamente virou as costas, cruzando as mãos na frente dele e separando as pernas, uma sentinela rígida perto da porta pela qual ele havia entrado.

Eu me troquei rapidamente, pendurando meu vestido e xale nas costas de uma cadeira para secar adequadamente, e então me sentei na cama. A lista não especificava que eu precisava esperar pelo Erudito antes de dormir, mas eu estava com muito medo dele para baixar a guarda, então me sentei assim, contemplando as costas rígidas de Calder enquanto o cheiro do elixir do Erudito se espalhava lentamente até mim.

Quando acordei de manhã, um cobertor havia sido puxado sobre mim, mas o lado da cama do Erudito estava totalmente intocado. Calder estava parado junto à porta novamente. Eu não tinha certeza se ele tinha dormido.

Eu tropecei grogue da cama, movendo-me para a porta do outro lado do quarto e abrindo-a apenas o suficiente para espiar. As lanternas foram apagadas, o Erudito em nenhum lugar para ser encontrado. Havia uma empregada empurrando um carrinho de limpeza até uma das mesas.

Fechei a porta, recostando-me contra ela. Eu tinha escapado de dormir ao lado do Erudito, mas este era apenas o primeiro dia em um ciclo interminável de servidão. Eu brevemente pensei em fugir novamente, mas mesmo quando terminei de sacudir meu sono, algumas coisas ficaram alarmantemente claras.

Eu estava tão envolvida com os detalhes no dia anterior que esqueci de fazer a conexão mais óbvia de todas. O que quer que estivesse acontecendo comigo, o que quer que eu fosse, os cinco grandes mestres *sabiam*.

O Inquisidor abriu caminho em meu núcleo, testemunhando minha energia em seu centro... mas ele mentiu para o pequeno conselho e todos que se reuniram lá. Ele disse a eles que minha lealdade era para o setor Vold, e ele fez isso com um sorriso no rosto. Eles estavam brigando por mim porque achavam que eu era um dos Fjorn... sua última chance de derrubar o Rei de Ledenather.

Eu não sabia ao certo, mas parecia desnecessário dizer que se o Fjorn derrubasse o Rei do pós-mundo, ela estaria em uma posição de imenso poder. Foi por isso que os cinco grandes mestres planejaram se casar comigo no dia em que eu atingisse a maioria. Eu era o caminho deles para um poder maior.

Minha cabeça estava nadando com a percepção enquanto eu rapidamente mudava, empacotando tudo e me aproximando de Calder. Bati em seu ombro. Ele abriu a porta sem olhar para mim, levando-nos de volta pelos aposentos do

Erudito até as gaiolas. Descemos em silêncio, e ele não falou até que passamos pelo túnel e estávamos na parede da represa em arco voltando para a Cidadela.

“Você está com o Inquisidor hoje.” Ele olhou para mim. “Tome cuidado. É impossível dizer quando a magia Eloí está em ação.”

Eu posso dizer. Balancei minha cabeça.

Ele ergueu uma sobrancelha, puxando uma cicatriz em forma de gancho à direita de sua têmpora. “Ou não?” Ele perguntou.

Sorri um pouco, mas o movimento parecia estranho. Ele olhou para mim, e percebi que tínhamos parado de andar.

“A energia Eloí de Alina não era muito forte.” Sua voz era quase inaudível sobre o som da cachoeira, forçando-me a chegar mais perto. “O poder do Fjorn diminuía cada vez que aparecia. No momento em que chegou a ela, ela era realmente mais fraca do que a maioria dos setoriais. Era como se ela tivesse uma amostra de cada setor, mas não tivesse se especializado em nenhum deles.”

Ele balançou a cabeça, se afastando de mim, andando mais rápido do que antes. Corri para alcançá-lo, imaginando como uma garota mais fraca do que a maioria dos setoriais poderia derrubar o Rei de Ledenaether, um homem tão poderoso que nem sequer era considerado um homem. Ele era uma fonte de poder. Ele era o próprio Ledenaether. Um lugar de lenda, um mundo inteiro eclipsando o nosso, cheio de escuridão ou luz ou nada ou tudo.

Chegamos à Cidadela e entramos no mercado, onde fiquei surpresa ao encontrar o Erudito cercado por vários servos do Obelisco, a conversa deles um zumbido baixo e frenético. Seus frios olhos violetas travaram em mim, e ele levantou a mão, a manga larga de seu manto deslizando para baixo para revelar um antebraço grosso e bronzeado. Ele parecia o mais longe possível do estereótipo estudioso dos Sinn. Ele estalou os dedos, e a multidão ao seu redor se dispersou rapidamente. Ele virou os dedos, me chamando para frente. Todo o comportamento de Calder mudou abruptamente, e ele deu um passo para trás, permitindo que eu passasse. Quando me virei para olhar para ele, ele estava olhando casualmente para uma das barracas do mercado, pegando um pequeno fio de ervas.

“Você está atrasada,” o Erudito retrucou antes de estender a mão, sua mão perto do meu cabelo.

Apressei-me alguns passos para trás, e seus olhos se estreitaram, sua mão caindo no meu ombro e me arrastando para frente antes de levantar para o meu cabelo novamente. Sua energia era fria, como a do Tecelão, embora onde a do Tecelão rastejasse sobre minha pele como névoa, a do Erudito era um tipo de frio

seco, como a fumaça do sal negro, que causaria uma horrível queimadura congelada se alguma vez tocasse a pele. Seus dedos mergulharam nas mechas do meu cabelo, puxando metade para cima e prendendo atrás da minha cabeça com um nó. Os fios foram arrancados do meu rosto, meu mor-svjake em plena exibição gritante. Ele sorriu, um sorriso horrível e afiado, seus olhos um brilho profundo. Ele parecia quase maníaco sob o sol ofuscante da manhã.

“Muito melhor, Tempest. Me siga.”

Ele se afastou, e eu o segui sem olhar para Calder, sabendo que ele não havia desviado sua atenção de mim por um segundo, apesar de parecer que o fez. Subimos para uma das salas da Cidadela guardadas por um grupo de Sentinelas que se afastaram ao ver o Erudito. A sala era um espaço amplo e aberto, como o nível aberto da Cidadela onde meu julgamento foi realizado, embora os lados desta sala estivessem fechados na pedra escura e irregular da montanha da qual a Cidadela havia sido esculpida. Havia duas varandas largas, cortinas de seda azul esvoaçando para dentro, vincadas com raios de sol. A sala estava vazia, exceto por fileiras de caixas de carvalho com tampo de vidro. Quase muitas para contar. Parei na primeira enquanto o Erudito caminhava à minha frente. Espiei pela tampa de vidro e fui atingida por uma onda imediata de energia que me fez cambalear para trás. A mão de Calder bateu na minha coluna, me empurrando para frente, e nós dois olhamos para o estojo. Havia vários objetos aparentemente inócuos. Um medalhão, um broche, um livro, um par de meias. A energia me atacou novamente, mas a mão de Calder me segurou, e fui capaz de resistir o suficiente para que a sensação se dividisse gradualmente em várias fontes discerníveis de magia. Elas escalaram e se agarraram um ao outro, tentando me alcançar, incitando-me a quebrar o vidro e pegar um deles, banhar-me na energia escura de um ou absorver a luz de outro, prendê-los à minha pele e murmurar palavras acima de suas superfícies.

Desbloqueá-los.

Libertá-los.

“Tempest.”

A palavra foi dita em um murmúrio suave, rompendo o feitiço que havia me capturado. Eu me afastei da caixa, percebendo que Calder já havia se afastado de mim. Eu não podia mais vê-lo, mas ele provavelmente havia desaparecido em uma de suas ranhuras rígidas na saída.

Pisquei para o peito diante do meu rosto, tentando absorver todo o homem diante de mim sem recuar. O Inquisidor usava botas com peças de armadura costuradas no couro, calças marrons grossas e uma túnica curta dividida na

frente e nas laterais, com uma camada cinza claro por baixo e uma camada mais grossa e escura por cima. Cintos e tiras abraçavam seus quadris e cruzavam sobre seu peito, prendendo uma capa cinza escura que deslizava de seus ombros, sobreposta por uma fina pele marrom. As mangas de sua túnica também eram blindadas, terminando em seus punhos embrulhados. Mais uma vez, fiquei impressionada com o fato de ele estar vestido como guerreiro e não como político. Mais especificamente, como um dos guerreiros Reken que às vezes atacavam nossas costas com drakkar¹ e bestas.

“Ela gosta de tocar em coisas que não pertencem a ela,” o Erudito explicou, chamando minha atenção para cima e por cima do ombro do Inquisidor.

De repente, o livrinho que eu havia roubado do Obelisco estava queimando um buraco na minha mochila. O Inquisidor torceu os lábios de um jeito irônico e sem humor, e eu me encontrei tocando minha garganta. Seus olhos escuros e aveludados seguiram o movimento, e apertei meus dedos, tocando um sino invisível entre nós.

“Ah,” disse ele. “Sim, eu acredito que há algo a ser feito sobre sua voz. Me siga.”

Ele e o Erudito se viraram como um só, varrendo para longe de mim, ambos parecendo grandes demais, mesmo para este espaço amplo e aberto. Nervosa, procurei Calder na porta, notando que ele estava de frente para mim.

Porque o perigo estava do lado de dentro.

Ele deixou sua estação, movendo-se em minha direção, e eu engoli, virando-me para seguir os mestres. Eles pararam em uma das caixas, o Inquisidor levantou a tampa de vidro enquanto o Erudito se recostava na caixa vizinha, uma das pernas dobrada atrás da outra, os braços cruzados sobre o peito. Seu rosto mudou imediatamente, a tensão caindo dos cantos de sua boca, a fúria drenando de seus olhos. Ele se tornou uma estátua bonita, mas fria, imóvel como pedra. Alarmada, quase me aproximei dele, mas o Inquisidor agarrou meu braço para me impedir.

“Deixe-o em paz. Ele não gosta que as pessoas o observem enquanto ele dissecar todos os seus movimentos.” Ele me posicionou diante da caixa. “Tome o sino. Eu alterei a fonte mágica o suficiente para que sua lealdade se volte para a próxima pessoa que o tocar. Você será seu novo mestre. Para desfazer o encantamento que rouba sua voz, você só precisa falar o comando. *Pratek*. Obviamente... você não pode falar, então terá que pular o encantamento. Se você conseguir.”

Eu nem hesitei. Não parei para pensar no que ele estava dizendo, minha

mão já estava alcançando o sino antes que ele terminasse sua explicação. Eu vi Calder dar um passo à frente com o canto do meu olho, seu olho azul queimando com o aviso de que nunca teve a chance de vir à tona em seus lábios. Assim que a superfície lisa de bronze roçou as pontas dos meus dedos, minha mão começou a queimar. Eu engasguei silenciosamente, tentando me afastar da caixa, mas o Inquisidor se inclinou casualmente para frente, suas mãos entalhadas contra a caixa de cada lado de mim, prendendo-me. A queimadura se transformou em uma picada horivelmente afiada, como uma pequena faca cravando na minha pele, e eu levantei minha mão trêmula diante do meu rosto, observando uma pequena marca prateada tomar forma nas costas da minha mão direita. Era o sigilo do próprio Inquisidor, um simples conjunto de balanças, com peso à esquerda. Assim que a marca foi formada, a dor desapareceu, deixando-me olhando para a minha pele, estupefata.

“Nossa transação está completa,” o Inquisidor murmurou, afastando-se de mim. “Uma dívida em troca de meus serviços.”

“Ela já está cumprindo uma dívida de vida,” o Capitão explodiu, sua energia Vold correndo pela sala como o crepitar de enxofre após uma explosão de relâmpago.

O Inquisidor apenas sorriu. “Você é apenas um espectador neste esporte, Capitão. Melhor lembrar disso.”

“Eu estou guardando a vida dela e você está mexendo com ela,” Calder retornou. “Isso faz com que seja *meu* negócio.”

“Se ela tem uma dívida de vida, como você diz, então é *nossa* vida para mexer, não é?”

Calder não respondeu por um momento, seu olho dourado fixo no Inquisidor. O Erudito observava tudo com uma expressão vazia, seus dedos se contorcendo contra os braços cruzados. Algo parecia me espiar por trás de seus olhos. Uma sombra dele retornando meu olhar. Ele parecia satisfeito.

“Ela usava a marca do Tecelão quando eu a encontrei, e então o Rei ordenou que ela recebesse outra marca. E agora você a está marcando para si mesmo.” Calder parecia estar mudando de assunto, trabalhando sua voz em um tom assustadoramente suave. “Isso é uma competição? Devo presumir que ela terá mais duas dívidas de vida assim que o Erudito e o Mestre Guerreiro conseguirem enganá-la?”

O Inquisidor sorriu aquele sorriso estranho, lento e zombeteiro. “Andel teve a chance de fazer isso ontem, mas parece que ele não soube como lidar com a garota, então não posso responder sua pergunta com nenhum grau de certeza... e

um grau razoável de certeza é sempre necessário ao responder uma pergunta, não é mesmo, Andel?

O Erudito havia retornado ao seu estado normal, seu ardente olhar violeta dirigido ao Inquisidor. “Decidi seguir um caminho diferente. Fiz os cálculos. Uma fórmula foi decidida. Eu não preciso enganá-la.”

“Então por que você está aqui?” O Inquisidor parecia encantado. “Admita, velho amigo. Você está mapeando as interações dela porque não tem ideia de como interagir com ela.”

O Erudito não ofereceu nenhuma resposta verbal, e eu não estava olhando para seu rosto enquanto a sala ficou em silêncio.

Eu estava olhando para o sino.

Era o único objeto na caixa, sentado sozinho em uma base de veludo escuro. Eu o peguei, quase esperando que a queimadura disparasse pela minha mão novamente. De repente, pude sentir todos os três pares de olhos cravados em mim enquanto me afastava da caixa, procurando a sacada mais próxima. A forte mistura de energias dentro da sala estava me deixando tonta. A magia do Erudito era áspera e invasiva, brilhando em minha alma sem que ele expelisse qualquer esforço, onde a magia do Inquisidor sussurrava sob minha pele para me invadir de uma maneira diferente. As explosões de temperamento elétrico de Calder também não estavam ajudando.

Eu respirei fundo e firme enquanto estava na varanda, a cortina esvoaçando atrás de mim, formando uma barreira frágil entre eu e eles. Olhei para o sino e senti minha energia tentar vir à tona ao meu comando. Eu podia sentir a sombra informe dentro de mim, minha magia ferida. Ela mancou, estremeceu e golpeou fracamente contra minha insistência, até que desisti antes mesmo de realmente tentar.

Isso não ia acontecer hoje.

Enfiei o sino em um dos bolsos fundos do vestido que usava antes de voltar para a sala.

“Você não teve sucesso?” O Inquisidor adivinhou, sem surpresa. Ele não esperou por uma resposta. “Ah bem. Acho que é hora de começar a trabalhar, então. Preciso que entregue estes pacotes em Breakwater Canyon. Parece que os mordomos estão adoecendo. Não demorará muito para que a doença se espalhe para os setoriais e então teremos um motim em nossas mãos.”

Ele estava embrulhando as coisas em um pacote enquanto falava, sua atenção na tarefa.

“Cubra seu rosto antes de se aproximar da casa marcada e não toque em

nada. Entregue um frasco para cada família na lista... não mais, mesmo que implorem. Você entende?”

Eu assenti.

“E mude para outra coisa. Você estará no trabalho o dia todo. Quem lhe deu esse vestido, afinal?”

“Vidrol,” respondeu o Erudito, com um leve tom de desgosto.

O Rei?

“Oh?” o Inquisidor virou-se para o outro, erguendo as sobrancelhas, os pequenos piercings de bronze brilhando. “Acha que ele vai ganhar com subornos, não é?”

Mais uma vez, o Erudito não respondeu, e eu estava começando a perceber o quão pouco ele realmente falava, comparado ao Inquisidor.

Bati a mão na caixa mais próxima, chamando a atenção de volta para mim. Ambos lançaram olhares na minha direção, irritados por terem sido interrompidos. Eu puxei meu vestido e, em seguida, gesticulei ao redor da sala, tentando manter minha paciência fora do movimento.

“O Capitão vai encontrar um lugar para você se trocar.” O Inquisidor me dispensou, terminando com seus suprimentos. Ele os carregou para mim, despejando o pacote em meus braços. Ele tirou um pedaço de papel dobrado do bolso e o colocou no meu, de alguma forma sabendo onde estavam as costuras escondidas do meu vestido.

“Eu quase me esqueci,” disse ele, seu sorriso ganhando uma borda que não estava lá antes. “Eu tenho algo para subornar você por mim mesmo.” Ele puxou outro item do bolso, um anel com uma pedra de ônix escura e aveludada. A faixa era delicada e dourada, segurando delicadamente a pedra. Era uma joia requintada, mais valiosa do que qualquer coisa que minha mãe tivesse recebido de seus clientes. Mais bonita do que qualquer coisa que um mordomo já possuía.

Ele colocou no meu dedo. O dedo médio. Na minha mão esquerda. Na posição de promessa, mostrando que uma mulher estava pra se casar.

Atrás do Inquisidor, o Erudito soltou um som agudo e raivoso.

“Isso a ajudará a viajar entre seus mestres,” explicou o Inquisidor. “Vire o dedo e dê um nome ao local. Contanto que você tenha estado lá antes, você poderá retornar.”

Olhei para o anel, reagindo com muito mais pavor ao presente do que à marca nas costas da minha mão direita. Era verdade que os Eloi podiam ligar magia a objetos, mas eu nunca tinha ouvido falar desse tipo de magia. Era

semelhante à habilidade dos Vold de se mover rapidamente através de pequenas dobras de espaço, mas em uma escala tão maior que era impossível dizer quanta magia havia sido colocada em camadas no objeto para alcançar o resultado.

Senti sua energia e recuei quando o verdadeiro poder do anel me atingiu violentamente no rosto. Este não era um objeto que eu seria capaz de quebrar. Era impossível que este objeto tivesse sido feito por um único homem, e ainda assim não consegui encontrar outra fonte de energia. Era tudo *ele*. O Inquisidor. Escuro e interminável, sussurrando e invadindo. Tinha um gosto como a picada forte de licor. Um cheiro de madeira fumegante. Revestiu minha língua e minha garganta, queimando todo o caminho dentro de mim.

Encontrei meu olhar indo até o Inquisidor, a escuridão dos meus olhos espelhada na escuridão dos dele, fogo fervendo contra o veludo trêmulo, chamas rastejantes desaparecendo em um nada sem fim. Estremeci, me afastando dele.

Eu não tinha percebido até aquele momento o quão poderosos eram os grandes mestres.

Ele me observou recuar, e eu rapidamente voltei minha atenção para Calder, procurando-o através de algum tipo de intuição desesperada. Ele deu um passo à frente enquanto eu recuava, mas ao contrário do meu progresso gaguejante, o dele era forte, seus passos confiantes. Ele me alcançou em um segundo, e percebi que algo havia mudado em sua expressão. Ele estava contendo sua energia Vold, eu sabia disso de uma maneira diferente de como eu podia sentir as outras energias. Eu sabia por que eu *o conhecia*. Estávamos em cada extremidade de uma corda. Uma corda que agora vibrava e tremia, esticada com qualquer necessidade que brilhava em seu olhar dourado, invisível para todos, menos para mim.

Blodsjel, pensei, quando ele me alcançou, quando nos viramos juntos para sair da sala. Ainda não soava bem, mas estava começando a fazer sentido para mim. Ele foi atraído para me proteger. Seu corpo inteiro estava vibrando com a tensão da coisa que nos unia, com sua necessidade de me tirar do perigo. Isso me lembrou do jeito que ele irrompeu no banheiro enquanto eu me escondi debaixo da água para gritar. Ele estava reagindo à onda de emoção dentro de mim.

Ele me levou para uma sala próxima, no mesmo nível da Cidadela que a sala de artefatos, abrindo a porta para mim antes de tirar a mochila do Inquisidor de meus braços. “Vou esperar aqui fora.”

Eu rapidamente escapei para o que acabou por ser um banheiro, onde tranquei a porta e vesti uma calça de montaria e um espartilho de couro marrom macio, puxando a capa branca com os pequenos botões da espada. Eu deveria ter

saído então, mas foi meu primeiro momento de verdade sozinha naquele dia. Olhei para a porta trancada, meu cérebro sobrecarregado com pensamentos. Sem perceber, eu estava me despindo novamente. Tirei um saco de pano do fundo da mochila, por baixo das roupas oferecidas pelo rei. Dentro havia uma escova de dentes, uma escova de cabelo e o sabonete kalovka embrulhado da minha mãe. Lavei-me na bacia, onde a água morna era bombeada direto pela torneira, um luxo setorial, e depois passei algum tempo me fazendo sentir limpa novamente. Com cada nó desembaraçado pela minha escova de cabelo, meus pensamentos se afrouxaram, se encaixando ao longo de uma linha do tempo áspera criada pela minha mente calma. Tudo se resumia a um simples fato: Eu precisava de informações.

Para obter informações, eu precisava da minha voz de volta.

Eu permitiria que minha energia se curasse durante o dia e, à noite, encontraria um lugar privado para tentar o encantamento silencioso.

Eu estava enfiando tudo de volta na mochila quando o livrinho marrom caiu, a lombada se abrindo no mármore frio, as páginas se abrindo para me mostrar...

Eu mesma.

Fiquei boquiaberta com o esboço, caindo de joelhos ao lado do livro, meus dedos traçando os cachos rebeldes do meu cabelo, o brilho escuro dos meus olhos, queimando até mesmo através da tinta e da página.

O Fjorn Final foi escrito na página da esquerda em uma bela caligrafia cursiva, cercada por padrões de trepadeiras e espinhos. Com minha mão tremendo, virei a página, olhando para a inscrição antes de examinar a imagem.

Estava em branco, a moldura enrolada em torno do nada.

Virei-me para a ilustração. Mostrava uma rua de paralelepípedos familiar com as colinas de Hearthenge ao fundo. A estrada serpenteava em direção ao próprio henge, um círculo de pedra áspera em blocos altos, abraçando o que já foi a torre de vigia real, mas agora era o epicentro cultural de nossa civilização. O mercado do Capitólio circundava o henge, barracas projetando-se da base da pedra, com postes perfurados na rocha sustentando velas coloridas. As kynhouses ficavam dentro da torre, junto com as câmaras legais, bancos e os escritórios do capitólio dos pequenos membros do conselho que preferiam residir no Capitólio. A imagem não mostrava a emoção de visitar Hearthenge ou a agitação da atividade sempre associada ao mercado do Capitólio.

As barracas estavam vazias, mercadorias abandonadas, frutas apodrecendo em caixotes.

As ruas de paralelepípedos estavam cheias de corpos.

Cavalos com bocas espumantes e olhos vermelhos puxavam carroças, cheias até transbordar de corpos da torre.

Velas negras tremeluziam das janelas.

A grande árvore tilrive, a única remanescente de sua espécie, soltava folhas de ouro rosa queimado sobre a cena, uma podridão horrível se espalhando de um nó em seu tronco.

A imagem estava impregnada de doença e morte. *A escuridão*. Eu podia senti-la na página, assim como havia sentido nas memórias do Fjorn anterior. A doença que fertilizava o solo do nosso mundo estava ali, nesta imagem. Não estava mais envenenando as coisas. Estava levando as coisas embora. Ela havia tirado meu Blodsjel, deixando a natureza para costurar uma substituição de peças sobressalentes. Calder.

E logo começaria a tirar vidas.

O movimento para a esquerda chamou minha atenção, e eu assisti em estado de choque a tinta escorrer lentamente na página, rastejando para fora do centro da moldura e se curvando em letras elegantes.

A Escuridão.

Alimentada pelo medo e pela adrenalina, fui para a próxima página, mas estava vazia. Apenas páginas em branco permaneceram até o final do livro. Voltei para a minha imagem e depois voltei ainda mais, através de esboços dos três Fjorn anteriores intercalados com cenas de escuridão e morte. Quanto mais para trás eu ia, mais eu via nossa sociedade mudar.

Me encontrei presa em uma das primeiras páginas, olhando para a imagem de um homem com uma íris esquerda multicolorida, roxos, verdes, azuis e dourados conflitantes. Sua íris direita era marrom.

A Primeira Mutação lia-se a inscrição, e percebi com uma sensação horrível e desanimadora que a Escuridão existia há muito mais tempo do que eu imaginava. Ela havia infectado a magia dos setoriais centenas de anos atrás, as mutações eram um efeito colateral da Escuridão infectando sua energia. Quanto mais eles usavam sua magia, mais fundo a doença cavava. Eu avancei novamente, abrindo em outra página aleatória.

A Esterilização, lia-se a inscrição. Mostrava uma página inteira de mulheres, estendidas até as bordas da página, cada uma delas de pé diante de um caixão do tamanho de uma criança, cada uma delas coberta de preto.

Com dedos trêmulos, fechei o livro, virando-o para olhar a capa.

A Batalha por Ledenaether estava estampada em letras pretas desbotadas.

Pela primeira vez, encontrei-me realmente aceitando tudo o que Calder havia me dito. Eu *era* um Fjorn. Eu fazia *parte* dessa história. Eu tinha um papel a desempenhar, uma batalha a vencer, assim como os outros três... mas Calder estava certo sobre outra coisa também. Eu poderia ter sido um dos Fjorn, mas não era como eles. Eu era a consequência, o resultado, o acúmulo de fracassos. Começou com eles e terminou com eles. Eles falharam em manter a Escuridão afastada, e agora estava livre neste mundo e uma nova batalha havia começado.

Haveria apenas um Fjorn nesta nova batalha.

A batalha final.

A batalha por Ledenæther.

ESCURIDÃO



Não me demorei ou parei para pensar mais. Havia uma parte do meu cérebro movida a ação que estava entrando em movimento, assumindo o controle enquanto o resto de mim se enrolava em si mesmo, sobrecarregado por tudo. Saí, empurrando o livro para Calder. Observei enquanto ele virava as páginas sem um pinga de emoção, seu olho azul afiado percorrendo as inscrições e imagens. Quando ele terminou, congelou, seus olhos na página final, suas sobrancelhas franzidas, sua mandíbula apertada, um pequeno músculo tiquetaqueando no topo de seu pescoço.

“Este é o livro do Obelisco.” Suas palavras foram forçadas a sair.

Eu assenti.

“A magia do Fjorn quer que você entenda. É por isso que vemos as memórias dos outros quando nos tocamos pelas primeiras vezes. A energia Fjorn é como uma criança. Inocente e ansiosa. É pura e orientada a propósitos, e quer vencer. Você deve ouvi-la.”

Nós dois olhamos para a página que mostrava a Escuridão, e me perguntei se ele havia feito a conexão entre esta página e todas as outras do livro. Se ele percebesse que a batalha contra a Escuridão estava perdida e uma nova batalha havia começado.

“Este é o futuro.” Ele parou quando um par de setoriais passou, suas cabeças enterradas atrás de um mapa enorme. “Isso significa que podemos mudar isso?”

Toquei a página, sentindo sua energia elegante sob as pontas dos dedos. Parecia... adequado, formal, experiente. Como a opinião de um bibliotecário

rígido e bem-informado.

Fiz uma careta, balançando a cabeça ligeiramente. Não parecia um futuro maleável, mas talvez eu estivesse apenas sentindo a energia inflexível dentro do livro. Com uma carranca, fechei o livro e o enfiei de volta na minha mochila. Imediatamente, me senti mais leve, como se a Escuridão tivesse conseguido me alcançar desde a própria descrição de si mesma no livro. Calder não parecia exatamente aliviado, mas uma pequena quantidade de tensão pareceu deixar seus ombros rígidos.

“O remédio,” ele disse de repente. “Se as pessoas estão adoecendo... esse futuro já está aqui.”

O que significava que precisávamos distribuir o remédio o mais rápido possível. Se não ia funcionar contra a Escuridão, precisávamos saber para que pudéssemos tentar outra coisa. Eu não tinha exatamente aceitado o fato de que o mundo estava doente... mas isso não significava que eu não deveria fazer o que podia.

Se estivéssemos errados, nenhum mal seria feito.

Estendi minha mão para Calder, meu dedo anelar levantado.

Ele franziu a testa para o anel. “Você pode sentir como essa coisa funciona?”

Estremeci em resposta. Minha energia estava ferida; não estava disposta a se aventurar a explorar mais. Apontei para ele e fiz um símbolo de boca com a mão. Ele precisava comandar o anel. Eu não tinha voz.

Ele gemeu. “Você não apenas *experimenta* objetos mágicos, Lavenia.”

Cruzei meus braços, uma carranca torcendo minha boca.

Ele inclinou a cabeça para mim, sua expressão se contorcendo em aborrecimento. “Poderíamos andar até lá como pessoas normais.”

Eu me aproximei dele, ligando nossos braços. Ele endureceu, e eu poderia dizer que ele estava contendo uma vontade de se afastar de mim. Eu não conseguia ligar meu braço até o fim, nossa diferença de tamanho era muito grande. Seu braço era maior do que eu percebi. Envolvi meus dedos ao redor dele, e parecia que até mesmo seus músculos estavam descontentes com a minha proximidade, pois eles tremeram levemente. Agarrei sua mão esquerda, puxando-a para onde minha mão o segurava, colocando um de seus dedos contra a pedra do anel. Juntos, nós o empurramos, girando-o uma vez ao redor do meu dedo.

“Breakwater Canyon,” disse ele, raiva e desconforto montando seu tom.

A passarela de mármore começou a estremecer e, de repente, estava se

dissolvendo sob nossos pés, a pedra se desfazendo em areia. Calder me agarrou quando caímos, caindo no chão em uma cascata de areia. Eu podia sentir o mundo tentando nos separar, uma força estranha me puxando para longe dele, mas ele segurou firme e nós pousamos com um estrondo chocante contra o chão sólido. Eu caí para longe dele, a dor subindo pelo meu tornozelo. O céu estava brilhante acima de mim, o cheiro de grama contra meu cabelo. Rolei para o lado com um gemido, tentando recuperar o fôlego enquanto procurava Calder. Ele já estava de pé, já ao meu lado, já me puxando para cima. Ele não parecia nem um pouco ferido.

“É como a sua magia,” ele disse baixinho, nós dois virando em direção aos portões para Breakwater Canyon. “A maneira como você nos puxou pelo espaço... é a mesma coisa.”

Ele estava certo... mas isso era impossível. A habilidade de construir lugares na mente era uma habilidade de Sinn, e o Inquisidor era um Eloi. As energias da mente e do espírito eram muito diferentes. Mas havia *algo* real sobre o que eu tinha feito com Calder. Nossos corpos reais foram encharcados na água da minha imaginação, o que também era impossível.

Informação, pensei, frustrada. Eu preciso de informações.

Nós nos aventuramos em Breakwater Canyon, e eu puxei meu cabelo no nó do Erudito, colocando a fita no meu pulso acima do meu bracelete de pedra da chuva. Eu mexi com os fios, tentando arruma-los no meu rosto para esconder minhas marcas. Meu cabelo era uma cascata pesada e encaracolada, e sua cor vermelho-dourada geralmente chamava a atenção, mas desta vez era diferente. As pessoas olhavam abertamente e falavam de mim em voz alta, como se Calder estivesse me exibindo em seu benefício.

“É ela, a Tempest.”

“Veja como os mestres a vestiram.”

“Você pode ver o mor-svjake?”

“Como ela ousa mostrar o rosto?”

“*Ele não estará guardando você para sempre.*” O sussurro grave escorreu pelo meu pescoço quando entramos em um dos túneis do cânion.

Eu me virei, mas ninguém olhou nos meus olhos, e era difícil dizer quem tinha feito a ameaça. Eles estavam se afastando e sussurrando entre si ou virando as costas e correndo. Os setoriais da Cidadela e os servos do Obelisco pareciam não conhecer minha história tão bem quanto os mordomos. Talvez as notícias não tivessem chegado tão longe ainda, ou talvez eles fossem melhores em esconder suas fofocas e desprezos. Também era possível que eles simplesmente

não se importassem. Os setoriais não eram indefesos contra ataques mágicos, e a magia estava envolvida na maioria de seus negócios... criminosos ou não. Um crime de magia simplesmente pode não ter sido tão surpreendente para eles quanto foi para os mordomos.

“Cubra seu rosto.” Calder parou, e me movi para ficar ao lado dele, olhando para a porta marcada à nossa frente. Era a primeira casa da minha lista.

A marca era um quadrado preto, os quatro lados cortados grossos e raivosos contra a porta em tinta preta oleosa. Um calafrio percorreu minhas costas, minhas mãos formigando. Reposicionei meu xale, envolvendo a metade inferior do meu rosto. Observei Calder erguer o capuz de Sentinela, o bico da águia dourada caindo sobre sua testa, a armadura em forma de pena ondulando em seus ombros. Ele prendeu uma parte de seu capuz na parte inferior do rosto e deu um passo à minha frente, sua postura protetora enquanto batia três vezes.

Quase parecia que ninguém estava em casa, nenhum som vindo de dentro. As pessoas estavam começando a se aglomerar na estreita passagem atrás de nós, bloqueando a maior parte da luz do fim do túnel. Apertei os olhos, meus olhos tentando se ajustar quando uma pontada aguda de dor cortou meu lado esquerdo, vibrando ao longo da minha barriga. Bati a mão na minha cintura, distraída quando a porta finalmente se abriu e um rosto envelhecido apareceu, um leve toque de luz de vela piscando atrás dela, iluminando os fios crespos de seu cabelo grisalho.

Ela olhou para Calder sem falar, os olhos arregalados, a boca enrugada ligeiramente aberta, e então ela pareceu me encontrar ali atrás dele, e aqueles olhos brilharam de medo e ódio.

Por que o Inquisidor me enviaria, de todas as pessoas, aqui para fazer isso?

“Remédio,” disse Calder, entregando-lhe um dos frascos. “Do Inquisidor.”

Ela o agarrou e bateu à porta com mais força do que parecia que sua fragilidade deveria ser capaz. Eu abaixei meu queixo, me atrapalhando para pegar a lista do meu bolso enquanto segurava minha mão esquerda contra a dor agora pulsante na minha lateral. Eu rapidamente mapeei uma rota em minha mente e parti para a próxima casa, Calder logo atrás de mim.

A próxima casa tinha outro quadrado preto oleoso, e só de olhar para a pintura minha pele se arrepiou. Evitei tocá-la quando bati na porta e dei um passo para trás quando ela se abriu. A mulher na abertura era uma que eu reconheci. Seu cabelo era lustroso e escuro, seus olhos de um castanho comovente. Sua barriga inchada sob sua mão, um xale amarelo colorido jogado

sobre seu braço.

Um braço coberto de feridas vermelhas e negras.

Ela agarrava um lenço na mão, o pano manchado de sangue.

“Lavenia?” Ela perguntou. “Lavenia Lihl?”

Ela estava sem tom, mas eu podia ver a variedade de emoções esvoaçando através de seus olhos injetados de sangue. Elas não eram mais tão cheios de alma, eu percebi. Ela ficou chocada, depois desesperada, e depois zangada.

Minha mãe tinha sido sua melhor amiga.

Assenti, pegando o frasco da mão de Calder e estendendo para ela. Ela olhou para ele, e a voz de Calder retumbou contra o lado da minha cabeça. *Ele se aproximou?*

“Remédio,” ele explicou novamente.

Hildi cambaleou para mim, seu xale esvoaçando no chão, raiva queimando em seus olhos, sua outra mão enrolando ainda mais protetoramente em torno de seu estômago. Eu pulei para longe, e seus dedos pegaram o frasco, batendo-o na porta. Ela pulou para trás quando ele se despedaçou, o conteúdo espirrando, espesso e escuro, como uma mancha para corroer a madeira, rastejando nas rachaduras para ser absorvido. Calder me empurrou para o lado, estendendo a mão para bater à porta fechada antes que Hildi pudesse me alcançar novamente. Ela empurrou a porta e então lutou contra ele, mas Calder apoiou um pouco de seu peso nela, e ela permaneceu fechada.

Olhei para a madeira, meus olhos se estreitando, meus sentidos esbofeteados. Os pelos ao longo dos meus braços se arrepiaram, um formigamento coçando na parte de trás do meu pescoço. A saliva se acumulou na minha boca e meu batimento cardíaco triplicou. Toquei o braço de Calder, atraindo seus olhos para os meus. Ele leu o horror ali e agarrou meus braços, me examinando como se eu pudesse ter brotado feridas vermelho-escuras. Eu balancei minha cabeça, colocando minha mão a um centímetro da porta de Hildi, meus dedos tremendo tanto que eu tive que fechá-los em um punho e abri-los novamente.

A Escuridão.

Está aqui.

Estava penetrando na madeira da porta, pesada e escura com o cheiro de cataplasma podre. Ela estava encharcando lentamente, e eu quase podia senti-la vazando para o outro lado.

O remédio estava infectado.

Arranquei o pacote do aperto de Calder, desenterrando outro dos frascos e

retirando a tampa. Era enjoativo e doce, como cravos cozidos no mel. Rico e inocente, revigorado com uma energia leve e mágica.

Não infectado.

Caí de joelhos, arrancando-os um de cada vez, verificando cada um deles.

“Tem algo de errado com eles?” Calder perguntou, olhando para a porta fechada enquanto eu devolvia o pacote. Tudo estava quieto por dentro.

Balancei a cabeça, apontando para o quadrado preto oleoso na porta. Sua mandíbula tiquetaqueou. Ele se moveu para bater na porta, mas eu pulei, minhas unhas cravando em sua pele, puxando-o para longe.

Não toque.

Ele olhou para baixo, tirando minha mão esquerda de seu braço. Uma marca de mão sangrenta permaneceu. Eu olho para o meu lado, onde a dor ainda pulsava, e ele seguiu meu olhar. O sangue escorria pela lateral do meu vestido, brotando de um único ponto. A lateral do meu vestido estava aberta, o body da moda setorial visível. Não consegui ver nenhum rasgo ou abertura, mas uma inspeção mais detalhada revelou um buraco muito pequeno e muito preciso no tecido.

Um buraco que levava a um furo muito pequeno e muito específico.

Calder agarrou minha mão, me puxando para longe dos olhos atentos que ainda nos observavam das extremidades do corredor. Ele me puxou por uma rota familiar até que estávamos mais uma vez do lado de fora da porta da minha casa. Vários operários estavam lá dentro, sem porta visível, materiais espalhados ao redor. Com um comando de Calder, eles se dispersaram, deixando para trás sua estação de trabalho na cozinha. Calder apoiou uma porta recém-construída sobre a abertura, sentando-me em uma das cadeiras dos operários. A mobília da minha mãe tinha sido esvaziada. Nenhum sinal de nossas vidas permaneceu.

Calder extraiu um pequeno estojo de tecido de uma das bolsas de couro presas ao cinto, e puxei o material do meu body enquanto ele esvaziava o estojo. Alarguei o buraco, examinando a pele ao redor do ferimento.

“Deixe-me ver.” Calder afastou minhas mãos, agachando-se ao meu lado, suas mãos queimando contra minha pele. “É pequeno, mas profundo. Você tem sorte que não pegou nenhum dos órgãos, apenas magia pode curar feridas internas.”

Estendi a mão para a próxima cadeira, onde uma caneta descansava contra um cordão de medição. Coloquei a ponta acolchoada contra o braço de Calder. Ele parou de se mover, permitindo-me rabiscar uma palavra.

Como?

“Como a magia pode curar?” Ele adivinhou, seu olho dourado tão quente quanto seu toque, me deixando um pouco desconfortável.

Eu acenei com a cabeça. Um gesto rápido e rígido.

Ele puxou o capuz para longe da boca, e me vi capaz de contar as cicatrizes individuais em seu rosto, a sarda em seu lábio superior, o azul mais escuro e tempestuoso ao redor da borda de sua íris direita. “A magia Vold é inteiramente física.” Sua voz profunda sacudiu minha atenção de volta para suas palavras. “Algumas pessoas parecem pensar que, nos tempos antigos, poderia curar tão facilmente quanto poderia matar. Se isso é verdade ou não, você ocasionalmente encontra um Vold que pode alterar o corpo físico de pequenas maneiras. A maioria dos mordomos não os conhece. Eles são muito raros. Há rumores de que o Mestre Guerreiro é um deles.”

Agarrei a caneta com força, a raiva ondulando através de mim. Claro que os setoriais não gostariam de compartilhar algo tão valioso com os mordomos.

Calder cortou meia polegada de fita de sutura, pressionando-a sobre o furo. Ele não se incomodou comigo, e eu estava grata quando ele se levantou e puxou a porta para longe da abertura, guardando sua pequena maleta.

“Ande na minha frente,” ele exigiu. “Essas pessoas estão com raiva por sua mãe. Elas querem puni-la por isso, e elas vão aproveitar qualquer chance que puderem.”

Afastei o vulcão de emoção que ameaçava borbulhar ao pensar em minha mãe e saí na frente dele. Em vez de ir para a terceira casa, voltei para a segunda. Eu podia sentir a Escuridão assim que entrei na passarela. Tinha um fedor nauseante de mofo, e enrolei meu xale no rosto pela segunda vez. Calder não conseguia sentir, mas ele fez o mesmo que eu.

A porta havia mudado completamente, não era mais uma madeira pálida e desgastada, surrada pelo vento cortante no fim do túnel. Estava enegrecida, deformada, com musgo escuro de azeitona abrindo as tábuas para revelar feridas verdes abertas. Eu podia espiar dentro da casa através de algumas daquelas feridas, vislumbrando o interior através do crescimento felpudo e contorcido.

Foi assim que eu a vi. A mulher no chão. Seus olhos castanhos cheios de alma com bordas vermelhas, seu xale azul brilhante emaranhado em um braço, o outro curvado protetoramente ao redor de seu estômago. As feridas vermelhas enegrecidas se espalharam por todo o seu corpo, ampliando-se para feridas pútridas, corroendo sua carne, deixando-a enegrecida e deformada como a porta da frente.

Eu não parei para pensar nas consequências quando o horror me impeliu

pela porta, meu xale protegendo meu braço enquanto eu afastava a madeira lascada. Pulei sobre as lascas caídas no chão, correndo para o lado de Hildi. Ela não estava respirando.

Com um soluço de pânico, olhei de volta para a porta. Calder havia coberto o braço como o meu e estava tentando empurrar a madeira o suficiente para passar, mas era um processo lento para alguém do tamanho dele.

“Não toque nela, Lavenia,” ele retrucou. Ele estava frustrado por estar separado de mim, eu podia ver isso em seu rosto, podia sentir isso na energia nervosa e crepitante que varreu a sala. “Não se atreva, porra.”

Olhei ao redor da pequena sala de estar, agarrando uma almofada de linho enfiada nas costas de uma poltrona desbotada. Rasguei a capa e coloquei no meu colo, pronta para envolver minhas mãos, se necessário. Calder finalmente conseguiu entrar na casa, jogando sua capa na pia da cozinha. Eu rapidamente tirei meu xale, percebendo que a Escuridão poderia ter se agarrado ao material. Joguei-o em cima do manto de Calder. Ele tinha um dos frascos do Inquisidor na mão, mas estava olhando para Hildi, percebendo a mesma coisa que eu.

Ela já estava morta.

Enfiei minhas mãos na capa da almofada, rasgando a frente de seu vestido, revelando sua barriga inchada. Estava coberta de manchas vermelho-escuras, mas ainda não eram feridas ou erupções. Larguei a tampa e tirei o frasco de Calder, usando a tampa anexada para colocar um pouco do líquido espesso nas palmas das mãos. Esfreguei-as juntas, colocando-as contra seu estômago. Calder fez um movimento para me impedir, mas eu lhe dei um olhar de soslaio.

Isso é minha culpa, meus olhos gritaram, fúria dançando com o medo.

Eu tinha sido rotulada de mor-svjake, uma assassina dos fracos. Hildi era uma kynmaiden. Ela estava *grávida*. E eu trouxe o frasco infectado para a porta dela. Eu tinha me afastado tempo suficiente para matá-la. Não importava que Hildi já estivesse perdida, que eu provavelmente não sobreviveria a um segundo julgamento por matar outra kynmaiden. Eu não iria, não *poderia*, permitir que outra vida escapasse de mim. Isso era tudo o que importava.

Fechi meus olhos, tendo que forçar minhas mãos no lugar enquanto uma energia viscosa e horrível fazia cócegas na minha pele. Usei minha magia adormecida, empurrando-a para além da sugestão de Escuridão, passando pela pele de Hildi, passando pelas células moribundas e pela sensação sufocante de decomposição. Eu não sabia como alcançar o bebê, ou se era mesmo possível senti-lo, mas eu empurrei e empurrei até que algo finalmente, hesitantemente, empurrou de volta.

Uma cócega de terror, um pequeno martelar de tambor.

Uma coisa viva e pulsante.

Uma criança *Vold*.

Eu me afastei, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, enquanto eu corria para a bacia, bombeando água pela torneira para esfregar a sensação oleosa das minhas mãos.

Puxei a caneta do meu bolso, meus dedos molhados escorregando enquanto eu me virava, quase esbarrando em Calder. Ele puxou o braço para cima, algo faiscando nas profundezas afiadas de seu olho azul.

Bebê, eu rabisquei, minha mão tremendo, água escorrendo na tinta. *Vivo. Depressa.*

Ele se afastou antes mesmo de eu terminar de escrever, a ponta da pena se arrastando em seu braço. Ele correu para a porta, e eu o ouvi ordenando que as pessoas ficassem longe dela. Eu não tinha percebido antes, mas havia uma reunião de mordomos amontoados do lado de fora da residência de Hildi, muito mais do que no corredor antes. Eles se afastaram da porta apodrecida, olhando-a com confusão e terror.

“A Tempest nos trouxe a praga.” Não foi um único sussurro. Foi repetido, de uma boca para a outra, o pânico aumentando a cada nova expressão.

Eu os ignorei, me agachando ao lado de Hildi novamente, meus olhos em sua barriga enquanto as manchas pretas cresciam. Elas incharam lentamente, tentando contornar o remédio espesso das minhas mãos. Eu deixei cair um pouco mais em sua pele, meu batimento cardíaco martelando.

Quando Calder voltou, ele estava segurando um cachecol puído, outro enrolado no rosto. Ele o deixou cair no meu colo, e eu o usei para cobrir meu próprio rosto, um pouco da horrível viscosidade do ar perdendo seu terrível controle sobre mim. Um curandeiro seguiu Calder para a sala, afastando-se da madeira que agora apodrecia em uma pilha contra o chão. Dois mordomos o seguiram, carregando sacolas, malas e cestas de suprimentos.

“Você tem certeza que ainda está vivo?” O curandeiro grunhiu, seus astutos olhos cinzas em mim.

Não havia ódio ou medo ali, apenas urgência concentrada. Eu rapidamente assenti, e ele se virou, começando a gritar instruções para os meninos. Calder pegou minha capa de almofada descartada, usando-a para proteger suas mãos enquanto juntava pedaços de madeira podre, levando-os para a pia da cozinha e jogando-os em cima de nossas roupas. Quando ele terminou, ele segurou a capa da almofada sobre a bacia, murmurando uma palavra baixinho.

“Braen.”

A capa da almofada começou a fumer e depois a queimar. As chamas lambeiram sua mão, e ele deixou cair o quadrado de tecido em chamas na bacia, onde se espalhou para a madeira. O curandeiro virou-se brevemente, enquanto os meninos eram mantidos em cativeiro pelo crepitar do fogo. Pela primeira vez desde que aprendi seu nome verdadeiro, eu estava vendo o *Capitão* novamente. Um guerreiro Vold, feroz e severo, seu poder ardente e elétrico se transformando em chama real bem diante de nossos olhos.

Nuvens de fumaça vermelho-escura começaram a se formar na bacia. Calder rapidamente agarrou a chaleira de estanho de Hildi, usando-a para quebrar a janela de vidro sobre a bacia. A fumaça escapou pela janela, e o curandeiro começou a ordenar que os meninos voltassem às suas tarefas.

Dois Sentinelas de manto dourado entraram na sala, fazendo um balanço da cena antes de enfrentar Calder. Eu os reconheci imediatamente.

“Capitão,” Ingrid cumprimentou. “Nós recebemos sua mensagem.”

Ela estava com Avrid novamente, o homem com as pupilas divididas. Ele estava envolvendo a metade inferior de seu rosto em seu capuz.

“Cuide dessa bagunça,” disse Calder. “O corpo deve ser queimado. Você não pode fazer contato com a pele dela. Isole todos com a doença e bloqueie o acesso aos corredores fora de suas casas. Mova os saudáveis para os níveis mais altos. Existem casas vazias nos níveis mais baixos que podem ser atribuídas aos infectados?”

“Deve haver,” Ingrid retornou. “Nós iremos até Hearthenge e faremos os preparativos.”

“Faça hoje. Retire os batedores; mande uma mensagem para trazer os navios para casa. Vamos precisar de toda a nossa força aqui.”

“O que é isso? Uma praga?” Avrid perguntou, seus olhos nas mãos enluvadas do curandeiro e a lâmina queimando na chama de uma lanterna.

Ele ia tirar o bebê.

“Pior que uma praga,” disse o curandeiro, seu tom sugerindo surpresa. “Está vivo. Cresce. Não para até consumir qualquer objeto que tenha infectado.” Ele acenou com a mão enluvada atrás dele, e eu vi uma estranha marca em seu braço, desenhada em prata, como as marcas no meu rosto, mostrava uma pequena linha de aranhas curvando-se ao redor de seu antebraço. “Essa porta. Essa mulher.” Ele chamou minha atenção de volta para seu rosto. “Depois de ter tomado a totalidade de uma coisa, parece contente em existir e não crescer mais, mas se for separado de seu hospedeiro, atacará tudo o que entrar em contato.”

Isso explicava como ele estava contido no frasco, mas assim que o conteúdo do frasco se estilhaçou contra a porta, ele começou a se espalhar novamente. Também não tinha se espalhado para além da porta ou de Hildi para o chão em que ela estava deitada.

“Como isso aconteceu?” Ingrid perguntou, apontando para a mulher, uma pitada de tristeza em seus olhos quando o curandeiro começou o processo confuso de cortar o estômago de Hildi. “Os outros só desenvolveram uma erupção cutânea. Os mordomos estão espalhando rumores de que foi *ela*. Tempest.” Ela nem olhou para mim enquanto falava, sua atenção presa em Calder.

“Ela estava entregando remédios por ordem do Inquisidor. Um dos frascos estava infectado,” Calder respondeu com naturalidade, mas sua boca estava torcida em desagrado. “Eu testemunhei tudo. Ela não será questionada.”

Ele começou a sair da sala, mas Ingrid agarrou seu braço, seu rosto inclinado para trás para encarar o dele. Minha pele se arrepiou, mas a sensação não fazia sentido.

“Precisamos de você, Capitão,” Ingrid insistiu humildemente. “Sem você em Hearthenge, Malthe assumirá o controle das guarnições. Ele é obcecado pelas escaramuças de Reken; ele não vai se importar com nada disso.”

“Estarei lá esta noite.” Calder extraiu seu braço, olhando para mim enquanto saía de casa.

Fomos às outras casas em silêncio, entregando o restante dos frascos. A última casa recebeu apenas metade de um frasco, já que eu havia usado a outra metade em Hildi, mas nenhum deles disse nada de qualquer maneira. Todos eles me conheceram à primeira vista, e a presença de um Sentinela às minhas costas não parecia ajudar a aliviar o medo deles. Cada um deles pegou o frasco oferecido, aceitou a explicação de Calder e estavam fechando suas portas antes mesmo que tivéssemos a chance de recuar, suas fechaduras se encaixando.

Na saída do cânion, paramos na casa de Hildi. Calder caminhou logo atrás de mim enquanto nos espremiávamos no meio da multidão do lado de fora de sua porta. Avrid estava guardando a abertura, mas ele deu um passo para o lado para nós entrarmos. Um olhar para o que restava de Hildi fez a bile correr para o fundo da minha garganta, e tive que prender a respiração para não vomitar. Os dois garotos estavam enrolando o que restava do corpo dela no tapete que haviam puxado de debaixo da poltrona. Eles provavelmente iriam queimá-lo. O curandeiro estava de costas para nós, mas eu não precisava ver o pacote em seus braços para saber que eles tinham conseguido. Os berros do bebê encheram o

pequeno espaço, estridentes e ruidosos.

“Um menino,” ele disse, quando nos viu. “Saudável, exceto por sua mutação mágica. Nunca vi uma tão grande tão cedo.”

Ele estendeu a criança, marcada por uma cor roxa manchada que se espalhava por metade de seu corpo, da linha do cabelo aos dedos dos pés. Fiquei boquiaberta, estendendo a mão para tocá-lo. O curandeiro hesitou por um momento antes de se aproximar, permitindo que minha mão envolvesse um dos pezinhos do bebê. Ele já tinha sido limpo, sua pele quente e enrugada. Fechei os olhos, sentindo ao redor sua energia novamente. Ela empurrou de volta contra a minha com o fraco tamborilar de dedinhos se espalhando por um tambor de guerra, pura, alegre e corajosa.

Eu me afastei, cheia de admiração.

“A doença está dentro dele?” O curandeiro perguntou.

Eu balancei minha cabeça. Ele me encarou, não exatamente esperando, mas avaliando. Calder deu um passo atrás de mim, uma de suas mãos pousando pesadamente no meu ombro. O curandeiro olhou para cima brevemente, sem medo do enorme Sentinela, antes de voltar sua atenção para mim. Ele passou o bebê para um mordomo feminino vestida com as sedas de um servo da kynhouse antes de passar a mão por sua barba curta e branca, sua atenção nunca se desviando de mim.

“Minha esposa disse que você estaria aqui,” ele murmurou baixinho. “Você é um menino... embora eu não ache que isso conte como um menino.” Ele apontou um dedo para Calder, que zombou, o som vibrando nas minhas costas.

Extraí minha caneta antes de puxar a mão de Calder. Ele a soltou do meu ombro, permitindo que ela ficasse pendurada na minha frente. Eu só conseguia alcançar o interior de seu pulso, então escrevi minha pergunta lá.

“Como sua esposa sabia que isso aconteceria?” Calder perguntou, depois de olhar para a única palavra que eu tinha rabiscado.

Como.

“Eu sugiro que você pergunte a ela,” respondeu o curandeiro, ainda falando comigo.

Ele passou por mim, chamando os meninos, que haviam passado o corpo de Hildi para alguns operários. Olhei para Calder quando eles saíram da casa, os meninos parecendo desamparados e exaustos.

Ele procurou minha expressão, e o vi avaliar os perigos de seguir o homem de volta para sua casa. Eu não estava exatamente esperando por sua permissão, eu já tinha cinco mestres e não estava disposta a aceitar outro de boa vontade,

mas estava começando a aceitar que ele era necessário para mim.

Eu o temia, mas confiava nele.

Eu não o entendia, mas precisava dele.

Me movi para o lado dele, minha caneta contra seu antebraço, a tinta cavando em sua pele enquanto eu rabiscava quatro palavras poderosas.

Nós dois somos Vold.

Ele me viu escrever as palavras, sua testa franzida, uma expressão estranha passando por seu rosto como uma sombra pesada. Quando ele encontrou meus olhos novamente, havia confusão nadando em seu olho azul e calor girando em seu olho dourado.

“Você não entende.” As palavras foram sussurradas, seu corpo se contorcendo para bloquear a atividade além da porta. “Você é apenas uma garota.” Ele balançou a cabeça, afastando-se de mim, engolindo o resto de suas palavras. “Você quer segui-lo? Vá. Antes que você o perca.”

ARANHA



Eu sabia que Calder estava me seguindo, mas não conseguia sentir seu calor nas minhas costas, e quando o curandeiro desapareceu em uma das casas, os dois garotos o seguiram, eu parei. Calder estava vários passos atrás de mim, seus olhos examinando as pessoas por quem passava, sua mão esfregando preguiçosamente contra as palavras que eu havia escrito em seu antebraço. Ele parou quando nossos olhos se encontraram, empurrando as mãos contra os lados enquanto cruzava os braços, parando na minha frente, sua carranca pesada e desaprovadora.

“Isso pode ser uma armadilha.”

Pode ser. Olhei para ele, esperando, até que finalmente ele suspirou, chegando ao meu redor para bater na porta. Nós nos encaramos até que a porta se abriu, e eu me virei. Um dos garotos de antes estava ali parado, esfregando um pano úmido na nuca. Ele tinha cabelos finos cor de areia e olhos cinzentos frios.

“É ela,” ele disse por cima do ombro. “Ela chegou.”

“Afastese,” uma mulher murmurou suavemente, indo até a porta e empurrando-a totalmente aberta. Ela mal olhou para nós antes de acenar para nós. “Vão em frente, vocês dois.”

Entramos, apenas o suficiente para ela fechar a porta atrás de nós, depois do que ela se arrastou de volta para uma mesa enfiada em uma cozinha pequena e quadrada, prateleiras cortadas na parede de pedra do desfiladeiro.

“Sente-se,” ela ordenou. “Não se importe com eles.”

O curandeiro e seus filhos estavam vasculhando seus suprimentos em uma

sala de estar desordenada, com um gato laranja enrolado na frente da pequena lareira empoeirada, observando seu progresso. Caminhei até a cozinha, o segundo filho olhando para mim com indiferença enquanto eu passava. A mulher tinha cabelos louro-prateados, penteados impecavelmente para trás. Seus olhos eram de um castanho-amarelado pálido. Pisquei, inclinando a cabeça para o lado antes de me lembrar das minhas maneiras e rapidamente me sentar.

Isso era uma mutação mágica?

Mordomos não tinham permissão para se unir com setoriais no casamento... e ainda assim ali estavam eles. Isso explicava os filhos, suponho. Não havia como um mordomo ser capaz de sustentar *duas* crianças, e meninos. A mulher devia ser fértil, e só as mulheres setoriais férteis torciam o nariz para a vida de uma kynmaiden.

As perguntas estavam praticamente explodindo de mim, mas eu não tinha como expressá-las. Calder não se sentou a princípio, mas entrou na cozinha e olhou ao redor, examinando tudo o que podia tocar antes de afundar no assento ao meu lado, sua mão pousando no meu colo, a palma virada para cima. Eu não precisava de mais convite, e comecei a rabiscar minha primeira pergunta.

“Quem é você?” Ele perguntou à mulher, olhando para as palavras e juntando as perguntas apropriadas do meu Fyrian quebrado. “Você é setorial? Como você sabia que ela estaria aqui hoje? Você sabia o que aconteceria?”

A mulher inclinou a cabeça para mim, seus olhos passando rapidamente para Calder. “Você não tem a idade dela,” ela disse a ele, ignorando minhas perguntas. “Não é possível que você e ela estejam ligados.”

Meus rabiscos pararam, e nós dois olhamos para ela, aflitos.

“Eu estou ciente,” ele finalmente respondeu, seu tom cuidadosamente neutro.

“Você esteve ligado antes,” ela disse, pegando seu outro braço.

Ele o afastou dela. “Eu estive.”

Ela sorriu, e eu fui atingida mais uma vez, meus olhos rastejando sobre seu rosto com admiração. Sua energia estava lá, suavemente atravessando o ar, girando uma teia ao nosso redor, brilhante e prateada. Quanto mais eu me concentrava nela, mais clara ficava. Era da cor manchada de seus olhos, como grãos em arenito. Estava nas linhas graciosas de seu rosto e no longo arco de seu sorriso.

O misterioso e gracioso poder do destino.

A mulher era uma Skjebre.

Empurrei minha cabeça de volta para o curandeiro e seus filhos, e então

olhei para ela novamente. Ela riu, lendo algo no meu rosto.

“Há dez anos, o curandeiro veio fazer um acordo comigo,” disse ela. “Ele queria saber o destino de sua esposa, impossivelmente grávida de não um filho, mas dois. Eu contei a ele seu destino, e esse foi o meu preço.” Ela descansou o cotovelo na mesa, a mão apontando para a cozinha puída.

Coloquei a caneta no braço de Calder, mas na primeira letra ele já sabia o que eu queria perguntar.

“Por que você trocaria por isso?”

“Para estar perto de você, criança.” Ela sorriu, me observando, e eu senti a teia ao nosso redor se contraindo.

“Por que,” Calder grunhiu, minha caneta tremendo contra sua pele. “O que em Ledenather está acontecendo aqui?”

“Meu nome é Ylode,” disse ela. “Mas você pode me conhecer como...”

“A Aranha,” Calder terminou, seu braço de alguma forma ficando rígido sob minha mão.

A Aranha desapareceu há sete anos. Eu me lembrei, porque foi o dia em que meu poder Vold explodiu no pátio da escola. Houve uma tempestade naquela noite, Breakwater Canyon caindo em um silêncio assustador e trepidante. Minha mãe estava de bom humor, permitindo que eu ficasse até tarde com ela. Era meu aniversário, e ela estava aliviada por estar um ano mais perto de se livrar de mim. De manhã, eles disseram que a Aranha se foi, suas teias chicoteadas ao vento, seu poder tomado pela tempestade.

Olhei em seus olhos castanho-amarelados, aquela sensação de teia engrossando na minha garganta, engasgando com as palavras que eu não conseguia pronunciar. Apontei a caneta para mim mesma, e seus lábios se abriram em um sorriso que não era realmente um sorriso, mas mais uma mostra de dentes. Eu quase esperava ver saliva pingando deles, o brilho em seus olhos encharcados de antecipação.

“Isso mesmo,” disse ela. “Tem tudo a ver com você, criança. Eu girei seu destino naquele dia. Tirei uma premonição das profundezas do Lago Enke. O peixe havia mordiscado a vevebre quase inteiro, embora tivesse sido lançado apenas na noite anterior. O fio estava escorregadio de limo e corroído pelo sal de um mar que nunca conhecera. O futuro decaiu em minhas mãos, sussurrando para mim de uma garota com olhos rasos e escuros, queimando com o fogo do pós-mundo. Uma garota com uma tempestade em seus calcanhares, seu destino lançado ao oceano e um poder primordial encolhido dentro de seu coração. Uma garota nadando na morte, nascida da virada de uma era, do limite da escuridão

para a própria escuridão. Uma garota que é a primeira e última de sua espécie. Sussurrou para mim sobre você.” Ela se inclinou para frente, seus olhos brilhando mais. “Eu sabia o que você era... só não sabia como isso era possível. Existem apenas três Fjorn. Isso é conhecido. Três Fjorn para nos proteger contra o fim do mundo.” Suas mãos se contraíram, como se quisessem me alcançar, mas então pararam, sabendo que Calder a impediria de me tocar. “Diga-me, criança. Começou? O fim do mundo?”

Eu rabisquei algo em Calder, que segurou meus olhos enquanto respondia. “Achamos que sim.” Ele se virou para a Aranha. “Então a vevebre lhe contou sobre ela, e você veio aqui, procurando um lar onde pudesse estar perto dela? Onde você poderia vigiá-la?”

Em vez de responder imediatamente, a Aranha se levantou, andando pela casa, colocando um bule de chá de lata na grade acima da lareira antes de voltar, com a bandeja na mão. Ela colocou xícaras e um prato de barro rachado com exatamente três biscoitos de gengibre. Ela se sentou novamente, seus olhos misteriosos vagando até o curandeiro e seus filhos, que agora estavam falando em voz baixa, suas malas guardadas e organizadas. Eles não pareciam se importar com a nossa conversa.

“Na minha vida, nunca tirei uma previsão dessas das águas. Eu fiei o destino de muitos homens e mulheres.” Ela olhou para o curandeiro, e eu o vi erguer os olhos de sua conversa murmurada pela primeira vez.

“Eu vi o nascimento,” disse a Aranha, segurando seu olhar. “Eu vi a morte. Eu vi o que todo Skjebre espera ver... aqueles vislumbres horríveis e maravilhosos do futuro.”

Por um breve momento, o curandeiro pareceu pesaroso, e um de seus filhos colocou a mão em seu joelho fino.

“Mas então eu senti uma mudança no mundo.” A Aranha se virou. “Todos aqueles momentos horríveis e maravilhosos desapareceram de mim, e apenas um destino permaneceu. O destino que tirei das águas naquele dia, sete anos atrás. Tentei puxar outro, mas também falava de você. Tentei a manhã toda, mas cada fio cantava sobre a Escuridão e uma garota, unidas, rastejando para o mundo. A vevebre me disse que você estaria aqui no dia em que as marcas fossem pintadas nas portas, no dia em que os mordomos fossem atingidos pela peste. Ele me contou sobre sua morte de uma centena de maneiras diferentes. Falou de você várias vezes e se recusou a falar de qualquer outra coisa.”

Ela se levantou para pegar a chaleira da lareira, curvando-se para pegar algo enfiado embaixo de um livro na mesa ao lado do curandeiro. Ela o enfiou

no xale, voltando para nós com a chaleira. Calder estava quieto, uma cautela lenta se instalando em suas feições. Ele estava se mexendo em seu assento, seus olhos correndo ao longo da Aranha, rastejando ao redor dela, tentando encontrar algum sinal de perigo.

“Por que você não se aproximou dela antes de agora?” Ele perguntou.

“A vevebre era clara.” Os olhos da Aranha brilharam para Calder. Ela parou entre a cadeira dele e a minha, tentando se inclinar sobre nós para servir o chá. O bule balançou em seu aperto. “Você vai ajudar, Capitão?”

Ele pegou a chaleira dela, e sua postura curvada de repente mudou, o xale escorregando de seus ombros, um flash de prata se lançando à vista quando ela saltou para mim. Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo: a chaleira estalou contra a mesa, água fervente espirrando pela beirada; O braço de Calder voou em direção ao meu rosto, e o calor do sangue espirrou em minha bochecha. A Aranha foi jogada para trás, Calder saltando de sua cadeira. Ele puxou uma adaga de seu braço, jogando-a na mesa, seu olho dourado queimando na Aranha, que caiu para trás no chão.

“Você acha que ela roubou seu poder,” ele murmurou, seguindo-a, a violência vibrando dele em pulsos de energia. Senti um pulsar dentro do meu coração que lentamente desceu em um crescendo de tambores selvagens e estrondosos. Não era exatamente como o ritmo que eu tinha me acostumado a sentir, e levei um momento para perceber que era *a* magia dele, não minha. Atingiu cada um de nós, o curandeiro reuniu seus filhos e conduziu-os em direção à porta. Ele não parecia chocado, mas o medo estava lentamente rastejando em seus olhos cinzas.

“Você não deveria estar aqui,” a Aranha sibilou para Calder. “Você não é dela. Você não deveria estar preso.”

“Você acha que ela roubou seu poder, não é?” Ele repetiu, dando mais um passo à frente. O sangue escorria livremente de seu braço, e o tamborilar exigente da magia que engrossava no ar fez meus dentes baterem. Eu me levantei, minhas reações lentas, uma mão no meu pescoço.

Ela esperou todo esse tempo apenas para cortar minha garganta no momento certo?

“Eu vi o que aquela garota vai fazer,” a Aranha cuspiu, olhando com medo ao redor, como se tentasse descobrir de onde vinham os sons da batalha. Havia sons distantes juntando-se aos tambores. Gritos, choros, berros... ecos estranhos e fantasmagóricos da morte, de um campo de batalha além de uma crista, escondido de nossa visão, mas perto o suficiente para transbordar em nosso

espaço a qualquer momento.

“Ela é a doença que invade este mundo.” A Aranha apontou para mim acusadoramente, embora seus olhos permanecessem em Calder. “Capitão,” ela implorou. “Devemos matá-la agora, antes que ela atinja a maioria e seu poder fique muito forte. Veja o que ela já pode fazer. Veja as vidas que ela tirou, a doença que ela espalhou.”

“Você não é tão poderosa quanto pensa, Aranha.” Calder se agachou, e a magia opressiva no ar se reuniu ao seu redor, enfiando-se na carranca que vincava sua boca, rastejando ao longo de seus ombros largos. “Há algo que aprendi com Alina. Algo que ambos aprendemos enquanto tentávamos navegar em sua estranha magia. Você consegue adivinhar o que pode ser?”

Ele estendeu a mão enquanto falava, o movimento tão rápido que eu realmente não vi isso acontecendo. Ele não a segurou, e então o fez, seus pulsos segurados em uma de suas mãos. Ela parecia estar lutando contra ele, mas parecia tão útil como se seus dedos tivessem um núcleo de aço inflexível. Ele tirou um conjunto de algemas de seu bolso em outro momento relâmpago, e em um piscar de olhos, a Aranha foi contida, marcas roxas já florescendo em sua pele de onde ela lutou contra ele. Ele a soltou com um lampejo de desgosto, de pé sobre ela.

“Você não quer adivinhar?” Ele estava quase sussurrando, seu tom calmo com um perigo sinistro. “O que aprendi foi que a magia não se mostrará a você a menos que você entenda sua essência, seu núcleo. Para matar, você deve *querer* matar. Para ver a morte, você deve *entender* a morte. Alina descobriria habilidades que ela não entendia e elas continuariam acontecendo, repetidamente, sem seu controle... porque a magia *precisa* ser compreendida. Essa garota...” seu dedo pontudo piscou em minha direção... “não *quebrou* seu poder. Seu poder lhe mostrou a mesma coisa repetidamente porque você estava falhando em *entendê-la*.”

“Você está errado, seu idiota estúpido.” O tom da Aranha era fraco, seu olhar distante. “Eu a vi, desenhando na escuridão. Puxando a doença em seu coração. Eu a vi. Coberta de sangue e gritando...”

Dei um passo à frente, e ela parou de repente, encontrando meus olhos. A voz do Tecelão ecoou na minha cabeça enquanto aqueles olhos amarelos nadavam diante de mim.

Banhada em sangue e gritando.

Fiz uma careta, o resto de sua premonição nadando de volta em minha memória tão facilmente como se tivesse sido armazenada lá o tempo todo, em

perfeitas condições, esperando para ser chamada.

Nascida pela tempestade e derrotada pela tempestade, tenha cuidado com as forças do caos que a trouxeram a este mundo, pois elas a veriam sair da mesma maneira. Banhada em sangue e gritando. Olhe para as águas profundas para o seu destino, pois sua alma não é sua.

Eu tropecei para o lado da Aranha, afastando Calder enquanto ele tentava se colocar entre nós. Ajoelhei-me diante dela, apontando para a marca do Tecelão em meu rosto.

“O que ela quer?” A Aranha perguntou.

“Ela quer que você tente novamente.” Calder não parecia feliz com isso. “Ela quer ouvir seu destino.”

“Você quer fazer um acordo, Tempest?” Ela ergueu os pulsos acorrentados. “Eu lhe darei a premonição, a primeira vevebre que tirei do lago naquele dia, se você me soltar e esquecer que me viu.”

“Sem chance,” rosnou Calder, enquanto eu assenti.

“Não,” ele repetiu.

Eu pulei para meus pés, minhas mãos deslizando em seu cinto, tentando encontrar as chaves para suas algemas. Ele agarrou meu pulso, me puxando para longe e, em seguida, rapidamente mudando seu aperto para o meu ombro, mantendo-me no comprimento do braço. Ele abaixou a cabeça, sua expressão zangada. “Não. Os Predestinados não devem ser enganados.”

Os Predestinados, como pessoas com nomes Predestinados. Ele. Eu. Ela.

“Ela pode não estar lutando,” ele sussurrou. “Mas isso não a torna impotente. *Pense* em quem você vai libertar: uma mulher que esperou sete anos em silêncio, escondendo-se na miséria apenas para cortar sua garganta quando sentiu que era a hora certa. Não se engane, ela quer acabar com você e não vai desistir só porque paramos sua tentativa de assassinato.”

Agarrei seu braço enquanto ele ainda me segurava longe de seu corpo, virando minha caneta para rabiscar uma pergunta raivosa, que ele olhou.

“Eu pretendo mandá-la para Hearthenge,” ele respondeu. “Para as celas trancadas no porão da torre, onde prendemos os criminosos que aguardam julgamento.”

Eu não me incomodei em escrever uma resposta, apenas virei minha caneta para o outro lado e apontei para o meu rosto, para o *mor-svjake*. A Aranha tinha imunidade total. Ela poderia fazer o que quisesse comigo, ou *tentar* fazer o que quisesse comigo, completamente sem repercussão.

Ele não tinha nada para acusá-la.

Ele olhou para mim, choque visivelmente escurecendo em seus olhos, e eu arqueei uma sobrancelha para ele, inclinando minha cabeça em questão.

Você realmente esqueceu?

Sua carranca se aprofundou, e ele soltou algo do cinto, jogando para mim. Peguei as chaves, ajoelhando-me ao lado da Aranha. Enquanto eu afastava as algemas, ela agarrou meu braço, abrindo a boca para revelar dentes brancos demais para pertencer a um mordomo, afiados demais para pertencer a uma velha.

“Prometa-me,” ela engasgou, suas unhas cavando, puxando sangue para a superfície da minha pele. “Você vai me soltar e esquecer que me viu.”

Eu assenti, e aquele sorriso branco horrível se alargou, estendendo-se morbidamente para os lados de seu rosto, seus olhos amarelos se estreitando em fendas quando meu braço começou a queimar. Eu a soltei, suas unhas rasgando minha pele. Os pequenos furos de sangue deslizaram de volta para os cortes que ela havia feito, contorcendo-se sob minha pele para tomar formas como estrelas, deslizando em espiral ao longo do meu antebraço. As pontas de cada estrela se estreitaram e se alongaram até formar um rastro de pequenas aranhas. Eu tinha visto as mesmas marcas no curandeiro, mas não tinha ligado os pontos, até agora.

Eu estava olhando para a marca da Aranha.

“Eu acredito que temos um acordo,” ela cantarolou.

Voltei para o lado dela, compelida por uma energia inquietante dentro de mim. Eu destranquei suas algemas e fui imediatamente puxada para trás, Calder tomando meu lugar. Ele tinha uma adaga curta na mão, a lâmina e o cabo de metal escuro, a ponta da lâmina torta e irregular, sussurrando com uma energia sombria e raivosa.

“Vá em frente, Aranha.” Sua voz estava calma, mas eu podia ouvir a magia do Vold trovejando por trás dela. “Onde está escondida?”

Seu largo sorriso ainda estava no lugar, sua mão firme enquanto apontava para a lareira. Aproximei-me, agachando-me e Tateando ao redor em busca de pedras soltas. Minha mãe havia escondido qualquer dinheiro extra no mesmo lugar. Encontrei uma que oscilou um pouco e trabalhei até se soltar, caindo em minhas mãos. Eu a deixei cair, alcançando dentro da seção oca da parede. Havia uma caixa dentro; pedra de chuva translúcida e polida, valiosa demais para ser escondida dentro das paredes da casa de um mordomo. Voltei para a mesa da cozinha, os olhos da Aranha acompanhando cada movimento meu com interesse amarelado. A tampa com veias tinha uma trava de prata sólida, que eu virei,

sustentando a tampa aberta.

A marca no meu braço coçava, uma sensação horrível de cócegas rastejando dentro de mim. Era a magia da Aranha, estendendo-se da vevebre. O poste de madeira era um pedaço torto e polido de pinho, a vevebre enrolada firmemente em torno dele. A linha estava desgastada, molhada de lodo apesar de sua carcaça seca. Um musgo verde escuro se espalhou do fio até o poste, escurecendo partes da madeira com apodrecimento.

“Traga-o para mim, e eu lerei seu destino,” disse a Aranha.

Estendi a mão e a porta da casa se abriu. O curandeiro entrou, seus filhos atrás dele. Cada um deles segurava tábuas curtas de madeira – lenha, ao que parecia – lançada diante deles, armas para afastar algum tipo de mal. O curandeiro lançou seu olhar ao redor, e quando me viu perto da mesa, minha mão na caixa, ele começou a avançar.

“Não!” Ele gritou, enquanto eu tentava pegar a vevebre.

Assim que meus dedos envolveram o poste, a ponta do fio caiu, desenrolando-se do poste quando um eco sinistro da voz da Aranha encheu a sala.

Você escolheu seu destino, Tempest.

Olhei para baixo com horror, a percepção se instalando com um peso doentio em meu estômago.

A voz continuou, ponderada pelos ecos de outras vozes, todos sussurros do mesmo som, todas reverberações do destino.

Para um mundo repetido três vezes, haverá três campeões. Se três vezes falharem, o mal será libertado e uma tempestade final agitará o vento. A tempestade cairá nas águas, os mundos se perderão na escuridão, seu coração falhando no punho de um rei.

A voz horrível desapareceu, deixando um som ainda pior: a risada aguda e frenética da Aranha. Enfiei a vevebre de volta na caixa enquanto o curandeiro dava um passo cambaleante para frente, sua expressão pintada de horror.

“Não,” ele repetiu, mais fraco, sua voz tremendo. “O destino nunca foi verdadeiro; você tinha que *escolher*. Você não tem ideia do que começou!”

“Estúpido!” A Aranha gargalhou, mas ela não estava apontando para mim, ela estava apontando para o curandeiro. “Você prometeu não interromper. Você quase estragou tudo!”

“Eu mudei de ideia. Eu não podia deixar você fazer isso.”

“Você está muito atrasado,” ela rosnou de volta.

“Afasto-se,” disse o curandeiro para Calder. “Ela é nossa.”

Calder ainda estava segurando a faca no pescoço da Aranha, mas seus olhos estavam na caixa debaixo do meu braço.

“Matá-la não vai te livrar de um acordo, se você fez um com ela,” ele disse ao curandeiro. “Se você foi contra sua promessa, sabe o que vai acontecer.”

“Eu não vou cair sem ela,” o curandeiro cuspiu de volta, seu braço começando a tremer.

A mão de Calder também tremia, mas com fúria. Eu poderia dizer que ele estava lutando para se controlar novamente. Sua energia ardente e urgente estava começando a trovejar ao redor da sala.

“Por favor,” implorou o curandeiro quando seus braços começaram a ter espasmos.

Dei um passo em direção a ele em alarme, mas um de seus filhos apareceu de repente ao meu lado, com a mão no meu braço, a cabeça balançando. Havia tristeza em seus olhos.

Calder se afastou da Aranha, plantando o pé no centro das costas dela, empurrando-a na direção do curandeiro. Seus olhos estavam apertados em fúria, sua boca torcida em desgosto. Ele se aproximou de mim, agarrando minha cabeça e puxando-a contra seu peito enquanto o curandeiro corria para a Aranha. Ouvi uma *pancada forte* e um osso sendo esmagado. A Aranha gemeu e riu, tudo no mesmo tom febril, e Calder me segurou no lugar enquanto eu lutava, ouvindo os sons das risadas e os grunhidos do curandeiro. Levei muito tempo para perceber que a Aranha não soava mais como se estivesse com dor... mas o curandeiro sim.

Quando o filho ao meu lado começou a soluçar, eu sabia que algo estava errado, mas o aperto de Calder era de ferro, minha visão completamente protegida. As batidas ficaram mais fracas, os sons mais úmidos. A risada persistiu, mesmo quando o resto da sala caiu em silêncio.

Senti uma briga ao meu lado e percebi que um filho começou a correr, mas o outro agora o estava segurando. Eu podia ouvi-los murmurando um para o outro.

“Nós o avisamos, Asper. Você não pode tocá-la.”

“Me deixe ir!”

“Ela é muito poderosa.”

“Saia de cima de mim, Aran.”

Calder me soltou, e nós dois agarramos o menino ao mesmo tempo, lutando para mantê-lo para trás. Ele acidentalmente me acertou na lateral do rosto com sua tábua de madeira, mas então Calder deu um passo atrás dele e agarrou seus

dois braços, murmurando algo sobre sua cabeça que pareceu acalmá-lo o suficiente para nós recuarmos.

A Aranha estava perto da porta. Sua risada havia parado, mas o sorriso largo permaneceu, seu rosto manchado de sangue. No chão, o curandeiro estava deitado de bruços, com o crânio destruído. Respingos de sangue estavam por toda parte, sua tábua caída em uma poça dela, sua mão frouxamente apertada ao redor dela.

Ele tinha...

Ele havia *se espancado até a morte*.

“Você não vai quebrar sua promessa, vai, Tempest?” A Aranha perguntou, sua voz arranhando a parte de trás do meu crânio enquanto ela me observava absorver tudo. “Nós temos um acordo, não temos?”

Gritos subiram no fundo da minha garganta, lançados em sua direção com a violência da minha energia, embora os sons deles nunca atingissem o ar.

Você mentiu para mim.

Você me enganou.

Este nunca foi o meu destino.

Você nunca vai se safar disso.

Gritei tanto que senti algo dentro de mim estalar, uma frustração acumulada saindo do meu peito em uma sombra escura e ondulada. Eu saltei para frente, meus dedos arranhando a sombra, que só escorregou do meu aperto em finos fios de fumaça. Minha sombra estava correndo em direção ao objeto da minha frustração, que observava, fascinação brilhante em seus olhos enquanto eu me jogava nela, gritando uma única palavra enquanto a sombra deslizava em seus olhos e boca.

Leevskmat.

Só que... a palavra não soou no ar, e minha força vital permaneceu firmemente trancada dentro de mim enquanto a da Aranha começou a desaparecer de seus olhos. Agarrei seus ombros, sacudindo-a violentamente, tentando desalojar minha sombra. Eu podia sentir a necessidade crescendo dentro de mim já. O comichão, o desejo irresistível de pegar a tábua ensanguentada do curandeiro e atacar meu corpo como ele fez com o dele. Eu tinha feito uma promessa a ela, e já a estava quebrando.

Pratek, pensei, lembrando-me do encantamento para comandar o sino.

Nada aconteceu, e eu tinha certeza de que podia sentir a vida se esvaindo do corpo abaixo de mim.

Pratek, eu gritei internamente, focando minha mente no sino no meu bolso,

uma das minhas mãos agarrando-o. Repeti a palavra enquanto o metal frio penetrava na minha pele e senti Calder ao meu lado, murmurando a palavra que eu não podia.

“Leevskmat.”

A respiração estremeceu no peito sob minha mão direita, minha esquerda ainda segurando o sino, minhas súplicas silenciosas caindo.

“Deixe-a.” A voz de Calder era grave, baixa e fraca. “Saia agora.”

Minha mão foi esbofeteada, a Aranha rastejando para trás, lutando para encontrar o equilíbrio. Ela parecia frágil, sua pele amarelada, sua boca apertada. Quando seus olhos encontraram os meus, não vi nada além de morte, algo rodopiando por baixo. Por um momento, pensei que era minha sombra piscando de volta para mim, mas então um calafrio passou pela minha nuca, e meu coração começou a bater alto em meus ouvidos. A Escuridão olhou para mim por trás de uma película amarela e, de repente, a Aranha não parecia tanto uma pessoa quanto um receptáculo. Engasguei com o cheiro de podridão, de alguma forma óbvio agora que eu tinha reconhecido a Escuridão. Ela era escura e escorregadia por dentro, o tecido pingando em uma massa oleosa e escura. Eu não conseguia perceber como ela ainda estava de pé, se movendo, falando. A Escuridão a estava corroendo há algum tempo. Ela a controlava completamente.

Foi a Escuridão que riu loucamente quando um homem se espancou até a morte.

Foi a Escuridão que me enganou para escolher a vevebre que ameaçava trazer o fim do mundo.

A Escuridão não era apenas uma força do mal... também era *inteligente*.

A porta se fechou quando eu cambaleei para trás, a Escuridão fugindo de vista. Coloquei um punho contra a porta, localizando a caixa de pedra de chuva esquecida no chão perto de onde os filhos estavam.

Curvando meu braço esquerdo para cima, observei a pequena fila de aranhas, acreditando por um momento que podia vê-las se movendo sob minha pele. Eu me virei, meus olhos encontrando os de Calder. Ele estava encostado pesadamente na parede, uma linha de sangue escorrendo de seu nariz, seus olhos desfocados.

Nós dois somos Vold. Olhei para as palavras em seu braço e pensei por que eu tinha escolhido essas palavras em particular. Eu estava cansada de me sentir impotente, sem voz, vítima das circunstâncias. Eu sempre desejei a força dos Vold. O poder misterioso que permanecia sob seus capuzes dourados, a maneira destemida com que caminhavam pelo mundo, a lenda imparável de sua força.

Eu tinha certeza de que tinha nascido um Vold, mas em algum lugar ao longo do caminho, eu tinha mudado.

Eu acreditava que estava amaldiçoada.

Acreditava ser mais e menos... um vasto conceito de poder e uma promessa sombria de morte.

Eu tinha perdido de vista o que eu realmente era.

Nasci com a magia da guerra e não tínhamos medo da morte ou da escuridão. Nascemos para lutar, destinados a vencer, destinados a ressurgir de novo e de novo através de cidades de cinzas e campos de sangue.

Havia uma tempestade dentro de mim, e era hora de libertá-la.

RESPIRAÇÃO



Depois de chamar os Sentinelas, Calder explicou - para grande descrença deles - que a Aranha ressurgiu depois de todos esses anos, forçou o suicídio de um mordomo que renegou um acordo e depois desapareceu novamente. Quando ele terminou, ele parecia pronto para desmaiar. Ele permaneceu encostado na parede o tempo todo, enquanto Aran e Asper concordavam silenciosamente com sua versão dos acontecimentos. Eu me encontrei atrás dele, tentando evitar os olhos desconfiados dos Sentinelas.

Em um dia, estive presente em *duas* mortes de mordomos. Logo, não importaria quantas histórias Calder contasse ou quantas testemunhas tivéssemos. Logo... eles viriam atrás de mim, e haveria muitos para Calder se defender.

Foi decidido que Aran e Asper continuariam morando na casa do curandeiro até que uma nova família fosse escolhida para eles e uma equipe fosse convocada para limpar o local. Enquanto os Sentinelas saíam, Asper apareceu ao meu lado, seus olhos tristes e cinzentos.

Coloquei-o alguns anos mais jovem do que eu, Aran ainda mais jovem.

“Você não pode falar, pode?” Ele perguntou baixinho.

Calder nos lançou um olhar, mas continuou falando baixinho com Ingrid, que apareceu quando o corpo estava sendo retirado. Ele havia convencido a todos que, mais uma vez, sua presença no local era o único testemunho necessário para evitar uma investigação mais aprofundada.

Eu assenti, e Asper se aproximou, algo urgente piscando em sua expressão.

“Havia algo errado com ela,” ele apressou-se em um sussurro. “Foi piorando com o tempo. Ela ficava sentada lá vagamente, às vezes por semanas.

Ela nunca comeu ou bebeu. Não sei como ela sobreviveu. Havia... maldade dentro dela.”

Fiz um gesto para os poucos Sentinelas restantes e, em seguida, fiz um movimento de fala com a mão.

“Por que não estou dizendo a eles?” Asper questionou, seus olhos disparando para os outros e depois de volta para mim.

Assenti, e enquanto eu estava tentando descobrir como perguntar a ele, ele adivinhou novamente.

“Por que não contei a eles antes?”

Eu concordei rapidamente.

“Isso teria interferido. O pai fez um acordo. Ele não iria interferir no plano dela, e se o plano dela falhasse, se alguma coisa acontecesse com ela, ele mesmo mataria você.”

Frustrada por não poder responder, peguei minha caneta, mas antes que a ponta tocasse minha pele, Calder estava ao meu lado. Ele deixou seu ombro cair pesadamente contra a parede, e eu podia sentir o cheiro de morte e suor grudados nele. Eu estava momentaneamente distraída da minha conversa quando o pavor percorreu minha consciência, mas então o braço direito de Calder estava torcendo em minha frente em oferta e eu estava tentando encontrar um pedaço de pele que eu ainda não tinha escrito.

Por que matar, escrevi. O *plano era...* Eu parei de escrever, batendo na caixa de vevebre saindo do topo da minha mochila por cima do ombro. Eu não tinha ideia de como soletrar a palavra em Forsan.

O garoto parecia confuso, mas a voz de Calder resmungou acima da minha cabeça.

“Por que matá-la quando o plano o tempo todo era enganá-la para escolher a vevebre?”

“Ela costumava dizer...” Asper fez uma pausa, olhando ao redor novamente. Ele encontrou os olhos de Aran, e algo se passou entre eles. Um vínculo forjado no medo. Resumidamente, Aran assentiu antes de voltar a ajudar um mordomo a esfregar o chão.

“Ela costumava dizer que haveria uma guerra, e que você... ela a chamava de tantas coisas diferentes: a tormenta, a sombra, a tempestade, às vezes apenas 'a menina'... estava destinada a morrer. Ela disse que era muito importante para você morrer na hora *certa*. Fazendo você escolher a vevebre...” Seus olhos se moveram para cima, sua boca apertando com medo. “Foi a maneira dela de forçá-la a morrer na hora *certa*.”

“De qualquer forma, o plano dela era que Ven morresse.” A voz de Calder estava fraca, mas com o apelido, tive que me forçar a não olhar para ele. Ele nem parecia perceber que o tinha usado.

Asper assentiu. “Matá-la imediatamente não era o ideal, mas era melhor do que ela morrer na hora errada. Isso parecia muito importante para a Aranha.”

Estendi a mão, pairando sobre o braço do menino. Ele hesitou, mas acabou estendendo-o para mim, passando-o nas minhas mãos. Inclinei minha caneta para sua pele, mas me encontrei sem palavras. Eu queria dizer que sentia muito. Que eu gostaria de ter salvado o pai dele. Que não era culpa dele. Que eu garantiria que nada de ruim acontecesse com eles novamente.

Mas eu não podia.

Eu encontrei minha atenção vagando da caneta para o meu bracelete de pedra de chuva, brilhante e frio contra meu pulso. Ele rodopiava suavemente, iluminado por dentro por uma essência pura, forte em sua fragilidade, brilhante em sua sutileza. Quanto mais eu olhava para ele, mais sentia o significado do que estava ali, protegido, intocado, um raio de luar cuidadosamente cortado de um pesadelo insondável. Sua essência tocou as bordas da minha consciência, familiar e maravilhosa. Senti o gotejamento de gelo derretido em minha língua, a brisa da noite contra meu pescoço, o hálito aliviado da flor kalovka enquanto ela empurrava a neve.

Parecia eu.

Pressionei a caneta na pele de Asper, uma palavra fluando silenciosamente em meus lábios.

Skayld.

Era eu, mas não eu. A essência de quem eu era... uma noite vazia e aveludada; frágil e ininterrupta, não importava quantos feitos sombrios foram realizados nas sombras da minha alma. Era uma palavra Aethen. Uma daquelas palavras de poder que eram legíveis como um todo, mas pareciam escapar da mente como fumaça, inapreensíveis.

Exceto *esta* palavra, eu entendia.

Observei como a tinta parecia vazar da caneta, estranhamente prateada. Ela mergulhou sob sua pele e ele puxou o braço em choque, mas a cor só se estabeleceu em forma, suave e sutil contra sua pele. Ele não parecia assustado. Havia uma expressão de admiração incerta em seu rosto, seus olhos cinzentos arregalados.

Ele passou o polegar sobre a marca, e ela ondulou, como a luz do sol atingindo a prata, antes de voltar para sua pele. Agarrei seu braço, deixando cair

minha caneta. A marca era uma lua crescente, perfeitamente redonda, perfeitamente afiada. Não parecia ruim ou prejudicial, mas a verdade era... eu não tinha ideia do que tinha feito.

Olhei de volta para Calder, que estava olhando para a marca. Seus olhos mudaram para mim, estreitando, emoção queimando em algum lugar dentro dele, apenas um eco de sentimento piscando para mim.

“Você deu a ele um favor de algum tipo, eu acho.” A mão de Calder deslizou para a minha, seu dedo tocando meu anel. “Todos os setoriais podem colocar suas marcas, embora não signifiquem nada se o poder desse indivíduo não for excepcional. Você o marcou, como o Tecelão marcou você, mas invertido. As marcas são uma ligação, uma promessa. Você não aceitou uma promessa dele, mas deu a ele uma em vez disso.”

Os olhos de Asper brilharam para os meus. “Obrigado, Tempest.” Ele cobriu a marca com força, como se quisesse protegê-la, e a gratidão em todo o seu rosto me fez formigar de desconforto.

Eu não poderia desfazer todo o mal feito pela Aranha.

Esperava que ele percebesse isso.

Calder não perdeu mais um segundo. Assim que Asper se virou, ele empurrou o anel em um círculo ao redor do meu dedo, seu peso caindo nas minhas costas, sua voz dolorida em meus ouvidos.

“Casa.”

O chão desabou sob nós, e eu agarrei os braços de Calder enquanto ambos se enrolavam fracamente ao meu redor. A rocha do desfiladeiro se abriu com um som ensurdecedor, e caímos em direção às ondas do oceano abaixo, mas mesmo essas se separaram, e então estávamos caindo na escuridão, uma força estranha nos despedaçando. Segurei Calder com todas as minhas forças, e caímos com um estrondo em uma superfície acarpetada, suas costas batendo no chão, as minhas em sua frente. Eu rolei de cima dele, mas ele não se moveu. Encontrei meus joelhos e me inclinei sobre ele, meu medo aumentando. Seu olhar estava desfocado, seu olho dourado uma névoa fendida. Senti um roçar na minha bochecha e me virei para ver um flash de pele escurecida pelo sol quando sua mão envolveu a parte de trás da minha cabeça, me puxando para mais perto como se tentasse me ver claramente.

“Ven?” Ele murmurou, sua voz cheia de dor.

Algo puxou meu estômago, e eu senti uma onda de tontura quando sua atenção se desviou ainda mais. Eu não pude responder, então toquei sua bochecha com hesitação, levemente, minha pele mal roçando a dele. Ele fechou

os olhos, sugando uma respiração profunda. Uma rápida olhada ao nosso redor me disse que estávamos dentro da torre de Hearthenge, o henge era visível do lado de fora da janela. O quarto estava escassamente mobiliado, o chão coberto de tapete grosso, a cama empurrada sob a janela maior. Uma cômoda enorme e um armário encostados um no outro, uma prateleira de facas montada na parede oposta à cama. Não eram decoração, as lâminas estavam bem cuidadas, os cabos com sinais de desgaste. Uma capa de Sentinela recém-lavada estava dobrada sobre uma cadeira robusta ao lado da cama, o capuz de águia dourada descansando em cima. As janelas estavam fechadas; um frio se instalara no espaço, a lareira imóvel. O lugar estava vazio há dias.

Olhei de volta para seu rosto e descobri que ele havia aberto os olhos novamente e estava me examinando como eu examinava seu quarto. Um breve lampejo de consciência sangrou de volta para ele, e a mão contra a parte de trás da minha cabeça flexionou.

“Quando Alina morreu, parte de mim morreu com ela.” As palavras foram ditas rudemente, uma veia de algo escuro montando em sua voz. Nojo ou ódio, mas de quem, eu não tinha certeza. “Tornei-me impiedoso, sanguinário. Ganhei meu nome Predestinado porque joguei fora minha vida. Eu vivi de batalha a escaramuça e expedição, sem parar. Eu vivia para matar, porque me sentia morto por dentro.”

Seus dedos afrouxaram, se movendo para trás, mas não caindo completamente, seus olhos vagando pelo meu rosto distraidamente.

“E então percebi... Alina poderia ter morrido, mas me deram outra chance. Uma chance de algo que nunca havia sido possível antes.” Seu aperto embalou meu crânio novamente, seus olhos brilhando, aquelas emoções sombrias nadando de volta à superfície.

“Minha existência foi prometida a Alina... eu viveria para ser seu protetor, o irmão de sua alma, a base de seu poder. Nós viveríamos um para o outro, nossa única família... mas isso significava que nunca encontraríamos *o amor*.” Ele cuspiu a palavra, seus dedos agora muito apertados no meu cabelo. “Eu nunca envelheceria e encontraria uma esposa. Eu nunca formaria minha própria família. Não haveria ninguém ao lado de nossos túmulos, a não ser uns aos outros. Eterno irmão e irmã, jurando morrer e viver um pelo outro, sem espaço para nada além da batalha entre o bem e o mal que perseguia todos os nossos passos.”

Olhei para ele, meu corpo desconfortavelmente quente, pensamentos guerreando por atenção dentro da minha cabeça. Eu me encontrei olhando para

ele mais de perto, tentando avaliar a idade de sua aparência. Se ele tivesse a idade de Alina, e Alina tivesse morrido no dia de sua cerimônia kongelig sete anos atrás... então ele era sete anos mais velho que eu. Ele tinha vinte e quatro anos. Ele tinha vivido demais em tão pouco tempo.

“Eu tive outra chance,” ele sussurrou, e eu estava convencida de que de alguma forma eu o estava torturando com meu olhar sem palavras. “Eu poderia tê-la perdido, mas eu pude ter essas coisas novamente. Eu finalmente me permiti ter esperança.”

Meus dedos roçaram sua bochecha novamente, e sua mão livre disparou, agarrando meu pulso, segurando-o.

“E agora estamos ligados,” ele rosnou, e eu ainda não conseguia descobrir se seu desgosto era por ele ou por mim. “Mas você não é minha irmã, e eu não sou seu irmão. Você está muito perto para eu amar de qualquer maneira, muito perto para eu odiar, muito jo...” Ele estalou os lábios com um rosnado, movendo-me quase gentilmente para longe dele enquanto lutava instavelmente para ficar de pé, cambaleando em direção a cama. Ele caiu pesadamente nela, grande demais para a estrutura, e eu sentei no chão, minha mente cambaleando.

Muito jovem? Eu tinha certeza de que ele estava prestes a dizer isso, mas jovem demais para quê? Eu tinha dezessete anos, faltava menos de um mês para minha cerimônia kongelig, o que significava muito para nosso povo. A palavra era Forsan, significando *real*. Regentes e setoriais nasciam como litens, uma palavra Forsan que se traduzia em *galho de primavera*. Quando os mordomos e os setoriais atingiam a maioridade, acreditava-se que suas almas se separavam deste mundo e se alinhavam com o próximo. Os mordomos permaneciam mordomos, mas os setoriais tornavam-se kongeligs, pois governariam no pós-mundo assim como fizeram neste mundo.

Levantei-me cautelosamente, aproximando-me da cama. Calder tinha desmaiado completamente, a expressão torturada suavizando de suas feições duras. Eu o observei dormir por um momento, me perguntando por que o ódio que crescia dentro de mim não conseguia perfurar meu coração. Sentime infeliz por ele, por esse homem que havia desistido de tudo, perdido tudo e se permitido esperar apenas para ser forçado a desistir de tudo novamente. Meu coração sangrou por ele, mas em algum lugar lá no fundo, eu estava sangrando por mim também. Porque eu estava percebendo o que ele já sabia.

Eu nunca teria permissão para encontrar o amor.

Eu nunca teria minha própria família.

Eu estava presa em uma batalha contra o maior mal do mundo, meu futuro

totalmente perdido.

Calder ousara ter esperança, mas eu nem tinha pensado nas possibilidades. Eu tinha pensado em agradar minha mãe. Tinha sonhado com os Vold, tinha fantasiado em usar o manto dos Sentinelas. Mas eu nunca ousei ter esperança. Eu nunca tinha reconhecido o que tinha sido arrancado de mim até aquele momento.

Pela segunda vez naquele dia, senti algo dentro de mim estalar. Foi menos violento do que da primeira vez, mais como uma separação suave, um funeral lento para os pedaços de mim que eu nunca tinha conhecido quando caíram no chão. Me permiti um momento de luto antes de endireitar meus ombros e me forçar a agir, um pulsar maçante de raiva alimentando meus movimentos.

Peguei o estojo médico do cinto de Calder, esvaziando-o na cama. Eu não era de forma alguma uma curandeira, mas fiz o meu melhor para limpar o sangue e fazer um curativo em seu ferimento. Parecia que precisava ser fechado, mas eu não tinha ideia de como fazer isso, então o envolvi em camadas de gaze presas no lugar com um curativo. Os Vold não se curavam exatamente, mas alguns dos mais poderosos podiam sobreviver a feridas mais facilmente. Lâminas eram naturalmente repelidas de suas artérias principais, enquanto lanças e flechas eram desviadas do curso pouco antes da penetração. Fazia sentido que Calder tivesse facilmente desconsiderado o ferimento por tanto tempo, mas oferecer sua força vital a outro teria sido um passo longe demais combinado com a perda de sangue. Eu rabisquei um bilhete para ele e então sentei no centro de seu quarto, minhas pernas cruzadas, meus olhos fechados. Concentrei-me na minha respiração por vários momentos, banindo todos os pensamentos da minha cabeça. O pequeno sino foi tirado do meu bolso e colocado na palma da minha mão enquanto eu abria os olhos novamente, a superfície de bronze nublando enquanto o sol afundava no céu, o frio se instalando mais profundamente nos aposentos de Calder.

Pensei na palavra que o Inquisidor me deu. *Pratek*. Eu a rolei na minha língua, tentando separar as letras uma a uma, para soletrar. Por mais que eu tentasse, a formação exata da palavra escapou de mim, as letras escapando do meu alcance como se repelidas da minha mente. Parei de tentar formar a palavra e comecei simplesmente a repeti-la, atribuindo-lhe significados diferentes.

Assim que a exaustão estava se instalando, a palavra finalmente se desvendou na minha língua, o significado sussurrando em minha mente. *Pratek* não era apenas uma palavra, era uma pergunta e exigia uma resposta. Era o convite à conversa, o incitamento ao protesto, o apelo à reciprocidade.

Sentindo-me exultante, agarrei o sino e falei *Pratek*, e ele zumbiu na palma da minha mão, soando com um som roubado que voltou para minha garganta, com gosto de metal quente enquanto enchia minha boca. Eu estava exultante, devastada, confusa, frustrada, aterrorizada. Engoli uma centena de meus gritos, engasguei com outras centenas de soluços e senti a força de tantas palavras de poder não pronunciadas. Empurrei tudo para baixo, empurrando minha mochila dos meus ombros, enfiando o sino dentro dela e girando o anel uma vez em meu dedo.

“A Cidadela,” eu resmunguei.

Desta vez, eu estava pronta. Quando o tapete foi puxado pelo chão que desmoronou, eu cobri minha cabeça com meus braços e preparei minhas pernas para a aterrissagem inevitável. Mesmo assim, caí com força, rolando várias vezes pelo mercado de paralelepípedos para aterrissar com um baque desconfortável contra uma barraca de mercado cheia de maçãs e peras. Várias delas rolaram em cima de mim, e eu me apressei para pegá-las enquanto o mordomo atrás da barraca as aceitava de volta com uma carranca e um olhar cauteloso para um setorial de túnica parado atrás da barraca, evidentemente o dono.

Eu me desculpei baixinho, minha voz rouca e fraca. Ele acenou para mim rapidamente enquanto o setorial ainda estava de costas, e não pude deixar de me perguntar o que ele teria feito se tivesse olhado de perto o suficiente para ver meu mor-svjake ou se as fofocas sobre meus atos tivessem chegado aos setoriais como tinha chegado aos mordomos. Subi as passagens da Cidadela até a sala de espécimes do Inquisidor, mas os Sentinelas que guardavam a porta me informaram rigidamente que o Inquisidor não estava lá e se recusaram a abrir as portas.

“Onde posso encontrá-lo?” Eu murmurei, minha atenção no guarda mais próximo, que me observava com olhos desconfiados.

Os setoriais podem não estar preocupados com a morte de alguns mordomos, mas todos os Sentinelas pareciam saber exatamente quem eu era. Um segredo que os Vold descobriram escondido? Um de seus capitães — um Predestinado, aliás — enviado para me vigiar? O homem lançou seus olhos entre cada uma das marcas da minha pele.

“Eu não rastreio o paradeiro do Inquisidor,” ele finalmente disse.

Afastei-me e desci um nível, onde consegui me enfiar em uma alcova vazia ao lado de uma escada. Calder havia dito que não era sábio mexer em objetos mágicos, mas eu não tinha outra escolha. Virei o anel uma vez em meu dedo,

imaginando o rosto do Inquisidor em minha mente enquanto falava seu nome verdadeiro.

“Fjor.”

O mundo caiu para longe de mim, cusbindo-me através da escuridão para aterrissar com um impacto súbito e chocante contra um piso de granito polido. Tentei manter o equilíbrio desta vez, mas acabei caindo para frente e colidindo com algo grande e duro. Mãos ásperas envolveram meus braços, e eu olhei para elas, observando a multidão de cicatrizes, queimaduras e marcas que cobriam a pele. Quanto mais perto eu olhava, mais eu conseguia decifrar algumas das formas... elas eram as mesmas das esculturas que decoravam as laterais da cabeça do Erudito.

“Você fez o seu caminho de volta para mim,” uma voz suave observou, soando do jeito que se faz ao parabenizar um animal de estimação por algo particularmente inteligente. Não o Erudito, mas o Inquisidor.

Olhei para cima quando ele me colocou de pé, cautelosa com o profundo preto de seus olhos. Assenti, esquecendo por um momento que eu poderia falar, antes de lançar minha atenção ao redor do espaço. A sala era vasta, quase cavernosa, como a sala de espécimes de antes, mas não estávamos mais na Cidadela. Estávamos aninhados no alto da Sectorian Hill, os caminhos sinuosos e as florestas da montanha descendo abaixo da vantagem das enormes janelas em um lado da sala. Bem no fundo da colina ficava o Lago Enke. As brumas se aproximavam com o crepúsculo, manchas escuras movendo-se ao longo da costa: os Skjebre, tecendo a vevebre. Estremeci, esfregando a linha de aranhas rastejando ao redor do meu antebraço, e a atenção do Inquisidor saltou imediatamente para o movimento.

“E quem reivindicou você agora, Tempest?” Suas mãos deslizaram para baixo, sua mão direita mudando para o meu braço esquerdo enquanto ele o puxava para cima, um dedo longo e cheio de cicatrizes traçando a linha de aranhas.

“Interessante,” ele meditou, como se soubesse exatamente a quem a marca pertencia. Seus olhos brilharam para os meus antes de disparar por cima do meu ombro. Eles se estreitaram, vasculhando a sala atrás de mim. “Onde está sua sombra?”

Por um momento, eu pensei que ele estava se referindo à sombra *dentro* de mim, mas então percebi que ele estava procurando por Calder.

“Eu me trouxe aqui,” respondi, e todo o seu ser pareceu ganhar tamanho, inchando para uma altura maior.

Ele soltou meu braço, mas apertou meu queixo, a escuridão de seus olhos envolvendo-me enquanto ele inclinava meu rosto para cima. Era uma sensação fria e desconfortável.

“Você foi capaz de usar um encantamento sem palavras no sino?” Ele perguntou bruscamente, seus dedos apertando mais forte.

“Obviamente,” eu mordi.

Ele olhou para mim, e percebi que a amargura, o tom vicioso na minha voz o havia chocado. Ele achava que eu estava *feliz* com minha servidão? Minha vida tinha sido poupada, isso era verdade... mas apesar da culpa que me rasgava no lugar secreto do meu coração que eu me recusei a visitar, eu ainda acreditava que não *pretendia* matar ninguém. Eu tinha sido profanada, atacada, e minha magia explodiu sem que eu quisesse.

Eu não tinha tido a chance de me defender.

Até onde sabia, o Tecelão havia orquestrado todo o acidente para me forçar a uma situação em que eu estaria sob seu controle total. Porque eles *sabiam* o que eu era.

“Agora há algo que eu quero saber,” murmurei enquanto seus olhos ficavam incrivelmente mais escuros. “O Tecelão sempre soube o que eu era, ou ele de alguma forma descobriu no dia em que me viu no lago?”

O aperto do Inquisidor permaneceu firme, seus olhos inabaláveis. “O que exatamente você pensa que é, Lavenia?”

O uso do meu nome me chocou, desalojando um pouco da raiva e permitindo que um fio de medo voltasse. Engoli em seco, e ele observou minha garganta por um momento.

“Eu sou um Fjorn.” Ouvi a correção da afirmação, mas também senti que ela estava errada, um fio de discórdia zumbindo dentro de mim. “Essas lendas antigas são verdadeiras, e agora eu tenho o poder delas, mas comigo é diferente.”

Nem um pinga de choque perfurou sua expressão, embora ele tivesse ficado incrivelmente quieto.

“Tudo isso em um dia,” ele meditou baixinho, soltando meu queixo e se afastando. “Você deve ter encontrado seu Blodsjel; deve ter visto as memórias dos Fjorn do passado.”

O comentário foi muito casual, seus movimentos muito medidos quando ele se aproximou de uma mesa de jantar, puxando uma cadeira de espaldar comprido em madeira de marfim, gesticulando para que eu me sentasse.

“Não,” eu menti. “Acho que não tenho um. Eu te disse, é diferente comigo.” Sentei-me e observei enquanto ele se sentava na extremidade oposta da

mesa retangular.

Ele estendeu a mão para um sino à sua frente e, no segundo toque, uma porta do outro lado da sala se abriu, um servo alto entrando. Ele tinha olhos azuis inclinados, cabelos pretos amarrados cuidadosamente atrás da cabeça e ombros largos, mas ele não era um setorial. Sua pele estava áspera devido aos danos causados pelo sol, o material de sua camisa e calça eram de segunda mão. Ele não olhou para mim uma vez, mas parou ao lado do Inquisidor, curvando-se ligeiramente, nenhuma palavra pronunciada.

“Traga meu jantar, Jarl.” A voz do Inquisidor não era indelicada, mas parecia haver algo desumano na escuridão fria de seus olhos.

A volta de Jarl em direção à porta foi um estalo de movimento, sua saída silenciosa rápida e eficiente. O Inquisidor se recostou, aquelas manchas escuras de metal acima de sua sobrancelha esquerda brilhando para mim, seus ombros largos se espalhando pelas bordas da cadeira. Ele me encarou, considerando-me com calma. Eu tinha invadido com tanta bravura, cheia de perguntas, mas de alguma forma fui enganada em um silêncio temeroso novamente. Puxei meus ombros para trás, imaginando que eles não eram minúsculos comparados aos dele.

“Quando ele soube?” Perguntei, forçando minha voz a carregar peso. “Foi naquele dia, à beira do lago?”

“Foi,” o Inquisidor confirmou, seus lábios se contraindo brevemente. Eu não tinha certeza se ele estava se divertindo comigo ou prestes a rosar.

“Ele soube assim que me viu?” Eu tentei manter a admiração longe da minha voz, mas a ouvi mesmo assim. Seu poder era simplesmente extraordinário.

“Ele sabia de sua existência, é claro, mas por mais que procurássemos, não conseguimos encontrá-la. Não até você tropeçar no lago naquele dia.”

“Você e os outros mestres?”

Ele se inclinou para frente, seus olhos brilhando, uma pitada de animosidade rastejando pela sala. “Apenas os mais poderosos deste mundo sentiriam a mudança de poder no dia em que sua magia se libertou, sete anos atrás. Somente os mais poderosos deste mundo saberiam o que você era, pensariam em procurá-la. Não nos insulte, garota.”

“Então você e os outros mestres,” eu confirmei, fingindo não ser afetada pelo flash de fúria em seu olhar. “E você me procurou porque quer derrubar o rei de Ledenaether? Por que eu sou sua chance de maior poder? É por isso que o Erudito insistiu que eu me casaria em breve.”

A porta se abriu novamente, Jarl voltou com uma bandeja na mão. Ele começou a preparar o jantar do Inquisidor enquanto nos encarávamos do outro lado da mesa.

“Leve a garota para o porão,” o Inquisidor o instruiu. “Ela vai dormir lá a noite e terá permissão para comer o que eu não quiser mais.”

Os passos de Jarl estalaram em minha direção sem hesitação, mas eu me levantei antes que ele pudesse me arrastar para fora da cadeira. Eu o segui até a porta, parando ao lado do Inquisidor, descansando uma mão contra a mesa, inclinando meu rosto para o dele, minha voz baixando para um sussurro.

“Você disse que o Erudito não sabia o que fazer comigo, mas é você que não tem ideia. Se você me tratar assim, eu nunca vou escolher você.”

Ele sorriu, o flash de dentes me desarmando, surpreendentemente genuíno, agudamente perigoso. Seus dedos foram para o meu colarinho, deslizando para baixo para pressionar fortemente contra o meu peito. A pressão era irritantemente exata, apertada contra o ponto exato onde meu coração batia assustado contra minha caixa torácica, entregando minha expressão firme.

“Eu sou o mestre do espírito, o Eloí mais poderoso vivo.” Seus dedos pressionaram com mais força, machucando, enterrando sua magia através da minha pele, onde ela sussurrava e se arrastava pelas fendas das minhas costelas, chacoalhando minhas entranhas até que eu me sentisse como nada mais do que osso empilhado sobre osso, facilmente derrubado, totalmente exposta a dedos longos me cercando. “Eu não preciso subornar você ou manipulá-la. Você vai me escolher porque ninguém mais pode te ensinar sobre seu poder.”

Dei um passo para trás e, uma vez que estava segura fora do alcance de sua magia inquietante, permiti que meus olhos fechassem, minha expressão ficasse em branco. Finalmente fez sentido, como ele parecia perturbado por eu ter usado o encantamento tácito, que eu tinha descoberto por conta própria. Isso significava que eu poderia não precisar dele, e sua estratégia dependia inteiramente disso.

“Não tenha tanta certeza,” eu avisei, girando para a porta.

Jarl esperou do outro lado, seus olhos azuis dançando brevemente sobre meu ombro antes de me levar por um corredor largo e acarpetado iluminado com esculturas de bronze caindo do teto, galhos retorcidos segurando uma infinidade de velas. Ele me depositou em um porão frio, jogando um cobertor no meu colo antes de recuar novamente, tudo sem dizer uma palavra. Eu brinquei com o anel no meu dedo, o retorno da minha voz de alguma forma me fazendo sentir como se o mundo tivesse se aberto de volta para mim, infinitas opções agora se

espalhando aos meus pés. Mas isso não era inteiramente verdade. Eu ainda era uma prisioneira, embora tivesse a ilusão de liberdade. Esta noite, o Inquisidor era meu mestre, e ele me deu instruções diretas.

Eu ainda podia que desafiar suas ordens, então não tinha certeza de que punição poderia me esperar quando o fizesse, mas não estava com pressa para descobrir. Era uma possibilidade que eles tirassem a única decência que tinham me concedido, meu único escudo contra os olhos famintos de vingança que brilhavam para mim quando eu caminhava pelo desfiladeiro.

Eles poderiam tirar minha proteção.

Eles poderiam tirar Calder.

ASAS



Caí em um sono agitado, me levantando com o som da porta do porão se abrindo. Um par de botas douradas com armadura apareceu, uma grande forma momentaneamente escurecendo a passagem iluminada por lanternas. A porta se fechou novamente, a fechadura caindo de volta no lugar.

“Eu tenho que te ensinar como costurar uma ferida,” Calder murmurou. “Você fez um trabalho terrível.”

Eu ouvi o swoosh de tecido quando ele tirou a capa, colocando-a no chão ao meu lado. Sentou-se, as costas contra a parede, os antebraços esticados sobre os joelhos. Enquanto meus olhos se ajustavam, pude ver a linha de seu pescoço enquanto ele esticava a cabeça para trás, fechando os olhos.

“Você deveria ter descansado mais,” falei.

Ele ficou imóvel, seus olhos brilhando abertos. “Você pode falar.” Ele se virou lentamente, seu olho dourado procurando meu rosto no escuro. “Você usou um encantamento tácito.”

“Como você sabia que eu estava aqui?” Perguntei, em vez de responder.

“Você tem bom senso suficiente para retornar ao Inquisidor em vez de desertar em seu dever. É aqui que ele mora. Foi um palpite fácil de fazer.”

Ele se mexeu, se abaixando na parede até que seu ombro estava plantado contra o chão, sua mão subindo para o meu rosto. Senti um roçar em meus lábios, a ponta áspera de seu polegar, antes que ele afastasse a mão. Eu não podia dizer no escuro, mas pela sua inalação parecia que ele estava prestes a dizer alguma coisa, mas em vez disso ele dobrou o braço atrás da cabeça, voltando seu olhar para o teto. Eu estava tão desesperada para realmente *falar* com ele, mas as

palavras agora demoravam para chegar aos meus lábios. Era mais fácil quando eu olhava para longe dele, descansando minha cabeça novamente no cobertor. Eu respirei fundo e comecei com a coisa mais importante.

“Você disse que Alina morreu no dia de sua cerimônia kongelig?”

Ele fez um som em resposta, que soou como um *sim* grunhido.

“Nós compartilhamos um aniversário,” falei a ele. “Fiz dez anos no dia em que meu poder explodiu no pátio da escola. O dia em que ela morreu. Você acha que isso significa alguma coisa?”

“O Fjorn e o Blodsjel nascem sempre no mesmo dia. Seu Blodsjel deveria ter nascido no mesmo dia que você. Pode significar alguma coisa, mas não parece significativo. O que parece importante é que seu poder escolheu aquele dia para vir à tona. Houve alguma explosão de energia antes disso?”

“Não.”

“Nada mesmo?”

“Nada além da maldição.”

Ele cantarolou, um tom grave para o som. “Os mordomos estavam fofocando sobre uma maldição no dia em que descobri você.”

“Meu pai era setorial, então um Eloi foi chamado ao leito de parto da minha mãe para procurar dentro de mim algum sinal de magia, para ver se eu tinha afinidade com algum dos setores. Ele olhou para dentro de mim e disse: 'Eu não sinto o coração dela. Onde deveria estar, há apenas uma tempestade. Esta criança está condenada à morte e a compartilhar a morte com aqueles mais próximos a ela'.”

“Você se sentiu amaldiçoada?”

“Não senti absolutamente nada. Até aquele dia.”

“Eu acho que o poder de Fjorn pode ter sido transferido de Alina para você, e de certa forma... eu também fui transferido para você. É a única resposta que consigo encontrar, embora não faça o menor sentido.”

“Mas não é o poder de Alina, não realmente. Você disse que quando o poder de Fjorn chegou a ela, era fraco, apenas uma amostra de cada um dos setores, apenas forte o suficiente para se especializar em um deles.”

“E você já executou magia igualando alguns dos mais poderosos de cada um dos setores... embora você quase tenha se matado fazendo isso, e você faz isso com a graça e autocontrole de um animal desajeitado. Você me puxou para sua mente. Você usou encantamentos sem palavras *mais de uma vez*... com a magia Vold, com a magia Eloi. Seu poder é tão potente quanto o do primeiro Fjorn.”

“Mas como você *sabe* disso? Como a lenda do Fjorn é conhecida? Eu nunca tinha ouvido falar disso até você me contar.”

“Os mordomos conhecem a história, apenas a conhecem de uma maneira diferente. A história realmente não soa familiar para você?”

Fiz uma careta, pensando nas histórias que tínhamos compartilhado no pátio da escola, as histórias contadas sobre o fogo toda vez que o banquete celestial se derramava nas margens do Breakwater Canyon. *O Conto dos Três Mundos*, tinha sido o mais comum, o mais arrepiante, pois foi o conto que introduziu a maioria das crianças ao conceito do Ledenaether. Fechei os olhos, as palavras convocadas facilmente aos meus lábios, meu estômago doendo com a familiaridade vazia enquanto repetia a história.

“Era uma vez três mundos, ligados por magia. Foraether, Forsjaether e Ledenaether. Juntos, os mundos completavam o grande ciclo da vida. Tudo começava em Foraether, o mundo anterior, o mundo dos vivos, e tudo terminava em Ledenaether, o mundo posterior, o mundo dos mortos. O mundo intermediário, Forsjaether, era um lugar de ecos e espelhos, fantasmas e sombras...” Eu vacilei, as palavras exatas me escapando por um momento. Embora a história fosse familiar, eu nunca a recontei com minha própria voz.

“Divididos entre a luz do mundo anterior e a escuridão do mundo posterior,” Calder pegou a história, “Forsjaether deu à luz três espectros de prata, enviando-os para Foraether, onde eles poderiam proteger todos os mundos de desequilibrar-se. O primeiro espectro prateado nasceu no suspiro moribundo de Foraether. Ela viu que era seu destino lutar contra a escuridão de Ledenaether. Ela lutou até não poder mais, e então lançou um último truque sobre as forças das trevas, lançando-se para o céu, onde seu poder manteria para sempre a escuridão sob controle até o nascer do sol.”

Olhei para o teto de pedra no escuro, retomando a história novamente. “Quando Foraether estava novamente ofegando por ajuda, o segundo espectro prateado apareceu e olhou para o céu noturno, vendo um crescente de luz para onde o primeiro espectro havia fugido. Ela conhecia seu dever e lutou até não poder mais, e então, assim como a primeira, ela lançou um último truque sobre as forças do mal, enviando seu poder para o céu onde a lua crescente aparecia. Uma luz ainda mais forte que a primeira para afastar a escuridão até o nascer do sol.”

“O terceiro espectro prateado viu a lua no céu e soube que eles haviam falhado em suas batalhas. Ela sacrificou seu poder imediatamente, enchendo a lua com sua essência para que cada um pudesse viver depois de seu fracasso,

iluminando o caminho do amanhecer ao anoitecer. Guardiões eternos contra as forças das trevas do pós-mundo.”

“Alina adorava essa história.” A voz de Calder estava fraca. “Ela gostava mais do que a versão dos setoriais, que falava de três mulheres predestinadas e seus três Blodsjel predestinados, todos preditos a lutar contra o rei de Ledenaether. E o mundo... destinado a entrar em colapso se eles falharem.”

“Gosto mais da versão dos mordomos também.” Eu virei para o meu lado, estudando o lado de seu perfil. “Os mestres sabem o que eu sou.”

“Claramente.”

“Acho que eles brigaram por minha sentença porque querem me usar para derrubar o rei de Ledenaether.”

“Parece a explicação mais óbvia,” ele concordou suavemente.

“Eu não acho que posso derrubar o *rei de Ledenaether*.” As últimas palavras foram assobiadas entre meus dentes, aborrecimento queimando dentro de mim com a falta de expressão no rosto de Calder.

Seus lábios se contraíram, embora ele não parecesse realmente divertido. “Se os mestres acreditam que ele seja verdadeiro... sua existência é mais real do que eu realmente acreditei. Sempre soubemos que estávamos lutando contra algo horrível. À medida que Alina se aproximava de sua cerimônia kongelig, coisas terríveis começaram a acontecer, exatamente como estão acontecendo com você agora. Ela estava lutando contra alguma força maligna a cada passo, embora não pudesse vê-la como você pode. Ela só sabia que estava lá, atacando-a, perseguindo-a. Ela podia senti-la invadindo sua mente, envenenando seu sangue. Ela sabia que, se a levasse, levaria o resto do mundo. Quando ela morreu, eu esperava que as pessoas comessem a cair como moscas, mas isso não aconteceu. *Nada* aconteceu, não até *você* atingir a mesma idade que Alina tinha quando as coisas começaram a acontecer com ela. Eu contei os dias... você estava exatamente a um mês de sua cerimônia kongelig quando aquela sombra explodiu em seu peito.”

“E agora estamos a três semanas de distância,” concluí.

“Cada um dos Fjorn parecia ter a mesma idade que Alina quando morreram,” Calder advertiu. “Mas a escuridão não está apenas atacando você desta vez, está atacando a todos. O rei de Ledenaether provavelmente é real, mas nossa batalha é aqui e agora.”

“A Escuridão está atacando todos ao *meu* redor,” murmurei. “Eclodiu onde eu morava, em Breakwater Canyon, e depois estava em um dos frascos de remédio que eu segurava.”

“Estava dentro da Aranha por anos... ela nunca esteve perto de você.”

“Estava dentro dela por anos depois que ela ficou obcecada com suas previsões sobre mim. A correlação ainda existe.”

Ele cantarolou aquele som grave em resposta de novo, e algo saltou no meu peito. Uma onda nervosa de excitação por finalmente poder discutir essas coisas com alguém. Alguém em quem, inexplicavelmente, eu confiava. Eu não confiava nele como as pessoas confiavam umas nas outras depois de anos provando sua lealdade, honestidade e firmeza. Eu confiava nele do meu jeito sombrio. Eu confiava nele porque podia sentir a impossibilidade de sua traição com tudo dentro de mim. Confiava que enquanto eu estivesse ligada a ele, ele seria *forçado* a lutar do meu lado.

Eu confiava nele porque eu precisava.

Conversamos em voz baixa até que eu caí em um sono exausto, apenas para ser acordada pelo som alto de botas pesadas batendo no chão do porão perto da minha cabeça. Meus olhos se abriram, e saí de baixo do peso pesado de uma capa – a capa de Calder – apenas para descobrir que ele não estava dormindo ao meu lado. Ele estava parado na porta do porão, jogando as luvas para baixo e revelando a delicada faixa dourada do meu anel, torta na ponta de seu dedo mindinho. Ele o estendeu para mim, e eu o peguei de volta sem palavras, encaixando-o no meu segundo dedo, evitando a posição de promessa no meu dedo médio, onde o Inquisidor o havia colocado.

“Onde você foi?” Perguntei a ele quando vi uma bandeja do lado de dentro da porta. As sobras do jantar do Inquisidor consistiam em meia taça de vinho e um pedaço de pão.

Calder me pegou olhando para a bandeja. “Tive que voltar para a torre, as guarnições estão em caos. Meu segundo em comando, Malthe, está em revolta aberta porque entreguei minhas funções a Ingrid, que é a terceira em comando.”

Eu sabia o suficiente sobre os Sentinelas para saber que as únicas pessoas que tinham patente e comando eram as Companhias, que organizavam agrupamentos de guarnições em Fyrio. Cada cidade, ou seção de terra, recebeu uma torre de guarnição e uma guarnição para povoá-la. Havia uma escondida na floresta pelos portões de Breakwater Canyon, outra na base de Sectorian Hill, disfarçada em um bolsão de altas sequoias, e outra no coração pulsante de Hearthenge. As outras eu não conhecia a localização, mas sabia que existiam.

A Companhia em nossa área era composta por um capitão e três Sentinelas, seu segundo, terceiro e quarto em comando. Juntos, eles governavam as guarnições do oceano que desaguavam no Lago Enke até as bordas da Floresta

Selvagem sob o Penhasco Uivante.

O Capitão poderia ser seu nome Predestinado, mas ele também era literalmente o capitão mais importante deste lado de Fyrio. Ter conseguido tal coisa em sua idade era surpreendente, e fez seu nome Predestinado parecer ainda mais adequado.

Ele largou minha mochila no chão, tirando dois pacotes embrulhados em papel de dentro e entregando um para mim. Dentro havia um pedaço de pão com manteiga, uma fatia de presunto e uma fatia generosa de queijo, ao lado de outro pacote menor. Eu inalei a comida quando descobri o segundo pacote, meu estômago roncando enquanto eu engolia. Gemi quando o cheiro de açúcar de confeitiro me atingiu, o pequeno bolo de *jarkrem* caindo na minha palma. O *jarkrem* era uma iguaria tradicional do café da manhã da Fyrian, muitas vezes apreciada pelas mulheres setoriais durante o chá com aroma de flores. Os pequenos bolos de lareira eram feitos com uma massa de aveia adoçada, escavada no centro e recheada com creme de leite e morangos frescos picados. Eu tentei recriá-los, uma vez, com farinha grossa e leite de cabra fermentado em açúcar, mas falhei miseravelmente.

“Nunca comeu um?” Calder adivinhou, me olhando em silêncio.

“Nunca,” falei, olhando para o deleite. “Obrigada.”

Ele quase sorriu. “Coma rápido; precisamos sair. A quem você está servindo hoje?”

“O Mestre Guerreiro, depois o Tecelão, depois o Rei.”

“Eu deveria ter trazido mais comida,” ele murmurou. “Você vai precisar.”

“Hoje não pode ser pior do que ontem.”

“Você não conhece o Mestre Guerreiro. Provavelmente perderemos a maior parte do dia tentando encontrá-lo, e então você será punida por não chegar com o nascer do sol.”

Balancei minha cabeça, segurando o anel enquanto mordida o *jarkrem*, uma maravilhosa explosão de sabor se dissolvendo na minha língua.

“Isso pode nos levar a uma pessoa, não apenas a um lugar,” falei, depois de engolir minha mordida, torcendo meu dedo para ele.

“Você sabe o que poderia ter acontecido se você tivesse tentado algo que o anel *não pudesse* fazer?” Ele perguntou, nem um pouco impressionado, seu papel de embrulho de comida enrugando enquanto suas mãos se fechavam.

Eu balancei minha cabeça, ainda enfiando o bolo na minha boca.

“Os objetos mágicos estão vivos. Eles precisam ser alimentados.” Suas palavras ecoaram as do Negociador, forçando a comida grudar, grossa e sem

gosto na minha boca. “Este anel pode ter a magia do Inquisidor suficiente para durar anos, mas se você pedir para ele fazer algo contra sua natureza, ele exigirá um preço extra, e o preço exigido por um objeto sempre será pior do que o exigido por uma pessoa. Objetos mágicos são produtos da magia Eloi, antes de tudo... o espírito é sua moeda. Poderia roubar sua própria essência, alguma parte de você que você nem percebeu que poderia ser separada de você. É pior do que perder um membro. Às vezes, pior do que perder a vida.”

Toquei a pulseira translúcida em meu pulso, sentindo aquela mesma essência roçar as bordas da minha mente, como se viesse me cumprimentar. Estava bem ali, ao meu lado, grudada em mim... mas nunca mais estaria *dentro* de mim. Foi para sempre separada de mim.

“Minha inocência,” eu expliquei enquanto os olhos de Calder baixavam para testemunhar minha inquietação.

Não havia pena no reflexo nítido de seu olho azul, apenas uma compreensão sombria. Ele se inclinou para vasculhar minha mochila, extraindo um dos pacotes que o Rei havia deixado para mim, um pedaço de couro escapando do embrulho.

“Você vai querer a proteção extra,” disse ele, jogando o pacote aos meus pés e virando as costas, os braços cruzados enquanto olhava para a porta do porão.

Parecia estúpido que eu tivesse ficado na fria sala de pedra, sabendo que assim que o novo dia chegasse, eu não estava mais a serviço do Inquisidor e não precisava mais seguir suas ordens. Terminei de comer e abri o pacote, revelando as seções complicadas de peças de couro que de alguma forma compunham uma roupa. Algumas das seções foram endurecidas com metal embutido, uma cor dourada manchada espreitando através da costura. Eu finalmente discerni algo parecido com os trajes usuais usados por baixo das roupas femininas setoriais, embora este fosse diferente. Era de couro marrom grosso, um forro de seda escondido por dentro. Ele se moldava firmemente ao corpo, dois ovais cortados nas laterais, expondo os quadris e as laterais do estômago e das costas. Algum tipo de cobertura cabia por cima do body, terminando alguns centímetros acima da cintura. Os padrões incrustados de metal curvavam-se na frente do meu peito e no topo da minha coluna, conectados com tiras marrons e fivelas ao longo dos meus lados. Uma saia com cinto deslizava sobre os quadris, o cinto puxando ao longo do corte do body, acima da minha cintura, outra faixa em volta dos meus quadris. A saia tinha duas camadas curtas. Ainda outra parte da roupa cabia sobre meus ombros, vislumbres metálicos espiando do couro que cobria meus

ombros, prendendo a armadura superior do peito com tiras. Outro conjunto de blindagens cobriu meus pulsos e antebraços, e fiquei feliz em ver a marca do Inquisidor e a marca da Aranha desaparecendo de vista. Pude voltar a usar o mesmo calçado, pois também havia envoltórios de joelho e coxa no mesmo couro marrom fervido que complementava as botas de cano alto.

A roupa era claramente algum tipo de uniforme de guerreiro. Os Vold, e os Sentinelas em particular, muitas vezes usavam roupas reveladoras e escassas para mostrar seus físicos impressionantes. Com a capa de Calder ainda no chão, pude ver metade de suas costas nuas acima da armadura dourada que envolvia seu torso. Os músculos se contraíram e se esticaram enquanto ele levantava o antebraço para investigação. Ele claramente havia costurado e refeito a bandagem de seu ferimento depois da minha tentativa lúgubre de cuidar dele na noite anterior.

Apesar da minha roupa mostrar tanta pele, era de longe a coisa mais pesada que eu já tinha usado, e comecei a realmente apreciar o quão rápido e silenciosamente Calder se movia, sobrecarregado como devia ser por tanta armadura.

Puxei meu cabelo sobre meus ombros, arrumando os fios para que eles pudessem esconder meu rosto melhor. Senti um nó na garganta quando enfiei tudo de volta na mochila e murmurei: “Pronto.”

Calder girou sem olhar para mim, pegando minha mochila e colocando-a em seu ombro.

“Venha aqui,” ele murmurou, estendendo o braço para eu agarrar. Ele pausou, então, seus olhos no espaço de pele entre as faixas na parte superior das minhas coxas e a bainha da saia.

Um sulco profundo apareceu entre suas sobrancelhas, puxando a cicatriz ao longo de sua sobrancelha esquerda enquanto seus olhos se arrastavam para cima, rastejando ao longo de meus quadris expostos até o símbolo dourado costurado no centro da armadura que cobria meu peito.

Era uma flor *nott*, o caule reto como uma haste, o botão caído como uma lágrima, duas pétalas se abrindo. O néctar da planta podia ser mortal ou calmante, dependendo da quantidade, e era por isso que muitas vezes foi chamado de “flor da noite” em Fyrian.

Era também o sigilo do rei.

Seus olhos pareciam brilhar, até mesmo a íris azul brilhando com fogo perigoso. Encontrei o nó na minha garganta crescendo, meu café da manhã ameaçando voltar. Por alguma razão, eu estava apavorada que ele desaprovasse

que eu me vestisse como um Vold adequado. Eu estava de pé em um precipício, perseguida por meus sonhos mais loucos, com medo de que ele me empurrasse da borda com uma risada.

Boa tentativa, Lavenia... mas você nunca será um de nós.

“Quase,” ele finalmente murmurou, dando um passo à frente, os dedos de suas botas contra os dedos das minhas. Ele me fez um gesto, seus olhos duros nos meus quando ele levantou a mão para sua própria cabeça. Seu cabelo ainda estava arrumado da mesma maneira que no dia em que o conheci, os fios dourados escuros trançados firmemente nas laterais de sua cabeça, a parte superior do cabelo presa por anéis de bronze da linha do cabelo até a ponta. Ele arrancou o primeiro anel, soltando uma mecha de cabelo manchado para escovar contra sua testa. Ele empurrou os dedos no meu cabelo, separando uma seção na frente. Ele começou a trançar firmemente ao longo do topo da minha cabeça, seus dedos trabalhando sem hesitação, um cheiro enjoativo derivando de sua pele enquanto ele puxava minha cabeça para baixo para terminar a trança no topo da minha cabeça. Ele cheirava a cinzas, o rescaldo fumegante de um incêndio florestal, seu próprio poder ardente e violento.

Ele prendeu o anel de bronze no meu cabelo e então encontrou meu queixo, levantando minha cabeça até a dele. Foi diferente de como o Inquisidor me tocou. A pele de Calder estava mais quente do que era confortável, mas o toque mal roçou minha pele. Era mais uma sugestão. Eu queria agradecê-lo, mas o nó na minha garganta desceu para o meu peito e estava esmagando meu coração em um aperto doloroso.

Sua expressão mudou, ficou desconfortável e depois confusa, tudo exposto para eu ler em sua expressão normalmente controlada. Ele agarrou meu pulso com uma mão, colocando um dedo contra o meu anel.

“Diga o nome dele,” ele exigiu em um tom ansioso e brusco. “Vamos acabar com isso.”

“Helki,” eu sussurrei enquanto ele empurrou o anel uma vez ao redor do meu dedo.

Ele segurou meu pulso enquanto o piso do porão rachava e desaparecia, desmoronando sob nós. Quando caímos, ele passou um único braço grande em volta de mim, e ele caiu com uma respiração pesada, seus pés firmes no chão, os meus balançando em torno de suas canelas. Ele me colocou no chão imediatamente e se endireitou, já ciente de seus arredores enquanto eu piscava para afastar a tontura.

“Uma hora depois do nascer do sol,” uma voz profunda soou. “Você está

atrasada, Tempest.”

O Mestre Guerreiro estava a apenas um pé de mim, meus olhos grudados em seu peito. Ele usava uma variação do uniforme dos Sentinelas, seu peito largo em exibição acima das placas de metal escuras e fivelas de couro envolvendo a parte inferior do estômago, uma armadura mais pesada ao longo de seus ombros, tiras cruzando sobre o peito e sob os braços para prender a espada gigante em suas costas.

“Pelo menos ela está vestida corretamente,” outra voz comentou. Era uma voz que reconheci: forte, um teor de aço sob as palavras ditas tão calmamente, tão suavemente, que te confundia antes mesmo de a frase ser completada.

Era a voz do Rei.

Não ousei desviar o olhar do urso de um homem diante de mim, meus olhos ainda grudados em seu peito.

“Isso ela está,” retumbou o Mestre Guerreiro. “Eu vejo seu sigilo no peito dela, Vidrol.”

“E eu sinto a energia de Fjor em cima dela,” outra voz comentou. Grave por desuso. O Tecelão.

Engoli em seco, o pânico escorrendo pela minha garganta, meus olhos passando rapidamente para o lado do Mestre Guerreiro. Eu não podia ver muito ao redor dele, mas com um único olhar, eu sabia que estávamos em Edelsten. Em Edelsten Court especificamente, não apenas na cidade de Edelsten. Havia uma cúpula de vidro multicolorido que se estendia muito acima de nossas cabeças, fundindo-se a paredes de tijolos de arenito esculpidos, alguns tijolos substituídos por vidro em intervalos aleatórios. A parede à minha direita era toda de vidro, reta como um pinheiro, vidraça sobre vidraça, as bordas incrustadas com o sal do mar. Além da parede de vidro estava a característica que realmente denunciou nossa localização, havia uma varanda com pontas longas e tortas da coroa da estátua que nos sustentava, o Mar de Tempestades rugindo além, correndo para o horizonte. Eu tinha visto muitas pinturas da estátua que nos sustentava e do castelo em que eu estava agora.

A Sky Keep pendia da beira dos penhascos à beira-mar, sua posição impenetrável, estendida sobre as águas mortíferas por uma laje de *opalstênio*... uma curiosa pedra de cinza escuro ondulada com janelas de opala leitosa. A estátua que resistia ao bater raivoso das ondas abaixo de nós era de uma mulher com uma coroa de madeira à deriva, seu corpo esculpido esticado para cima, músculos tensos, decorada com algas marinhas. Suas mãos seguravam as laterais da plataforma, a ponta descansando em sua cabeça, sua coroa formando a sacada

que dava para o céu.

Eu nunca pensei que veria a mulher de madeira flutuante, ou o colorido e abobadado Sky Keep, ou o chicote furioso do vasto mar. Eu nunca pensei que meu herói ficaria a menos de trinta centímetros do meu rosto, ou que o Rei deste mundo me forçaria a usar seu brasão.

Mas acima de tudo... eu nunca esperei que minha vida se tornasse um jogo para pessoas mais poderosas do que eu, meu destino nada mais do que uma lenda a ser distorcida, manipulada, amarrada a uma vantagem e puxada em todas as direções até que não restasse nada de mim, mas as cordas que pendiam dos meus ombros e as marcas da servidão na minha pele.

“Isso seria porque ele me marcou,” falei, referindo-me ao comentário do Tecelão de que ele podia sentir a energia do Inquisidor em cima de mim.

“Você fez um acordo com Fjor?” O Mestre Guerreiro exigiu, sua voz um estrondo que eu poderia imaginar sacudindo as coisas pela sala. Ele não parecia surpreso que minha voz tivesse retornado.

“Fui enganada em um acordo com o Inquisidor,” eu corriji, xingando interiormente pelo uso de seu nome Predestinado. Eu pretendia mostrar minha força, usar seu nome verdadeiro, mas a palavra escapou de meus lábios, o outro nome tomando seu lugar.

“Truques sujos,” o Mestre Guerreiro retumbou, uma risada em sua voz. “Mas você é um Vold, no fundo, não é garota? Veja como você se vestiu para me servir hoje. Você não será influenciada por manipulações. Você sabe onde você pertence.”

Calder devia saber que a roupa me renderia o favor do Mestre Guerreiro. Olhei para trás, sentindo de alguma forma que Calder estaria na direção da maior ameaça para mim, os homens dentro da sala. Procurei nas sombras atrás dos móveis, nos espaços vazios ao lado das portas que davam para a sala, e finalmente o encontrei perto de uma grande lareira em uma extremidade da sala. Ele estava encostado no manto de tijolos de arenito, seu braço entalhado ao lado de uma coleção de garrafas de cristal, seus olhos casualmente varrendo a sala.

“Você está certo,” murmurei, os olhos de Calder piscando para os meus. “Não serei manipulada. Não mais.” Voltei-me para o Mestre Guerreiro, forçando meu olhar para o dele, categorizando a sarda dourada em seus olhos castanhos translúcidos, uma cicatriz branca grossa cortando o lado direito de sua têmpora, uma sombra de barba por fazer escondendo mais cortes e cicatrizes, seu pescoço manchado de escuro com uma queimadura curada.

“E eu não vou me casar no dia da minha cerimônia kongelig. Eu posso ser

prometida em serviço, mas pela última vez que verifiquei, você não pode vender seus servos em casamento em Fyrio.”

O Mestre Guerreiro sorriu, uma grande fileira de dentes piscando para mim, suas sobrancelhas se estreitando em uma expressão irônica.

“A pequena cresceu alguns dentes com sua voz, ao que parece.”

Ele se afastou e eu finalmente consegui ver o resto da sala - uma espécie de sala de estar, com móveis pesados de madeira forrados de couro, peles grossas espalhadas por quase todas as superfícies. O Tecelão estava sem capa, sentado em uma das cadeiras, os dedos entrelaçados, os cotovelos apoiados nos braços de madeira. Ele me examinou com firmeza, a superfície enganosamente rasa de seus olhos azuis brilhando com inteligência. Atrás de sua cadeira estava o Inquisidor, mãos cheias de cicatrizes segurando uma missiva enrolada, o papel girando entre seus dedos longos e cuidadosos. Para minha surpresa, o Erudito também estava lá, sentado com a coluna ereta e um olhar cortante, como se ressentisse minha própria presença. Sua boca estava firme, suas pernas afastadas, seus pés calçados com botas pesadas, a gola de seu casaco engomada em uma curva acentuada. Tudo nele era perfeito e obsessivamente arranjado.

“Ela está certa, é claro,” o Rei meditou, movendo-se para o banco de madeira flutuante preenchido pelo Erudito, sentado ao lado dele. “O que você acha, Andel? Quais são as chances dela querer se casar com um de nós em um mês?”

“Baixas.” A voz do Erudito pingava de insatisfação, descontente com a conversa. “Ela não tem sentido em sua cabeça. Ela preferiria ser uma serva, uma criminosa, uma pária. A vida da esposa de um mestre não a atrai.”

“Ela anseia pelas coisas erradas,” observou o Rei. “Venha aqui, Tempest.”

Eu fiquei imóvel, meus olhos passando rapidamente para o Mestre Guerreiro, cujas sobrancelhas escuras se ergueram. Ele riu, o som retumbando ousadamente pela sala. “Ela está a meu serviço hoje, Vidrol.”

O Rei sorriu, seus olhos verdes escurecendo, seu poder sussurrando pela sala para envolver meus tornozelos. Minha respiração ficou superficial, meus olhos presos nos dele, minha língua pesada e muda quando dei um passo curto e relutante em direção a ele. Ele estendeu a mão, ainda sorrindo, seus olhos ainda sussurrando para mim, e de repente eu estava diante dele, ofegante com a força de sua energia enquanto arranhava minha pele, afundando em mim tão profundamente que de repente me senti... *conectada* a ele, como se ele tivesse feito um lar para si mesmo dentro de mim.

“Sua magia da alma é fraca. Sem prática.” Sua voz era um chamado baixo e

sussurrante, um som ouvido das sombras de uma floresta, sugerindo um predador espreitando nas sombras. Seu poder era um lugar para se perder. Era o emaranhado de raízes sob meus pés, a pressão de uma brisa de verão contra minha espinha, me fazendo tropeçar para frente até que eu estivesse entre os troncos de suas pernas.

“Você anseia por um propósito.” Ele continuou a sussurrar, sua voz farfalhando como folhas, seus dedos como trepadeiras roçando meus braços. “Você sempre quis um propósito e agora o encontrou. Você acha que está destinada a proteger as pessoas deste mundo do mal que cresce, mesmo agora, mesmo aqui.”

Suas mãos agarraram meus ombros, me puxando para frente, nossos rostos a centímetros de distância, seus olhos se estreitando, seu toque deslizando para o meu pescoço. “Você vai fazer qualquer coisa para servir ao seu propósito, não vai, Lavenia?”

Assenti, meus braços flácidos ao meu lado, meu olhar procurando o dele, um suspiro moribundo acima de um poço de vida. Seu poder me consumiu, secando minha garganta e me oferecendo uma gota de veneno.

“Faça um acordo comigo,” ele exigiu, seu tom mudando, tornando-se afiado, uma serpente atacando e recuando, ameaçando avançar novamente.

Engoli em seco com o esforço de recusar, de escapar de seu poder. Ele não se preocupou em me enganar em um acordo como os outros fizeram. Ele era o rei deste mundo e podia exigir o que quisesse. O poder Sjel era uma força a ser reconhecida. Para o setorial médio, poderia revelar as verdadeiras intenções de uma pessoa ou manipular seus desejos básicos. A magia da alma podia criar uma tempestade de terror de uma semente de medo, uma torrente mortal de desespero de um único fio de desejo.

Eu permaneci mole e flexível, presa nas garras da insinuação do Rei, meus sonhos arrancados da minha mente, esfolados como animais caçados e empilhados para seu exame. Eu podia senti-lo andando por eles, tocando-os, julgando-os, profanando-os. A esperança que eu tinha acumulado, embora pequena e frágil, foi facilmente arrancada de seu esconderijo e lançada ao fogo de seu poder enquanto ardia em mim. Engasguei com mais força e ouvi a voz irritada de Calder do outro lado da sala.

“Não,” eu resmunguei, tanto para ele quanto para o Rei.

Eu não serei manipulada.

“Não?” O Rei parecia quase encantado com minha recusa, seus dedos se contraindo sugestivamente. Percebi que suas mãos grandes diminuía meu

pescoço, a força sob seu aperto ameaçando estalar minha cabeça para o lado em um único movimento limpo. Seu poder já não parecia ser a maior ameaça, e por um momento eu estava sobrecarregada o suficiente para pensar que não era seu poder de Sjel me sufocando, mas suas mãos. Agarrei seu aperto, uma adrenalina estranha fluindo através de mim.

“Faça um acordo comigo,” o Rei repetiu, embora seu tom estivesse bajulando novamente, a mordida de demanda derretendo. “Você pode nomear seu preço. Eu nunca ofereci tal acordo antes, e nunca mais o farei. Se estiver em meu poder, eu vou conceder.”

Essa adrenalina dobrou, triplicou, e minhas mãos afrouxaram contra as dele quando percebi que podia respirar facilmente, suas mãos apenas gentilmente me segurando.

“O que você quer, Lavenia Lihl?” O Rei sussurrou, sua cabeça mergulhando ao lado da minha, suas palavras roçando meu pescoço. “Diga-me o que você quer e deixe-me marcar você.”

As palavras estavam na ponta da minha língua, meus sonhos balançando na brisa diante dos meus olhos.

Faça de mim um Sentinela.

Liberte-me.

Ajude-me a salvar o mundo.

Sentido se infiltrou brevemente, meus dentes cavando em meu lábio inferior. Eles me ajudariam a salvar o mundo de qualquer maneira. Eles entregariam remédios para lutar contra a Escuridão e tudo o que estivesse em seu poder, porque eles *queriam* derrotar o rei do pós-mundo.

Eles queriam que eu ganhasse.

Seria um desperdício de um favor.

Também não estava em seu poder me libertar. Eu tinha sido julgada, minha sentença dividida entre os cinco. Todos eles teriam que concordar em me libertar, e eu sabia que não o fariam. Minha sentença me ligava a eles. Uniu nossos destinos e garantiu que eles se beneficiariam se eu fizesse o que eles acreditavam que eu estava destinada a fazer.

O que deixou um desejo.

O desejo que guardei por toda a minha vida, o verdadeiro segredo que se aninhava no meu mais secreto dos corações.

As palavras se ergueram novamente, ecoando pela minha cabeça, subindo na onda de excitação que estava diminuindo no meu peito, borbulhando ao toque de dedos grandes contra o arco do meu pescoço.

Faça de mim um Sentinela.

Abri a boca, meu olhar distraído pelo movimento atrás do Rei. Era Calder, dando um passo à frente, seu olho azul afiado com advertência. Ele não estava tentando me parar, apenas chamando minha atenção. Eu fiz uma careta, um pouco da névoa se dissipando da minha cabeça, um pouco da excitação se esvaindo.

Ele apontou para seus olhos, e eu mantive minha atenção lá, minha mente clareando ainda mais, aqueles sonhos secretos e esperanças de repente parecendo diferentes. Eles empalideceram, tornaram-se menos importantes.

Fiz uma careta, meus olhos piscando de volta para o Rei, sua magia sussurrante repetindo o mesmo desejo dentro do meu coração.

Você deseja ser um Sentinela.

Você deseja ser um Sentinela.

“Eu quero ser um Legionário,” exigi, e pelo canto do meu olho, eu podia ver o sorriso de Calder brilhar, breve e cruel, antes de desaparecer.

O Rei fez um grunhido de desaprovação, seus olhos brilhando em um verde venenoso. “Você sabe que não vai remover seu mor-svjake?”

“Eu sei.”

“Um Legionário?” O Mestre Guerreiro explodiu atrás de nós, grosseiramente mordaz. “O povo não vai aceitar. Não tivemos um em mais de um século, pelo menos.”

“Eles não terão escolha,” o Erudito inseriu calmamente. “Os Legionários, como vocês sabem, não são nomeados por demanda popular.”

“Eles ainda precisam se provar para os *Vold*,” o Mestre Guerreiro retrucou. “E a batalha que ela deve sobreviver será *comigo*. É minha marca que ela deve usar para este favor.”

“Ela não pede pouca coisa,” o Tecelão concordou.

Eu estava evitando olhar para o Rei, agora desconfortavelmente ciente de quão perto eu estava, suas pernas pressionando cada lado dos meus quadris, sua respiração na minha testa enquanto ele ouvia os outros. Voltei a me concentrar em Calder, tentando ignorar o poder sussurrante que ainda tentava me influenciar.

“Esse é o meu preço,” eu gritei.

“O que mais você poderia pedir?” O Rei zombou. “Não posso tirar suas marcas, não posso libertá-la, não posso desfazer os eventos do passado. Você pediu glória sem fim, para a adoração de nossa cidade. Você poderia ter isso simplesmente concordando em se casar comigo. Você seria a rainha deste

mundo, nenhum acordo necessário...”

Silenciosamente, eu zombei, e senti suas mãos se contraírem no meu pescoço novamente.

“Nenhum acordo necessário?” Li o aviso nos olhos de Calder, mas não precisava disso. “Você acha que estou destinada a derrotar o rei de Ledenaether. Se eu me casar com você, isso faria de você o rei deste mundo e do pós-mundo. E quando isso acontecer, quando você tiver mais poder do que qualquer homem vivo ou morto, o que você fará comigo?”

Voltei minha atenção para ele, me preparando para a onda de seu poder. Por apenas um breve momento, vi a resposta em seu meio sorriso e o descuidado e preguiçoso rastreamento de seus olhos sobre meu rosto.

Eu desapareceria.

Assim que ele não precisasse mais de mim, ele me faria desaparecer.

Seu poder abafou o pensamento, e eu estava perdida novamente, ofegante, minhas mãos em seus pulsos, agarrando-se a ele em vez de afastar seu toque.

“Você ainda terá que lutar pela honra,” insistiu o Rei. “Mas eu vou permitir. Se você vencer sua batalha, você se tornará o primeiro Legionário desde Helki.”

“Tudo bem,” murmurei.

“Onde você quer a marca?” Ele perguntou. “Normalmente, é no peito ou na parte superior das costas, visível o tempo todo enquanto o guerreiro se prepara para a batalha.”

Eu bati nas costas de sua mão, onde ele segurava meu pescoço.

Parecia apropriado. Eu transformaria minha servidão em minha força.

“Pretendo aceitar o acordo.” Ele parecia estar falando com o Mestre Guerreiro, embora falasse com os olhos em mim. “É para nosso benefício que coloco minha marca nela. E acho que uma marca de alma vai melhorar sua... atitude.”

Sua declaração foi recebida com silêncio, mas não tive tempo para suspeitar de sua submissão repentina, pois a pele do meu pescoço começou a formigar e depois a queimar, a sensação muito pior do que quando o Tecelão ou o Inquisidor me marcou. A marca dos Legionários parecia estar borbulhando em minha pele, rasgando tecidos, esculpindo linhas em minha alma. Não parecia magia da guerra, parecia magia da alma, como se os dedos longos e perscrutadores do Rei estivessem vasculhando os bolsos do meu coração, extraindo dolorosamente cada grama de minha bravura para esculpir a marca, para provar que eu era digna do que tinha desejado. Senti um longo puxão dentro do meu peito, uma sensação dolorosa de rasgar. Minha visão vacilou, e a marca

queimou incrivelmente mais quente.

Estava me julgando.

Decidindo se eu era digna.

“Homens morreram recebendo a marca dos Legionários,” o Rei sussurrou, sua voz tão baixa que eu quase perdi as palavras zombeteiras. “As linhas não são esculpidas por mim... elas são tiradas de dentro de você, da força de sua alma, da resiliência de sua mente.”

Deixei um único som estrangulado de dor escapar, meus olhos revirando, meus joelhos enfraquecendo.

“Eu não duvidaria dela.” Uma voz falou, firme e inflexível, sem graça e entediada. Calder, encenando algum tipo de cena. Julgando-me como os outros fizeram... mas julgando-me favoravelmente. Ele era apenas um conselheiro sem palavras, o fantasma dos meus passos, fazendo uma observação casual. “Eu a vi fazer... coisas inexplicáveis desde o julgamento.”

“Ela é o Fjorn. Aqui está sua explicação, Capitão.” A declaração zombeteira veio do Tecelão.

“Eu sei o que ela é.”

“Explica por que você não entregou a tarefa de guardá-la para um de seus homens,” observou o Mestre Guerreiro.

“É meu dever proteger o povo de Fyrio,” Calder retornou. “E a maior ameaça que já enfrentamos até agora está ligada a *ela*. Estou exatamente onde deveria estar. Deixei a Companhia em boas mãos.”

O Mestre Guerreiro grunhiu uma resposta, mas eu não conseguia mais me concentrar na conversa deles. Eu estava quase inteiramente presa pelo aperto do rei em meu pescoço, minhas mãos tentando agarrar suas coxas, meu corpo arqueando de dor.

A marca me drenou, e então não havia nada além de queimaduras e arranhões de linhas esboçando sobre minha pele, minha alma ferida se recolhendo enquanto o ataque recuava. Engoli meus gritos e pedi que quaisquer lágrimas de dor desaparecessem enquanto elas rolavam silenciosamente pelo meu rosto. Eu levantei meu queixo o máximo que pude, meus olhos no Rei, aceitando o que tinha sido minha escolha. Aceitando a dor da transformação que eu havia pedido, pela qual troquei os preciosos restos de livre-arbítrio que ainda poderia ter.

Eu havia trocado o capuz de águia dos Sentinelas pela marca de asas douradas dos Legionários, os guerreiros solitários sem guarnição, fora da administração da Companhia; poupados das regras enfadonhas da sociedade; o

povo sem senhores; os caçadores de horizonte que provaram ser os lutadores mais fortes de Fyrio. Eu seria a *única* pessoa a sobreviver a uma batalha com o Mestre Guerreiro.

Eu usaria a marca deles e então venceria sua batalha sagrada, e toda Fyrio me consideraria igual a seus maiores heróis. Exigiria o impossível, porque o impossível havia sido exigido de mim.

Eu enfrentaria a Escuridão tendo me provado na luz.

“Irei lutar... em... três semanas.” Eu gemi as palavras, minha voz rouca com a dor engolida.

“Isso lhe dá três semanas para se preparar, garota estúpida,” o Erudito observou desapaixonadamente. “Você estará lutando contra Helki, não o fantasma de sua mãe.”

“Duas semanas então,” eu forcei, ignorando as risadas divertidas que espalharam a sala atrás de mim.

GOSTO



Eu consegui ficar consciente enquanto minha marca estava completa, e mal notei quando as mãos do Rei deixaram meu pescoço, um de seus dedos pressionados no meu lábio inferior. Senti o eco de um arranhão, a memória de uma queimadura, e em algum lugar no fundo da minha mente, registrei que ele estava colocando sua marca no meu lábio. Bati em seu braço fracamente, mas ele já havia terminado, recostando-se enquanto seu toque sumia, olhos verdes brilhantes bebendo em sua obra.

“Ela é sua hoje, Helki,” ele murmurou. “Por que você não testa a marca?”

“Ela não é do meu gosto,” o Mestre Guerreiro respondeu enquanto eu cambaleava recuando do Rei, atordoada procurando um lugar seguro para sentar na sala.

“Ela é do gosto de alguém?” O Rei perguntou enquanto eu caía no chão, rastejando em direção a uma das cadeiras de madeira flutuante, minha cabeça girando, meus membros tremendo com os tremores secundários da dor.

“Muito fraca para mim,” a voz do Inquisidor soou, seu rosto nadando na minha visão enquanto eu me puxava para a cadeira, enrolando minhas pernas para cima e descansando minha cabeça em meus joelhos trêmulos, tentando acalmar minha náusea crescente.

“Sua pele é muito escura do sol,” respondeu o Erudito. “O cabelo dela uma bagunça. Ela parece um Vold.” Ele falava como se estivesse enojado com essas coisas.

Apesar da minha situação, encontrei uma risada borbulhando no fundo da minha garganta quando percebi o que eles estavam discutindo, apenas para ser

seguida por outra onda de náusea quando percebi que eles estavam discutindo minha relativa atratividade em relação à minha nova marca.

Toquei meu lábio, meus dedos trêmulos, e olhei para o Rei.

Que tipo de marca ele tinha me dado? Eu tinha pensado que era uma dívida, assim como os outros. Ele cruzou as mãos atrás da cabeça, acomodando seu grande corpo mais para trás na cadeira, esparramado onde o Erudito era reto, preguiçoso onde o Erudito era rígido, seus olhos semicerrados e suaves onde os do Erudito ainda eram duros e afiados.

Sentados um ao lado do outro, era difícil ver qualquer semelhança entre eles, exceto que ambos estavam totalmente focados em mim e totalmente descontentes com o que viam.

“Ela é muito magra para mim,” disse o Rei. “Nós provavelmente deveríamos começar a alimentá-la.”

“Ela é muito pequena,” o Tecelão concordou, quase em tom de conversa.

“Mas você não tem objeções de outra forma?” O Rei perguntou, seus olhos passando rapidamente para o outro homem.

Os lábios do Tecelão se torceram, uma aparência de sorriso. “Seu cabelo é berrante, seus olhos muito escuros, e ela carrega as marcas de tantos, sua pele cheira a energia conflitante.”

“Isso é tudo?” O Inquisidor perguntou, uma risada suave o seguindo enquanto ele rodeava a cadeira do Tecelão, seus olhos escuros endurecendo em mim enquanto a risada morria.

“Não,” o Tecelão murmurou. “Acredito que ela teria gosto de coisas tristes que seria melhor deixadas em paz. Amargura, medo e coisas do gênero.”

“Muito bem. Vamos deixá-la escolher.” O Inquisidor sentou-se, um tornozelo cruzado sobre o joelho, as mãos cruzadas no colo.

“Tempest.” O Mestre Guerreiro virou as costas para a parede de vidro, a mão direita no cabo de uma faca em seu quadril. “Escolha um de nós.”

“Para quê?” Eu resmunguei, mal conseguindo levantar minha cabeça.

“Para um beijo, garota estúpida,” ele atacou, como se isso devesse ser óbvio.

“Não.” Meu tom era plano, minha surpresa escondida, um pouco de força vazando de volta ao meu corpo. “Eu sou um servo, não um *kynpen*.” Cuspi a palavra, provando o que era errado. Os *kynpen* eram os homens e mulheres mordomos que ficavam sem opções e se voltavam para a prostituição nas cabanas de pedra construídas ao longo da linha d'água de Breakwater Canyon, criando um antro de desespero nas profundezas da montanha, como uma bola de

raiz podre rastejando por nossas casas para chegar à superfície. “Vocês não podem pedir essas coisas de mim.”

“Fjor,” o Mestre Guerreiro olhou para o Inquisidor. “Tire a voz dela de novo.”

A boca do Inquisidor se curvou, mas sua voz era hostil quando ele falou comigo. “Você gosta de acordos, não é, Lavenia? O que você gostaria em troca disso?”

Eu nem parei para pensar sobre isso, a demanda saindo da minha língua. “Diga-me por que, para começar. E então eu vou considerar isso.”

“Devemos testar minha marca,” respondeu o Rei. “É um tipo especial de marca da alma. Deve melhorar suas necessidades e emoções, e deve impedi-la de desenvolver essas necessidades para... os outros.”

Eu sorri, meus olhos zombando deles. “Eu não sou um brinquedo.” Eu cuidadosamente enunciei as palavras, embora minha voz continuasse fraca. “Se não quero me casar com nenhum de vocês, não é porque há algo errado *comigo*. É porque acho cada um de vocês tão repulsivo quanto todos parecem me achar. Nenhuma marca de alma pode me forçar a ter sentimentos por vocês. Desde o dia em que fui julgada na Cidadela, vocês me dispensaram, me menosprezaram e me manipularam...”

“E ainda...” O Inquisidor interrompeu, me examinando friamente. “Ainda há algo que você vai pedir.”

Desviei o olhar, reflexivamente, para Calder. Eu não conseguia ler sua expressão, mas ele não estava mais perto da lareira. Ele estava alguns passos além de suas cadeiras de madeira flutuante, sua postura espelhando a do Mestre Guerreiro — pernas plantadas, mão no cabo de uma faca, olhos cautelosos.

“Você está certo,” falei, me levantando de forma instável. “Quero uma hora para mim todas as manhãs. Não importa em que serviço eu esteja. Começando ao nascer do sol.”

Cada um deles olhou para mim, sem falar. O Rei e o Mestre Guerreiro me encararam como se estivessem me vendo pela primeira vez, enquanto o Erudito e o Inquisidor não pareciam nem um pouco surpresos. Todos eles sabiam por que eu queria àquela hora preciosa para mim. Eu precisava treinar. Eu havia negociado para me tornar um Legionário, mas sem a ajuda de Calder e sem tempo para treinar, não teria chance de derrotar o Mestre Guerreiro em batalha.

Depois que o peso de seus olhares foi tirado de mim, todos pareciam se olhar, chegando a um acordo silencioso.

“Muito bem,” disse o Rei. “Agora escolha um de nós.”

Eu não tinha pensado tão à frente, e agora eu não conseguia olhar para nenhum deles. Engoli em seco, tentando escolher entre seus sapatos, e quando isso falhou, simplesmente fechei os olhos e caminhei para frente. Era o Tecelão que estava sentado bem na minha frente, o Inquisidor ao seu lado. Parei diante deles, uma vibração de nervosismo despertando, uma semente de dúvida se enraizando em meu cérebro.

E se eu tivesse zombado deles muito cedo?

E se a marca da alma criasse desejo onde antes não havia nenhum?

E se eles estivessem certos?

Afastei-me dos dois homens diante de mim, movendo-me em direção à pessoa que eu menos gostava na sala. Aquele que não tinha me mostrado nenhuma bondade. Aquele que tinha me dispensado a cada passo.

Aquele que me ensinou que eu precisava de novos heróis.

Parei diante do Mestre Guerreiro, meus olhos na metade superior nua de seu peito, onde as asas douradas dos Legionários deveriam ter sido gravadas. Todos sabiam que para se tornar um Legionário, você deve derrotar o último Legionário conhecido em batalha... mas o Mestre Guerreiro não tinha um século. Ele era um homem nem velho nem jovem, apanhado no auge de sua força e poder, cavalcando tão alto acima de nós que era impossível vê-lo descer novamente. Eu simplesmente não conseguia imaginá-lo envelhecendo ou fraco.

Ele deve ter derrotado o último Legionário quando era *muito* jovem. O anterior teria sido um homem mais velho que se tornou um Legionário há mais de um século e que morreu desde então. O Mestre Guerreiro devia ser tão jovem que as pessoas esqueceram a história de sua batalha na sombra de sua lenda crescente. Como todas as coisas antigas e impossíveis, o povo de Fyrio havia rebaixado os guerreiros sagrados a personagens de histórias. Eu me achava indigna dessas histórias, mas agora via as coisas de maneira diferente. As velhas lendas se tornaram meus próprios pesadelos acordados, acumulando exércitos para agarrar meus braços, contos de pavor puxando em uma direção e sussurros de esperança na outra, preciosa sanidade ameaçando transbordar se eu fosse dilacerada. Eu estava coletando as histórias quebradas do passado e colocando-as cuidadosamente sob meus pés, degrau após degrau, tentando criar um futuro no qual eu prosperasse, transformando mito em conhecimento, coisas esquecidas em armas.

Eu estava tentando provar que não estava vagando com os olhos vendados, aleijada pelo mundo escuro e incognoscível, mas lentamente, desesperadamente, tornando-o meu.

Peguei uma cadeira de madeira ao seu lado, arrastando-a diante dele, o som das pernas de madeira deslizando pelo chão indecentemente alto. Escutei os pequenos baques da cadeira movendo-se pelo tapete, e a finalidade dela estar diretamente diante do Mestre Guerreiro. Fiz uma pausa para recuperar o fôlego, ainda enfraquecida pela marca no meu pescoço. Ele me observou, nem carrancudo nem sorrindo, sua mão ainda apoiada em sua faca. Subi na cadeira e fui recompensada pela luz distinta de desconforto em seus olhos de carvalho. Inclinei-me para frente, meus lábios perto dos dele, congelados antes do contato.

Amargura. Medo. O Tecelão estava certo, era exatamente como eu teria provado. Rapidamente pressionei meus lábios nos dele, ignorando a leve exibição de seus dentes. Eu podia sentir o pico do meu medo mesmo enquanto tentava ignorá-lo. Ele subiu bruscamente, encorajado pelo meu estômago embrulhado. Quanto mais eu tentava ignorá-lo, pior ficava, a marca no meu lábio formigando estranhamente enquanto a onda de sentimento dentro de mim se derretia silenciosamente em outra coisa.

Minhas sobrancelhas se arquearam, minha respiração curta e afiada pelo meu nariz enquanto mantive meus lábios pressionados com força contra os dele. A marca virou meu medo do avesso, injetando adrenalina, meu coração batendo em um ritmo perigoso. Senti a emoção se estilhaçando dentro do meu coração, quebrando-se em gravetos, cada pontada da marca no meu lábio uma faísca tentando acender o que quer que tenha construído dentro de mim. Eu não tinha medo de que a marca criasse desejo para qualquer um dos mestres, porque a magia da alma não poderia criar algo do nada... mas agora eu estava olhando para mim mesma, percebendo que eu era feita de mil coisas.

Havia saudade em mim. Desejo de pertencer, ser preciosa, estar cercada de força, crescer perto de outra pessoa, ter algo inquebrável, interminável, incondicional. Saber que eu nunca mais seria deixado sozinha. Eu ansiava por encontrar meu par em força, não ter medo de ferir quem segurava meu coração. Minhas pequenas necessidades tornaram-se desejos desesperados, e embora eu pudesse sentir que havia outras opções na sala, outras maneiras de buscar o apego que desejava, o Mestre Guerreiro era mais próximo.

Meus lábios se suavizaram, meu corpo se moveu para frente, uma das minhas botas se moveu contra a base da cadeira, dando um passo mais perto. Eu não estava mais forçando minha boca contra sua carranca, mas realmente encaixando meus lábios nos dele. Minha língua tocou seu lábio inferior, minhas mãos subindo para seus braços, depois para seu peito e depois para seus ombros. Não provei medo e amargura no beijo, apenas meu próprio desejo frágil e uma

estranha queimação em resposta.

Seu poder, percebi, enquanto a queimadura se espalhava pelos meus lábios, quase dolorosamente, escaldando minha língua. Senti um toque ao meu lado, uma mão grande se moldando à minha cintura, deslizando pela minha coluna e me puxando direto para a beirada da cadeira. Seus lábios se moveram, um som vibrando de seu peito para o meu. Era o som de uma fera na floresta. Um som de aviso.

O toque desapareceu, movendo-se para a minha frente. Ele me empurrou, um movimento preguiçoso, mas brusco, e eu voei para trás da cadeira, aterrissando contra outro corpo, braços se engancharam sob os meus e me colocaram de pé novamente.

Minhas costas estavam em chamas, energia escaldando minha pele, e congelei com os olhos arregalados, percebendo o que estava acontecendo.

Calder me pegou.

Sua energia estava vazando na sala, misturando-se com a do Mestre Guerreiro. Era por isso que eu podia sentir a queimação da minha pele. Eu me virei, meus olhos encontrando os dele. Ele estava respirando com dificuldade, as mãos tremendo ao lado do corpo, a fúria tensionando o ar.

“O que é isso?” O Tecelão perguntou, levantando-se, sua atenção mudando do Mestre Guerreiro para Calder.

O Mestre Guerreiro estava passando as costas da mão nos lábios, choque em seus olhos. “É impossível,” ele cuspiu, olhando diretamente para Calder. “Ele foi o último Blodsjel, é por isso que nós...”

“Helki,” o Erudito retrucou, encontrando seus pés em um movimento assustadoramente rápido. “Observe sua língua. Controle-se.”

O Mestre Guerreiro rosnou, seu peito arfando, seus olhos ainda fixos em Calder. O Erudito apareceu diante de mim, segurando meus ombros em suas mãos, seus olhos passando rapidamente pela minha expressão.

“Por mais impossível que seja, eles estão ligados,” afirmou, jogando a sala no caos.

Cada um dos mestres começou a avançar para nós, mas Calder se moveu repentina e rapidamente, sua energia Vold crepitando pela sala. Ele me puxou para longe do Erudito e minha cabeça girou vertiginosamente, a náusea ameaçando voltar com força quando minhas costas bateram na parede de arenito, a borda da lareira contra meu ombro esquerdo, um homem sufocante e furioso me enjaulando, suas costas viradas para mim.

“É verdade.” A voz de Calder não estava irritada e áspera como eu

esperava. Era macia e suave. Tranquila. Eu tremi contra suas costas, o cabelo ao longo dos meus braços se arrepiando. “Eu sou o Blodsjel dela.”

“Como isso é possível?” O Erudito perguntou, estendendo o braço quando o Mestre Guerreiro deu um passo à frente.

Eu podia vê-los através do espaço entre o braço de Calder e seu torso, e parecia que os outros quatro mestres estavam todos seguindo cuidadosamente o exemplo do Erudito, ficando um pé atrás dele, mas avançando devagar, com cuidado, sua atenção alternando entre ele e Calder.

“Uma pergunta melhor é por que vocês a querem separada de seu Blodsjel,” Calder retornou, sua voz ainda assustadoramente suave. “Se vocês realmente querem que ela derrote a Escuridão, por que separá-la de sua maior força?”

“Não seja absurdo...” começou o Inquisidor, mas o Erudito lançou lhe um olhar, e Calder riu, rápido e afiado.

“Vocês me designaram para protegê-la porque eu sou o único Blodsjel remanescente vivo. Um homem que vocês poderiam ter *certeza* que não estaria ligado a ela.”

“Bem, não foi só isso,” o Erudito raciocinou. “Você também foi muito conveniente.”

“Não mais. Por que isso?” Calder sacou a faca enquanto eles avançavam mais um passo, o calor na sala ficando opressivo.

Eu estava engasgando com isso, suor acumulando ao longo da minha testa, o trovão distante de poder acumulando começando a inchar dolorosamente na parte de trás do meu cérebro.

“Capitão,” a voz grave do Tecelão soou. “Escute-me. Concentre-se no que estou dizendo. Você precisa se controlar antes de colocar fogo em toda a maldita Fortaleza.”

Observei a cabeça de Calder virar-se para o Tecelão, embora ele não respondesse.

“Sete anos atrás, houve uma mudança no mundo,” explicou o Tecelão. “Senti e viajei direto para Vidrol.” Ele acenou para o Rei, que estava mais para trás do que os outros, como se tivesse desistido de avançar e decidido que observar Calder à distância seria o melhor curso de ação. “Eu não fui o único que sentiu, os outros chegaram no mesmo dia. Juntos, chegamos a uma teoria. Nós decidimos que... como você chamou isso? A Escuridão?” Seu tom era naturalmente abrasivo, mas havia um tom de persuasão na maneira como ele falava, na superficialidade cuidadosa de seus olhos enquanto mantinha sua

atenção travada em Calder. “Decidimos que este quarto Fjorn não tinha vindo do mesmo lugar que os outros. Ela não era a mesma.”

“Não.” Calder enrijeceu, jogando a faca para a mão esquerda e puxando outra. Ele as sacudiu uma, duas vezes, apertando e flexionando seu aperto. “Eu sei o que você está tentando dizer. Você está errado. Não se aproxime.”

“Ela é um produto da Escuridão, Capitão.” O Tecelão estendeu as mãos, mostrando que estava desarmado. “Não é uma doença que mata, é uma doença que *possui*. Ela consumiu a energia de Fjorn e produziu a garota atrás de você. É nisso que acreditamos.”

“É por isso que você está protegendo-a.” Calder não parecia estar esperando uma resposta, mas parecia estar falando mais para si mesmo.

O Erudito respondeu de qualquer maneira, seus olhos violetas encontraram os meus onde eu estava espiando pela abertura na postura de Calder. “Os Fjorn estão enfraquecendo, seu poder desaparecendo a cada reencarnação. Mas o aumento de poder que sentimos foi imenso. Sentimos com toda a certeza de que ela era mais poderosa do que o Fjorn anterior... que ela tinha o poder de todos os três. A Escuridão deu isso a ela.”

“Você ainda não está se explicando.” A energia de Calder ficou insuportável, a força hostil me pressionando para baixo, meus joelhos escorregando para o chão.

Os cinco mestres não pareciam afetados, mas o Rei olhou para mim, seus olhos verdes se estreitando. “Ela tem imenso poder *sombrio*,” disse ele, voltando sua atenção para Calder. “Era lógico que se ela tomasse um Blodsjel, a conexão seria distorcida. Previmos que isso reverteria a conexão usual, que seria prejudicial tanto para ela quanto para ele.”

Lutei contra os efeitos da magia de Calder, lutando para ficar de pé e, em seguida, saindo de trás dele. Ele deu um passo para o lado sem sequer olhar na minha direção, me encaixotando novamente.

“Isto é o que pensamos,” disse o Erudito, observando seus movimentos protetores. “Você de todas as pessoas saberia... essa ligação entre você e ela é distorcida.”

“Seja o que for... é entre mim e ela.”

Eu fui para o outro lado, e Calder me bloqueou novamente. O suor estava encharcando minha pele, grudando meu cabelo no meu pescoço. Eu estava a ponto de desmaiar e precisava que ele se controlasse. Plantei as duas mãos em suas costas e empurrei, conseguindo empurrá-lo para frente uma polegada. Ele deu meia-volta, e usei a abertura para pular de trás dele. Seu braço disparou,

enrolando-se na minha frente e me puxando para trás, não me permitindo chegar mais perto dos outros.

“Nós não somos uma ameaça, Capitão.” A voz do Inquisidor era como um bálsamo fresco fluando pelo calor escaldante da sala. “Nós não vamos forçá-los a se separar. Sua conexão está segura.”

“Eu preciso que todos vocês se afastem para que eu possa me acalmar,” Calder respondeu. “E não toquem nela assim de novo.”

Para minha surpresa, todos os cinco mestres se afastaram, seus olhos atentos, seus corpos tensos. Calder colocou meus pés de volta no chão, mas não me soltou. Seu aperto afrouxou, batendo distraidamente na minha cintura.

“Os Blodsjel também têm habilidades extras, não têm?” Eu adivinhei, absorvendo os vários graus de cautela espalhados pelos rostos dos cinco mestres.

Não havia como esses homens normalmente tratarem alguém com tanto cuidado. O Erudito era muito mordaz, o Rei muito arrogante, o Inquisidor muito astuto, o Tecelão muito indiferente e o Mestre Guerreiro muito brutal. Nenhum deles pensaria duas vezes antes de afastar qualquer um que entrasse em seu caminho ou se intrometesse em seus planos.

Por mais impossível que parecesse... eles tinham medo de Calder.

“É um fato menos conhecido,” o Erudito me respondeu, sua carranca apertada. “Mas sim. Eles se tornam bastante... temperamentais... quando o Fjorn é ameaçado.”

“Eu não estou ameaçada,” falei claramente, antes de torcer no aperto de Calder e me repetir. “Calder. Estou bem.” Toquei seu braço, e seus olhos brilharam para mim, queimando ouro e azul congelante, mais afiados do que suas facas. Não houve absolutamente nenhuma mudança nele.

“Como dissemos. Retorcido,” o Erudito murmurou. “Ele não está prestes a explodir porque você está em perigo. Ele está prestes a explodir porque não suporta ninguém tocando em você. Os instintos protetores aumentaram, contaminados pela energia escura, assim como seu poder.”

“Tudo bem, isso é o suficiente,” Calder retrucou, me soltando. Ele sacudiu a faca restante em um giro rápido e agitado antes de guardá-la. “Vocês não podem tocá-la assim novamente. É muito perigoso. Não consigo controlar minha reação.”

“Você vai ter que aprender.” O Erudito estava caminhando em direção à porta, nem mesmo olhando para trás. Parecia que ele tinha acabado com a situação agora que o perigo havia evaporado.

“Certamente vai acontecer de novo.” O Inquisidor seguiu após o Erudito.

“Ela não será capaz de se conter agora que carrega a marca da alma.”

“Eu só vou me jogar em quem eu estiver perto?” Perguntei com horror.

“Bem, quase.” o Inquisidor parou na porta, seus olhos aveludados encontrando os meus, a escuridão sugerindo algo horrível. “Vidrol mencionou que isso impediria que você desenvolvesse sentimentos pelos outros.”

“Como?” Perguntei, me afastando de Calder, o alívio guerreando com uma nova onda de suspeita. A temperatura no quarto havia baixado consideravelmente, o suor já estava secando na minha pele.

“A marca envenenará a alma de quem tocar em você.” Foi o Rei quem respondeu, puxando uma capa de uma galhada retorcida que parecia estar crescendo diretamente do chão de arenito. Ele a prendeu em volta dos ombros, a maior parte dela fazendo-o parecer ainda maior.

“Como?” Repeti, a palavra saindo em frustração.

“Se outro homem tentasse te beijar, ele se veria subitamente desprovido de toda emoção positiva. Quanto mais ele te beijasse, mais desesperada sua alma se tornaria até que, eventualmente, ele seria levado a pegar sua faca e acabar com sua própria vida.”

“Mas não vocês?”

“Somos os únicos homens neste mundo fortes o suficiente para resistir a isso.” O Rei parecia orgulhoso de sua própria ingenuidade. “Você matará qualquer homem com quem se torne íntima, a menos que seja um de nós.”

Esta criança está condenada à morte e a compartilhar a morte com os mais próximos a ela.

Olhei para ele, vendo um monstro na roupa de Rei, querendo me dar um tapa por mais uma vez subestimar um deles. A magia da alma não era tipicamente conhecida por ser má ou perigosa, mas eu tinha que assumir a partir deste ponto que *toda* magia nas mãos de um dos mestres era mortal.

“Parece que vou morrer sozinha.” Falei claramente, empurrando minha reação para o fundo da minha mente e depois enterrando-a. Eu não possuía a liberdade de me apaixonar de qualquer maneira. A marca da alma não mudava nada.

O Rei cruzou os braços sobre o peito, o fecho de águia dourada em seu cinto brilhando enquanto ele balançava nos calcanhares, um sorriso estranho mudando em seu rosto.

“Você tem mordida, garota. Isso é alguma coisa, pelo menos.” Seus olhos varreram sobre mim antes de derivar por cima do meu ombro para Calder. “Eu sei que é melhor não separar vocês dois, mas nem mesmo você pode impedir que

isso aconteça, Capitão. Nós somos sua melhor chance de sobrevivência. Sua melhor chance nas batalhas que virão. Seremos duros com ela, cruéis com ela. Vamos jogá-la no chão e forçá-la a levantar novamente. Faremos tudo isso e muito mais, porque somos a única chance dela. Sem nós, ela é fraca, impulsiva e seu poder é um perigo para todos. Depois que terminarmos com ela, ela poderá ter uma chance.”

Ele começou a seguir os outros porta afora, mas Calder deu um passo para o meu lado, sua voz calma, mas afiada, um chicote mergulhado em amargura.

“Por que você não fez isso por Alina? Você nunca falou com ela.”

O Rei balançou a cabeça, seus olhos impiedosos. “Você sabe a resposta para isso, Capitão. Até Tempest, *nunca* houve uma chance.” Ele fechou a porta atrás dele.

Uma parede sólida de peito cheio de cicatrizes apareceu diante de mim, erguendo-se acima de placas de armadura de couro escuro.

“Não pense que essas asas a liberam de seus deveres hoje,” o Mestre Guerreiro resmungou, seus olhos castanhos iluminados por dentro enquanto examinavam meu pescoço. “Os mordomos estão protestando. Um motim eclodiu ontem à noite depois que os doentes foram removidos de suas casas, e houve um novo surto esta manhã, aumentando o pânico. A Companhia enviou todos os Sentinelas da área para lidar com eles, todos os recrutas Vold foram convocados para a torre em Hearthenge para receber treinamento de emergência. O mal que está comendo este mundo não vai esperar que eles tenham uma iniciação adequada.”

“Você quer que eu me junte a eles?” Perguntei entorpecida, cuidadosa para não mostrar minha esperança ou excitação.

“Obviamente.” Ele passou por mim. “A montagem de triagem deles começa em breve. Eu não chegaria atrasado. A torre não é o Obelisco, você não terá uma régua nos nós dos dedos e uma lista de tarefas como punição.” Seu sorriso foi rápido e mortal, um flash de dentes brancos que poderiam muito bem ser presas, e então ele também se foi.

Apenas o Tecelão permaneceu, de pé junto à parede de vidro, com os olhos no oceano. Ele não olhou para mim quando me aproximei, mas pude sentir seus olhos no meu reflexo. Olhei para a nova marca no meu pescoço... duas asas de água unidas, curvando-se nas laterais. Prata, como as marcas do poder.

“O que sua marca faz?” Perguntei a ele, tocando a pele macia sob minha marca.

Ele virou a cabeça meia polegada, seus olhos caindo para os meus, tão

azuis e violentos quanto o oceano além dele. “É uma dívida de vida, como você sabe.”

“Mas o que ela *faz*?” Insisti, recusando-me a recuar mesmo quando ele se virou totalmente para mim.

“Ela vai *forçá-la* a fazer qualquer coisa que *eu* queira que você faça.” Ele falou as palavras lentamente, enunciando-as em demasia como se eu pudesse estar com dificuldade de ouvir. “Todo setorial tem uma marca, mas seu poder determina os efeitos da marca. A marca de Vidrol se alimenta da alma para produzir emoção, produzindo um ciclo perigoso e delicado que pode facilmente terminar em morte. A marca de Andel é um cinzel no cérebro, abrindo você para o exame dele. A marca de Helki é dor e morte, e geralmente a última coisa que uma pessoa vê.”

Olhei para ele, esperando pelo nome final. Quando ele não ofereceu prontamente, perguntei: “E o Inquisidor?”

Os olhos do Tecelão se estreitaram, descendo para as costas da minha mão direita, embora a marca estivesse coberta de couro.

“Fjor nunca marcou uma pessoa antes,” ele murmurou. “Agora me deixe em paz.”

“Quero ouvir meu destino.” Cruzei os braços sobre o peito, ignorando a fraqueza nas pernas e a dor na garganta enquanto a marca alada em meu pescoço latejava. “Quero ouvir as palavras pelas quais paguei com esta marca.”

Ele inclinou a cabeça para o lado. “Você parecia *notavelmente* relutante em ouvir isso antes. Isso é uma mudança e tanto.”

Eu esperei, em silêncio. Eu não lhe devia uma razão.

Ele fungou, o movimento quase um rosnado, e então voltou os olhos para o oceano.

“Nascida pela tempestade e derrotada pela tempestade, tenha cuidado com as forças do caos que a trouxeram a este mundo, pois elas veriam você deixá-lo da mesma maneira. Banhada em sangue e gritando. Olhe para as águas profundas para o seu destino, pois sua alma não é sua. Você não pertence a este mundo ou ao próximo, mas ao mundo final, aonde você retornará, morta ou viva, na vitória ou na derrota. A grande guerra começou e não será vencida até que todas as cinco batalhas por Ledenæther sejam concluídas.”

“A primeira, pela resiliência do corpo. A segunda, para agudeza da mente. A terceira, pela pureza da alma. A quarta, pela força do espírito. E a batalha final, a mais impossível, para enganar o destino imutável. Para unir os três mundos mais uma vez, você deve ser o mestre de todos.”

O Tecelão, depois de dizer mais do que eu jamais o ouvira falar, passou por mim sem dizer mais nada e saiu da sala, deixando-me cambaleando de volta para uma das cadeiras em estado de choque.

“Três mundos?” Eu gritei, quando Calder parou ao meu lado.

“Aparentemente, todas as lendas são verdadeiras,” respondeu ele. “O mundo intermediário, Forsjaether, é real.”

Peguei sua mão oferecida e puxei-me para fora da cadeira, ignorando a forma como meus membros queriam protestar.

“Sou só eu ou isso soou como se eu precisasse superar cada um deles para me tornar o mestre de seu setor para vencer esta batalha?”

A boca de Calder se curvou um pouco. “Isso é o que parecia.”

“E eles ainda querem que eu ganhe.”

Seus olhos dispararam para mim, procurando por algo nos meus. “Eles vão te matar assim que conseguirem o que querem, Ven. Você pode ser capaz de derrotar o Mestre Guerreiro e ficar forte o suficiente para evitar o que aconteceu com o Fjorn anterior no dia em que completou dezoito anos... e você pode até superar os outros. Mas há um limite para tudo, e não vejo você saindo por cima se eles decidirem se livrar de você. Vencer até mesmo um deles não parece possível agora... todos os cinco são apenas suicídio.”

“Eu sei.” Enlacei meu braço no dele, e sua mão subiu automaticamente, seu dedo encostado no meu anel. “Mas como você disse, nossa batalha é aqui e agora. Eu preciso sobreviver à Escuridão primeiro, e então podemos nos preocupar em como sobreviver aos tiranos.”

Ele sorriu, outro daqueles flashes rápidos e nítidos que desapareceram tão rapidamente quanto aconteceram, deixando-me estranhamente exultante e desapontada ao mesmo tempo.

“Quantas marcas você acha que vai conseguir por traição?”

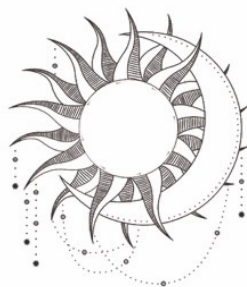
“Uma da Erudito para tornar minha pele mais clara, uma do Tecelão para me tornar mais alta, uma do Rei para me engordar, uma do Inquisidor para me tornar mais forte e uma do Mestre Guerreiro para consertar o que quer que ele não goste em mim.”

“Provavelmente sua atitude geral. Ele recebe pelo menos uma dúzia de ofertas de casamento por semana; ele não entende o que você não gosta nele.”

“Provavelmente sua atitude geral.”

Os olhos de Calder se enrugaram, me encharcando com um suave calor dourado e uma diversão azul cintilante, seus dentes aparecendo novamente, mas desta vez... o sorriso permaneceu.

RECRUTAS



Eu sabia que a guarnição de Hearthenge estava dentro da própria torre de Hearthenge, compreendendo uma base de algum tipo dentro do pátio, e tomando os níveis superiores da torre, que estavam fora do alcance de outros cidadãos em geral. Fomos deixados do lado de fora do mercado do Capitólio, já que o único local no centro da cidade que eu havia visitado era o quarto de Calder dentro da torre. Eu tinha, no entanto, ficado no ponto exato em que estávamos agora.

Hearthenge na verdade cobria uma vasta distância de terra, do topo da montanha que dava para o Lago Enke até a Cidadela. Havia um grande muro de pedra que envolvia o perímetro sudeste, com um portão guardado pelos Degraus da Expição. O perímetro norte estava desprotegido, provavelmente porque não havia assentamentos de mordomos entre Hearthenge e a Cidadela. As propriedades setoriais ocasionalmente tinham muros ou pequenas guaritas nos limites de suas propriedades, e o próprio henge era relativamente desprotegido, cercado pelo mercado do Capitólio que se estendia de sua base.

Por causa disso, foi fácil descobrir onde a guarnição estava localizada. Uma grande muralha brotava do lado sul do henge, conectando quatro pequenas torres de vigia, a passagem superior saindo de um lado da torre de Hearthenge e entrando novamente pelo outro lado. O mercado do Capitólio se espremia até a parede, estendendo-se pela metade até as bordas de um pequeno fosso forrado de pedra. A água batia alegremente em sua superfície de pedra, misturando-se com os sons de conversas animadas da barraca mais próxima. Era um som caloroso e acolhedor.

Calder nos desviou da aglomeração de pessoas que entravam no mercado, e

seguimos a curva do fosso até uma ponte levadiça abaixada, guarnecida por um grupo de Sentinelas em cada extremidade.

“Capitão,” os dois primeiros saudaram em uníssono.

Calder virou à esquerda no pátio, seguindo um caminho aberto através de uma fileira de barracas de metal e couro. Paramos no anfiteatro gramado descendo para o térreo, levando a uma plataforma de madeira encostada na parede externa. Havia um homem e uma mulher de pé na plataforma e uma multidão de quase cinquenta recrutas reunidos nos assentos do anfiteatro. Todos pareciam ter a minha idade, a maioria vestido com roupas de combate, com exceção de alguns indivíduos de aparência nervosa em sedas setoriais ou linho bem passado.

“Boa sorte,” Calder murmurou antes de ir embora.

Ele começou a abrir caminho pela multidão, mas na terceira fila alguém o reconheceu. Assisti enquanto a revelação sussurrada se espalhava por eles, de fileira em fileira, até que seu caminho se clareou completamente. Com uma dor em algum lugar dentro do meu peito, eu o vi subir na plataforma e se sentar na pequena fileira de bancos ao longo da parede, desejando ter sido mais sábia na escolha dos heróis.

Eu gostaria de saber sobre Calder. Um homem quebrantado duas vezes, ainda disposto a entregar sua vida ao bem maior. Um homem se afogando em amargura e ressentimento, ainda um protetor inabalável até a fonte de sua angústia. Um homem que perdeu tudo e transformou em *algo*, que fez o que eu estava tentando fazer agora.

Eu estava encarando o caminho da impossibilidade, sabendo que ele já o havia trilhado... e isso era o que um verdadeiro herói era.

Os Vold obviamente sabiam sobre ele, mas nenhuma história dele foi contada pelos mordomos. Talvez fosse porque ele era tão jovem, os dois na plataforma eram facilmente dez anos mais velhos, mas agora olhavam para ele com incerteza, claramente divididos entre a importância de sua presença e qualquer que fosse sua tarefa atual. Eles se afastaram do resto de nós para se apresentarem diante dele.

Rapidamente encontrei um assento ao lado de uma garota de camisa e calça de linho branca, pequenas sapatilhas brancas nos pés. De alguma forma, elas não tinham um grão de sujeira nelas. Seu cabelo branco pomba estava preso em um rabo de cavalo apertado. Fiquei momentaneamente paralisada pela cor dos fios, e ela me pegou olhando.

“Sinto muito,” murmurei rapidamente, voltando o olhar para a plataforma.

“Sua mutação mágica é linda.”

“E você não tem uma, porque você é a Tempest,” ela retornou. Não era uma acusação. Ela falou de uma maneira simples e prática, sua voz gentil e pensativa. Pelo que eu podia dizer, ela nem tinha olhado para mim.

“Uh.” Olhei para ela novamente. “Eu acho.”

Ela sorriu, outro movimento gentil. “Qual é o seu nome verdadeiro? As pessoas não mencionam isso.”

“Lavenia.”

“Esse é um bom nome. O meu é Frey. Você sabe por que eles chamaram todos os recrutas? Suspeito que tenha algo a ver com a peste. Eles não se importariam tanto com os mordomos normalmente, então deve representar um grande perigo para os setoriais.”

Pisquei para ela, examinando-a com um pouco mais de cuidado. “Você é Sinn,” eu soltei.

Ela se virou para mim, seus olhos do azul mais claro. “Obrigada por notar. Minha mãe era uma kynmaiden de Edelsten; meu pai é um Sinn.”

“Era? O que aconteceu com sua mãe?”

Frey pareceu momentaneamente perplexa antes que seus olhos brilhassem em compreensão. “Claro, você foi criada como mordomo, não foi? É bastante comum para aqueles de nós que nasceram em Kynhouses nunca mais ver nossas mães.”

“Eu sempre pensei que minha mãe não me levava para ver nenhum dos meus meios-irmãos ou irmãs por causa de...” Eu me cortei um suspiro antes de dizer a uma completa estranha que eu acreditava ser amaldiçoada por mais de dezessete anos.

Ela sorriu, um pouco triste. “Desculpe. É o meu poder Sinn. Ele tende a extrair as mesmas coisas que as pessoas não querem me dizer. É por isso que eles me recrutaram. Eu não tenho muito controle sobre isso.” Ela virou a cabeça na direção do par de pé na plataforma, agora imerso em uma conversa com Calder. Eu só podia imaginar o que eles estavam falando.

Mais duas mortes em Breakwater Canyon.

A Aranha ressurgindo e depois desaparecendo novamente.

Uma praga estourando.

Ou o fato de Calder ter se afastado de seu trabalho por causa de uma *assassina dos fracos* condenada, entregando o controle da Companhia ao seu terceiro em comando.

“Isso é uma grande habilidade,” eu consegui dizer, decidindo manter

minhas frases no mínimo.

“É bem irritante.” Seu tom havia perdido um pouco de seu calor, uma faísca de decepção em seus olhos quando ela redirecionou sua atenção para frente. “Crescer sem amigos não é divertido. Espero que você, de todas as pessoas, entenda isso.”

“Eu pensei que estava amaldiçoada,” falei a ela baixinho quando o par de Sentinelas terminou sua conversa com Calder e os outros recrutas ficaram em silêncio. Ela não estava exatamente forçando a informação de mim. Eu não podia nem sentir sua magia chegando até mim, e ainda assim, senti que ela era de alguma forma a pessoa *certa* para dar informações.

“Eu pensei que era por isso que ela nunca me levava para ver nenhuma das outras crianças, porque ela nunca falava sobre elas. Achei que ela os estava protegendo de mim.”

A expressão de Frey era gentil, mas seu tom mantinha aquela estranha naturalidade que a denunciara como uma Sinn. “Você não é amaldiçoada. Maldições não são reais. Você é Predestinada. E a única diferença entre destino e maldição está no fator de multiplicação.”

“O fator de multiplicação?” Fiz uma careta.

“Apenas um pequeno estudo que eu inventei.” Ela acenou com a mão. “Acredito que um destino azarado, o que os mordomos chamariam de maldição, pode ser revertido criando vários destinos conflitantes. O fator de multiplicação transforma um caminho em muitos, manifestando assim a escolha, que é o obstáculo necessário para desvendar um destino azarado. Ou uma maldição.”

Eu a encarei, minha boca um pouco aberta, mas fui salva de uma resposta quando um Sentinela começou a falar.

“Bem-vindos, recrutas! Olhem ao redor e reconheçam seus pares. Encarem a face da coragem e tenham a certeza de que vocês estão cercados pelos mais corajosos, fortes e inteligentes alunos sob a vigilância desta companhia. Conforte-se com isso, porque o que você está prestes a ouvir pode não ser tão reconfortante.”

Ela deu um passo para trás, e o homem deu um passo à frente. “Meu nome é mestre Bern,” ele anunciou, sua voz projetando-se corajosamente através do anfiteatro, seus olhos prateados e frios examinando os rostos de todos. Ele tinha cabelos grossos e escuros amarrados para trás em um coque e duas marcas longas e escuras que sangravam dos lados dos olhos para desaparecer na linha do cabelo. “E esta é a Madame Laerke,” ele indicou a mulher, que eu reconheci após uma inspeção mais próxima. Ela tinha longos cabelos negros, lisos como

um alfinete, e estava vestida com as sedas de uma mulher setorial. Ela estava sentada ao lado de Calder no meu julgamento.

“Sou o Sentinela encarregado dos recrutas aqui em Hearthenge, e a Madame Laerke está aqui por ordem do Inquisidor para supervisionar nosso próximo mês de treinamento. Ela é, para quem não sabe, membro do pequeno conselho e será tratada com o maior respeito enquanto estiver conosco.”

“Por que o pequeno conselho está interferindo no treinamento dos Sentinelas?” Uma voz sussurrou dos assentos abaixo de nós.

“Estamos em guerra?” Outro perguntou, um pouco mais alto.

Aparentemente, foi alto o suficiente para Bern ouvir.

“Não,” ele respondeu, olhando em nossa direção. “Não estamos em guerra. Ainda.”

“Mas...” Laerke lançou seus olhos ao nosso redor antes de encontrar os meus e fazer uma pausa. “Em breve estaremos.”

Previsivelmente, suas palavras causaram uma grande agitação, e ela se moveu para o lado da plataforma, como se estivesse entregando os procedimentos a Bern agora que ela havia feito todos perderem completamente a atenção.

“Tudo bem, recrutas, isso é o suficiente!” Bern explodiu, sem efeito.

As pessoas reunidas estavam agora discutindo em voz alta sobre com quem iríamos guerrear. Como a maioria da multidão era composta por pessoas do setor Vold, os sussurros não eram de medo ou pânico. Eles pareciam ser quase... animados. Eles estavam trabalhando em um frenesi, preparando-se para marchar para a batalha assim que a reunião terminasse.

Frey ficou sentada em silêncio, observando todos eles. Foi ela quem notou o Mestre Guerreiro primeiro, seus olhos balançando para o lado e se arregalando. O primeiro sinal de medo que eu tinha visto durante toda a manhã.

Ele parou ao meu lado, seu toque batendo contra o anel de metal que Calder tinha preso no meu cabelo.

Como ele chegou tão rápido?

Ele continuou passando por mim sem uma palavra. Fileira por fileira, o anfiteatro ficou em silêncio, um farfalhar de apreensão se espalhando por um mar de ombros rígidos e olhares de esguelha. Ele não reconheceu Bern ou Laerke, mas sentou-se ao lado de Calder e acenou com a mão distraidamente para que o Sentinela continuasse. Calder não parecia desconfortável com a presença repentina do Mestre Guerreiro. Eles se sentaram exatamente da mesma maneira: pernas separadas, botas apontando para fora, braços apoiados sobre as

coxas enquanto se inclinavam para a frente. Como se percebesse isso, Calder se inclinou para trás, seus grandes braços cruzando o peito. Ele não queria se associar inconscientemente com o Mestre Guerreiro.

“Bem então... vamos começar,” anunciou Bern, afastando sua confusão com uma rapidez notável. “Vocês serão classificados em grupos de treinamento com base em seus pontos fortes específicos e como eles beneficiarão a Companhia. Vocês podem, é claro, ter uma preferência, e eu sei que muitos de vocês vieram aqui hoje com uma esperança particular, mas nós somos os poderosos Vold, não os delicados Sinn. Você será colocado onde deveria estar e, se quiser ser colocado em uma posição mais alta, terá que trabalhar para isso. Você terá que provar sua força.”

“É engraçado, você não acha?” Frey sussurrou, sua atenção ainda em Bern. “Os Vold e os Sinn são os dois únicos setores que trabalham juntos... e eles são os únicos dois setores que ativamente não gostam um do outro.”

“Os Sinn são um pouco estranhos, no entanto,” falei, antes de tapar minha boca com a mão em descrença.

Frey sorriu, nem um centímetro de mágoa em sua expressão. “Sim, nós somos. Não se preocupe, eu sei que você não quis dizer isso.”

“Primeiro,” Bern continuou, permitindo que eu me distraísse do constrangimento. “Temos os atendentes da guarnição.” Um gemido baixo se espalhou pela maioria dos recrutas. “Esta não é uma posição permanente,” continuou ele em tom de advertência. “É o trabalho de um mordomo e será realizado sob a direção do coordenador dos mordomos aqui em Hearthenge. É oferecido para aqueles que não são fortes o suficiente para começar a treinar. Se você conseguir provar a si mesmo até o final da semana, será promovido a olheiro. Se não, você será expulso. Sem repercussão. Você estará livre para fazer um futuro em outro lugar.”

Ao meu lado, Frey começou a se mexer, claramente nervosa.

“Os batedores são, é claro, o segundo nível de nossas fileiras de Sentinelas. Aqueles de vocês designados para os batedores ficarão confortáveis diante do perigo, sem medo da morte. Você estará em ótima condição física, capaz de durar dias de marcha sem comida, água ou sono. Você vai aguentar firme sob interrogatório. Você seguirá o código dos Sentinelas e se comportará adequadamente em todos os momentos. Você receberá graça apenas três vezes. Se você falhar, se fracassar, se desobedecer, isso lhe custará a graça. Se acontecer, você está fora. Sem segundas chances. Você será expulso e rotulado como *sem graça*. Você terá muita dificuldade em encontrar seu futuro em outro

lugar.”

“Esse é o *segundo* nível?” Perguntei calmamente.

“Eu não me preocuparia,” Frey sussurrou de volta. “Como Sentinela, falhar geralmente é fatal. A maioria das pessoas não consegue se tornar sem graça.”

“Que alívio.”

“O primeiro nível,” Bern continuou impiedosamente, “são os Sentinelas. Você será testado além de seus limites. Você deve sobreviver a uma dor inimaginável. Você deve enfrentar seus medos mais sombrios. A cada dia você deve ser mais forte, mais corajoso e mais rápido do que no dia anterior. Se você optar por sair durante sua semana de iniciação, ficará sem graça. Se você optar por ficar, saiba que toda tarefa é uma questão de vida ou morte. Falhar em uma tarefa é morrer. Normalmente, a iniciação de um Sentinela é realizada após sua cerimônia kongelig, depois que eles não são mais um liten... mas o mundo está mudando, e nós devemos mudar com ele.”

Os recrutas ficaram, mais uma vez, em completo silêncio. Sem fôlego, eles pararam, retendo suas reações até que tivessem mais informações.

“Desta vez, a iniciação de todos os Sentinelas será feita de uma vez,” continuou Bern, olhando por cima do ombro para Calder. “Como um grupo. Liten ou kongelig, todos vocês serão recrutados, postos de lado ou morrerão. Se você não gosta dessas opções, convidamos você a sair agora sem consequências.”

Houve uma agitação entre os recrutas e, embora não tivesse exatamente gosto de medo, havia uma vibração de confusão e leve trepidação. Para a Companhia, colocar em risco a vida dos litens era algo inédito. Também deveria ter sido altamente ilegal, mas a presença de Laerke diante desse anúncio falou muito. Esta decisão foi sancionada pelo pequeno conselho, o que significava que foi sancionada pelo Inquisidor, o que significava que foi sancionada pelo Rei.

Nem um único recruta saiu, mas um deles se levantou depois de alguns momentos, limpando a garganta. Ele empurrou para trás uma mecha de cabelo preto como um corvo, olhos castanhos salpicados contornando as pessoas reunidas nas fileiras atrás dele antes de se virar para a frente, projetando uma voz alta e confiante.

“Por que o Rei de Fyrio está recrutando litens? Se quisermos tomar uma decisão, precisamos saber contra o que vamos lutar.”

Bern olhou para o menino de um jeito estranho, quase como se eles já tivessem tido a mesma discussão muitas vezes. Após uma inspeção mais detalhada, notei que o menino tinha exatamente a mesma mutação mágica que

Bern, duas linhas menores e escuras que se estendiam dos cantos dos olhos, como se ele tivesse enxugado lágrimas de carvão em ruínas.

“Excelente pergunta, Bjern,” Bern respondeu, embora houvesse um aviso em sua voz.

Se havia alguma dúvida sobre o relacionamento deles antes, certamente não havia agora. Eles eram pai e filho... exceto que Bjern não usava as escassas capas de couro e armaduras endurecidas de um liten Vold. Ele usava um casaco de seda roxo escuro, quadrado nos ombros e abotoado no pescoço. O casaco se abria nos quadris, revelando uma calça de linho preta macia.

“Ele também não é um Vold?” Sussurrei para Frey.

“O filho do recrutador é um Sjel,” ela sussurrou de volta, em uma voz que sugeria que ela estava recitando fatos de uma folha de papel invisível. “Sua mãe também tem a magia da alma. Eles estão de olho em Bjern Endredsen, assim como estão de olho em mim. Aparentemente, ele pode persuadir as pessoas a fazer coisas que elas não querem fazer.”

“Como eu disse, o mundo está mudando.” Bern continuou, forçando Frey a parar de sussurrar. “Muito em breve, estaremos em guerra, mas não com Reken. Não com as tribos selvagens de Vilwood. Nossa batalha é com o próprio mal... um mal que ainda não sabemos como derrotar. A praga se espalhando por Breakwater Canyon é apenas o começo.”

Bjern sentou-se novamente, e eu poderia dizer por sua expressão vazia que ele já sabia, provavelmente seu pai havia lhe contado, mas ele queria forçar o Sentinela a oferecer mais informações aos outros recrutas. Se isso era sábio ou não, restava saber. Todos pareciam estar em choque. Os Vold viviam para lutar, mas o mal em si não podia ser atravessado com uma espada ou queimado em uma pira.

Bern tirou uma caixinha do bolso e cada respiração presa foi expelida de uma só vez, uma onda excitada de sussurros passando pelos recrutas.

“Para aqueles de vocês que não sabem...” Bern abriu a caixa e tirou o que parecia ser uma pequena joia se contorcendo... “Nós classificamos os recrutas usando um *fryktille*.”

“Besouro do medo,” Frey traduziu rapidamente, antes que eu pudesse perguntar.

“O fryktille é um artefato vivo criado pelas principais mentes do nosso mundo e, como tal, você não deve tocá-lo. Ele lhe mostrará seu medo mais sombrio e profundo. Ele tentará convencê-lo de que o que você está vendo é real. Você realmente *sentirá* o que quer que o fryktille lhe mostre, mas não importa o

que... você *não deve tocá-lo*. Fazer isso resultará em falha instantânea.” Ele virou os olhos para um ponto no anfiteatro, estreitando-os ligeiramente. “Bjern... já que você decidiu defender seus colegas uma vez, por que você não se oferece para ser o primeiro?”

Enquanto Bjern se levantava, descobri que minha suposição de que ele estava sendo punido por se levantar mais cedo foi rapidamente anulada. Vários outros recrutas Vold se levantaram, gritando que eles também se ofereciam, mas Bern ignorou todos eles, seus olhos em seu filho, que calmamente desceu para a grama no fundo do anfiteatro antes de subir na plataforma. Bern arrastou uma cadeira para o centro da plataforma, de frente para nós, e Bjern sentou-se, seus olhos fixos firmemente à frente, os traços de cor preta em seu rosto fazendo-o parecer feroz.

Bern colocou o fryktille no centro de sua testa, murmurando algo enquanto o besouro de joias se movia ligeiramente, batendo as asas, antes de afundar muito rapidamente. Sua grande concha cravejada de joias ainda era visível, mas realmente parecia como se tivesse se infiltrado um pouco na pele de Bjern. Ele mal estremeceu, seus olhos ainda fixos à frente, sua mandíbula rachando para o lado. O fryktille bateu as asas novamente, espalhando sua casca dura até que a luz cintilou para cima de seu corpo oculto. A luz era como uma projeção, visível para todos nós contra as paredes externas de pedra que se curvavam ao redor da plataforma abaixada. A luz bruxuleante tomou forma, enchendo-se de cor e sombra, até que uma imagem perfeita se moveu diante de nós.

Mostrava Bjern reclinado em um sofá de veludo, envolto em mantos setoriais de azul royal e ouro suave. Ao seu redor havia corpos. Uma mulher em vestes combinando, sua bochecha pálida manchada com sangue, como se alguém a tivesse acariciado após sua morte. Uma governanta com um robe de linho grosseiro segurava um embrulho num cobertor de seda, que se arrastava a uma curta distância pelo chão, levando a um corpinho mutilado.

O verdadeiro Bjern começou a se contorcer, seus olhos se arregalando, enquanto o Bjern na projeção sorria, levantando a mão ensanguentada como se quisesse descartar o que tínhamos visto até agora.

“Eu os fiz fazer isso,” disse ele com indiferença. “Foi tão fácil.”

“Até mesmo o bebê?” Outra voz respondeu. Esta era familiar. Pertencia ao pai, que assistia à cena com tanta firmeza quanto o filho.

Bjern olhou para o corpinho que havia caído do cobertor, seus olhos frios e distantes. “Por que eu deveria deixá-lo de fora?” Ele perguntou.

Havia três outros corpos, todos crianças de várias idades. E outra mulher,

na porta do quarto ricamente decorado, como se estivesse tentando fugir. Ela tinha cabelo escuro curto, encaracolado e grosso, seus olhos castanhos salpicados olhando para o céu. Ela piscou e então começou a rir. Foi uma risada horrível e gorgolejante que atraiu o olhar frio de Bjern.

“Mãe?” Ele perguntou. “Você não está morta?”

“Você não pode me matar,” ela respondeu, tropeçando em seus pés, seu vestido rasgado, feridas irregulares abertas por baixo, sangue escorregando para o chão atrás dela. “Estou tão vazia quanto você. Não consigo sentir nada.” Ela o alcançou, e o verdadeiro Bjern e o falso Bjern adotaram a mesma expressão.

Terror.

Ela se lançou para ele, uma faca puxada da pele de seu próprio lado, e mergulhou em seu peito uma, duas, três vezes.

“Você não pode sentir isso, pode?” Ela gritou, apunhalando seus braços quando ele os levantou para se proteger, com muito medo de lutar contra ela, muito chocado para falar.

“Você está vazio,” ela provocou, enquanto o verdadeiro Bjern começou a vibrar, uma energia fraca saltando pelo anfiteatro, como uma brisa quente de verão carregando o cheiro de pólen e o zumbido das abelhas.

Era a sua magia de alma... mas não lhe faria nenhum bem contra o fryktille. Suas mãos eram garras, seus braços se curvando para que ele pudesse cravar as unhas em seus ombros em uma tentativa de não arrancar o besouro de sua cabeça. Me perguntei se ele poderia separar a visão da realidade, ou se era simplesmente instinto que o fez alcançar o fryktille e uma determinação ecoante de não tocá-lo afastando suas mãos.

Na visão, sua mãe havia deixado cair a faca, suas mãos escorregadias apertadas ao redor de sua garganta, seus lábios perto de sua orelha enquanto ela sussurrava coisas horríveis para ele. Era assustador, mas confuso. Apenas o fryktille e Bjern entendiam onde estava a semente de seu medo na visão, mas eu duvidava que tivesse alguma coisa a ver com ser esfaqueado ou estrangulado ou até mesmo morrer. Quanto mais eu observava o verdadeiro Bjern lutar contra sua própria mente, mais convencida eu ficava de que a coisa que realmente o assustava era... ele mesmo.

Eventualmente, Bern tocou o fryktille e murmurou uma palavra em Aethen. A projeção desapareceu e o besouro foi arrancado de sua cabeça, deixando apenas algumas pequenas alfinetadas em sua pele.

“Nível um,” anunciou Bern. “Parabéns, recruta Sentinela. Você deve permanecer até o final da triagem. Volte para seu assento.”

Todos os outros recrutas se levantaram, torcendo por ele enquanto ele descia da plataforma. Ele sorriu para eles, mas havia uma tensão em seu sorriso, uma sombra em seus olhos. Frey o observou em silêncio. Ela não se levantou ou aplaudiu.

“Ele está com dor,” disse ela. “Ele acabou de ser esfaqueado vinte e duas vezes. Eu contei. E olhe para ele, sorrindo e andando. Levará algum tempo até que seu cérebro perceba o fato de que ele não está, de fato, morrendo de perda de sangue.”

Eu me senti mal, e meu estômago revirou ainda mais quando ele se sentou e o recruta ao lado dele deu um tapa nas suas costas. Ele fechou os olhos brevemente, sua mão levantando para o seu peito, e então ele estava sob controle novamente.

“Ele é muito corajoso para um Sjel,” falei.

“Eu prevejo que foi cultivado por seu pai,” Frey respondeu quando outra garota foi escolhida. “Ele deve ter ficado desapontado por ter sua linhagem desviada da magia da guerra.”

A mutação mágica da nova garota aparecia em seus longos cabelos grisalhos, os fios entrelaçados em muitas tranças. Ela era pequena, seus olhos grandes e cinzentos como os de uma coruja. Ela era claramente Vold, seu vestido curto tinha um espartilho de couro endurecido, suas botas contendo bolsas e alças para armas, seus braços ostentando alguns cortes e hematomas de uma luta recente.

Foi muito mais difícil assistir seu teste. Seu maior medo era a própria morte, e o fryktille a entregava a ela repetidamente, de tantas maneiras diferentes quanto podia. Após a terceira morte, ela vomitou. Após a quinta, ela desmaiou.

“Fracasso,” anunciou Bern, instruindo dois dos recrutas a levá-la à enfermaria da torre.

Mais um recruta Sentinela, três novos recrutas escoteiros e cinco fracassos depois, Frey foi escolhida.

“Um maldito Sinn!” Alguém gritou enquanto ela descia cuidadosamente até a plataforma, suas mãos nervosas alisando o linho perfeitamente passado de suas calças.

“Aposto que ela tem medo de aranhas,” outra voz se juntou, ainda mais alta. Os outros riram. Fiz uma careta, me sentindo inexplicavelmente protetora da estranha garota de cabelos brancos.

Seu medo, projetado, tinha uma qualidade de sonho que enviou um calafrio pelos meus braços. Na primeira cena, ela estava diante de duas pequenas casas

em um campo estranho e estrangeiro. Ela observou as pessoas entrarem nas casas, e então parecia que ela enfrentava uma escolha que só fazia sentido para ela. Sua testa franziu, seus olhos pálidos ficaram tristes, e ela apontou para uma das casas. Ela explodiu em chamas, os ocupantes gritando e batendo contra as janelas, incapazes de escapar. Na cena seguinte, ela viu duas pessoas sentadas em uma mesa, uma de frente para a outra durante uma refeição. Ela apontou para uma, e ela começou a engasgar, a comida alojada na garganta, o rosto ficando vermelho. Morte. Ela distribuiu isso de novo e de novo, e a verdadeira Frey estava desmoronando e soluçando quando percebi qual era seu medo mais profundo.

Ela estava com medo de que um dia ela seria forçada a matar alguém.

“Nível um,” Bern anunciou, finalmente aliviando-a. “Parabéns, recruta Sentinela...”

“Você está falando sério?” Uma voz exigiu, um menino com cabelo laranja queimado pulando de pé.

Ele era magro, seu rosto comprido, seus ombros largos e pontudos. Sua mutação mágica era um anel de ouro brilhante em seu cabelo, como uma coroa de sol. Ele não era feio de forma alguma, mas havia algo maldoso em sua expressão que fez os cantos da minha boca virarem para baixo enquanto todos esperávamos pelo resto de sua explosão.

“Você chama isso de *teste*? Ela mal merece o segundo nível. Faça-a trabalhar com os mordomos por uma semana.”

As sobrelhas de Bern saltaram, seus dentes à mostra. Ele era um homem que não gostava de ser contrariado.

“Qual é o seu nome, garoto?”

“Sig Raekov, senhor.”

“Sente-se na cadeira, Raekov. Já que você tem tanta aversão a ela, Ojesen conduzirá seu teste ela mesma.”

Frey parecia aflita, mas parou de se aproximar dos degraus que levavam para baixo. Raekov zombou e saltou para a plataforma com facilidade e confiança, seus olhos em Frey o tempo todo.

“O que você vai fazer, Sinn? Me aborrecer até a morte?”

“Agora você é uma recruta Sentinela,” Bern avisou Frey, pegando-a pelo ombro e levando-a para ficar ao lado da cadeira de Raekov. “Não falhe nesta tarefa.”

“Eu... eu não entendo a tarefa,” ela gaguejou.

“Faça-o sofrer mais do que o fryktille ou você terá que tomar o lugar dele e

sofrer um segundo teste.”

Ela assentiu, fechando os olhos brevemente, como se precisasse se concentrar.

“Qual é o seu medo mais profundo?” Ela perguntou, quase gentilmente, com a mão no ombro dele.

Ele se afastou dela, carrancudo. “Ledenaether,” ele respondeu, reflexivamente. “Quero dizer...” Ele balançou a cabeça, perplexo.

“Você está escondendo algo de mim?” Ela pressionou, e eu finalmente senti sua magia, invasiva e investigativa. Cutucava o anfiteatro e eu quase podia imaginá-la penetrando nos ouvidos do garoto ao lado dela, infiltrando em sua mente completamente.

Ela era *forte*, sua habilidade extremamente rara. Não me admirava que a tenham recrutado.

“Sim,” Raekov rangeu. “Acho que Ledenaether está aqui.”

“O que te faz dizer isso?”

“Está cheio de fantasmas, certo? Demônios? Criaturas? Almas azedas?”

Risos dispersos encontraram sua resposta gaguejante, mas o rosto de Frey permaneceu o mesmo, sua voz ainda suave, serena, sem emoção.

“Continue.”

“Acho que entrou em mim.”

Eu me levantei sem pensar, meus olhos encontrando os de Calder, ele também tinha se levantado com um salto. Empurrei os recrutas enquanto sussurravam, meu nome Predestinado soando no ar em tons chocados.

A Tempest.

Eu ignorei todos eles na minha corrida para o palco, mas Calder o alcançou primeiro, empurrando Frey para longe dele. Ela ficou de lado, incerta, não ousando interferir, mesmo que isso significasse falhar em sua tarefa.

“Não se mova,” Calder retrucou, enquanto Raekov ficava inquieto, a confiança se esvaindo dele, seu rosto empalidecendo.

“A Tempest está ansiosa por seu teste,” uma voz alta e grave ressoou, congelando meus passos e forçando um silêncio pesado e denso a descer.

O Mestre Guerreiro se levantou de seu assento, esticando os braços, arqueando o peito, estalando o pescoço para frente e para trás. Ele caminhou até o meio da plataforma, agarrando a caixa que Bern embalava e empurrando o fryktille na cabeça de Raekov com uma força que teria sido dolorosa.

“Vamos acabar com isso para que ela possa ter sua *tão esperada* vez,” o Mestre Guerreiro rosnou. “Faça a garota Sinn torturá-lo sobre isso mais tarde.”

Raekov estava suando, o cabelo eriçado em seus braços, um som estrangulado escapando de sua garganta. Seus medos eram sombrios e distorcidos, cheios de criaturas mórbidas e mutiladas. Ele foi torturado interminavelmente, mordido e dilacerado, esmagado e espancado. Fiquei doente assistindo, uma tontura tomando conta de mim enquanto ele era arrastado para baixo da água azul escura, garras agarrando seus tornozelos, subindo por seu corpo enquanto o arrastava para baixo. Ele se afogou quando as garras da criatura perfuraram sua garganta, e não pude deixar de pensar na velha história da fera sob o Lago Enke.

Há uma fera na água,

Garras de chumbo, morte em seus olhos.

Raekov estava tropeçando quando foi libertado do Fryktille, mas ainda estava consciente. Ele tinha um olhar ligeiramente maníaco em seus olhos, mas o Mestre Guerreiro entrou no meu caminho antes que eu pudesse persegui-lo.

“Sua vez,” ele sussurrou, para que só eu pudesse ouvir. “E também... minha vez.”

Confusa, me virei para o lado, para ficar mais perto de Calder. Bern e Laerke reuniram Frey e Raekov, conduzindo-os rapidamente para fora da plataforma, os olhos fixos no Mestre Guerreiro, alarmados com sua interferência repentina. Senti um toque na minha espinha, um calor, uma irradiação de força. Calder.

“Você concorda com seu teste, Tempest?” O Mestre Guerreiro perguntou com um sorriso cortante.

Outro truque. Mas que escolha eu tinha? Reconhecer que eu estava encurralada não abriu nenhuma passagem secreta. Meu único caminho para as fileiras de Sentinelas era o caminho *dele*.

“Eu poderia recusar,” murmurei, mais para mim mesma.

“Você poderia,” ele respondeu enquanto Calder retumbou atrás de mim.

“Mas apenas um Sentinela pode se tornar um Legionário.” O Mestre Guerreiro deixou cair aquela pequena informação na minha cabeça com toda a presunção casual de uma fera cuja calma paciência valeu a pena. Eu era sua presa, e caí direto em sua armadilha.

Vagamente, percebi que sua menção aos *Legionários* havia agitado os recrutas em uma tagarelice de caos, mas minha atenção estava no idiota diante de mim.

“Você tem provas?” Calder perguntou, calmamente. Ele estava encenando novamente. Desempenhando o papel do Capitão sem emoção e inalcançável.

“Acontece que eu tenho.” O Mestre Guerreiro fingiu parecer chocado com a coincidência. Ele puxou um pedaço de papel da manga, entregando-o a Calder, que o leu e depois me entregou.

Era um decreto de “Indenização Fyrian para a Liga dos Legionários” validado pela Cidadela. Eu rolei por ele, incapaz de ler algumas das palavras mais complicadas. Meus olhos se arregalaram com as recompensas listadas por se juntar aos Legionários, incluindo uma propriedade significativa em Hearthenge; um perdão por todos os crimes passados; uma parte da herança dos Legionários, paga imediatamente; um navio de escolha da frota do Rei; um aviso de alistamento diplomático que poderia ser usado para recrutar outros Sentinelas por um período máximo de um ano; e uma escolha de noiva do harém pessoal do Rei.

Resisti à vontade de revirar os olhos para o último benefício, avançando para avaliar os requisitos. Eu precisava ter a bênção do Rei, precisava sobreviver à marca dos Legionários, precisava vencer o Legionário anterior em batalha e... o Mestre Guerreiro estava certo. Eu precisava ser um Sentinela juramentado.

“Você sabia o tempo todo,” falei, embora não estivesse surpresa neste momento.

“Claro que não,” o Mestre Guerreiro mentiu bem-humorado. “Faz tanto tempo desde que me tornei um Legionário que esqueci completamente todos os requisitos.”

Sem mais nada a dizer, enfiei o papel no cinto e dei um passo à frente, sabendo exatamente o preço que ele queria pela minha iniciação.

Ele queria sua marca em mim.

A *razão pela qual* ele queria era um mistério, pelo que o Tecelão havia dito, isso só poderia me causar certa dor ou morte. Não podia me controlar ou me endividar com ele. Não poderia beneficiá-lo de forma alguma. As palavras do Rei surgiram na minha cabeça enquanto eu olhava para o Mestre Guerreiro, uma coceira no fundo da minha mente me dizendo que era mais do que uma competição entre os grandes mestres.

Seremos duros com ela, cruéis com ela. Vamos jogá-la no chão e forçá-la a levantar novamente. Faremos tudo isso e muito mais, porque somos a única chance dela.

Era mais do que isso.

Eu também era *sua* única chance. Eles iriam me derrubar completamente na esperança de que eu renascesse mais forte, melhor, mais poderosa, mais no controle. Eu poderia ter ficado estranhamente grata, se eu fosse alguém

diferente, mas só podia me concentrar em uma verdade. A verdade mais desconfortável de todas.

Eles não achavam que eu poderia fazer isso.

Eles estavam destruindo a pessoa que eu era porque essa pessoa não era suficiente, e eles estavam dispostos a arriscar perder tudo em suas tentativas de me refazer.

Olhei por cima do ombro, tentando ler a expressão de Calder. Seu olho azul estava claro, sua atenção parecia distante. Ele deu um aceno pequeno, quase imperceptível, e eu decidi confiar nele. Confiar que ele tinha algum tipo de plano, porque eu não tinha certeza de quantas quase-mortes eu poderia aguentar.

“Eu concordo com o meu teste,” falei, dando o passo final para frente, trazendo-me a uma distância de toque do Mestre Guerreiro.

Seu sorriso desapareceu instantaneamente, seu ato genial desaparecendo. Seus olhos âmbar se iluminaram, estreitando de forma predatória, seus lábios se afinando em concentração. Desembrulhei as proteções da minha mão esquerda e antebraço, deixando-as cair no chão. Meu outro braço já tinha duas marcas.

“Ficando sem espaço?” O Mestre Guerreiro provocou, agarrando minha mão e me arrastando para frente. “Isso vai doer um pouco.”

Olhei além dele, para a borda da plataforma. Laerke deu um passo à frente, um protesto em seus lábios que nunca soou. Se ela suspeitava que o Mestre Guerreiro estava prestes a me marcar, então ela sabia que minha vida estava em perigo... mas era tão diferente do fryktille? Era um milagre que Raekov tivesse sobrevivido à dor de ser torturado até a morte tantas vezes.

A marca do Mestre Guerreiro não poderia ser muito pior.

No começo, parecia exatamente como receber a marca de outra pessoa. Um choque inicial, ardente, seguido por uma sensação de ardor... e então acabou. Um pequeno símbolo em forma de adaga aparecendo no meu pulso esquerdo.

Olhei para cima, confusa, procurando os olhos do Mestre Guerreiro. Eles estavam brilhantes e quentes com antecipação, e quando eu abri minha boca para perguntar se tinha acabado, ele pressionou o dedo na marca e minhas palavras se transformaram em um grito. A dor era de outro mundo. Eu podia ver através dos olhos cheios de lágrimas que meu corpo estava ileso, embora eu tivesse caído no chão e meus membros estivessem em convulsão. Não havia nada realmente errado comigo. Eu não estava pegando fogo. Eu não estava sangrando. E, no entanto, eu podia sentir tudo dentro de mim queimando em um estranho e novo tipo de fogo. Um fogo com dentes; rasgando a carne. Uma coisa voraz e faminta que arrancou as partes individuais de mim, conectando-se para formar um todo.

Meus pulmões se encheram de brasas. Minha garganta encolheu em torno do carvão do tamanho de um punho. Meu estômago digeriu a chama acesa. Meu coração derreteu. Minha caixa torácica rachou como uma pilha de toras enegrecidas caindo umas sobre as outras. Cada pelo individual chamuscado da raiz até o fim.

Tudo cantava de dor enquanto manchas pretas passavam pela minha visão. Eu não estava preocupada em desmaiar e falhar no meu teste. Eu estava preocupada em morrer. A dor era demais para o meu corpo. Minha mente estava escorregando, minha respiração gaguejando. Calder não poderia interferir e me salvar. Não dessa vez. Este era o meu teste, e eu estava falhando.

Rastejei para frente, em direção ao meu algoz, minhas mãos como garras enquanto eu tentava arrastar meu corpo trêmulo para suas botas. Eu era uma pessoa moribunda desesperada por energia, por magia, por *vida*, e aqui diante de mim estava uma fonte disso. Eu rastejei, agonizando centímetro por centímetro, até que minha mão estava enrolada em torno de sua perna, meus dedos rasgando o topo de sua bota, lutando para encontrar pele. Ele levantou a perna para me chutar, mas eu me agarrei com mais força, cada vestígio de força canalizado para a tarefa, meu coração enfraquecido cheio de desespero, puxando em direção a ele com uma força que eu não entendia inteiramente.

Finalmente toquei a pele, mas a palavra que veio aos meus lábios não adiantou. *Leevskmat* não me daria sua força vital, daria a minha a ele. Meu aperto enfraqueceu, as letras se misturando na minha boca, dançando ao redor até que foram invertidas.

Com meu último suspiro, eu murmurei a palavra, meus dedos escorregando.

“Tamksveel.”

CONTAMINAÇÃO



Eu não poderia ter ficado inconsciente por muito tempo, porque quando meus olhos se abriram novamente, eu pude ouvir o Mestre Guerreiro rosnando para que eu fosse arrastada para fora da plataforma.

“Eu estou bem,” resmunguei, lutando para levantar minha cabeça.

Ninguém me ouviu.

Eu podia sentir mãos hesitantes envolvendo meus pulsos e tornozelos, mas eu as empurrei, rolando sobre minhas costas.

“Ainda não falhei,” falei, um pouco mais alto, me apoiando nos cotovelos.

Adotei um ar indiferente e insensível, quando, na realidade, simplesmente não tinha forças para levantar a cabeça nem um centímetro mais alto. Para efeito, cruzei meus tornozelos. Eu poderia estar relaxando ao sol.

“Esse é todo o teste?” Dirigi a pergunta sarcástica ao Mestre Guerreiro, que havia retomado seu assento, recostando-se pesadamente na cadeira.

Os recrutas reunidos ofegaram, alguns deles exclamando com raiva. Não importava o que o Mestre Guerreiro fizesse, ele era uma lenda. Ele era a única pessoa que cada um deles aspirava impressionar, chamar a atenção. O seu era o rosto feroz com o qual toda criança Vold sonhava acordada enquanto levantavam suas espadas de madeira. E eu tinha acabado de desrespeitá-lo. Até onde eles se importavam, era uma *honra* ser torturado e quase morto por alguém como ele.

Eu não tinha ideia se ele também estava brincando de não ser afetado, ou se ele era forte o suficiente para que eu pudesse roubar sua força vital sem afetá-lo muito. Seus olhos escureceram, uma tempestade rolando em sua expressão, seu olhar se estreitando enquanto varria desdenhosamente sobre mim. Devolvendo a

expressão com o melhor de minha capacidade, olhei para seus punhos, que haviam embranquecido, e depois para o leve tremor de sua perna. Ele rosnou, pulando de pé, rápido e suave, completamente sem nenhum sinal de lesão, e eu recuei.

“Isso é tudo... por enquanto,” disse ele, saindo do anfiteatro.

Bern capturou a atenção dos recrutas com surpreendente rapidez, caminhando para a plataforma e mandando-me sair dela com apenas um segundo olhar. Ele anunciou que eu me juntaria ao primeiro nível como recruta Sentinela, e então ele estava chamando a próxima pessoa. Quando lutei para ficar de pé, senti mãos em meus braços, me puxando bruscamente para os meus pés. Era Bjern.

“Apreste-se, recruta!” Ele gritou, antes de abaixar a voz, sua boca fechada severamente. “Você não pode mostrar fraqueza a eles.”

“Eu passei no teste deles,” eu atirei de volta, minhas pernas tremendo violentamente.

“Quero dizer, os recrutas.” Ele revirou os olhos, suportando mais do meu peso quando chegamos às escadas. Frey estava esperando na beirada da plataforma, mas não me alcançou. Bjern estava fazendo parecer que estava me arrastando do palco para ajudar a abrir caminho para seu pai, mas se Frey ajudasse também, ficaria claro para os outros que eu não conseguia andar. Lancei meus olhos sobre os recrutas reunidos, que estavam trocando seus olhares entre Bern, eu e Calder. Eles estavam esperando que ele interferisse como o Mestre Guerreiro.

“Isso não é tão simples quanto parece,” Bjern explicou baixinho enquanto me jogava no nível inferior dos assentos, mais longe de onde os outros estavam reunidos. Longe o suficiente para que eles não pudessem ver o tremor em meus membros. “Você não pode simplesmente juntar tantos Vold sem que isso se transforme em uma competição. A iniciação dos Sentinelas já é bastante competitiva, você não está apenas superando os testes, você deve fazer melhor e mais rápido do que o recruta antes de você.”

“Os Vold são tão incivilizados,” Frey resmungou, sentando do meu outro lado, seus braços entalhados casualmente contra a fileira atrás dela enquanto ela virava a cabeça para Bjern, olhando para ele com um olhar sem graça. “E eles ficariam especialmente felizes se *nós três* falhássemos, não é mesmo, Bjern Endredsen?”

“Por que nós?” Perguntei, antes que Bjern pudesse responder.

“Porque no ano passado, você era um mordomo, eu era um Sjel, e Frey

Ojesen,” ele imitou o tom dela, “era um Sinn.” Os olhos de Bjern estavam na garota que havia se sentado na plataforma, o fryktille projetando uma cena que eu não podia ver direito de onde estávamos sentados, embora estivesse fazendo ela ranger os dentes com tanta força que eu imaginei poder ouvi-los rachando.

“E o que somos agora?” Eu pedi, um pouco confusa.

“Implantes,” Frey respondeu, sem se incomodar com Bjern imitando-a. “É uma honra... mas desconfortável. Sempre seremos estranhos.”

Minha visão vacilou enquanto eu tentava me concentrar na plataforma, minhas pálpebras caídas. Forcei minha cabeça para cima, meus olhos fixos na garota. Havia um único pensamento em minha cabeça quando, um por um, cada um dos recrutas foi para a plataforma.

Não demonstre fraqueza.

Foi difícil, minha energia drenada, minha mente querendo adormecer, meus membros cantando com os tremores secundários da dor. Quando a triagem terminou, os recrutas foram divididos, aqueles que não chegaram ao primeiro ou segundo nível enviados para se reportar ao coordenador de comissários. Os recrutas escoteiros foram enviados em seguida, deixando recrutas Sentinelas de vinte e poucos anos, incluindo Sig Raekov, que nos observou durante toda a triagem, com os olhos semicerrados de modo que apenas um pequeno pedaço de íris verde era visível. Ele tinha os olhos de uma cobra ao sol. Pesados de sono, preguiçosos, sempre vigilantes... e perigosos. Eu não podia ver a Escuridão atrás de seus olhos, mas jurei ficar de olho nele. Poderia estar escondida.

Fomos levados a uma das torres pequenas ao longo da parede, onde entramos por uma porta de madeira simples e trancada. Os degraus estavam cheios de folhas, cada nível abrindo para o campo através de janelas estreitas, as venezianas de madeira abertas. A meio caminho da torre, os corredores norte e sul se abriam, levando a salas construídas nas paredes. Bern não *atribuiu* quartos, mas abriu uma porta com um chute e agarrou os quatro recrutas mais próximos para empurrá-los para dentro. Como estávamos atrás do grupo, apenas eu, Bjern e Frey fomos empurrados para a última sala.

“A festa de celebração começará logo pela manhã no refeitório principal. Se você não chegar cedo, você estará atrasado. Se você estiver atrasado, você está fora.” Bern falou a mesma linha que já ouvimos repetidas um punhado de vezes antes de fixar os olhos em seu filho.

Por um momento, ele lutou com o que queria dizer antes de se estabelecer em um aceno rápido, e então ele estava fechando a porta, seus passos recuando. Outro conjunto de passos se aproximou, e eu observei a sombra deles sob a porta

quando uma única batida soou contra a madeira.

Frey se moveu para abri-la, mas eu a interceptei. Era Calder, deixando-me saber que ele estava lá.

“Você acha que os testes começarão amanhã?” Perguntei a ela, lutando por uma pergunta que pudesse distraí-la.

“Estou surpresa que não tenha começado imediatamente,” ela admitiu, olhando de mim para a porta. Ela era inteligente demais para se distrair, mas educada o suficiente para não fazer perguntas, o que era surpreendente para um Sinn. Movendo-se para uma pilha de cobertores sob uma janela gradeada, ela pegou um e o sacudiu em uma das quatro camas de solteiro. “Não é costume dar um banquete de comemoração... quero dizer, nenhum de nós tomou posse ainda, então não há muito o que comemorar.”

“Soa como uma armadilha para mim.” Bjern fungou, caindo em uma das camas, os braços cruzados atrás da cabeça.

“Você não acha que devemos ir?” Eu me movi para a cama mais próxima da porta, sentando bem na beirada, como se eu não pudesse me sentir confortável.

“Eu não disse isso.” Bjern inclinou os olhos para mim. “Isso seria estúpido.”

“Então, nós simplesmente caímos em uma armadilha?”

“Somos guerreiros agora. Eles não estão interessados em nos ver manipular a situação. Eles nos *querem* presos. Eles nos querem sangrando. Quando um rato está preso, ele ainda tenta fugir; quando um urso está preso, ele o matará mesmo se você tentar libertá-lo novamente. Eles estão tentando separar os assassinos dos mansos.” Ele lançou um olhar para Frey antes de fechar os olhos. “Agora me deixa em paz. Preciso descansar antes que eles liberem qualquer horror que planejaram para amanhã.”

Sentei-me um pouco mais para trás na cama, maravilhada com o fato de eles terem nos dado camas, e quase hesitantemente permiti que meus olhos se fechassem. Esperei até que a inquietação de Frey se acalmasse e o sol poente parasse de aquecer o lado do meu rosto, e então deslizei para fora da cama e me arrastei silenciosamente até a porta. Calder estava encostado na parede do lado de fora, batendo uma mensagem não lacrada em seu braço.

“Seu serviço ainda não terminou,” ele declarou claramente.

Estendi minha mão e ele passou a mensagem com uma carranca.

A Gruta de Joias.

“Eu não entendo,” admiti, entregando de volta para ele.

“É a casa de banho privada do Rei.”

“Isso é do Rei?” Baixei a voz para um sussurro, quase inaudível.

“Não, é a caligrafia do Mestre Guerreiro.”

Olhei para o rabisco vicioso, franzindo a testa. “Você já esteve lá antes?” Enlacei meu braço no dele.

Em resposta, ele empurrou meu anel em volta do meu dedo, falou o nome e nos enviou através da torre em colapso e para a terra abaixo. Quando batemos em terra firme novamente, era arenito úmido, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio e escorregasse. Caí de lado, a dor subindo pelo meu quadril quando uma voz retumbou na sala escura.

“Bom, vocês dois estão aqui.”

Eu rapidamente encontrei meus pés, apenas para escorregar novamente, mas Calder estava lá desta vez, pegando meu braço e me puxando para o seu lado.

“O que você quer?” Ele perguntou, parecendo impaciente.

Enquanto meus olhos se ajustavam, percebi que não era apenas a escuridão da noite que dificultava a visão. A sala também estava cheia de vapor, as paredes de arenito gotejando de condensação. A luz da lua se inclinava através do teto de tijolos de vidro, que se curvava até o chão, dando uma visão para o mar de tempestades. Caminhos de arenito ladeados por pequenas lanternas de vidro da mesma forma que os tijolos de vidro serpenteavam por piscinas de água límpida, tornadas de um azul brilhante pela areia que devia estar revestindo as bases das piscinas.

Na piscina mais próxima do mar, com água fumegante batendo na parede de vidro, estava sentado o Mestre Guerreiro. Seu cabelo grudado em seus ombros e peito, os fios parecendo preto-ébano. Seus olhos também pareciam mais escuros, perdendo a luz dourada da vida que geralmente parecia brilhar no marrom de suas pupilas.

Ele não parecia mais um homem, mas um prenúncio da morte, uma horrível manifestação sombria do destino flutuando na água, como o Tecelão havia profetizado. Com um estremecimento, rapidamente desviei os olhos, focando na pilha de roupas ao lado da piscina, sobre um banco de mármore liso. Tomando seu tempo para responder, o Mestre Guerreiro pareceu nos observar em silêncio por alguns momentos antes de sua voz ressoar novamente.

“Preciso tomar banho.”

“Você não pode,” Calder disparou rapidamente. “A marca da alma.”

“Se você se recusar a servir a *qualquer um* de seus mestres, perderá

privilégios, Tempest.” A ameaça do Mestre Guerreiro cortou o vapor.

“Está tudo bem,” murmurei, mais para mim do que para Calder.

Eu pisei com cuidado entre as lanternas de vidro, seguindo o caminho escorregadio que me levaria até a beira da piscina perto do Mestre Guerreiro. Eu me agachei lá, meus dedos trilhando na água, meus olhos vagando até ele.

“Qual é o truque?” Perguntei. “Sempre tem um truque.”

Sua expressão permaneceu em branco, seus olhos ainda escuros. “Você tem razão. Nós estamos curiosos.”

Eu não precisava perguntar quem era *nós* “Sobre o quê?”

“Sua ligação com o Blodsjel.”

“Você está tentando me forçar a uma situação que pode fazê-lo perder o controle novamente?”

“Algo parecido.” Ele sorriu como um lobo sorri, e eu imaginei que o vapor da água poderia ter sido sua respiração, soprada no frio de um campo de caça.

“Eu posso ser marcada. Posso ser sua serva, mas não sou seu brinquedo. Você está pedindo para fazer experimentos em mim, e minha resposta é não.”

“Eu não estava perguntando, na verdade.” Ele se levantou da banheira, a água correndo em riachos pelos músculos que se projetavam e cortavam nitidamente as linhas de seu corpo. Ele podia ser enorme, mas não havia um pinga de gordura nele. Por apenas um momento, fiquei paralisada de medo, lembrando que seria forçada a vencê-lo em batalha... e em breve.

“Você tem uma escolha, Lavenia.” Meu nome cuspiu da boca do Mestre Guerreiro como uma espécie de comida podre que ele estava rejeitando. “Sou eu ou ele.”

Eu segui a linha de seu dedo apontado, engolindo meu pânico com dificuldade. Quase me convenci de que outra pessoa havia entrado na gruta antes de ver que ele apontava diretamente para Calder... que, por sua vez, parecia ainda mais relutante do que eu. Ele estava balançando a cabeça antes mesmo de eu responder, seus dentes arrastando sobre o lábio enquanto ele soltava um silvo irritado.

“Você não entende a ligação,” disse ele. “Você está pedindo para contaminá-la.”

“Ah, eu entendo melhor do que você pensa.” O Mestre Guerreiro estava se movendo em minha direção, a água revelando sua nudez centímetro por centímetro, até que eu não podia mais fingir que não estava intimidada, e meus olhos se afastaram.

“Vamos fazer um acordo.” Ele estava quase diretamente na minha frente, e

fechei os olhos completamente. Envergonhada. Assustada. Fora do meu elemento. Seus dedos molhados envolveram a metade inferior do meu rosto, uma risada sombria vibrando ao redor da gruta. “Essas são as palavras mágicas, não são? Você é como um ratinho, correndo atrás de nós, pegando nossas migalhas. Não importa que estejamos *conduzindo* você. Não importa que você esteja faminta pelos nossos planos. Não importa, porque você não pode ajudar a si mesma. Mesmo uma migalha de alguém como nós é um banquete para alguém como você.”

Uma onda violenta de raiva cresceu e estourou dentro de mim, tudo em um instante, rápido demais para eu conter. Meus braços voaram para cima, minhas mãos plantadas em seu peito, força fluindo em meu corpo tão facilmente quanto o ar, explodindo para fora de mim quando o empurrei para trás na água. Eu o vi cair, quase em câmera lenta, me perguntando por que ele não se agarrou a mim ou se segurou no último segundo, me perguntando por que ele se deixou cair, envolto em névoa e escuridão, recebido pela água com um respingo dobrável que rolou e o abraçou, pegando-o gentilmente.

Atrás de mim, Calder suspirou. “Isso foi estúpido,” ele desnecessariamente me informou.

Eu não pude responder, porque meu erro agora estava subindo da água em uma visão cheia de vapor de cabelos escuros e olhos escuros de raiva, parecendo para todo o mundo como uma espécie de besta mítica chamada para destruir a terra em que estávamos até que não sobrasse nada além do oceano furioso e ele... segurando firme no meio de tudo isso.

“Vamos fazer um acordo,” eu ofereci trêmula, um segundo antes de suas mãos envolverem minha garganta.

Ele recuou, o sorriso de um homem que conseguiu exatamente o que queria se espalhando por seu rosto.

“Escolha um de nós,” disse ele. “E vou lhe contar tudo o que sei sobre a conexão Blodsjel.”

“Você,” falei, meus olhos evitando Calder.

Percebi naquele momento que me importava com Calder. Eu o considerava um tipo de amigo e não queria colocá-lo em uma posição desconfortável. Eu testemunhei o leve lampejo que passou pelos olhos do Mestre Guerreiro, e sabia que eu havia atrapalhado seu plano de alguma forma. Ele pensou que eu escolheria Calder simplesmente porque eu não queria ter que *tocá-lo* novamente, mas aparentemente eu estava disposta a sofrer exatamente isso para preservar a frágil e crescente conexão entre mim e minha sombra silenciosa e abrasiva.

“Não,” disse Calder, sua energia deslizando pela minha espinha enquanto ele se aproximava de mim. “Está tudo bem, Ven. Eu sei o que ele está fazendo. Não vai funcionar. Vamos fazer isso e sair daqui.”

Eu deveria ter ficado surpresa, mas não fiquei. Calder quase explodiu na última vez que eu beijei o Mestre Guerreiro, embora eu não pudesse ter certeza de que essa era a escolha mais segura. Eu peguei a ponta de satisfação antes que o Mestre Guerreiro desviasse o olhar, puxando-se para a beira da piscina. Ele estava sentado de frente para nós, completamente nu, os braços cruzados sobre o peito, os olhos atentos. Calder começou a tirar a roupa, acrescentando-a peça por peça ao banco de mármore. Sua capa, sua armadura, suas botas, suas calças. Ele não parecia se sentir estranho ou constrangido. Como o Mestre Guerreiro, ele estava confortável revelando seu corpo, sua mente ocupada com estratégias e contra estratégias, amarrado em uma dança de motivos.

Observei enquanto ele entrava na água, meus olhos na grande extensão de suas costas, a pele escurecida pelo sol sobre os músculos duramente conquistados. Ele andava pelo vapor da mesma forma que andava por toda parte, com um propósito silencioso, a calma antes de uma tempestade. Tirei minhas botas, meus cintos, a saia envolvendo meus quadris e cada uma das minhas peças de armadura, mas deixei o body. Eu peguei a carranca do Mestre Guerreiro quando entrei na água atrás de Calder, mas ele não disse nada. Ordenar-me a realizar uma tarefa era uma coisa, ordenar-me a fazê-la nua seria escorregar para um território questionável. Não que parecessem se importar com as repercussões de suas ações, mas talvez houvesse um fio de desconforto no que ele estava pedindo.

“Comece a falar,” eu exigi, alcançando uma cesta ao lado de uma das lanternas de vidro, encontrando sabonetes, óleos, cremes e panos de limpeza dentro.

Eu conhecia os passos de um ritual de banho, era algo que tanto os mordomos quanto as crianças setoriais aprendiam na escola, um simples ato de viver impregnado de profunda tradição. Havia balneários onde os mordomos trabalhavam, mas o processo era ainda mais importante para os setoriais aprenderem, pois fazia parte da cerimônia de casamento setorial. Na noite do casamento, o casal era obrigado a realizar o ritual do banho completo. Os mordomos não tinham recursos para tal e foram obrigados a desenvolver outros rituais.

Pensei nos meus anos de escola, tentando me lembrar do processo exato enquanto vasculhava a cesta, ganhando tempo.

“Recipiente circular,” Calder murmurou.

Agarrei o recipiente e o abri para revelar uma pasta cheia de cristais esmagados na areia. Cheirava a alecrim e eucalipto e era surpreendentemente fresco ao toque. Eu peguei um pouco dele em meus dedos, e quando comecei a esfregar na pele do ombro de Calder, a voz do Mestre Guerreiro vibrou sobre a água, levantando os pelos dos meus braços.

“A ligação entre Blodsjel e Fjorn é sagrada por uma razão. O poder de cada setor vem de algum lugar além deste mundo e percorre o momento de seu nascimento, marcando a criança como pertencente à fonte de poder e não a este mundo. Quando o Fjorn nasce, ela recebe o poder de cada setor, cinco linhagens separadas de energia, cada uma delas enfiadas no tecido do mundo para reivindicá-la... mas a fonte de energia é inteligente. Para criar um campeão, um protetor de mundos, reconheceu que o Fjorn também precisava de proteção.”

Fiz uma careta, minha mão parando em sua tarefa. Parecia que o Mestre Guerreiro estava falando sem realmente dizer nada. Assim que fiz uma pausa, ele parou de falar, e eu fiz uma careta mais profunda, meus olhos indo para o rosto de Calder. Sua mandíbula estava apertada, seus olhos fixos no topo da minha cabeça. Não era desconfortável estar tão perto dele, mas havia um tremor de incerteza entre nós. Uma pergunta passando da minha respiração para a dele. Ele havia dito ao Mestre Guerreiro que isso estaria profanando nossa ligação, mas até agora, tudo parecia natural.

Passei do ombro para o braço, espalhando o esfoliante sobre o bíceps enquanto me lembrava das cinco etapas do ritual do banho: esfregar com esfoliante, lavar com sabonete, massagear com óleo, limpar com pano e depois massagear novamente com creme para a pele. Eu estava seguindo as linhas de seus músculos sem perceber direito, meus dedos cavando nas depressões e inchaços, acariciando a linha de seu antebraço. Meu lábio estava queimando, e eu esfreguei as costas da minha mão nele distraidamente. A cabeça de Calder virou para o movimento, seus olhos se estreitando, seu olho dourado aquecendo meu rosto enquanto seu olho azul se concentrava no meu lábio.

Na marca da alma.

Piscando várias vezes em confusão, eu me afastei dele, apenas para ouvir a voz do Mestre Guerreiro parar novamente.

Eu nem tinha ouvido o que ele estava dizendo.

Em um lampejo de pânico, pensei em fugir da água, meus pensamentos se misturando, mas então a mão de Calder encontrou a minha, logo abaixo da cobertura da água, me puxando de volta. Sua mandíbula ainda estava apertada,

mas a linha de seus lábios firmes se inclinou ligeiramente em uma compreensão sombria.

“Concentre seus pensamentos,” ele sussurrou, colocando minhas mãos em seu outro ombro.

Eu acenei com a cabeça, redirecionando toda a minha atenção para a voz do Mestre Guerreiro quando ele começou a falar novamente.

“O mundo usou magia para criar o vínculo entre o Blodsjel e o Fjorn, assim como a magia foi usada para criar o poder do próprio Fjorn. A ligação é do destino. O Blodsjel está destinado a proteger o Fjorn, que está destinado a encontrar o irmão de sua alma, o protetor de sua alma. É por isso que cada par pode ver a história do Fjorn quando se encontram pela primeira vez, eles estão vendo as memórias de coisas predestinadas, os ecos de premonições que se desenrolam ao longo da história.”

Eu terminei o outro braço de Calder, minha atenção firme na voz do Mestre Guerreiro. Quando peguei mais esfoliante em minhas mãos e comecei a espalhá-lo sobre sua clavícula e no centro de seu peito, arrisquei dar uma olhada em seu rosto. Ele ficou rígido, com dor, seu olho azul nublado. Tentei apressar meus movimentos, roçando rapidamente em seu peito, mas fiquei presa em cada cicatriz e corte, de alguma forma não esperando que eles estivessem lá, e meus dedos começaram a se moldar sobre sua pele, tentando ver o que meus olhos se recusavam a enxergar. Sua maior cicatriz estava em seu torso, cortando duas cristas de músculo. Era elevada e lisa, uma linha longa, mais larga à medida que descia.

“É exatamente porque a ligação é do destino que pode azedar,” o Mestre Guerreiro disse enquanto eu pulava minhas mãos sobre o estreitamento dos quadris de Calder, tirando um som raivoso de sua garganta.

Ele se virou, me dando as costas, seus braços agora cruzados sobre o peito rigidamente.

“Se o Fjorn ou o Blodsjel fossem contra seu destino, isso afrouxaria sua conexão,” o Mestre Guerreiro retumbou. “Se ele falhar em seu dever de protegê-la, isso danificaria consideravelmente o vínculo deles, o que, por sua vez, enfraqueceria as habilidades que o vínculo fornece a eles. Essa fraqueza, como uma doença, pode se espalhar para cada indivíduo, envenenando o poder protetor do Blodsjel ou a força da própria magia do Fjorn.”

Esfreguei as costas de Calder, meu lábio queimado, minha cabeça nublada. Eu não tinha certeza de como ele havia sido ativado, mas não havia como negar que minhas mãos estavam procurando por calor e conforto no grande corpo

diante de mim, que eu estava me aproximando dele, coçando para pressionar meus lábios em sua pele, para ver se ele tinha gosto de raiva e suor, como batalhas travadas e vencidas, como inimigos derrubados e céus escurecendo em vitória.

Eu tinha quase esquecido o processo do banho quando Calder mudou nossas posições, me pressionando na lateral da piscina como se ele precisasse me conter de alguma forma. Ele empurrou uma barra de sabão em minhas mãos e latiu uma palavra.

“Rapidamente.”

Lavei-o rapidamente, a clareza entrando e saindo da minha mente, estimulada pelo olhar em seus olhos e dissuadida pela pele imperfeita sob minhas mãos, cicatrizes e arranhões como um mapa para algo imensamente importante, algo que eu precisava. Quando ele mergulhou na água e ressurgiu novamente, suas mãos passando sobre seu rosto e cabelo, gotas grudadas em seus longos cílios, eu me pressionei em sua frente, meu lábio ardendo, meu coração doendo. Ele era bonito de um jeito rude e selvagem. Perfeito em seu silêncio sombrio.

Eu queria beijá-lo, mas mesmo na ponta dos pés, não conseguia alcançar seu rosto, e embora suas mãos estivessem na minha cintura, ele não estava me levantando. Ele estava me empurrando para longe, seus dedos cavando na minha pele com pressão suficiente para desmentir o olhar vazio em seu rosto. Ele nadou até a beira da piscina, erguendo-se até a beirada de arenito, de costas para mim e para o Mestre Guerreiro enquanto pegava uma toalha de uma das cestas, enrolando-a na cintura.

“Mas é claro,” disse o Mestre Guerreiro, seus olhos se estreitando com raiva em Calder. “Há mais de uma maneira de trair e corromper a ligação.”

Nadei até a borda, recuperando um pouco do controle. Meu rosto estava em chamas quando eu saí da água, uma carranca vincando minha testa, vergonha escorrendo através de mim, quente e trêmula como a condensação nas paredes. Quanto mais eu ficava longe de Calder, mais clara minha mente ficava, até que eu estava arrastando meus pés, meu movimento diminuindo quase completamente. Olhei dele para o Mestre Guerreiro, que havia parado de falar, seus olhos vigilantes, expectantes, suas últimas palavras provocando o ar.

Há mais de uma maneira de trair e corromper a ligação.

Olhei para Calder e soube, de repente, do que se tratava. O Mestre Guerreiro estava testando nossa conexão da mesma forma que os cinco mestres me testaram, levando-a ao limite. Ele sabia que Calder se ofereceria para me

salvar de uma repetição do beijo anterior com o Mestre Guerreiro. Ele sabia que minha marca da alma começaria a me influenciar.

Ele estava me colocando em perigo de profanar o vínculo, porque a ligação de Calder comigo estava fadada de forma *platônica*.

Ele deveria ser o *irmão* da minha alma.

Se eu me tornasse íntima dele, não apenas a marca da alma começaria a drená-lo, mas nossa conexão também azedaria, enfraquecendo nós dois.

Minha confiança voltou de repente, caminhei até o banco, enchendo meus braços com nossas roupas, e então voltei para Calder, oferecendo-lhe minha mão enquanto fixava meus olhos no Mestre Guerreiro.

“Eu ouvi tudo que eu precisava ouvir,” falei a ele. “E um dia... vocês cinco irão longe demais. Um dia, vocês vão me perder completamente. Ou estarei morta ou serei poderosa o suficiente para matar cada um de vocês por todas as maneiras que me torturaram.”

Ele se levantou, e eu não desviei o olhar de sua nudez desta vez. Olhei para ele, meus olhos rastejando sobre seu corpo, procurando por qualquer sinal de uma mutação mágica que simplesmente não existia. Ele parou diante de mim, um plano surgindo em seus olhos, uma força em seu aperto quando ele passou um braço em volta da minha cintura e me levantou, o couro pesado e encharcado do meu body contra sua pele escura.

“Você queria saber qual é o truque?” Ele rosnou, enquanto meu braço torcia atrás de mim, Calder se recusando a me soltar. “Aqui está.”

Ele me beijou com uma fome que me surpreendeu, porque o olhar em seus olhos era frio e calculista. A emoção que senti na inclinação e pressão de seus lábios foi uma manipulação, um aumento da magia que se moveu prontamente para encontrá-lo, aquecendo meu corpo e afrouxando minha resistência até que meus dedos estivessem abrindo e fechando no aperto de Calder.

O Mestre Guerreiro me deixou cair, sua mão limpando sua boca. Ele não deu um passo para trás, mas apertou seu corpo contra o meu, abaixando a cabeça para me fixar com olhos castanhos dourados ardentes.

“Vá,” ele sussurrou.

ANSIAR

Fiquei ali, ardendo, queimando, ansiando, enquanto Calder torcia o anel em volta do meu dedo e me puxava de volta. Caí nos escombros do Sky Keep, o oceano ameaçando transbordar atrás de mim, e então Calder estava me agarrando em seu peito quando pousamos no chão de seu quarto dentro da torre de Hearthenge.

Ele tropeçou para trás de mim e eu me virei, enxugando uma linha de suor da minha testa enquanto tentava focar minha visão nebulosa nele. Ele caiu de joelhos, deixando cair a pilha de nossos pertences pessoais que ele deve ter de alguma forma tirado de mim. Dei um passo trêmulo em direção a ele, e então caí no chão diante dele, minhas mãos nas laterais de seu rosto, minhas ações impulsionadas por qualquer besta que tivesse se apossado de mim. O calor ao nosso redor era sufocante, sua pele escaldante, sua energia ameaçando explodir e incinerar nós dois.

“Foi uma armadilha,” ele ralhou, levantando a cabeça, seus olhos miseráveis enquanto eu caía nele. “É sempre uma armadilha com eles.”

Sua pele era áspera, barba por fazer raspando meus dedos. Ele começou a balançar a cabeça, mas eu parei o movimento, puxando seu rosto para o meu. Apesar do protesto tácito que eu podia ver se formando em seus lábios, eu ainda não tinha certeza de quem iniciou o beijo. Mesmo neste momento, ele estava me protegendo de iniciar nossa queda, reivindicando-o ele mesmo aquele último centímetro. Em um momento eu o estava atraindo para mim, e no seguinte estávamos nos beijando.

Ele murmurou algo que soou como uma objeção, mas sua mão deslizou ao

longo da curva da minha coluna, me puxando com força contra ele enquanto eu subia em seu colo. Minha alma foi inflamada, meu corpo derretendo em seu aperto enquanto suas mãos caíram para meus quadris, me pressionando para baixo e então rapidamente as inclinando para o outro lado, tentando me empurrar. Tornou-se um tipo estranho de batalha, ele cedendo e depois protestando, me puxando para frente e depois me afastando.

Logo estávamos lutando, minhas costas batendo no chão, seu gemido vibrando através de mim, desespero em sua língua quando separou meus lábios, raiva em seus dedos enquanto rasgavam meu body. Lutávamos pelo controle um do outro e de nós mesmos. Minha necessidade queimou quente, mas a instabilidade de sua reação queimou mais ainda, se espalhando dolorosamente pela minha pele, deslizando dentro de mim para estourar e explodir pelo meu sangue, empolando o bálsamo de sua proximidade, um bálsamo que eu fui levada a alcançar de novo e de novo. Ele me girou de repente, meu rosto pressionado contra o tapete, seu corpo caindo pesadamente sobre o meu, sua barba por fazer roçando a parte de trás do meu pescoço.

“Pare.”

A perda de seus lábios e o choque repentino de sua ordem perfuraram minha consciência, forçando-me a ficar quieta. Ele descansou a testa contra a parte de trás da minha cabeça, e eu quase podia senti-lo rezando para que ele finalmente tivesse conseguido me tirar do meu transe.

“Respire.” Sua voz estava estrangulada, suas mãos segurando as minhas contra o chão, uma de suas longas pernas entre as minhas, a outra plantada do lado de fora do meu quadril, levantando um pouco de seu peso de cima de mim.

Tentei respirar, mas em vez disso, comecei a chorar. Começou pequeno, com uma lágrima de frustração, mas logo desceu em um soluço sufocante. Ele saiu de cima de mim em um instante, me envolvendo em seu colo novamente, mas desta vez foi diferente. Meu rosto estava em seu pescoço, meus braços agarrados ao redor de seus ombros. Ele estava me moldando em uma pequena bola, minhas pernas enroladas no meu peito, a energia sufocante na sala diminuindo até que apenas o frio do choque permaneceu, e o calor natural de seu corpo parecia o melhor lugar para eu descansar.

Fui despertada apenas algumas horas depois, exatamente na mesma posição, embora Calder tivesse conseguido nos enrolar em um cobertor.

“É hora de treinar,” disse ele, a voz rouca. “Sua mochila está na cadeira ao lado da cama.”

Desajeitadamente, eu saí de seu colo, arrastando o cobertor comigo

enquanto cambaleava sonolenta pelo quarto. Desviei os olhos quando o ouvi se levantar e se esticar, um gemido de dor acompanhando o movimento. Ele se arrastou ao redor, vestindo-se enquanto eu vasculhava minha mochila, tirando uma das roupas que eu já tinha usado. Um espartilho marrom macio e calças de montaria. Vesti-me debaixo do cobertor e depois coloquei as botas de volta e esfreguei as mãos no rosto, tentando afastar a exaustão dos membros pesados.

Calder me levou da torre sem dizer uma palavra e me peguei olhando para ele. Era quase impossível pensar que aqueles lábios duros tinham tomado os meus, que aquelas mãos calejadas tinham se moldado à minha cintura, aqueles dedos ásperos deslizando pelas minhas costelas nuas. Eu ainda estava cambaleando, ainda em estado de choque, mas não estava... enojada. Não como eu deveria ter estado. Eu não senti como se nossa ligação tivesse sido corrompida ou diminuída. Se alguma coisa, eu senti uma vontade de me aproximar dele, para aliviar uma parte de mim que estava tentando alcançá-lo. Ele não estava exibindo nenhum efeito adverso da marca da alma, mas eu não esperava que ele os mostrasse para mim, mesmo que estivesse.

Afastei meus sentimentos, adotando uma expressão sombria para combinar com a dele enquanto invadimos a escuridão antes do amanhecer. Ele começou a correr, jogando duas palavras por cima do ombro.

“Me acompanhe.”

No começo, foi fácil. Eu adorava correr, e meu corpo acolheu a sensação familiar, meus músculos doloridos se acomodando na sensação. Aproximamos dos portões, e um Sentinela no topo do muro avistou Calder, gritando para que o portão fosse aberto. Não precisávamos diminuir o ritmo ao passarmos, mas assim que o centro da cidade estava às nossas costas, Calder de repente acelerou, e o que havia começado como algo agradável logo se tornou terrivelmente punitivo. Ele foi tão rápido que mesmo quando eu fiquei para trás, meus pulmões ainda estavam arfando em sua capacidade máxima, meus músculos esticando ao ponto de rasgar. O ritmo tornava impossível pisar com cuidado, e pisei em várias pedras no ângulo errado, torcendo o tornozelo. Eu caí duas vezes, mas Calder só parou para me puxar para cima, sua expressão em branco, seus olhos duros, e então ele estava correndo novamente. Depois de meia hora, eu me dobrei, perdendo o conteúdo do meu estômago no chão da floresta. Foi o mais duro, o mais rápido que eu já tinha corrido.

Calder parou, esperando que eu terminasse. Ele nem parecia sem fôlego.

“Você precisa usar sua energia Vold,” ele me disse, seus braços cruzando o peito, seus olhos varrendo as árvores atrás de mim.

“Não posso,” eu gemi. “Vazia.”

“Vazia?” Seus olhos voltaram para mim.

Eu me levantei, limpando minha boca. “O 'teste' do Mestre Guerreiro ontem. Drenou minha energia.”

“Você deveria ter recuperado essa energia agora. Você nem tentou usá-la. Eu não senti nenhuma vez.”

Esfreguei um dedo no peito, pensando na minha fraqueza secreta. Eu tinha desenvolvido um medo do meu poder. Um medo de liberar acidentalmente uma sombra ou de sentir aquele fracasso doentio do meu coração falhando.

“Você está certo,” eu admiti.

“Um dos primeiros encantamentos Vold que aprendemos é *lotte*. Tal como acontece com todas as palavras Aethen, pode ter muitos significados, mas geralmente ensinamos nossos ouvintes a entendê-la como a dobra da paisagem. Isso nos ajuda a nos mover mais rápido, a ganhar mais tempo.”

“Qual é a tradução correta da palavra?” Perguntei, sabendo que haveria uma. Embora as palavras Aethen tivessem vários significados, às vezes intermináveis, elas sempre tinham uma tradução direta, embora apenas os Sinn pudessem descobrir quais eram essas traduções.

“Dobrar,” respondeu Calder. “Significa dobrar. Agora, siga-me.”

Caminhamos um pouco pela floresta até ele encontrar uma clareira nas margens do rio. Ele se agachou na areia da margem, sussurrando uma palavra enquanto sua mão roçava o chão. Uma chama brotou de seus dedos, travando minha respiração na minha garganta. Ele estendeu a mão, espalhando a chama, e então fechou o punho e se afastou. Ele parou a cada segundo passo, repetindo o processo, suas linhas de chama empurrando as bordas dos limites invisíveis que ele havia traçado, ansiosas para se espalharem para a floresta ao nosso redor. Quando ele terminou, ele me posicionou no final, com as mãos nos meus ombros, seu comando mexendo no topo da minha cabeça.

“Dobre.”

E com isso, ele me empurrou.

Eu pulei sobre a primeira linha de chamas, o pânico tomando conta do meu peito. Ele caminhou ao meu lado, falando uma palavra Aethen que se confundiu em meus ouvidos, difícil demais para eu entender. A linha de fogo atrás de mim rugiu e estalou, escapando de seus limites e avançando. Em pânico, pulei a próxima linha e depois me virei para escapar em direção à margem. Antes que eu pudesse dar um único passo, a segunda linha se expandiu, juntando-se à primeira e correndo pelas laterais da trilha de fogo, prendendo-me entre as linhas. Pulei

de novo e senti o fogo me perseguindo beliscando minhas botas, lambendo minhas panturrilhas.

De repente, eu estava correndo para salvar minha vida, meus pulmões se esforçando novamente, minhas mãos suando e tremendo, minha respiração um ruído alto em meus ouvidos.

“Lotte!” Eu gritei, pânico sacudindo minha voz.

Eu sabia que não deveria dizer a palavra reflexivamente, não quando eu não *pretendia* fazer nada. Pulei a próxima linha de fogo e estendi a mão, minhas mãos arranhando o ar como se eu pudesse rasgar o tecido do ambiente à minha frente.

Lotte, pensei, sem fôlego demais para gritar a palavra de novo, mergulhando do calor em meus calcanhares e entrando em um espaço frio e escuro.

Suspirando de alívio, olhei em volta para o rio, a floresta, a margem. O fogo havia desaparecido, mas Calder também. Pisquei para a água, observando-a fluir para... *nada*. Com um sobressalto, percebi que não conseguia ver além da clareira. O rio caía no nada, as árvores caindo na escuridão fria. Caminhei ao longo da margem, observando como ela parecia se construir diante dos meus olhos, partícula por partícula. Gotas de água convergindo para se juntar ao riacho, areia se acumulando no lugar, plantas brotando da lama. Quando a cena estava completa, eu olhava para o céu, esperando o bater de asas ou o som dos pássaros chamando pela manhã.

Estava silencioso. Estranhamente assim.

Entrei no riacho, curvando-me para examinar a água. Os peixes foram embora. Nada de girinos ou insetos zumbindo. Eu havia viajado novamente pela minha imaginação, onde as pessoas, as casas e os seres vivos desapareciam. Comecei a fechar os olhos, a dizer a palavra novamente e voltar à realidade, quando algo me fez parar. Foi um clarão de prata no céu que pairava sobre o rio, um traço de algo no horizonte que não deveria estar lá.

Pisquei para a lua, suspensa no lado errado do céu, o sol pendurado na direção oposta. Cada um deles parecia congelado, nem subindo nem descendo, presos em uma batalha tão antiga quanto o tempo, lançando o mundo em um adiamento cinza. Caminhei em direção a ela sem pensar, a água espirrando em meus pés, meus joelhos, minha cintura.

Olhe para as águas profundas, uma voz chamou dentro de minha mente, familiar e estrangeira. *Seu destino foi ouvido*.

A água batia no meu peito, um cheiro enjoativo na superfície, cavando no

fundo da minha garganta e me sufocando com a memória das tempestades de verão e veias grossas e rápidas de relâmpagos.

A grande guerra começou, disseme a voz, e desta vez tive a certeza de que a conhecia. Era a voz de uma mulher, fragilizada pela passagem do tempo, triste e cinzenta pelo mundo suspenso.

“Ein.” Sussurrei o nome instintivamente, um rosto piscando em minha mente, como uma lembrança da minha primeira infância.

Vi olhos do azul mais pálido, suavizados pela alegria e abatidos pelo desespero; cabelos de prata fiada, beijados por fios de sol e coagulados com sangue seco. Ouvi sua voz doce, presa em uma canção e dilacerada pelo medo.

O primeiro Fjorn.

Com um solavanco, senti o gosto de sal e musgo, e percebi que o rio lambia meu queixo, meus pés afundando na areia abaixo. Eu torci para a margem, mas meus pés estavam presos, algo agarrando meus tornozelos. Pode ter sido galhos ou juncos, mas minha mente tocou com uma história familiar, a da Besta do Lago Enke, e entrei em pânico, imaginando grandes garras rasgando minhas pernas e me arrastando para uma escuridão eterna.

“Lotte!” Eu suspirei.

A água correu por cima da minha cabeça, e eu chutei para a superfície, de repente solta, ofegante enquanto nadava de volta para a praia.

Um aperto forte me puxou para cima e para fora da água, me arrastando para a grama da clareira.

“Onde você foi?” O rosto de Calder apareceu sobre o meu, seus olhos me checando por ferimentos, suas mãos passando sobre minha roupa. Ele olhou entre meus olhos. “Lavenia?”

Eu gostava mais quando ele usava meu apelido.

“Minha cabeça,” eu resmunguei. “Eu acho.”

“Você não pode colocar seu corpo dentro da sua cabeça.” Seu tom era surpreendentemente uniforme. “Você desapareceu completamente.”

“Foi como se eu tivesse entrado em um conto antigo.” Eu me puxei para uma posição sentada e olhei de volta para o rio.

“O que você quer dizer?”

“A garota do conto tem um vestido prateado, então pensei ter ouvido a voz do primeiro Fjorn porque ela tem cabelos prateados. O rio era o lago, e a fera também estava lá; suas garras eram os juncos. Eu estava na margem do rio assim como a garota do conto fica na margem do lago.”

Ele olhou para mim. “Do que você está falando?”

“A Besta do Lago Enke...” Eu fiz uma careta, vendo a falta de reconhecimento em suas feições, sua boca se curvando em uma carranca que puxava uma de suas cicatrizes. “Você sabe disso, todo mundo sabe. Você acabou por esquecer.”

“Conte-me a história,” ele respondeu com cuidado.

Mordi o lábio, imaginando o olhar cauteloso em seus olhos, mas as palavras estavam prontas e esperando em meus lábios, estranhamente ansiosas para serem ditas no ar.

“Há uma fera na água,
Garras de chumbo, morte em seus olhos.
Há um monstro na névoa,
Esperando sob um século de céus.
Há uma garota perto da água,
Vestida de prata, estrelas em seus olhos, Cantando para uma fera chamada Dragur, Vadeando na costa da morte.

Há morte na água,
Escondida por um século de mentiras.
Há uma fera chamada Dragur,
Esperando sob um século de céus.
Há um sussurro na água,
Um para cair, e um para subir.”

Ele caiu para trás, os braços pendurados nos joelhos, o rosto relaxado de espanto. “Ven,” ele murmurou, balançando a cabeça. “Essa *não* é uma história Fyrian.”

“Claro que é,” argumentei rapidamente, uma pequena semente de dúvida balançando no fundo da minha mente. “É sobre o Lago Enke.”

“Como você sabe disso? Essa história não mencionou o Lago Enke nenhuma vez.”

“Porque...” eu parei, de repente abalada pela confusão.

Ele respirou fundo, balançando a cabeça. “Há quanto tempo você está contando essa história para si mesma?”

“Eu... desde...” Esfreguei minha testa, tentando me lembrar da primeira vez que as palavras foram recitadas para mim.

Eu pulei para os meus pés, começando a andar, um tipo único de trepidação crescendo dentro de mim, o tipo que vem de perceber que sua própria mente mentiu para você ou escondeu algo muito importante.

“O dia em que tudo mudou,” eu admiti, descrença montando meu tom. “O

dia em que o Tecelão me encontrou à beira do lago.”

Os olhos de Calder escureceram com uma emoção alarmante, e eu senti o breve estalo de sua raiva agora familiar antes que ele rapidamente refreasse sua energia.

“Você teve uma premonição naquela manhã.” Ele se levantou, pegando meus ombros, sua voz dura como pedra. “Você não sabia como entender isso, então você se convenceu de que era uma história antiga. Você sabe o que isso significa?” Sem esperar por uma resposta, ele me soltou e se afastou, balançando a cabeça, aquela raiva lancinante faiscando em seus olhos novamente. “Seu anel foi adulterado. Parte do seu poder já havia se libertado. Pense, Ven... você *pretendia* destruir o anel em algum momento?”

Silenciosamente, eu balancei minha cabeça. “Aconteceu, como com o colar.”

“Mas não com o sino. Foi difícil para você, mesmo depois de ter sido alimentado com o encantamento.”

“Você acha que o colar e o anel foram adulterados.” Não era uma pergunta, e eu não sabia a resposta.

O Mestre Guerreiro havia me dito isso na noite anterior.

Estamos conduzindo você.

Você está faminta pelo nosso plano.

“Eles mentiram.” Minha voz tremeu. Minha cabeça estava girando, mas acima de tudo... eu queria me chutar. “Então eles sabiam que era eu o tempo todo. Então eles projetaram tudo isso. E então o quê.” Eu estava tentando me convencer de que nada havia mudado, mas a cada palavra minha fúria aumentava, e enquanto eu falava minhas últimas palavras, uma esperança moribunda caindo de minha voz, eu podia ouvir o tambor distante na parte de trás da minha cabeça, ameaçando afogar tudo.

Eu respirei fundo, estremeando, empurrando os pensamentos da minha mente. Realmente *não* importava. Eu nunca acreditei ser mais do que uma ferramenta, um jogo, um meio para um fim para os grandes mestres. Eu não tinha percebido a verdadeira extensão de como eu tinha sido manipulada, mas isso só alimentou minha determinação de ficar mais forte, desafiar suas expectativas e arrebatá-la a única graça salvadora que eu esperava.

Se eu me tornasse um Legionário, todos os meus crimes passados seriam perdoados.

Eu seria liberada de minhas dívidas, não devendo a nenhum homem.

Eu estaria livre... e desimpedida para me vingar dos homens que fizeram

isso comigo.

“Vamos,” falei, estendendo minha mão. “Meu tempo livre acabou. Eu preciso estar no banquete de celebração esta manhã e, de alguma forma, sair sem que ninguém perceba para servir o Tecelão durante o dia.”

Calder conseguiu se acalmar muito mais rápido do que eu e já estava esperando com seu olhar duro de sempre, sua expressão imutável quando ele enrolou meu braço no dele e torceu meu anel.

“Hearthenge,” disse ele.

Desembarcamos no pátio principal do quartel, atrás de uma baia de cavalos, que deveria ser o que Calder pretendia. Eu me afastei dele, mas ele assumiu a liderança, provavelmente ciente de que eu não tinha ideia de para onde estava indo. Ele me levou para um prédio com um escudo gigante decorando a frente, uma águia dourada em relevo na superfície, trepadeiras crescendo sobre as paredes de pedra. Dentro havia um grande salão, a lareira principal ocupando toda a parede dos fundos. Mesas, bancos e pequenos grupos de cadeiras forradas de pele espalhavam-se pelos lados da sala, uma cozinha movimentada perto da entrada.

Os recrutas estavam todos reunidos lá dentro, conversando baixinho, arrastando os pés como se estivessem inquietos para sair, e quando entrei na sala, senti uma presença atrás de mim. Uma mão grande e áspera bateu no meu ombro, uma voz grave viajando por todo o meu corpo enquanto o Mestre Guerreiro me puxava de volta contra seu peito.

“Você se divertiu ontem à noite, Tempest?”

Sem aviso, Calder estava entre nós, seu rosnado cortando o corredor como um terrível trovão, sacudindo os beirais. Cabeças se viraram, tentando encontrar a fonte do barulho, e logo todas as atenções estavam voltadas para os dois homens de frente um para o outro. Com eles frente a frente, percebi que Calder era do mesmo tamanho que o Mestre Guerreiro, um fato que me causou uma grande confusão.

Eu os comparei cuidadosamente, mas a conclusão continuou escapando da minha mente como o som de uma palavra Aethen. Quanto mais eu tentava avaliar o Mestre Guerreiro, mais difícil era entender sua verdadeira altura ou tamanho.

Ele não era normal.

Nenhum dos grandes mestres era normal.

Com um som de frustração, dei um passo à frente, mas os olhos de Calder encontraram os meus e eu parei. Ele estava lutando pelo controle. Eu não podia

sentir seu poder rolando pela sala, mas podia senti-lo empurrando contra algum tipo de limite que ele havia lançado, como as linhas de fogo contido da nossa sessão de treinamento da manhã. Eu dei um passo para trás.

Isso era algo que ele precisava fazer. Ele estava cansado de brincarem com ele, e isso era algo que eu podia entender. Não tinha certeza de como eu poderia ter tanta certeza do que ele estava sentindo, mas eu sabia disso em algum tipo de nível inerente. Dei outro passo para trás, e ele voltou sua atenção para o Mestre Guerreiro, falando rapidamente, a cadência de sua voz baixa e áspera, embora eu não conseguisse entender suas palavras.

O Mestre Guerreiro ouviu, seus olhos treinados em mim, um olhar curioso neles. Eles não estavam brigando, como eu esperava. Parecia que Calder estava exigindo algo, e o Mestre Guerreiro não se opôs totalmente a isso. Quando o Mestre Guerreiro respondeu, um leve sorriso nos lábios, senti meu estômago afundar.

Eu conhecia aquele olhar.

Ele estava fazendo um acordo.

Quando a conversa terminou, Calder se virou e olhou para mim, algo estranho escurecendo em seu olho azul. Ele tocou seu braço; um gesto que despertou familiaridade em mim. Era o mesmo ponto que eu o tinha visto tocando reflexivamente antes; o local onde eu tinha escrito sobre ele.

Nós dois somos Vold.

Na época, tinha sido quase um apelo. *Deixe-me ser forte como você.* Ele se virou e saiu do corredor, e eu senti algo entre nós oscilar incerto. O Mestre Guerreiro começou a passar por mim, mas parou no último momento, seus olhos piscando para baixo.

“Ele não vai voltar.”

Ele continuou enquanto eu permanecia lá em silêncio, todos os recrutas correndo para fora de seu caminho. Eu finalmente me virei quando ele se aproximou de Bern, que estava esperando perto da lareira no outro lado da sala. Eles falaram um com o outro, e quando ambos olharam na minha direção, eu sabia que ele estava tentando manipular qualquer inferno que Bern tinha reservado para nós para ser *especialmente* infernal para mim. Assim que terminou, ele saiu do salão, e Bern chamou a atenção de todos.

“Haverá um banquete,” anunciou ele, “Mas será hoje à noite, e será apenas para uma pessoa. E primeiro, como em todo banquete, devemos caçar.”

“Sobre o que era tudo isso?” Uma voz calma à minha esquerda perguntou, e eu pulei, sem perceber que Frey tinha se aproximado de mim. Ela estava olhando

para a porta lateral pela qual o Mestre Guerreiro havia escapado.

“Eles fizeram um acordo...” Eu bati a mão na minha boca, lançando-lhe um olhar.

Ela não parecia nem um pouco culpada. “A respeito?”

Balançando a cabeça, eu mantive minha mão sobre minha boca.

“O banquete hoje à noite será em homenagem ao caçador *ou* à presa,” Bern continuou enquanto Bjern se afastava do resto dos recrutas, aproximando-se de nós com um aceno de cabeça.

Ele ficou do meu outro lado, voltando sua atenção para seu pai sem dizer uma palavra para nós. Ele estava simplesmente se alinhando. Ele nos considerava aliadas de algum tipo.

“Um de vocês será marcado como presa,” disse Bern, causando um arrepio de terror na minha espinha.

Dei um passo trêmulo para trás, e tanto Bjern quanto Frey olharam para mim, confusos.

“Para receber o banquete esta noite, você deve ser o único a capturar a presa. Morta ou viva.”

Dei outro passo para trás.

“Você só pode usar armas feitas de materiais que você encontrará fora do centro da cidade,” continuou Bern, enquanto eu me dirigia para o fundo do salão.

Bjern se moveu atrás de mim, mas Frey agarrou seu braço, parando-o. Compreensão brilhou em seus olhos, e ela sacudiu a cabeça. Parecia que ela estava me incitando a correr.

“Se a presa escapar da captura,” a voz de Bern estava abafada atrás do rugido em meus ouvidos, “O banquete será dela.”

Dela.

Eu me virei, quase tropeçando em meus próprios pés, e fugi do corredor.

“A caçada começou,” a voz de Bern explodiu, correndo atrás de mim. “Capture a Tempest e a vitória será sua.”

Eu mergulhei atrás de uma barraca de couro, colidindo com a porta de um pequeno prédio à esquerda da barraca. Eu nem me incomodei em verificar onde eu estava. Empurrei o anel em volta do meu dedo e sussurrei: “Lago Enke.”

CAÇADA



Eu caí na margem, me segurando em minhas mãos e joelhos, meu coração batendo na minha garganta. Sentei-me para trás, as pedrinhas umedecendo minhas calças de montaria enquanto eu olhava ao redor. As linhas vevebre foram todas enroladas, o Skjebre em nenhum lugar à vista. Encontrei meus pés, caminhando em direção às sequoias a leste do lago. Todos sabiam que o Tecelão residia na floresta, assim como todos sabiam que a mansão do Inquisidor ficava no topo da Sectorian Hill e que o Mestre Guerreiro não chamava nenhum lugar de lar. O sol estava rastejando bem no alto do céu. Toquei meu anel, sabendo que já estava atrasada.

Pensei no nome de Calder. Eu poderia localizá-lo se precisasse... mas ele tinha feito um acordo com o Mestre Guerreiro. Eu tinha certeza disso. Depois de ver o que a Aranha tinha feito com o curandeiro, percebi que era melhor não tentar me intrometer nos negócios de outras pessoas até que eu soubesse os termos por mim mesma.

“Vale,” falei, girando o anel.

Caí no chão com um solavanco, cobrindo o rosto para evitar que as pedrinhas e a areia úmida entrassem na minha boca e nos meus olhos. Eu não aterrissei tanto quanto colidi com um corpo grande e sólido, enviando nós dois tropeçando um passo para trás. Me agarrei nas costas de uma cadeira, meu punho segurando a madeira lisa enquanto o Tecelão se afastava, revelando a sala com cúpula de vidro dentro da Fortaleza Celeste de Edelsten.

“Você está atrasada,” afirmou.

“Esta é a sua sala de reuniões secreta?” Eu atirei de volta, percebendo que

cada um dos cinco mestres estava reunido lá novamente – incluindo o Mestre Guerreiro, que – apesar de ter saído do quartel de Hearthenge apenas momentos antes – estava agora confortavelmente descansando em uma cadeira de madeira flutuante.

“De quem precisaríamos manter isso em segredo?” O Rei questionou, sem se incomodar em levantar os olhos da pilha de cartas que estava folheando. “E já foi mencionado que você está atrasada?”

“Chegar atrasada mudaria o que você planejou para mim hoje?” Dirigi a pergunta ao Tecelão, que se moveu para ficar diante do vidro. Eu não sabia dizer se seus olhos eram um gradiente de azul ou se refletiam o borrão do oceano se fundindo no horizonte. “Não pode ficar pior, eu quase morro diariamente agora, então se você realmente quer me abalar neste momento, você terá que ser *legal* comigo.”

“Você cresceu em confiança,” disse o Tecelão, sua atenção nunca vacilando do oceano. “Isso não é uma coisa boa para você.”

“Não.” Olhei para suas costas, e então olhei para os outros, para o Mestre Guerreiro, olhando para mim entre as pálpebras semicerradas; o Rei, franzindo a testa para uma carta; o Erudito, de pé ao lado do manto, a cabeça inclinada para o lado, olhos de veludo frios; e o Inquisidor, que se recostou na porta, um pé de bota entalhado na madeira.

“Eu só sei a verdade,” falei a eles, desdém escorrendo da minha voz. “Eu sei que fui enganada. Eu sei que o crime que me prendeu a cada um de vocês foi um crime planejado por vocês. Um de vocês armou tudo do início ao fim, avaliando as possibilidades de cada resultado até chegar ao cenário perfeito.” Olhei para o Erudito, que encontrou meu olhar sem um único indício de culpa, aquele tom violento de suas feições me espiando, quase em desafio. “Um de vocês adulterou o anel e o colar,” continuei, passando para o Inquisidor, que esfregou um dedo cicatrizado no lábio, os olhos mais escuros do que o normal, assustadoramente vazios. “Um de vocês pediu ao Negociador para estar no lugar certo na hora certa, *conhecendo* as tendências que repousavam dentro de seu coração.” O Rei havia deixado cair sua carta e, quando nossos olhos se encontraram, ele teve a audácia de mostrar os dentes, mostrando-me algo entre um rosnado e um sorriso. “Alguém garantiu que Calder fosse o primeiro Sentinela em cena, sabendo que ele sentiria o cheiro do poder da morte que ainda estava preso a mim, sabendo que ele era poderoso o suficiente para ver o que havia acontecido e severo o suficiente para me arrastar direto para a Cidadela, para enfrentar julgamento sem voz para me defender.” O Mestre

Guerreiro nem sequer abriu os olhos completamente quando eu olhei para ele, mas continuou a me olhar do mesmo jeito sonolento, seus dedos unidos sobre o estômago. “E é claro,” eu me virei para o Tecelão. “Alguém tinha que desencadear minha queda. Alguém tinha que desencadear meu pânico... e que melhor maneira de fazer isso do que me mostrar meu destino, um destino que você *sabia* que estaria ligado à morte e à escuridão, porque você sabia quem eu era o tempo todo.”

O Erudito caminhou em minha direção, batendo palmas sardonicamente, sua boca torcida para baixo, seus olhos caindo sobre mim. “Que discurso tão corajoso. *Tantas acusações*. Devemos abordá-las individualmente ou em grupo?” Ele estava tirando sarro de mim.

Estreitei meus olhos nele, mesmo quando suas botas tocaram as minhas e tive que inclinar minha cabeça todo o caminho para trás. Sua mão brilhou, e eu recuei, mas ela apenas pousou suavemente contra minha clavícula, seus dedos se espalhando pelas laterais do meu pescoço. Engoli em seco, e seus olhos se voltaram para o movimento, como se ele pudesse ver através da pele do meu pescoço o funcionamento interno da minha garganta. O Erudito parecia, não pela primeira vez, um pouco desequilibrado. O violeta de seus olhos estava cercado de escuridão, os vincos permanentes nos cantos de sua boca franzidos em desgosto.

“O que você gostaria, Tempest? Uma desculpa?” Ele pressionou.

“Eu não preciso de nada de você.” Suguei uma respiração profunda e fortificante. “Vou vencer essa batalha. Vou me tornar um Legionário; vou me libertar de todos vocês. E então...” Envolvi minha mão ao redor de seu pulso, puxando seus dedos para baixo, longe do meu pescoço. Eu pretendia afastá-lo, mas ele de repente empurrou para frente, a palma da mão contra o gaguejar assustado do meu coração, seu braço de repente parecendo de ferro, totalmente imóvel.

“E então?” Ele pressionou ainda mais, arqueando uma sobrancelha, o lado de sua boca se contraindo. Uma covinha pequena e raivosa brilhando em sua bochecha direita.

“E então eu vou pegar tudo o que vocês fizeram para me usar. Eu não vou parar até que eu seja duas vezes mais poderosa, e então vou usar esse poder para fazer cada um de vocês se sentir tão pequeno quanto vocês me fizeram sentir todos os dias desde que eu coloquei os olhos em vocês.”

Sua expressão mudou, curiosidade despertando para a vida, seu aperto suavizando e deslizando até a metade inferior do meu rosto. Seu polegar roçou

meu lábio inferior, pressionando-o em meus dentes antes de soltá-lo novamente, seus olhos na marca da alma.

“Eu decidi que gosto da sua...” Ele fez uma pausa, seu dedo batendo contra meu lábio. “...resiliência. Você será uma boa esposa.”

Arranquei minha cabeça de seu aperto, balançando-a em descrença. “Você está louco se *ainda* acha que vou me casar com um de vocês depois de vencer esta batalha.”

“Então você ainda não escolheu?” o Rei perguntou, seu tom entediado.

“Por que VV-Vale não tira minha escolha da água?” Eu gaguejei de volta, minha raiva aumentando com a completa falta de resposta à minha explosão.

“Oh, ela está usando nossos nomes agora,” disse o Inquisidor com ironia. “Que adorável.”

“Bem, quase,” respondeu o Erudito. “Só tem um V, querida.”

“Querida?” Minha voz tornou-se estridente. “Isso é um maldito pesadelo.”

“Linguagem,” o Rei advertiu em um tom entediado. “Há crianças presentes.”

“Onde?” Eu exigi.

Ele olhou para mim incisivamente. O Erudito sorriu, e a risada do Inquisidor soou atrás de mim.

Eu me virei, caminhando para a porta, desejando que Calder estivesse lá, minhas emoções crescendo a ponto de explodir. O Inquisidor bloqueou meu caminho, então mudei de direção, fugindo para a sacada, onde o chicote frio da brisa do mar esfriou minhas bochechas aquecidas, acalmando o tamborilar que havia inchado na parte de trás da minha cabeça, aquecendo meu sangue.

Eles estavam me provocando, brincando comigo. Tentar provar que eu lutava com unhas e dentes para me manter viva todos os dias era apenas um jogo para eles. Eles estavam tentando abalar minha confiança. Eduquei minha expressão, olhando por cima do ombro para a parede de vidro. O Tecelão ainda estava ali, mas seu olhar havia se desviado do horizonte. Agora estava fixado em mim. Caminhei até a parede, de pé do outro lado, olhando para ele.

“O que devo fazer hoje?” Perguntei. Eu queria continuar com isso. Não adiantava ceder à minha frustração.

“Uma parede não vai te salvar, Tempest.” Sua voz chegou facilmente à sacada, apesar do som das ondas abaixo e do lento gemido do vento.

“O que devo fazer hoje?” Controlei meu tom, tentando parecer entediada enquanto repetia a pergunta.

“Eu só exijo uma coisa de você hoje.” Ele se afastou da parede e me seguiu

até a varanda. O vento pegou em seu cabelo branco prateado, soprando-o de seus ombros, o azul em seus olhos iluminando, tornando-se assustador. Ele agarrou a frente do meu espartilho, me arrastando para frente, abaixando a cabeça perto da minha. “Uma folhinha, só isso.”

“Uma folha?” Eu tinha sussurrado a pergunta sem querer, minha voz baixando para combinar com a dele.

“Uma folha de uma árvore tilrive,” especificou.

Meu sangue congelou em minhas veias. Restava apenas uma antiga árvore tilrive viva. Ficava no centro de Hearthenge, as principais estradas de paralelepípedos convergindo para serpentear ao seu redor. Engoli em seco, pensando furiosamente em como poderia escapar de seu pedido.

“Você tem três horas.” Seu sussurro caiu em tom, tornando-se algo mais próximo de um comando, e sua cabeça abaixou, seu aperto me arrastando até os dedos dos pés. “Se você não conseguir voltar a tempo, vou amarrá-la a árvore pelo resto do dia... e nem preciso explicar o quanto isso vai agradar os pequenos recrutas de Helki agora, não é?”

Virei meu rosto para longe dele, me recusando a responder à pergunta. Ele me colocou no chão, caminhando de volta para a sala abobadada, deixando-me com o rosto virado para o mar, o vento afastando a umidade do meu rosto. De repente me senti incrivelmente sozinha, sabendo que Calder não estava esperando por mim na porta, sabendo que ele não estaria lá para me salvar quando eu voltasse para Hearthenge. Parei na porta, perturbada pela forma como todos ainda me observavam. Eles tinham abandonado completamente o que estavam fazendo antes de eu cair na sala... e eles nem pareciam perceber isso. Eles podem ter me observado de maneiras diferentes, mas era com o mesmo grau de intensidade.

O Erudito, previsivelmente, me examinava como um homem da ciência dissecar um assunto particularmente interessante, com um distanciamento frio mas preciso.

O Inquisidor me observava com a autoconfiança de um homem capaz e sem ameaças em seu poder, uma pitada de indulgência divertida envolta no veludo escuro de seu olhar. Para ele, eu era algo selvagem e errante, pequeno o suficiente para ser insignificante e divertido.

O Mestre Guerreiro parecia alternar entre me encarar com pura antipatia descarada e um olhar mais afiado e de pálpebras pesadas que me lembrava bestas silenciosas e preguiçosas perseguindo presas fáceis e desajeitadas.

O Tecelão se concentrou em mim com uma intenção silenciosa e mortal,

cada mudança de seu olhar composta, imperturbável. Ele olhou dos meus olhos para os meus lábios para as linhas do meu espalho como se cada forma fosse um segredo revelado apenas para ele.

O Rei não me observava dos modos hostis e examinadores dos outros. Seus olhos eram uma invasão, seu olhar uma armadilha, sua atenção uma promessa que ecoou dentro de minha mente.

Sempre consigo o que quero.

Quando nenhum deles falou, eu limpei minha garganta, virando-me para o Mestre Guerreiro. “O que você fez com Calder?”

“Eu pensei que você só tinha três horas,” respondeu ele.

“Eu só preciso de uma,” menti.

Ele riu, balançando a cabeça, seus olhos ainda preguiçosos. “Você fica mais divertida a cada dia.”

“O que você fez com Calder, e por que nenhum de vocês pode responder a uma pergunta da primeira vez?”

“Ele fez um acordo,” o Mestre Guerreiro respondeu. “Acho que ele viu uma oportunidade de mais poder e aproveitou.” Ele deu de ombros, seus ombros maciços deslocando-se contra a cadeira. “Acontece com o melhor de nós, não é? Não é isso que você acha que estamos fazendo? Acho que seu pequeno herói é tão ruim quanto o resto de nós.”

Com uma carranca, comecei a girar meu anel no dedo, mas uma voz áspera interrompeu meus movimentos.

“Pare.” Era o Inquisidor, caminhando em minha direção, seus olhos escuros fixos em minha mão.

Ele puxou meus dedos, puxando minha mão diante de seu rosto.

“Eu tenho sido muito legal com você até agora, Tempest.” Sua voz pendia com um aviso sombrio quando ele deslizou o anel do meu segundo dedo e o reposicionou no meu terceiro, na posição de promessa onde ele o havia colocado pela primeira vez. “Você não quer ficar do meu lado ruim.”

“Eu não vou me casar com você,” falei.

“Vamos ver,” ele respondeu, torcendo o anel no meu dedo com um sorriso. “Hearthenge,” disse ele, antes de me soltar.

Caí no chão em pânico. Eu pretendia voltar para os arredores da cidade. Para formular um plano. Em vez disso, caí no mercado do Capitólio, batendo em um caixote de maçãs e atraindo os olhos de todos ao meu redor. Eu pulei para longe do carrinho de maçã que um mordomo estava descarregando, gritando de volta um rápido pedido de desculpas enquanto corria pela coleção de barracas.

Avistei uma prateleira de equipamentos de caça e meu passo vacilou, meus olhos pegando uma pequena lâmina de mão. Bern havia dito que não podíamos usar armas de dentro do centro da cidade, mas realmente importaria se eu tivesse obedecido às regras se acabasse morta? Com um grunhido de frustração, continuei correndo, sabendo que quebrar as regras provavelmente resultaria em ser descartada como sem graça.

“Lá está ela!” Ouvi um grito atravessando a estrada, mas mantive a cabeça baixa, aumentando a velocidade enquanto girava meu anel e me mandava para a base da árvore tilrive.

Uma rápida olhada por cima do ombro mostrou que os recrutas haviam ficado para trás e não estavam mais à vista. Eu estava tão concentrada na estrada atrás que não notei o corpo vindo de trás da árvore em minha direção, batendo em mim e nos jogando na grama. Reconheci a coroa dourada colorindo o cabelo ruivo de Raekov um segundo antes de seu punho bater na lateral do meu rosto, fazendo minha visão nadar com manchas escuras.

“Esta não é uma luta que você quer escolher,” eu o avisei sem fôlego.

“Eu realmente acho que é,” ele rebateu.

Desta vez, quando o tambor soou fracamente no fundo da minha mente, eu o aceitei. Corri em direção a ele, deixando-a encher meu peito e reverberar pelo meu sangue. A força começou a sangrar em meus membros, alimentada pela minha frustração e medo. Eu joguei meus quadris para cima, perturbando o equilíbrio de Raekov. Ele tentou me forçar para baixo novamente, o poder canalizado em seus próprios movimentos, mas acabamos rolando para o lado, cada um de nós ganhando e perdendo a vantagem.

“Fiquem para trás,” ele gritou, os outros recrutas derrapando finalmente me alcançando. “Ela é minha.”

Eu torci seus dedos para trás até ouvir um estalo. Seus dentes rasgaram meu ombro. Chutávamos e rosnamos, lutando como animais em vez de soldados. Eu podia ouvir passos correndo quando mais alguns recrutas nos encontraram, mas todos se seguraram, observando. Esperando.

Senti a onda do poder de Raekov e instintivamente me enrolei, errando o punho que passou a um fio de cabelo do meu rosto, afundando no chão com um grande e gemido estalo de pedra, e cravando lá.

“O que...” Ele lutou para retirá-lo novamente, confuso sobre como eu havia sentido o ataque.

“Eu sou um Eloi,” murmurei, rastejando para fora dele enquanto ele tentava me prender com as pernas.

“Não.” Ele conseguiu libertar o braço, escoriações cobrindo a pele. “Você correu como um Vold. Todos nós vimos.”

Sorri para ele, pulando de pé e dando um passo para trás quando ele me encarou, os outros se amontoando atrás dele. A notícia deve ter se espalhado pela estrada de uma briga, já que outros dois recrutas estavam correndo em nossa direção. Raekov estendeu o braço para avisar os outros para não avançarem, seus olhos verdes brilhando enquanto eles acompanhavam meu progresso para trás.

“Que tal você se render, Tempest?” Ele perguntou, inclinando a cabeça para o lado, combinando cada um dos meus passos medidos. “Então não temos que te matar. Não seria melhor?”

Ouvi um movimento atrás de mim e percebi que alguém deve ter se esgueirado para me enjaular. Os outros recrutas começaram a se espalhar, movendo-se mais rápido enquanto eu me movia, tentando me encurralar. Me virei para correr, mas havia uma garota atrás de mim, vestida com couro Vold, um machado na mão. Ela deve ter tirado do cavalo de um caçador na floresta.

Pensei em usar meu anel, mas não podia arriscar que o vissem. Meu batimento cardíaco agora tão alto quanto o tamborilar dentro da minha mente, estendi meu braço diante de mim, minhas mãos arranhando o ar.

“Lotte,” murmurei, tentando me afastar desse perigo como eu consegui escapar do experimento de fogo de Calder.

Assim que a garota pulou em mim, eu mergulhei para frente, caindo na mesma estrada... embora estivesse mais fria, mais cinza. Levantei-me com um salto, pronta para lutar novamente, mas os recrutas haviam desaparecido. Diante de mim, a estrada se construiu lentamente, preguiçosamente, grama jorrando das laterais, formando as colinas ondulantes de Hearthenge. Tudo levava àquela estranha lua suspensa. Nenhuma casa apareceu ao longo das colinas.

Franzindo o cenho, aproximei-me da árvore tilrive. A torre de Hearthenge deveria estar cortando o céu atrás dela, mas não havia sinal dela. O henge ainda estava de pé, grandes lajes de pedra de chuva despojadas das coloridas barracas do mercado e bandeiras que geralmente se projetavam da rocha. A estrada fazia uma curva, serpenteando em torno da grande árvore. Quando me aproximei, percebi que a terra compactada sob meus pés deveria ser de paralelepípedos. O círculo de terra marrom clara ao redor da árvore parecia tão nua, tão sem adornos.

Eu desacelerei para uma caminhada, meus olhos arregalados, minha respiração travada. A árvore era... diferente. As folhas vermelho-douradas murcharam, uma mancha escura se espalhando da base do nó. Era felpuda, como

veludo, e parecia se contorcer diante dos meus olhos. Ela me puxou para mais perto, piscando para mim, balançando e capturando meus sentidos, puxando meu braço para cima, estendendo meus dedos. Minha palma estava pressionando aquela erupção de veludo escuro quando o cheiro me atingiu. Apodrecimento horrível e doentio. Tinha um tom metálico, como sangue, e parecia pingar com intenção oleosa. Tropecei para trás em horror, meus olhos se arregalando quando a bile encheu minha boca.

Como se estimulada pelo meu toque, a Escuridão começou a se espalhar, consumindo a árvore, sugando-a, esvaziando-a de vida e... *isso era magia?* Eu podia sentir o estranho poder da árvore, antiga e suspensa, como este mundo. Velha e desgastada. Profunda e crescente, como raízes se enroscando cada vez mais fundo na terra. Eu senti aquele poder sangrando e então de alguma forma desaparecendo enquanto a Escuridão crescia e se espalhava. A Escuridão parecia estar se *alimentando* da magia da árvore.

Olhei para minha mão, esperando ver feridas pretas, ou o começo de uma erupção escura, mas não havia nada, apenas pele dourada pelo sol e coberta pelas marcas daquelas pessoas que lutaram para me reivindicar. Lembrei-me do que o curandeiro havia dito, sobre a Escuridão contaminando um objeto em sua totalidade, contente em não se espalhar mais, a menos que seu recipiente fosse destruído. Levantando meus olhos de volta para a árvore, percebi que não estava vendo a morte lenta de uma coisa viva. Eu estava testemunhando a revelação do que *já* vivia dentro dela. A energia vazando e desaparecendo que eu sentia era apenas a ilusão do que era uma vez, se desfazendo.

Com a transformação completa, a árvore tilrive sacudiu o resto de seu manto colorido, algumas folhas secas flutuando para longe dos galhos nus. Agora estava diante de mim, completamente escura, os nós no tronco como olhos negros nodosos, grandes e grotescos, as pupilas vazando lágrimas de seiva de tinta de crostas tingidas de vermelho na casca.

Forsj, uma voz sussurrou dentro da minha mente. Eu a reconheci facilmente, desta vez, e olhei para o céu como se eu pudesse ver o primeiro Fjorn em algum lugar na prata da lua.

“Ein,” eu sussurrei.

Forsj, ela repetiu, com mais insistência, sua voz sumindo.

Tive a estranha sensação de que ela não estava realmente falando comigo. A voz dela parecia um eco, uma reverberação no tempo, carregada de urgência, uma memória ligada à terra abaixo de mim. Um daqueles sussurros do destino que o Mestre Guerreiro havia falado.

“Forsj,” murmurei, como se repetir a palavra em voz alta pudesse me ajudar a entender melhor o que estava acontecendo.

Uma brisa fina e fria sussurrou ao meu redor, e a palavra encheu minha boca novamente, mas desta vez, não foi o nome que eu falei, foi o significado.

“Caminho.” Forsj era uma palavra Forsan, que se traduzia como “caminho” em Fyrian.

Engolindo em seco, forcei-me a me aproximar da árvore. Calder havia dito que eu não podia transportar meu corpo para a minha cabeça, o que significava que eu tinha ido a algum lugar *real*. Esse estranho mundo cinza suspenso realmente existia.

“Forsjaether,” eu respirei, incrédula.

Pensei no *Conto dos Três Mundos*, meus olhos flutuando de volta para aquela lua suspensa e volta.

O mundo intermediário, Forsjaether, era um lugar de ecos e espelhos, fantasmas e sombras, dividido entre a luz do mundo anterior e a escuridão do mundo posterior.

Eu tinha de alguma forma *dobrado* através de um mundo e no próximo. A gravidade da minha situação caiu sobre meus ombros, afundando pesadamente na boca do meu estômago enquanto meus olhos cheios de horror rastejavam lentamente de volta para a árvore tilrive.

“Você também está infectada,” falei, como se o mundo intermediário pudesse me ouvir.

Mas a Escuridão não se espalhou além da árvore, e eu murmurei aquela palavra novamente enquanto meus dedos pairavam sobre a casca preta.

“Forsj.”

Todo o mundo intermediário era um caminho. As lendas sempre falaram dele como um elo entre a vida e a morte. Mas aqui, não havia nada vivo, e nada morrendo. Com uma respiração profunda e firme, coloquei minha mão contra a árvore novamente, tentando ignorar a sensação horrível da seiva que grudava na palma da minha mão, ou a penugem contorcida que aninhava meus dedos.

“Lotte,” eu sussurrei, empurrando a árvore.

Ela se abriu, me dobrando no escuro. Respiração vaporosa encheu minha boca, a Escuridão arranhando minha pele como as garras e asas de morcegos, gritando ao meu redor enquanto eu jogava meus braços para fora, completamente cega. Quando meus dedos raspavam contra a casca, comecei a rasgá-la freneticamente com meus dedos. A luz penetrou, e eu alarguei o buraco até que eu pudesse tropeçar para fora dele, minhas unhas lascadas e sangrando,

meu peito arfando. Havia grama espessa sob os pés, o brilho do sol acima. Não havia sinal da lua suspensa - na verdade, parecia ser a hora certa do dia novamente - mas o sol ainda estava se pondo do lado errado do céu. Franzindo o cenho, eu me virei, observando meus arredores. Árvores Tilrive me cercavam, suas cascas de papel da cor de madeira flutuante, suas folhas de um ouro rosado brilhante. A árvore da qual eu tinha rompido estava livre da Escuridão, parecendo como deveria. Ainda não havia nenhum sinal da doença na minha pele. Espantada, caminhei entre as árvores até avistar uma barra de pedra de chuva projetando-se da terra. Fui em direção a ela, avistando mais e mais através das folhas e galhos acima. Parecia se estender até o céu.

Tempest.

Eu ouvi a chamada. A voz de Ein flutuando para mim como uma canção fantasmagórica, e eu me aproximei do castelo, examinando as torres de pedra da chuva, a longa e extensa ameia, a ponte levadiça rebaixada. Havia figuras se movendo lá dentro, mas quanto mais perto eu chegava, mais estranhas elas pareciam. Eles eram maiores do que o povo de Fyrio, com apêndices crescendo de suas costas, coisas estranhas e disformes que poderiam ter sido asas. Eu me encolhi de volta para as árvores, examinando uma das criaturas que caminhavam para a ponte levadiça. Ele tinha um cabelo trançado, membros longos e fortes e asas negras como carvão que pareciam quase do comprimento de sua pessoa. Chifres pequenos e escuros saíam de sua cabeça. Seus olhos também eram escuros, mas brilhavam sutilmente, a pupila fundindo-se com a íris. Ele chegou ao final da ponte levadiça e sacudiu suas asas, pulando no ar e se lançando com um único movimento daqueles membros poderosos.

Tempest. Essa chamada soou novamente, e eu tinha certeza de que vinha de dentro do castelo. Com um gemido rápido, fui em direção aos portões, minha cabeça baixa, meus pés rápidos.

Esta não é uma boa ideia.

Eu estava quase atravessando os portões quando avistei outra das estranhas criaturas caminhando em minha direção. Eu girei para o lado, invadi a sala inferior do portão da torre, minhas costas contra a pedra fria, meus olhos fechando enquanto eu acalmava meu batimento cardíaco. Quando a criatura passou, coloquei minha cabeça para fora da porta e olhei para a entrada principal do castelo, uma abertura do tamanho de uma pequena casa, grandes portas empurradas contra as paredes do castelo. Havia algumas criaturas espalhadas, e esperei até que nenhuma delas parecesse estar de frente para o castelo antes de sair da sala da torre e correr em direção à entrada. Quando entrei, me abaixei

para a esquerda, me pressionando contra as costas de uma estátua enquanto vozes ressoavam pelo corredor à minha esquerda. Eles estavam falando Forsan, e eu me esforcei para traduzir suas palavras para Fyrian.

“As fronteiras estão sendo testadas novamente,” dizia um homem. “O povo está inquieto.”

“Eles sabem que a grande guerra começou,” outra voz respondeu, as duas criaturas caminhando em direção à abertura do castelo. Eles usavam uniformes pretos, espadas amarradas em seus quadris. “Eles estão instáveis.”

Assim que eles passaram, eu corri para o corredor que eles haviam desocupado, conduzida por um eco de som que me puxou cada vez mais para dentro da barriga do castelo. Foi um processo lento, pois fui forçada a entrar nas salas e atrás de objetos em todos os níveis para me esconder daquelas estranhas criaturas aladas, mas acabei me encontrando diante de uma simples porta de madeira na parte mais fria e úmida do castelo.

“Você não tem muito tempo,” uma voz resmungou, suave e quebrada.

“Ein.” Eu pressionei minha mão na porta em descrença, sacudindo a fechadura. Eu tinha certeza de que havia um encantamento que eu poderia ter descoberto, para destrancar a porta, mas sua voz soou novamente, me dissuadindo.

“Você não deveria estar aqui,” ela avisou. “Ledenaether é um lugar para os mortos. Se os vivos ficarem muito tempo, eles não terão permissão para retornar... e você *deve* retornar.”

“Você me chamou aqui,” eu sussurrei de volta, de alguma forma certa desse fato.

“Porque você é nossa última esperança.” Eu a ouvi se aproximar da porta, e um pequeno baque como se sua cabeça tivesse caído contra a madeira. “Cada um de nós sacrificou nosso poder para criar você, Tempest. Nós sangramos nas águas e gritamos ao vento para criar uma tempestade para destruir o mal dos mundos.”

Eu não sabia o que dizer, então esperei, uma dor surda soando na parte de trás dos meus ouvidos. Eu tinha confundido isso com adrenalina, mas agora que eu não estava mais correndo ou me escondendo, percebi que era algum tipo de dor de cabeça, pulsando, mais forte a cada momento que passava.

“Você nasceu na sombra do nosso poder, e agora ela vive dentro de você,” ela me disse. “É sua maior força e sua única arma verdadeira na batalha que está por vir. Você deve usá-la. Você não tem outra escolha.”

“Qual batalha?” Perguntei humildemente, ainda sussurrando. Parecia que

eu estava lutando contra muitas.

“A batalha pela sua liberdade. Para que uma tempestade se forme, ela deve primeiro ser livre.”

“Você quer que eu... mate o Mestre Guerreiro?”

“É impossível,” ela sussurrou, e senti algo fazer cócegas no meu lábio superior. Limpando a mão sob o nariz, olhei para a mancha de sangue vermelho brilhante.

“Acho que não tenho muito tempo.” Minha voz tremeu.

“Ele deve estar no seu ponto mais fraco,” ela avisou. “Nem um momento antes.”

Balancei a cabeça, embora ela não pudesse me ver.

“Não volte aqui,” ela advertiu gentilmente. “Todas as coisas devem acontecer na hora certa. Nem um momento antes.”

Depois de tentar usar meu anel para viajar de volta para Foraether, e então tentar usar o encantamento “lotte”, eu desisti e refiz meus passos. Levei um tempo excruciante para me esgueirar de volta pelo castelo, minha cabeça batendo mais forte e mais rápido a cada passo. O sangue escorria livremente do meu nariz, e meus membros estavam tremendo demais para eu ficar mais firme, mas consegui voltar para a árvore tilrive que parecia como se um animal selvagem a tivesse rasgado, e voltei para aquela escuridão horrível, procurando as entranhas ásperas do tilrive com meus dedos. A casca caiu facilmente, me cuspidando de volta para o mundo intermediário cinza e congelado. Um pouco da dor no meu corpo diminuiu, mas não foi o suficiente. Eu precisava voltar para onde eu pertencia antes que fosse tarde demais.

“Lotte,” falei, agarrando o ar, abrindo uma abertura para eu passar.

Caí na estrada de paralelepípedos que serpenteava ao redor da árvore tilrive em Hearthenge, meus braços caindo debaixo de mim. Minhas pálpebras tremendo, um gemido escorregando da minha garganta. Ouvi alguém correndo em minha direção, com as mãos nos meus ombros, me virando.

“Ela está aqui!” Frey sussurrou gritando, e outra pessoa se aproximou, me puxando por cima de um ombro largo.

Minha visão nadou, meu braço estendendo-se fracamente para uma fileira de folhas penduradas diante do meu rosto. Eu as agarrei fracamente, uma delas quebrando enquanto eu era levada rapidamente para longe. Quem estava me segurando estava correndo, Frey seguindo logo atrás, seus olhos correndo pela estrada atrás de nós.

“Eles disseram que você desapareceu perto da árvore,” ela sussurrou.

“Estávamos tentando encontrar você.”

Chegamos à floresta e quase caímos em um pequeno bosque, um dos caminhos pela floresta serpenteando acima de nós. Eu estava sentada, minhas costas contra a pequena elevação, um galho de árvore inclinando-se sobre minha cabeça. O rosto de Bjern apareceu diante de mim.

“Onde você está ferida?” Ele perguntou quando Frey se ajoelhou ao lado dele, seus olhos nos meus.

“Dentro,” ela respondeu por mim. “Ela está ferida internamente.”

Assenti, caindo um pouco mais, meus dedos apertando ao redor da folha. “Eu vou ficar bem. Por que você está me ajudando?”

Ela arqueou uma sobrancelha para mim, como se a resposta fosse óbvia. “Porque ontem, você usava o brasão do Rei em sua armadura, armadura claramente feita para você. Porque você está coberta pelas marcas dos Predestinados. Porque o Rei marcou você como um mor-svjake, e ainda assim, impossivelmente, permitiu que você desafiasse o Mestre Guerreiro para se tornar um Legionário. Porque o Capitão segue você em todos os lugares e a observa sempre, não como se você fosse um mor-svjake, mas como se você fosse importante.”

“Isso é o que pensamos,” acrescentou Bjern. “Nós achamos que você é importante. Só não sabemos por quê. Os recrutas estão dizendo que você é um Eloí, mas que também usou a magia Vold e que desapareceu no ar, o que não é uma magia pertencente a nenhum dos setores.”

“Acho que não,” murmurei, tentando acalmar a batida dolorosa do meu coração.

“Então, o que você é?” Insistiu Frey.

Minha mão tremeu, movendo-se reflexivamente para cobrir minha boca, para impedir que as palavras saíssem, mas a energia de Frey me envolveu em um abraço reconfortante, enganando minha mente para relaxar, acalmando minha mão de volta ao chão.

“Todos eles.” Eu gemi, tentando esticar a dor no meu pescoço. “Eloí, Skjebre, Sinn, Sjel, Vold. Eu sou todos eles.”

“Como a lenda,” ela sussurrou. “Um dos três.”

“O Fjorn?” Bjern latiu, surpresa fazendo sua voz subitamente alta. Ele abaixou novamente, sua mão empurrando seu cabelo escuro. Ele balançou a cabeça, seus olhos passando de Frey para mim. “Você está louca,” disse ele, e eu não tinha certeza com qual de nós ele estava falando.

“O quarto.” Eu ri fracamente, embora não houvesse nada de engraçado em

toda a situação. Eu simplesmente não conseguia me ajudar. O poder de Frey estava me deixando tonta, o desabafo do meu segredo enchendo minha cabeça de ar. “O último Fjorn.”

“Mas há apenas três,” Frey respondeu, uma carranca profunda vincando seus lábios. Ela parecia certa, mas parecia perplexa. Suponho que não era um momento confortável para um Sinn perceber que eles poderiam ter coletado a informação errada.

“Deveria ter sido,” eu concordei, com um aceno fraco, pensando no que Ein tinha acabado de me dizer. “Elas não eram fortes o suficiente individualmente, então sacrificaram seu poder para criar um quarto.” Fiz uma careta, a realização afundando em mim, alguma pequena peça do quebra-cabeça se encaixando satisfatoriamente no lugar. “*Ela* as sacrificou,” eu corriji. “O primeiro Fjorn. Ela as sacrificou antes mesmo de nascerem. Elas lutaram e falharam sem ideia do que ela havia feito... sem ideia de que ela já havia escolhido seus destinos para elas.”

Bjern caiu para trás, suas mãos plantadas atrás dele, sua boca aberta. “Você está falando sério.”

“Claro que ela está falando sério,” Frey retrucou. “Você é cego? Você não percebeu o que está acontecendo? Todos os Sentinelas voltando de seus postos em nossas fronteiras? A conversa dos navios voltando para casa? A praga acabando com Breakwater Canyon? A Companhia chamando todos os Litens para serem recrutados de uma só vez? Até os dias ficaram mais curtos.”

“O fim do mundo.” Bjern piscou para ela e depois para mim. “O *fim do mundo*?” Ele assobiou uma segunda vez.

“Bem... não se eu puder evitar,” resmunguei, meus olhos viajando para o céu. “Quanto tempo se passou desde que a caça começou?”

“Algumas horas,” Frey respondeu reflexivamente.

Eu xinguei, lutando para me sentar novamente. “Mais de três?” Eu pressionei, meu batimento cardíaco saltando, minhas dores esquecidas.

“Quase,” ela respondeu incerta... não incerta sobre sua resposta, mas sobre minha reação a ela.

Xinguei sombriamente, olhando entre eles. “Obrigada por me salvar. Quero dizer isso.” E então eu estava empurrando o anel em volta do meu dedo, murmurando: “Vale.”

TORRENCIAL



Aterrissei aos pés do Tecelão, que estavam plantados nas tábuas gastas de uma casinha surpreendentemente simples. Ele se sentou em uma única cadeira em uma mesa grande o suficiente apenas para ele. Ele havia tirado a maioria das camadas que eu estava acostumada a vê-lo, vestindo apenas calças largas, os pés descalços. Seus olhos vagaram lentamente para mim, nem um pouco abalados pela minha queda repentina em sua casa.

“Seu tempo está quase acabando,” ele me disse, absorvendo o sangue que manchava meu rosto e o fato de que eu não tinha tentado ficar de pé ainda.

Estendi a mão, jogando a folha em seu colo sem dizer uma palavra. Ele não estava vestindo uma camisa e, por algum motivo, isso me abalou. Os Skjebre eram geralmente mais modestos do que os outros setores, vestindo camadas soltas e cores lisas. Até os Sinn se orgulhavam mais de sua aparência. Ele tinha o físico de um batedor Sinn... não tão volumoso quanto um Sentinela, mas ágil. Mais silencioso. Mais rápido. Olhei para seu estômago, minha mente voltando para o banho que fui forçada a dar a Calder. Os músculos do Tecelão não eram tão grandes, mas também não havia suavidade nele.

Ele pegou a folha, virando-a em seus dedos, sua expressão curiosa. Do lado de fora de sua cabana, o céu retumbou, luzes piscando contra as janelas. Ainda assim, ele virou a folha.

“Você está ficando mais forte.” Ele disse isso como um aviso. “A Escuridão pode sentir isso.”

O trovão retumbou novamente, aparentemente de acordo, e eu olhei para cima quando ouvi o tamborilar da chuva batendo no telhado.

“Às vezes vaza aqui,” disse o Tecelão em tom aborrecido.

“Você é um dos grandes mestres,” eu não pude deixar de dizer. “Por que você vive assim?”

Ele colocou a folha para baixo, seus olhos voltando para os meus. Era o meio da tarde, mas a tempestade que crescia rapidamente já estava escurecendo o céu, lançando sombras sobre seu rosto.

“De que outra forma você me faria viver, Tempest?”

“Não sei.” Eu estava inquieta com a nossa conversa. Parecia muito... normal. “Acho que em algum lugar maior.”

“Andel não dorme,” ele murmurou pensativo. “Ele só... desaparece em sua mente por um tempo. Helki dorme sob as estrelas, geralmente bêbado. Vidrol dorme debaixo de uma mulher. Uma de seu harém real, ele não se importa muito *onde*, só quem.”

“E F-Fjor?” Perguntei, com uma careta por causa da minha gagueira, pensando na grande mansão do Inquisidor com o criado mordomo.

“Fjor sabe tudo o que há para saber sobre Fyrio, e isso é porque à noite... ele ouve.”

“O quê?” Eu odiava estar sentada a seus pés, tentando ganhar força suficiente para ficar de pé. Odiava que seus olhos estivessem fixos nos meus e que a chuva tivesse se intensificado para uma chuva torrencial, parecendo nos prender ali juntos. Mas... o que ele estava dizendo me interessava, e não pude evitar que as perguntas saíssem, uma após a outra.

“O espírito ao nosso redor. Às correntes de poder que sussurram de uma pessoa para outra. Ele pode ouvir tudo.”

“Isso é impossível.” Eu finalmente consegui ficar de pé, minhas mãos apertando firmemente a borda da mesa.

“Eu vi você fazer isso sozinha, garota.”

“Eu... eu não... não tem *som*.”

Ele me encarou, quase no nível dos meus olhos, embora eu estivesse de pé e ele sentado. Ele olhou sem responder, e percebi que estava mentindo. Enquanto eu podia sentir mais poder na forma de um sentimento ou sensação, eu podia ouvir a magia da guerra dentro de mim e de Calder.

Um estrondo de trovão chicoteou muito perto da cabana, me fazendo pular. A sujeira chovia do teto, e o Tecelão se levantou, seus olhos iluminando-se com uma estranha cor leitosa. Senti sua energia vazar na sala, rastejando ao longo da minha pele como o lento rastejar de névoa fria. Seus olhos voltaram ao normal e ele murmurou uma maldição.

“Esta não é uma tempestade normal.”

“O que você quer dizer?”

Ele caminhou para frente, agarrando-me em seu peito com o braço esquerdo enquanto a tempestade explodia acima de nós, o vento arrancando metade do telhado e enviando detritos voando para a floresta. A chuva invadiu a sala em um único golpe, como um braço estendendo-se para nos agarrar, mas o Tecelão me esmagou mais perto, e tudo desapareceu em um *estalo* apertado de ar, as cores borrando ao nosso redor, se formando novamente para nos revelar de pé em uma grande sala com tetos altos e paredes de tijolos de vidro.

“O Sky Keep?” Questionei, mais para mim mesma, reconhecendo as cores dos estandartes que pendiam das paredes, mostrando o brasão do Rei.

O Tecelão me ignorou, agarrando um criado próximo, que estava tentando fugir da sala.

“Diga ao Rei que estamos aqui,” disse ele. “E mande roupas para cima. E comida.” Ele olhou por cima do ombro para mim, seus olhos varrendo sobre mim. “E um banho,” acrescentou.

A mulher gaguejou uma resposta, fugindo o mais rápido que podia. O Tecelão simplesmente se virou e continuou pelo castelo, navegando pelos corredores e escadarias com facilidade. Ele entrou em uma ala do castelo que estava fria e escura, mas pronta. Quando ele acendeu as lanternas, uma equipe de mordomos já havia entrado na sala, de alguma forma sabendo exatamente para onde ele iria. Eles acenderam um fogo na lareira, estendendo roupas. O Tecelão sentou-se perto do fogo enquanto a porta se abria novamente, o Inquisidor entrando, seus olhos indo direto para o Tecelão e depois para mim.

Ele ouve. Ele pode ouvir tudo.

Estremeci, enrolando meus braços em volta de mim. A tempestade batia contra as janelas com raiva, o céu incrivelmente escuro.

“Precisamos conversar,” o Inquisidor disse ao Tecelão enquanto os mordomos corriam ao redor deles.

“Ela precisa tomar banho de qualquer maneira,” respondeu o Tecelão. “Estou cansado de olhar para ela em tal estado.”

Na hora, dois mordomos mulheres apareceram ao meu lado, seus olhos abaixados, uma delas estendendo o braço para me conduzir em direção ao banheiro. Eu a segui simplesmente porque não tinha certeza de quando teria essa oportunidade da próxima vez e encontrei a sala já cheia de vapor, a água de um azul claro e brilhante. Sabia que a cor era obtida pela adição de minerais cristalinos sólidos que se decompunham em magnésio quando eram dissolvidos

pela água. Eles deveriam aliviar os músculos e acalmar o estresse. Eu não estava mais sendo conduzida para o banho, mas caminhando em direção a ele avidamente, tirando minha roupa, embora as servas se aproximassem para me ajudar. Parecia errado ser servida por essas pessoas ansiosas, mas estoicas. Não muito tempo atrás, elas teriam passado por cima de mim... afinal, elas eram servas da corte de Edelsten. Elas tinham um status muito alto entre os mordomos.

Uma delas abriu uma caixa cheia de óleos e flores secas, e percebi que iam fazer um banho setorial. Não deveria ter me incomodado tanto quanto incomodava. Anulei minhas reservas, entrando na água morna enquanto elas a polvilhavam com suaves pétalas brancas. Eu peguei uma delas na superfície da água, pressionando-a entre meus dedos para liberar o cheiro enquanto respirava profundamente.

Rosas.

Eu estava me banhando em *rosas*.

Uma risada chocada saiu de mim, sacudindo a mulher mais próxima de mim. Quando começaram a esfregar meus ombros com um esfoliante sutil e mentolado, senti o tremor em suas mãos e me virei para espiar o rosto da mulher à minha direita. Ela tentou encontrar meus olhos, mas em vez disso sua atenção se voltou para o mor-svjake antes de rapidamente desviar o olhar novamente, o tremor aumentando.

Eu não sabia o que fazer para deixá-la à vontade, então dei de ombros sob seu toque, virando-me para colocar minhas costas na outra extremidade da banheira, de frente para as duas.

“Está tudo bem,” falei a elas, quase um sussurro, embora eu não pudesse ouvir o Tecelão ou o Inquisidor na sala de estar. “Você realmente não precisa.”

Elas olharam uma para a outra antes de uma delas, aquela cujas mãos permaneceram firmes, deslizar para a frente de joelhos ao lado da banheira.

“Como você sobreviveu à marca do Mestre Guerreiro?” Seu sussurro foi uma corrida, animado e temeroso.

“E a marca dos Legionários?” A outra acrescentou, encorajada. “Ouvi dizer que é muito doloroso.”

“Você usa tantas marcas,” acrescentou a primeira, ainda mais ansiosa.

“Foi tudo um erro?” A segunda perguntou. “O crime pelo qual eles levaram você para a Cidadela? Isso é o que as pessoas estão dizendo... que você não as matou de verdade.”

Engoli em seco, minha garganta seca, meus olhos molhados. Eu conhecia

aquele olhar em seus olhos. Era a mesma expressão calmamente esperançosa que eu usava sempre que ouvia histórias do Mestre Guerreiro. Quando olharam para mim, viam um mordomo, tão pequena e ignorada como se sentiram algumas vezes na vida. Uma criada que saiu do corredor da morte... e depois subiu mais, até um banho perfumado no castelo do Rei.

“Foi um acidente,” eu finalmente disse, minha voz falhando. Parecia uma mentira, mas eu não podia suportar apagar aquele olhar em seus rostos.

Não quando eu estava tão acostumada à repulsa e nojo, ou pior...

Acusação.

Elas me esfregaram e me lavaram, limpando meu cabelo e perfumando minha pele com flores antes de me ajudar a sair do banho e esfregar óleo em meus músculos doloridos. Suas mãos contornaram minhas marcas, com medo de tocá-las, mas ambas não conseguiam tirar os olhos das asas que se estendiam ao redor do meu pescoço. Quando elas tiraram o óleo e começaram a massagear um creme fresco e calmante em minha pele, senti um peso pesado se instalar em meu estômago.

Não era só por mim que eu precisava vencer essa batalha. Havia garotinhas e mordomos cansados e trabalhadores por toda Fyrio que agora sussurravam sobre um deles que estava se levantando e forçando as pessoas maiores e mais poderosas do mundo a prestar atenção.

A maré de fofocas estava virando a meu favor, o mero sussurro da marca dos Legionários o suficiente para influenciar suas opiniões. Pentearam meu cabelo com escovas aquecidas pelo fogo até secar, os fios domados em ondas suaves, a cor de um vermelho instável, ondulando como um rubi facetado girando sob a luz. Elas pulverizaram minha pele, escondendo a multidão de hematomas e arranhões que cobriam meu corpo, e então uma delas carregou um vestido que fez meus olhos piscarem em hesitação.

Era ouro puro cortado em seções, como um espelho de ouro que se partiu em cem pedaços apenas para ser colado de volta do jeito certo. Era modelado como o body setorial usual, embora houvesse um forro embaixo que se enrolava sobre meus ombros quando eu o vestia e caía no chão quando as mulheres o puxaram. Era uma seda tão fina que era completamente translúcida, algumas seções de ouro presas à saia. Quando olhei para mim mesma, quase parecia que aquelas peças estavam caindo do meu body para o chão, onde se acumularam densamente ao longo da calda.

“Eu não acho que posso usar isso,” admiti enquanto elas me encorajavam a calçar chinelos estranhos do mesmo padrão dourado. “Eu não saberia andar

nele.”

“Tente avançar,” disse uma voz da porta quando o Inquisidor apareceu, seu ombro entalhado contra a abertura. “Você finalmente está pronta.” Seus olhos pularam sobre mim enquanto as mulheres se espalhavam como uma pilha de folhas sopradas pelo vento. Seu primeiro olhar foi rápido, mas ele franziu a testa, seus olhos viajando novamente na mesma direção, mas mais devagar. Ele abaixou a cabeça um pouco, aqueles pontos de bronze com a pele acima de sua testa perfurada mudando e brilhando para mim. Quando seus olhos encontraram os meus novamente, ele ficou em silêncio, a escuridão de suas íris me envolvendo.

Eu passei por ele, porque não era a noite dele e eu não os estava seguindo e obedecendo a todas as suas ordens por *diversão*. Já me incomodava que meu banho, roupas e até a boa companhia das servas tivessem sido algo que eles me proporcionaram, mas não ia deixar que isso suavizasse minha atitude em relação a eles.

Havia uma pequena passagem que levava do banheiro para a sala de estar, uma porta no meio do caminho que eu assumi que levava a um quarto. Assim que entrei no corredor, senti uma mão no meu ombro, me detendo. Virei a cabeça o suficiente para ver os dedos longos e cheios de cicatrizes do Inquisidor batendo contra minha pele.

“Não faz diferença.” Sua voz era baixa, sua respiração agitando o topo da minha cabeça. “Toda a seda...” Seu dedo deslizou sob a tira transparente de material que se enrolava sobre meu ombro. “Todo o perfume.” Seu toque se moveu até a curva do meu pescoço, e sua cabeça abaixou ainda mais, sua voz no meu ouvido. “Ainda está grudado em você. Ainda enche os olhos. Ainda canta com a sua voz.”

“O quê?”

“Morte. Nenhum vestido pode esconder sua sombra.” Ele inalou, seus dedos caindo do meu pescoço para escovar minha coluna. “Medo e desespero,” ele murmurou, como se comentasse sobre os aromas adicionados ao meu banho.

Ele recuou, e lutei contra a vontade de rasgar meu vestido e usá-lo para sufocá-lo. Principalmente porque eu não conseguia alcançar seu pescoço, mas também porque suas palavras soaram verdadeiras. Eu *estava* com medo. Eu *estava* desesperada. Eu tinha sido condicionada dessa forma. Acordava todos os dias lutando pela minha vida e caía no sono todas as noites tendo gasto cada grama de minha força... mas havia algo que ele não conseguia ver.

Meu medo estava me reconstruindo mais poderosa a cada dia.

Virei-me a tempo de vê-lo desaparecer tão facilmente quanto alguém passaria por uma porta, exceto que ele havia pisado no ar. Pensei em como o Tecelão tinha feito a mesma coisa. Nenhum deles havia tocado um anel ou falado o nome de sua localização. Com uma carranca, continuei até a sala de estar, onde uma bandeja de comida havia sido deixada na mesa, um mordomo me informando que eu deveria comer e depois encontrar o Tecelão no andar de baixo, onde o Rei estava atualmente realizando a corte. Sentei-me, puxando a bandeja para mim enquanto a tempestade rugia lá fora, sacudindo as janelas. Havia fatias grossas de pão integral cobertas por sementes de girassol torradas, uma porção de frango regado com limão, manteiga e sal marinho, e um prato de legumes com raminhos de alecrim assados. Uma segunda bandeja estava em uma mesa perto da porta, contendo chá e bolos.

Olhei para a pilha de comida, espetando um pouco do frango e empurrando-o pelos meus lábios com um gemido. Eu queria comer tudo o mais rápido possível, mas sabia que não conseguiria. Meu estômago se acostumou a pequenas e irregulares quantidades de comida. Comi mordidas medidas, mastigando cada uma lentamente, os sabores estourando na minha língua. Muito breve, eu estava dolorosamente cheia, e empurrei a bandeja para longe, olhando o resto da comida melancolicamente. Enrolei o pão em um guardanapo de pano e o escondi na trouxa de minhas roupas antes de sair em busca do Tecelão.

Foi surpreendentemente fácil quando cheguei aos níveis mais baixos da torre do castelo, pois os setoriais bem vestidos do pátio estavam todos vagando na mesma direção, suas cabeças inclinadas juntas enquanto lançavam olhares preocupados para as paredes de vidro, que estavam segurando bem contra a tempestade furiosa. Segui duas mulheres até a corte do rei, mas não consegui passar pela porta, minha boca aberta de surpresa. Todo o salão era *dourado*. Pisos de ouro sob os pés; gigantescas colunas quadradas guardavam as paredes externas, revestidas de filigrana de ouro. Duas linhas de arcos dourados se estendiam ao longo das paredes laterais, murais intrincados pintados no interior, folha de ouro brilhando nos detalhes. Um enorme lustre caía entre cada pilar, lançando chamas sobre as pinturas. Eu nunca tinha visto elegância do tipo que os homens e mulheres usavam, e quanto mais eu olhava, mais eu era capaz de separar as pessoas que circulavam diante de mim. Os Vold, previsivelmente, mostravam mais pele. As mulheres usavam vestidos com seções de seda transparente, como o meu, ou então fendas na altura do quadril ou decotes profundos. Os homens Vold descartaram suas jaquetas, coletes e outras camadas desnecessárias. Os Sinn pareciam gostar de roupas justas que, no entanto,

cobriam muita pele, com golas altas, saias longas e mangas compridas. Eles sempre foram graciosos, e até pareciam manter a cabeça um pouco mais alta enquanto falavam com os outros setoriais. Havia pouquíssimos Skjebre, ou então eles estavam se misturando melhor do que eu esperava. Os Sjel estavam, previsivelmente, envoltos em cor e expressão, sedutores com cada um de seus movimentos. Seus sorrisos eram os mais brilhantes enquanto atraíam as pessoas como insetos para uma lâmpada. Os Eloj, como os Skjebre, eram difíceis de discernir, misturando-se como se não quisessem ser encontrados.

Havia um palco à esquerda do salão, onde um pequeno grupo de mordomos tocava seus instrumentos alto o suficiente para abafar a tempestade lá fora, embora as pessoas na sala nunca parecessem esquecer disso. Eu até me peguei olhando para as paredes quando um trovão particularmente alto sacudiu o chão, esperando que os arcos nas paredes comesçassem a rachar.

No outro extremo do corredor havia outra plataforma curta, onde uma grande cadeira estava embaixo de uma cortina que se estendia por quase toda a extensão da parede dos fundos. Sob a saliência havia assentos baixos de veludo povoados por mulheres todas com o mesmo estilo de roupa, os mais leves fios de seda, pingando em delicadas correntes e joias. Havia homens presentes sob a saliência também. Alguns deles nos assentos de veludo, desfrutando da companhia do que eu tinha certeza que era o harém do rei, embora outros também estivessem ao longo da parede dos fundos. Congelei quando reconheci Calder, sua capa de Sentinela enrolada em volta dele, seu capuz puxado para cima, o bico de águia dourada caindo sobre sua testa. Ambos os olhos dourado e azul estavam fixos à frente, olhando fixamente, suas feições uniformes e firmes. Ele era como uma estátua.

Eu tropecei um passo para frente, mas então parei quando uma das mulheres do Rei se aproximou dele, seus dedos esparramados sobre seu peito, seus olhos olhando para ele. Ele não se mexeu, não respondeu a qualquer pergunta que ela lhe fizera tão sensualmente.

Ele podia nem estar respirando.

Comecei a andar novamente, meus olhos se estreitando nele, mas uma voz soou mais alta que as outras, atravessando a sala e me forçando a parar novamente.

“Tempest.”

Eu virei meus olhos para o orador, que estava de pé na base da plataforma. O Rei estava vestido com roupas escuras simples, mas a capa que envolvia seus ombros era de um azul profundo forrado em ouro, estampado em costura

requintada, arrastando-se pelo chão. Seus olhos se estreitaram em mim, e eu fui em direção a ele. Eu não parei até que estivéssemos quase cara a cara, para que só ele pudesse ver a falta de sinceridade em meus olhos enquanto eu fazia uma reverência.

“Vejo que você aceitou meus presentes.” Ele olhou para o meu vestido enquanto eu me levantava, embora nenhuma emoção mostrasse em sua expressão.

“O Tecelão me disse para mudar,” eu respondi.

Ele sorriu, sabendo exatamente o que eu estava dizendo.

Este não é o seu dia. Você não é meu dono agora. Eu estava apenas obedecendo ordens.

“Vale.” Ele olhou para o lado, e o Tecelão se aproximou, seus olhos azuis rasos percorrendo o comprimento das minhas pernas visíveis sob a seda pura. Ele parou em minhas coxas, onde as peças de ouro estavam muito próximas para ver minha pele.

“Vidrol,” disse ele. Uma espécie de saudação para o Rei, embora ele ainda me encarasse.

“A Tempest não tem algum tipo de prêmio para reivindicar esta noite?” Perguntou o Rei. “Sendo que ela está diante de nós. Viva.”

“Está certo.” Os olhos do Tecelão finalmente se ergueram, estreitando no meu rosto. “Mas ela é minha esta noite, e eu não minto meus servos. Só permiti o banho e o vestido porque ela estava imunda.”

“Que desperdício seria agora tê-la nos bastidores. Ela deve nos entreter.”

Estremeci, olhando entre eles. O Rei ia conseguir o que queria, não importava de quem fosse o “dia”.

“Faça o que quiser.” O Tecelão já estava me dispensando, virando-se para reivindicar um lugar na plataforma. Quase imediatamente, duas das mulheres envoltas em seda caíram no chão ao lado de seu assento, oferecendo-lhe comida e bebida.

O Rei agarrou minha mão, me escoltando até o meio do salão. Ele parecia um cavalheiro educado, embora estivesse, na realidade, quase me arrastando, seu aperto como ferro. Ele me soltou e deu um passo para trás, apontando para a banda, que parou de tocar imediatamente.

“A Tempest nos trouxe uma tempestade.” A voz do Rei chegou às paredes distantes, enunciada pelo estrondo do lado de fora. “Você vai dançar para nós,” disse ele, mais quieto desta vez, seus olhos se afastando de mim quando ele se virou e caminhou de volta para seu assento sob a saliência. Os setoriais ao meu

redor recuaram, limpando o chão.

O pânico tomou conta de mim.

Eu não sabia dançar.

Eu tinha enfrentado desafios muito maiores, mas com tantos olhos em mim e com o gemido do vento e o chicote da tempestade o único ruído no salão de repente quieto, minhas mãos estavam começando a suar para valer. Procurei Calder, que me encarava com olhos vazios e lábios carrancudos, como se nem me reconhecesse, e percebi que nunca havia me sentido mais isolada em minha vida.

O Rei sentou-se, sacudiu a mão, e a música recomeçou, um toque lento da harpa, uma suave provocação das cordas do *golii*, o zumbido mais profundo do *gola*. Cada instrumento era tocado em cordas, mas onde a harpa era grande, as cordas grossas o suficiente para provocar com os dedos, o *golii* era colocado no colo, serrado por arcos de crina. O *gola* era uma versão maior do *golii*, com um tambor mais fino para produzir um som mais profundo. Foi colocado no chão, equilibrado entre os joelhos.

Fechei os olhos, tentando imaginar que estava no topo do Breakwater Canyon. Pensei na provocação da fumaça do fogo e nas cócegas da grama sob meus pés descalços. Respirei fundo, meus olhos se abrindo novamente... mas não foi o corredor que eu vi.

Era fumaça e estrelas, a noite clara, o ar salgado do mar. Ao meu redor, os mordomos se reuniram, se unindo com sorrisos cansados e aliviados. Agrupamentos deles se amontoavam em volta de fogueiras, empolgados com os artistas viajantes, implorando por histórias. Corpos se contorcendo ao meu redor, lábios manchados de vinho cantando canções familiares da infância. Eu não tinha certeza se sorria ou chorava.

Olhei além dos dançarinos e vi Calder, parado ao longe, encostado em uma das caravanas do viajante, como estivera encostado na parede dos fundos da corte do Rei.

Dance, ele murmurou para mim, e eu sabia que o havia puxado para minha mente novamente.

Inspirei sal e fumaça, juntando-me à multidão de mordomos na dança. Eu estava com eles... mas também separada. Uma coisa solitária em comunhão com as estrelas e a grama, sugando a memória e exalando a absolvição. Era outra batalha para mim, e eu lutei até que estivesse exausta, escorregando da minha mente e de volta para o meu corpo, suor cobrindo minha pele, meu peito arfando quando abri meus olhos em vitória.

Os setoriais batiam palmas, mas minha atenção estava no Rei, que havia aparecido na minha frente e me puxou para seus braços. Meu primeiro instinto foi correr, mas sua mão direita capturou a minha, a esquerda me puxando até seu corpo, onde permaneci presa. Ele começou a se mover, a dançar, e todas as pessoas ao redor da corte seguiram seu exemplo, separando-se em pares e balançando no centro do salão.

“Onde você foi?” O Rei perguntou, sua voz baixa, seus olhos nos meus.

Endureci um pouco, percebendo que ele estava... *bravo*.

“Lugar nenhum.”

Com um som rápido de frustração, ele soltou minha mão, segurando minhas costas invés disso. Fui forçada a colocar minhas mãos em seus ombros, embora estivesse mais descansando-as contra seus braços. Ele me apertou, seus dedos se abrindo, e eu pensei que ele não poderia me arrastar para mais perto.

“Você está se tornando bastante autocontrolada,” disse ele. “Você costumava ser tão fácil de chocar.”

“Talvez vocês tenham brincado muito comigo.” Meu tom era uniforme, exemplificando ainda mais seu ponto de vista.

Ele sorriu, mas não foi amigável, e uma de suas mãos de repente apareceu, segurando o lado do meu rosto, seu polegar roçando meu lábio.

“Eu poderia forçar uma reação de você ainda, Tempest. Não se esqueça disso.” Ele se afastou quase imediatamente, e eu corri para o lado do corredor, esperando escapar antes que ele pudesse cumprir sua ameaça.

A última coisa que eu precisava era que minha marca da alma queimasse meu bom senso duramente conquistado. Eu tinha quase chegado à pequena porta lateral que eu tinha visto à direita da plataforma do Rei quando um grande corpo entrou em meu caminho. O Tecelão. Eu parei, olhando para seu peito, esperando.

“Você pode dormir no quarto que ocupamos antes,” ele me disse. “Não volte para o quartel até de manhã.” Com essas palavras, ele me deixou, e arrisquei um último olhar por cima do ombro, esperando ver Calder... mas ele se foi.

Voltei para a sala com o coração como chumbo, esperando ver um Sentinela de olho dourado sair de cada sombra, e entrei no meu quarto cantarolando de decepção. *O que ele estava fazendo?*

Tirei o vestido e encontrei uma camisola já dobrada na ponta da cama. Era uma seda mais confortável, terminando em uma ondulação suave nas minhas coxas. Subi na cama e fechei os olhos, ainda pensando nele.

Meu amigo.

Meu Blodsjel.

“O que você está fazendo?” Eu sussurrei, em voz alta desta vez, virando meu rosto no travesseiro.

No começo, sonhei com coisas sombrias. De gavinhas aveludadas de doença corroendo a terra, espalhando-se pela carne e afundando em nossas mentes. Pensei na tempestade sacudindo as janelas de vidro, imaginando-a rasgando a sala como tinha rasgado a cabana do Tecelão... mas então algo mudou. Senti uma pressão nos lábios, uma lembrança de algo doloroso e excitante, um beijo que eu temia, mas que precisava. Pensei no olhar no olho azul brilhante de Calder quando ele rasgou meu body, recuando apenas o suficiente para ver meus próprios olhos enquanto seus dedos pousavam na minha cintura.

Acordei com o coração batendo forte e o lábio ardendo, minha cabeça nublada, minha boca seca. Eu resmunguei uma maldição, meus olhos correndo ao redor do quarto.

A marca da alma.

Minha mão voou para meus lábios, vergonha e horror afugentando os sentimentos remanescentes do meu sonho. Eu sentia falta de Calder, e a marca da alma havia distorcido esses sentimentos em um anseio de um tipo diferente. Comecei a me sentar, mas havia um bilhete em meu peito, enfiado em meu punho fechado. Eu lentamente desdobrei meus dedos, endireitando o papel.

O Lago. Nascer do sol.

CONSEQUÊNCIAS



Calder esteve no meu quarto. Devo tê-lo ouvido, ou talvez até *cheirado*. Foi por isso que meus sonhos de repente se voltaram para ele. Lancei-me para fora da cama e arranquei a camisola, encontrando minhas roupas do dia anterior já lavadas e dobradas no final da cama. Os rasgos no material tinham sido costurados, as manchas de sangue limpas. Estavam como novas novamente.

Calcei minhas botas por último e rasguei o pão da noite anterior enquanto girava o anel e falava o nome do lugar que queria ir. Eu apenas disse “o rio”, mas concentrei meus pensamentos cuidadosamente no local exato onde havíamos parado durante nosso treinamento na manhã anterior. Por sorte, o anel me deixou na margem e eu me arrastei para a cobertura das árvores, tentando escapar do dilúvio constante de chuva. Avistei as costas largas de Calder. Ele havia deixado de fora a capa dos Sentinelas, mas em vez disso vestiu uma jaqueta, seus ombros e peito geralmente nus dessa vez cobertos.

Ele se virou quando me ouviu se aproximando, e eu parei, precisando levantar a voz para que ele me ouvisse.

“O que você fez, Calder?”

Ele caminhou em minha direção lentamente, me olhando com um olhar sério no rosto.

“Defenda-se, Ven.” Ele puxou duas das longas adagas presas em seu quadril, girando-as uma vez, antes de agitá-las, segurando-as contra as costas de seus antebraços.

“Mas...”

“Não há tempo,” ele rosnou, saltando para mim.

Nós lutamos por uma hora, ele mal suando enquanto eu era jogada no chão, uma adaga no meu pescoço a cada poucos minutos. Sempre que eu tentava falar com ele, ele aumentava seus esforços, até que logo eu estava ofegando tão profundamente que não conseguia dizer uma única palavra. Quando a hora acabou, ele se virou e pulou em seu cavalo, deixando-me na lama sem uma única palavra de despedida. Eu gemi, rolando para o meu lado e cuspiendo sangue antes de me arrastar até a árvore mais próxima e desabar contra ela.

Eu confiava nele.

O que quer que ele estivesse fazendo... eu confiava nele. Não porque eu queria, mas porque precisava.

Girei meu anel, dizendo “Hearthenge,” e caí direto no corredor no meio do quartel, batendo em pelo menos duas pessoas. Eles me estabilizaram e então pularam para longe de mim em estado de choque. Ambos eram recrutas, todos pareciam ter se reunido no corredor, e uma onda de sussurros irrompeu entre eles agora, várias cabeças estalando na minha direção. Frey e Bjern empurraram a multidão em minha direção.

“Você está horrível,” observou Frey, levantando a voz acima da chuva forte.

“Treinando,” eu resmunguei, nem mesmo me preocupando em evitar que as palavras saíssem em resposta à sua estranha influência.

“Para a batalha do Legionário?” Ela perguntou.

“Sim.” Eu balancei minha cabeça um pouco. “O que aconteceu ontem à noite?”

“Fomos todos chamados ao salão para assistir ao seu banquete,” respondeu Bjern, embora parecesse muito divertido. “Quando você não apareceu, meu pai ficou muito bravo. Você não deveria torcer o nariz para suas recompensas, Tempest.”

“Lavenia,” eu respondi reflexivamente.

“Lavenia.” Ele assentiu. “De qualquer forma, fomos chamados aqui novamente esta manhã.”

“Não posso ficar muito tempo. Você tem alguma ideia do que ele tem reservado para nós hoje?”

“Porque você está a serviço dos grandes mestres?” Frey perguntou, embora ela não parecesse exigir uma resposta, pois ela simplesmente continuou falando. “Tenho ouvido as fofocas no mercado. Aparentemente, eles brigaram para reivindicar você em seu julgamento e decidiram dividir seu serviço entre eles. Você foi vista com o Erudito e o Inquisidor, e vimos como o Mestre Guerreiro dá atenção a você. Deve ser verdade.”

Eu pisquei para ela. “Deve ser.”

“Realmente discreto,” Bjern murmurou, revirando os olhos.

“Recrutas!” A voz de Bern ressoou na entrada, chamando nossa atenção dessa forma. “Sua tarefa hoje é de grande importância. As tempestades devastaram as casas ao longo do curso inferior de Sectorian Hill, os ocupantes se mudaram para as propriedades Hearthenge, onde outros generosamente se ofereceram para abrigá-los. Cada um receberá duas casas, e você deve reunir seus pertences pessoais e trazê-los aqui para serem classificados dentro do dia. Cada um de vocês pode pegar um cavalo dos estábulos principais, mas isso é tudo que você receberá. Venham e peguem suas tarefas.”

Os recrutas formaram uma fila, cada um deles aceitando um pedaço de papel de Bern antes de sair para a tempestade. Fiquei no final da fila com Bjern e Frey, me mexendo desconfortavelmente em meus pés. Eu chegaria atrasada de novo, e o Rei não parecia o tipo de homem que me deixaria escapar pelas rachaduras e evitar meu serviço a ele. Minha inquietação cresceu, eu quase peguei o pedaço de papel da mão de Bern antes que ele pudesse passá-lo para mim, mas ele segurou meu pulso com força, as barras escuras de cada lado de seus olhos enrugando de raiva.

“O Mestre Guerreiro ficou muito desapontado ao saber que você conseguiu escapar de todos ontem,” ele sussurrou, baixo o suficiente para que os outros não pudessem ouvir.

“Ele deve aprender a se acostumar com a sensação,” falei, pegando o pedaço de papel.

Sabia que não era sensato agitar o homem encarregado dos recrutas, mas estava cheia de energia raivosa e inquieta. O pânico estava tomando conta das minhas costas, e embora tivesse sido apenas uma questão de dias desde que eu tinha recebido a marca dos Legionários, eu já sentia que estava ficando sem tempo.

“Pensando melhor....” Bern me entregou um segundo pedaço de papel, seu sorriso cruel. “Melhor se apressar agora.”

Com um estremecimento, saí do corredor e entrei nas ruínas. Curvei-me para examinar os dois pedaços de papel enquanto esperava por Frey e Bjern. Cada um deles indicava um local no mapa... duas mansões na base da Sectorian Hill. Eu tinha passado por elas muitas vezes de manhã.

“Nós vamos terminar mais cedo e ajudar com o seu,” Bjern gritou sobre a chuva enquanto ele e Frey corriam e fizemos nosso caminho para os estábulos.

“Está tudo bem,” insisti enquanto nos amontoávamos sob a saliência,

esperando que os outros recrutas reivindicassem suas montarias. “Eu tenho um jeito de viajar... isso vai me ajudar a fazer isso mais rápido.”

Frey abriu a boca, mas eu a cortei em qualquer pergunta que ela estava prestes a fazer com um sorriso conhecedor.

“E agora eu tenho que ir. Boa sorte.”

Passei por eles, para a parte de trás do estábulo, e torci meu anel.

“Vidrol.”

O chão se abriu e me cuspiu aos pés do Rei em uma confusão de lama e água da chuva.

“*Como,*” sua voz familiar rosnou, livre de seu habitual polimento sedutor, agora ralando de irritação, “você já está coberta de sujeira e sangue de novo?”

Olhei para cima, empurrando uma mecha de cabelo molhado do meu rosto. “É uma habilidade,” falei, encontrando meus pés e limpando respingos de sujeira molhada de minhas calças.

Eles se espalharam pelo tapete caro embaixo de mim, e o Rei agarrou meu pulso, me arrastando por uma sala de estar repleta de servos e para um banheiro, onde uma mulher nua estava tirando seu roupão de seda. Ela tinha uma cascata de cabelos dourados, seus olhos verde-dourado arregalados de choque quando ela olhou por cima de um ombro pálido. Suas íris tinham a forma de diamantes.

“Fora,” o Rei estalou, e ela rapidamente varreu seu roupão do chão, envolvendo-o rapidamente em volta de seu corpo enquanto fugia do banheiro.

Ela estava diante de um banho fumegante, com um bando de servos de prontidão, que fugiram da sala com ela. O Rei me colocou no chão, suas mãos já puxando os fechos do meu espartilho. Empurrei seus dedos para longe, ignorando o lampejo de aborrecimento em seu rosto.

“Qual em Ledenather,” eu assobieei, “é o seu problema?”

Ele soltou uma risada, curvando-se para colocar seu rosto perto do meu, as mãos nos joelhos.

“Você ainda não é um Legionário, garota. Você não tem nem a liberdade nem o status de entrar no castelo parecendo que acabou de sair do curral de um porco. Você sabe o que eu teria feito se você fosse uma mulher setorial convidada para a corte?”

Cruzei os braços sobre o peito, encontrando seu olhar. “O quê?”

Ele se endireitou, dando um passo à frente, forçando-me a tropeçar para trás, a borda da grande banheira de mármore pressionando a parte de trás das minhas coxas. Tentei me impedir de quebrar o contato visual, mas não pude

deixar de olhar para baixo. Ele estava vestido de preto novamente, mas eu ainda o estava sujando com lama.

Ele não respondeu, e eu já sabia por quê. O Rei não era conhecido por ser desnecessariamente cruel com seus súditos. Na maioria das vezes, ele não podia ser incomodado com sua corte. Ele estava muito mais preocupado com nossos inimigos do outro lado do mar, e até que ele entrou em meu julgamento na Cidadela, eu tinha assumido que ele raramente estava no Sky Keep.

“Você vai me expulsar?” Perguntei, sentindo a vontade absurda de sorrir para ele, embora eu conseguisse conter.

Ele enganchou as mãos sob minhas coxas, me levantou sem dizer nada e me jogou para trás na banheira. Eu por pouco consegui torcer no último segundo para evitar bater minha cabeça na outra borda, mas isso significava torcer *para dentro* da banheira, e logo eu estava completamente submersa. Uma mão brilhou na água, dois dedos grandes se enfiaram na frente do meu espartilho e me puxaram para cima. Meu rosto veio à tona, e rapidamente limpei a água dos meus olhos, decidindo que era pertinente manter minha boca fechada por enquanto. Eu o havia empurrado longe o suficiente. Ele me segurou lá, meio suspensa fora da banheira, minha frente contra a dele, agora molhando sua camisa e sujando suas roupas ainda mais.

“O que eu faço com você hoje depende inteiramente de sua aparência na próxima vez que eu te ver,” ele sussurrou antes de me jogar de volta na água.

Ele saiu da sala, gritando para as servas voltarem, e eu afundei de volta na água com meu coração batendo direto no meu peito.

“Woow.” Minha respiração explodiu da minha boca quando me sentei, totalmente vestida, minha cabeça caindo contra a borda da banheira.

Virei-me para a janela quando as mulheres correram de volta para o quarto e me colocaram de pé na banheira, suas mãos trabalhando para remover minhas roupas encharcadas. A chuva continuava, o sol completamente escondido, e eu pensei nas palavras do Tecelão antes que o telhado de sua cabana fosse arrancado.

Esta não é uma tempestade normal.

Ele estava certo, mas a única outra pessoa que eu poderia perguntar sobre isso estava me evitando, exceto para me bater de manhã.

Meu segundo banho em tantas horas não foi tão agradável quanto o meu primeiro. Parecia uma terrível perda de tempo. Esfregaram perfumes estranhos e maravilhosos na minha pele, e quando terminaram houve uma batida na porta, outro servo dizendo que um vestido havia sido enviado para mim.

Era um preto-azulado escuro com bronze brilhando no material. Quando uma das mulheres o encaixou na minha cabeça, ele se moldou a mim como uma luva, o decote alto, as mangas compridas. Todo o lado direito do vestido era feito de pequenos anéis de bronze unidos, assentando como cota de malha sobre minha pele nua. A saia era longa, mas tinha uma fenda que deixava minha perna direita nua. Olhei para o local onde deveria ter uma cicatriz horrível do entalhe da minha perna feito pelo Negociador, mas havia apenas uma leve marca branca.

Deram-me outro par de chinelos e sentei-me em um banco no banheiro para ajudar o mordomo a limpar a lama das minhas botas enquanto meu cabelo era trançado em uma longa corda sobre meu ombro, pequenos anéis de bronze enfiados para combinar com meu vestido.

Uma vez pronta, agradei às mulheres e me tranquei na sala de estar, girando meu anel e murmurando o verdadeiro nome do rei. A fortaleza era grande demais para que eu pudesse encontrá-lo sem magia. Quando tropecei na sala de madeira flutuante, não fiquei surpresa ao ver os outros quatro reunidos lá, mas fiquei *surpresa* ao encontrar Calder na porta. Havia um curativo ensanguentado sobre seus olhos, e comecei a correr em direção a ele, seu nome saindo sufocado da minha boca.

“Eu não faria isso se fosse você.” A voz do Mestre Guerreiro me fez parar, e me virei lentamente para encará-lo, minha respiração curta e afiada.

“O que você fez com ele?”

“Nós temos um acordo. Ele se comportou mal.”

Porque Calder me treinou esta manhã. Eu me virei para ele, meu batimento cardíaco trovejando, meu olhar quente. Ele havia perdido os olhos porque tinha... *ido me ver.*

“Conserte isso,” exigi, embora nem tivesse certeza de que tal coisa fosse possível. Todos os outros me observaram avançar, os olhos avaliando enquanto eu ficava cara a cara com o Mestre Guerreiro. “Por favor,” acrescentei, embora tenha saído em um murmúrio estrangulado. “Estou te implorando.”

“Na verdade...” O Mestre Guerreiro tocou um dos anéis na minha cintura, seus grandes dedos passando pelo metal irregular. “Há algo que precisamos.”

“Você quer fazer outro acordo? É por isso que você tirou a visão dele?”

Seu dedo parou em seu progresso, seus olhos castanhos piscando para os meus, iluminados pela inteligência e crueldade. “Você sabe por que tiramos a visão dele.”

Uma onda de culpa quase me paralisou, mas eu a forcei para baixo, trabalhando para manter meu temperamento sob controle. “O que posso te dar?”

“Sua marca,” o Inquisidor respondeu, fazendo meus olhos piscarem em sua direção.

Minha respiração vacilou, pensando no pequeno símbolo crescente que eu havia dado ao filho do curandeiro. “Como você sabia disso?”

“O menino está aqui... o filho do homem que morreu em Breakwater Canyon.”

“Asper?” Olhei para a porta, confusa.

“A maioria das casas do cânion foi destruída,” o Inquisidor me disse. “Completamente inundada ou despedaçada pelos ventos. Uma grande porcentagem da população de mordomos está atualmente sem casa. Ele viajou até aqui para barganhar para que eles fossem realocados.”

Olhei em seus olhos escuros, sentindo como se estivesse faltando alguma peça do quebra-cabeça.

“A notícia de você tem viajado notavelmente rápido.” A voz profunda do Rei atraiu meu olhar, e pisquei para longe do Inquisidor. “Ele pensou que você era alguém importante. Importante o suficiente para que sua *marca* pudesse ser uma ferramenta de barganha.”

Minha ansiedade aumentou, duas coisas se tornaram surpreendentemente óbvias: a primeira é que eles poderiam ter usado a situação dos mordomos para negociar comigo mesmo que não tivessem visto Calder, e a segunda é que o Inquisidor tinha visto minha marca. Provavelmente tinha tocado minha marca.

Me perguntei o que ele tinha ouvido no sussurro do meu poder quando tocou aquela pequena lua crescente no braço de Asper, e porque eles agora queriam minha marca para si. Fiz um movimento para enterrar minhas mãos no meu cabelo em frustração, mas parei quando não havia mechas soltas para meus dedos, em vez disso, apenas deixei minha cabeça cair em minhas mãos.

“Tudo bem,” reclamei, sabendo que eu não tinha escolha. “Vou dar duas marcas por dois favores: você realoca os mordomos e conserta a visão de Calder.”

O Rei estava balançando a cabeça, um sorriso irônico e sem humor nos lábios. “Você sabe o que precisa oferecer, Tempest.”

Eu soltei minhas mãos da minha cabeça, resistindo ao desejo de empurrá-lo de volta para a cadeira. Olhei para Calder, que estava grande e silencioso, como uma estátua novamente. Seus lábios estavam pressionados tão firmemente juntos que sua mandíbula quadrada se contraiu. Engoli em seco, sabendo o quanto ele estava odiando o fato de eu estar fazendo outro acordo... mas isso era algo que Calder não entendia. Eu havia decidido há algum tempo que não seria mais

vítima desses homens, mas para chegar à frente deles, precisava negociar com a moeda deles. Eu estava negociando partes de mim mesma que eu não tinha certeza se possuía mais, pegando empréstimos em propriedades alugadas. Isso só terminaria de duas maneiras... ou eu venceria minha batalha de Legionário e escaparia de seu domínio, ou eu morreria. Quanto mais dívidas eu acumulasse antes de qualquer um desses resultados, melhor.

“Ok,” eu cedi, soando derrotada. “Eu vou marcar todos vocês. Mas conserte-o primeiro.”

“Se ele se encontrar com você novamente, eu não vou apenas danificar sua visão, eu vou arrancar seus olhos completamente,” o Mestre Guerreiro ameaçou, levantando-se de seu assento e atravessando a sala.

Eu o observei com meus dentes rangendo, me perguntando o que Calder poderia ter trocado para permitir que o Mestre Guerreiro fizesse o que estava fazendo. Deve ter sido algo significativo. Algo que ainda não estava completo, porque ele *permitiu* que o Mestre Guerreiro o desfigurasse e ainda estava aqui, esperando.

O Mestre Guerreiro colocou as mãos nas laterais do rosto de Calder, e eu observei como os punhos de Calder se fecharam, um rosnado curvando seus lábios. A temperatura na sala subiu um grau, e um relâmpago afiado atingiu a varanda além da parede com cúpula de vidro, me fazendo pular.

O Mestre Guerreiro não pronunciou um encantamento, nem mesmo com a boca. Qualquer que fosse a magia que ele lançou estava dentro de sua cabeça, mas funcionou, porque quando ele se afastou, Calder arrancou sua venda, revelando um olho dourado ardente e um azul brilhante. Havia duas cicatrizes cortando as pálpebras de cada olho.

Dois cortes muito precisos.

Meu estômago se apertou doentamente e seus olhos se voltaram para os meus, mostrando nem gratidão nem arrependimento antes de fixar seu olhar imóvel na outra parede.

“Melhor continuar com isso agora,” disse o Mestre Guerreiro, recostando-se na cadeira.

Fechei minhas mãos, sentindo minhas palmas pontilhadas de suor, e puxei uma respiração curta e fortalecedora antes de caminhar até ele, os anéis de bronze do meu vestido tilintando juntos. Parei do lado de fora de suas pernas abertas, puxando meu lábio entre os dentes, sem saber como proceder.

“Onde...” Limpei minha garganta. “Onde você quer isso?”

Ele arqueou uma sobrancelha, colocando a mão no braço de madeira da

cadeira, apontando para a base de seu terceiro dedo. Na mão esquerda. Na posição de promessa.

Arruinada com confusão, eu balancei minha cabeça. “Isso é um truque.”

Ele sorriu. “Não é sempre? Mas você fez um acordo, Tempest. Continue com isso.”

Eles estavam planejando outra moeda de barganha para usar contra mim, sabendo que eu não estava me aproximando de escolher um deles para se casar... mas qual era o mal, realmente? Mesmo que a marca lhes oferecesse algum tipo de favor, eles não poderiam *lucrar* com isso para me forçar a me casar. Não, a menos que eles pudessem decidir sobre apenas um deles para eu pertencer.

“Certo.” Dei um passo à frente, entre suas pernas, meu dedo no local que ele havia indicado.

Lembrei-me da palavra que tinha falado para marcar Asper, e pensei nisso agora. As letras demoraram a se formar em minha mente. Era o significado por trás da palavra que pareceu me atingir primeiro. O crepitar fresco da neve, a respiração profunda da noite. Tímidas pétalas se desenrolando em direção à lua, estendendo-se em um momento de alegria invisível, apenas para se enrolar novamente com o sol, com o romper do dia animado.

“Skayld,” eu sussurrei, o som como um carrilhão muito tímido para ser ouvido.

O pequeno crescente tomou forma, perfeito, afiado e prateado, e dei um passo para trás, incapaz de olhar para ele por mais um segundo. O Mestre Guerreiro saiu depois que eu o marquei, nenhuma palavra foi dita para mim ou para os outros enquanto ele saía pela porta. Os olhos de Calder encontraram os meus brevemente, um lampejo de algo que pode ter sido um aviso em sua expressão antes que ele também estivesse saindo. Desejei que ele voltasse, e por um momento eu apenas fiquei ali olhando para a porta, desejando que isso acontecesse... o fim do acordo.

Limpei a garganta, movendo-me para o Tecelão, que estava sentado na cadeira mais próxima do Mestre Guerreiro, mas agora estava de pé com uma carranca no rosto. Ele não gostava da ideia de alguém marcá-lo. Eu podia ver na forma como seus olhos se estreitaram nos meus, algum tipo de decisão oscilando atrás dele. Ele estava dividido entre não permitir que os outros tivessem influência extra sobre mim e permitir que ele fosse marcado. Mesmo que pudesse ser vantajoso para ele, ele sabia melhor do que ninguém o que significava usar o símbolo de uma pessoa em seu corpo. Ele havia marcado muitas pessoas, mandando vidas em ruínas e sugando as pessoas enquanto eu me

lembrava de ouvir histórias sobre ele.

Agarrei sua mão, seus dedos flexionando em meu aperto, e fechei meus olhos, invocando aquela sensação estranha e exultante novamente. Sussurrei a palavra, coloquei meu símbolo em sua pele e, assim que meus olhos se abriram, ele puxou a mão, esfregando minha marca com o polegar, os olhos tempestuosos.

“Olhe lá fora,” ele disse, me girando pelo ombro, suas palavras soando com raiva. “Você está ficando sem tempo.”

Ele me deixou assim, e ouvi a porta bater novamente, enviando um arrepio através de mim.

Ele estava certo.

Era fácil me concentrar em sobreviver dia a dia, fácil me concentrar em me fortalecer, mas eu estava em uma corrida contra a Escuridão, e ela podia sentir minha preparação. Ela havia rasgado o céu e sacudido o chão, deixando o povo de Fyrio em pânico... lembrando-me que a batalha por Ledenæther havia começado.

Eu estava me matando, e não era o suficiente.

Eu ainda não era forte o suficiente.

Eu ainda não sabia o suficiente.

Virei-me para o Erudito, que se moveu atrás de mim, cansado de esperar. Por mais quieto que fosse, ele também era o menos paciente dos grandes mestres, e agarrou minha mão, forçando meu dedo na posição. Quando fechei os olhos desta vez, uma lágrima deslizou da linha dos meus cílios, e levei vários momentos lutando para acalmar minha mente o suficiente para sussurrar para o mundo e criar a marca. Assim que terminou, o Erudito se virou e desapareceu, bem ali no meio da sala, sem nem se preocupar em esconder a estranha habilidade de mim.

“Não faz sentido,” falei quando cheguei ao Inquisidor. Ele não se levantou da cadeira, mas pegou minha mão e me arrastou entre suas pernas, aqueles olhos insondáveis me olhando com uma consideração cuidadosa e sombria.

“O que não faz?”

“Vocês dizem que estão me deixando mais forte, que estão me fortalecendo, tentando me fazer poderosa o suficiente para derrotar a... a Escuridão, mas não parece que estão. Parece que estão fazendo o seu melhor para me impedir.”

“Talvez estejamos.” Ele deu de ombros, sua expressão não revelando nada.

“Então por que isso,” eu gritei, jogando meus braços para o lado. “Por que vocês ainda estão tentando me forçar a casar com um de vocês? Se vocês querem

que eu falhe, então *por quê?*”

“Eu não disse que queríamos que você falhasse. Você disse.”

Cerrei meus dentes juntos. “O que você quer, Fjor?”

Ele se sentou para frente, sua respiração quente contra meu rosto, seus olhos cavando nos meus. “Tudo, Lavenia. Tudo.”

Eu fiquei em silêncio, marcando-o e então o Rei, que estava estranhamente quieto enquanto a lua crescente desabrochava em seu dedo.

“Venha,” ele disse quando eu terminei, levantando-se de sua cadeira e acenando para o Inquisidor – *não*, para *Fjor*. Eu gritei seu verdadeiro nome interiormente, frustrada com a forma como minha mente tão facilmente se curvava ao poder de seu nome Predestinado. O dele e os outros. Como eu iria derrotar o mal todo-poderoso que se espalhava por este mundo de alguma fonte indefinível muito além do conceito de tempo e firmamento se eu não pudesse nem mesmo pronunciar os verdadeiros nomes dos homens mais poderosos de Fyrio?

Vidrol me levou para fora da sala, mas parei na porta, olhando de volta para Fjor, uma pergunta em meus lábios.

“Os mordomos serão transferidos para as torres de vigia vazias nos arredores de Hearthenge,” disse ele, sem nem mesmo erguer os olhos do que havia capturado sua atenção. Eu segui seus olhos até onde seu polegar roçou minha marca, e foi aí que eu senti.

Sua energia.

Escura e fria, afundando, sondando.

Eu o deixei, imaginando o que ele encontraria dentro da minha marca, e se o que eles haviam trocado valeu a pena.

Vidrol desceu ao nível mais baixo da fortaleza e virou para a ala sudeste, que tinha uma sensação muito diferente do resto do castelo. Havia um cheiro forte e enjoativo nos corredores, condimentado e doce, como seiva ardente. As lanternas estavam todas fracas, sua luz lançando sombras sobre as paredes. Cortinas pesadas cobriam as janelas e portas, vasos de pé pontilhavam as janelas, pequenas árvores *haeke* contidas dentro, seus galhos espinhosos brotando flores vermelho-sangue.

“Onde estamos?” Perguntei quando *Vidrol* abriu uma das cortinas, ficando para trás e esperando que eu passasse.

Comecei a passar por ele, mas parei, meus olhos se arregalando. Pelo menos uma dúzia de mulheres estavam deitadas em vestidos e sedas quase inexistentes, seus membros longos e graciosos esticados sobre travesseiros

jogados no chão de ladrilhos ou pendurados nas bordas de sofás de veludo. Havia uma fonte borbulhando no centro da sala, embora eu não pudesse ouvi-la por causa da chuva que descia pela parede de tijolos de vidro à nossa frente. As outras duas paredes estavam cobertas de ricas tapeçarias suspensas, candelabros lançando um brilho sobre os desenhos primorosamente tecidos.

“Não,” eu resmunguei, tentando recuar. “Você não está *me* adicionando ao seu harém.”

Ele riu, sua mão moldando a minha coluna e me empurrando para frente. “Você vai fazer o que eu disser, garota.”

“*Como* isso é um bom uso do meu tempo?” Eu fervia, girando para encará-lo quando ele entrou na sala atrás de mim, me empurrando para trás. Baixei a voz quando as mulheres começaram a se mexer, percebendo que havíamos entrado na sala. “Por que você está me mantendo longe de Calder? Por que você está fazendo tudo o que pode para me impedir de treinar? Por que...”

Ele bateu a mão na minha boca.

Você está falando sério? Tentei perguntar, embora tenha saído mais como “*cêalandoério*”, um som abafado de indignação distorcido por seu aperto.

“Nossas intenções estão claras há algum tempo,” ele sussurrou, abaixando-se até falar diretamente contra sua mão. “Nós poderíamos lutar um contra o outro para reivindicar você, mas não adianta. Você *deve* escolher um de nós de bom grado.”

“Isso é tudo sobre casamento?” Eu respirei contra sua palma quando ele afrouxou seu aperto o suficiente para eu falar.

“É tudo o que importa,” ele confirmou.

“E se eu morrer?” Perguntei, meu coração batendo forte.

“Então você morre e nosso problema está resolvido.”

“Então por que não *me mata agora*?”

“Todas as coisas devem acontecer na hora certa. Nem um momento antes.”

Cambaleei para trás, ouvindo o eco da voz de Ein. Essas foram as palavras exatas que ela me disse. Também refletia os sentimentos da Aranha.

“Você quer que eu morra na hora certa,” eu repeti.

Seus olhos foram dos meus olhos para os meus lábios, que se curvaram em uma carranca trêmula. Sua mão caiu no meu queixo, puxando minha cabeça um pouco mais para cima, possivelmente para que ele não tivesse que se abaixar tanto.

“A hora certa. A maneira certa. Existem muitos cenários ideais e não tão ideais. Na verdade, fizemos um acordo um com o outro que nenhum de nós

poderia matá-la diretamente. Era para impedir que qualquer um de nós interferisse em sua escolha de futuro marido.”

“Mas há muitas maneiras *indiretas* de me colocar em situações perigosas, onde eu poderia morrer como resultado do meu serviço a cada um de vocês,” eu respondi.

“Naturalmente.” Ele beliscou meu queixo. “Nós simplesmente *não conseguimos* decidir.” Ele estava dramaticamente exasperado. “É melhor você morrer agora? Ou devemos esperar para ver quem você escolhe? Você deve decidir em breve, para que pelo menos um de nós queira mantê-la viva.”

“E quanto à Escuridão?” Eu assobiei. “A batalha por Ledenaether? O fim do mundo como nós o conhecemos?”

“O fim do mundo como *você conhece,*” ele corrigiu, me soltando. Seus olhos verdes saltaram para cima, sobre a minha cabeça.

“Eu tenho um jogo,” ele anunciou, alto o suficiente para que todos o ouvissem. As mulheres se mexeram, vozes baixas sussurrando umas para as outras.

“Pedi a essa garota para encontrar uma maneira de me agradar *muito* antes do final do dia.” Ele me girou, suas mãos em meus ombros. “Quem conseguir detê-la, por qualquer meio necessário, se tornará minha esposa.”

Eu mal o ouvi recuar. Estava muito focada nas mulheres agora compartilhando olhares umas com as outras. Uma delas deu um passo à frente. Outra pegou um castiçal.

“Pelo amor do rei morto-vivo,” eu gemi, correndo para o corredor onde Vidrol tinha desaparecido.

Eu podia ouvir o tamborilar de pés de chinelos atrás de mim, mesmo acima do som da tempestade acima, e considerei parar e simplesmente desafiar cada uma delas para uma batalha, mas isso não parecia sábio. Era improvável que cada uma esperasse sua vez, e elas obviamente estavam muito animadas com a perspectiva de se casar com Vidrol. Eu também não podia ter certeza de que eu não iria cair na gargalhada e acidentalmente levar um castiçal no rosto. Bati contra a porta pela qual havíamos passado para entrar na ala sudeste, encontrando-a trancada. É claro. Plantei minhas costas contra ela, virando-me para encarar uma *verdadeira* horda de mulheres brandindo vários móveis leves.

“Eu *realmente* não tenho tempo para isso,” gemi antes de girar rapidamente o anel e falar o nome de onde eu precisava ir.

Fui cuspidada bem no meio da tempestade furiosa, o lago às minhas costas, uma fileira de detritos à minha frente. As mansões escondidas no abraço da

vegetação da encosta da montanha foram severamente danificadas. Telhados foram arrancados, janelas quebradas. Caminhos de inundação traçaram uma estrada destrutiva montanha abaixo, dobrando árvores e lavando materiais de construção.

“Tempest?” Uma voz chamou, e uma forma alta saltou da parede quebrada de uma das casas. Raekov. “Quando diabos você teve tempo para *se vestir*?”

Olhei para o meu vestido com uma careta, mas não tinha que me explicar para Raekov, então passei por ele, meus estúpidos chinelos incapazes de encontrar apoio na encosta da montanha lavada pela chuva. No final, eu os tirei e os joguei de volta na beira da estrada.

“Apenas me deixe em paz,” eu atirei por cima do meu ombro, sentindo que ele tinha começado a me seguir. “Se você acha que estou recebendo tratamento especial ou algo assim...”

“Eu não sou idiota.” Ele já estava passando por mim em seu calçado mais sensato, estendendo a mão para trás para me oferecer a mão. Confusa, eu a peguei, permitindo que ele me puxasse até a casa. “Um dos recrutas viu Bern lhe atribuir duas casas. Você precisa de ajuda?”

Me abaixei sob a parte do telhado que ainda estava intacta. “Por que você quer ajudar? Achei que estávamos competindo.”

“Estávamos. Nós estamos.” Ele suspirou, balançando a cabeça. “Olha, eu acho que você vai ser um bom Sentinela. Você luta muito. Mais duro do que o resto de nós. Eu quero que você chegue no fim. Não necessariamente antes de mim, mas perderíamos um guerreiro muito bom se você morresse antes do final da semana, e parece que precisamos de todos os bons guerreiros que podemos encontrar no momento, você não acha?”

Eu assenti, olhando ao redor da ruína, sem saber por onde começar.

“Ah, certo,” ele disse, pulando de volta para a parede quebrada. “Guardei alguns sacos para você. Eles são fáceis de amarrar ao seu cavalo.”

Ele correu pela encosta da montanha enquanto eu silenciosamente começava a vasculhar os pertences espalhados ao redor. Ele voltou, deixando cair uma pilha de sacos pela parede.

“Obrigada,” falei hesitante.

Ele assentiu. “Boa sorte, e não conte a ninguém que eu ajudei você, certo?” Com um pequeno sorriso, ele voltou para sua casa, e eu comecei a enfiar coisas em um dos sacos.

Escolhi roupas, livros, um brinquedo raro de criança e qualquer outra coisa que eles pudessem considerar de “valor”. Não encontrei moedas ou joias e não

pude deixar de suspirar ao pensar que eles já haviam levado essas coisas com eles e ainda assim a Companhia estava poupando tantas pessoas para ajudá-los a pegar seus pertences pessoais restantes enquanto os mordomos eram forçados a confiar em um *menino* com um favor em seu braço e uma tênue esperança de que ele pudesse organizar abrigo para eles.

Limpei as duas casas, deixando os sacos no quartel de Hearthenge, onde um mordomo estava coordenando a devolução dos pertences. Viajei com meu anel, pelo qual me senti culpada enquanto o resto dos recrutas foi forçado a fazer várias viagens a cavalo pela tempestade. Depois que terminei com as duas casas, voltei para Raekov, pegando dois de seus sacos cheios sem dizer uma palavra e deslizando montanha abaixo para desaparecer com eles fora de vista, poupando-o de uma viagem de volta ao quartel.

Eu particularmente não me importava se eles se perguntassem como eu conseguia aparecer e desaparecer, mas não queria que eles soubessem expressamente sobre o anel. Eu ainda tinha o mor-svjake no rosto, e se um deles quisesse me matar pelo artefato mágico, poderia fazê-lo sem repercussão legal.

Depois de ajudar Raekov, fiz o mesmo por Frey e Bjern, e então nós três subindo pela montanha, ajudando quem podíamos. Parecia que a mudança no comportamento de Raekov havia ecoado nos outros. Uma coisa era ouvir Bern anunciar na triagem que em breve estaríamos em guerra, e outra coisa totalmente diferente era sentir a mudança no próprio mundo. Nunca na memória viva uma tempestade tão severa devastou Fyrio, limpando Breakwater Canyon e Sectorian Hill antes de perder um pouco de sua violência à medida que se espalhava para o leste.

Quando nosso trabalho terminou, todos nós marchamos de volta para a beira da estrada, todos carregando o resto de sua carga em seus cavalos e fazendo seu caminho lento e exausto de volta para Hearthenge. Bjern e Frey esperavam atrás, de pé ao lado de suas montarias, observando os outros descerem a estrada.

“O que está acontecendo, Lavenia?” Frey perguntou baixinho.

Olhei para o céu, não vendo nada além de uma escuridão turva e crescente. Eu não poderia dizer que hora do dia era. Eu não tinha sido capaz desde que a tempestade começou.

“O mundo está acabando,” falei a eles. “A praga que começou no cânion não é uma praga. É a Escuridão. É uma coisa viva.” Respirei fundo, sentindo o cheiro de enxofre no ar. “Consome coisas, possui pessoas, corrói a totalidade de uma coisa até que seu núcleo esteja podre.”

Eles seguiram meus olhos até o céu, e eu pensei naquela velha história dos mordomos dos três Fjorn que fugiram para a lua, sacrificando seu poder de iluminar o caminho através da noite para manter a escuridão sob controle. A tempestade bloqueou tanto o sol quanto a lua.

“A praga foi apenas o primeiro sinal,” falei. “Acho que a tempestade é o segundo. Acho que o mundo está doente, e está chorando. Não dá mais para esconder.”

“O que nós fazemos?” Bjern perguntou imediatamente quando Frey ficou em silêncio.

“Honestamente?” Eu olhei de volta para eles. “Não sei. Eu preciso passar pelos grandes mestres primeiro, e a única maneira de fazer isso é vencendo a batalha do Legionário.”

“Passar por eles?” Frey perguntou, seus olhos ficando estranhamente desfocados. Vagos, mesmo.

“Eles têm sua própria agenda,” eu rosnei. “Não tenho certeza se está alinhada com a nossa.”

“Não há chance,” Frey respondeu, sua voz tão vaga quanto seus olhos antes de balançar a cabeça, refocando novamente. “Sinto muito, Lavenia. Não há nenhum cenário que eu possa ver onde você possa derrotar o Mestre Guerreiro em batalha. Não é uma batalha justa... e se você tentar feri-lo ou envenená-lo de antemão, não há chance de você não ser descoberta e executada imediatamente.”

Sorri quando Bjern gemeu, balançando a cabeça.

“Você é um pedaço de trabalho, Sinn,” disse ele.

“Há uma peça do quebra-cabeça que você não está considerando,” acrescentei, mesmo quando o desconforto se instalou pesadamente em meu estômago.

“O que seria isso?” Ela realmente soou insultada.

“Calder,” murmurei, olhando para o céu novamente para que a chuva pudesse lavar as lágrimas que ameaçavam meus olhos. “Ele não vai me deixar morrer.”

“Tem certeza?” Frey instigou, soando quase gentil.

“Sim,” eu menti. “Tenho certeza.”

LIBERDADE



Quando pedi ao anel para me levar de volta ao Sky Keep, estava cansada demais para me concentrar adequadamente em um destino, e ele me jogou de volta na sala de madeira flutuante. Pela primeira vez, estava vazia, e brevemente considerei simplesmente afundar no tapete perto da lareira e permitir que meus membros trêmulos secassem e se aquecessem pelas brasas do fogo... mas decidi não forçar a sorte com Vidrol. Ele acabou sendo muito mais imprevisível do que eu tinha percebido.

Rastejei pelos corredores escuros da fortaleza, pulando em cada sombra ou servo que passava até encontrar o quarto em que Vidrol estava naquela manhã. Quando entrei pela porta da sala de estar, não fiquei surpresa ao encontrá-lo perto do fogo, uma mulher em seu colo, sua mão rastejando pela coxa dela por baixo do vestido.

“Nós temos companhia,” sua voz profunda retumbou, uma pitada de poder montando as palavras, insinuando que ele estava em um estado emocional elevado.

“Sim,” falei, me inclinando contra o lado da lareira diante deles, chutando um pé sujo e machucado contra os tijolos. Eu nivelei meus olhos na mulher. “Você não deveria estar puxando meu cabelo ou enfiando incensos em meus olhos ou algo assim?”

Ela olhou para cima lentamente, e eu a vi chegar na frente do corpete de seu vestido. Comecei a me afastar, mas Vidrol riu, agarrando sua mão e empurrando-a de seu colo. Uma pequena coisa em forma de punhal caiu no chão. Eu tinha certeza que era algum tipo de grampo de cabelo decorativo.

“Acabou o jogo,” disse ele, dando-lhe um tapinha na parte inferior. “Você

ficou sem tempo, querida.”

Ela se virou com um beicinho nos lábios carnudos e rosados, e tive que admitir... ela era a mais esperta do grupo por ficar ao lado de Vidrol. Eu não poderia “agradá-lo muito” sem me aproximar dele em algum momento.

“Vá para a cama agora,” disse ele, dispensando-a.

Ela saiu da sala, me dando um último olhar petulante antes de bater à porta atrás dela.

“Uau,” murmurei, meus olhos voltando para Vidrol. “E você se pergunta por que eu não quero me casar com você.”

“Eu não, na verdade.” Havia um teor de algo áspero em seu tom, e olhei de volta para ele em alarme.

“Oh?” Perguntei, percebendo que seus olhos estavam na minha perna exposta.

Meus sapatos estavam faltando. Havia lama por toda parte. O vestido estava arruinado.

“Você tem uma habilidade única para se manter viva. Claro que você não quer se casar comigo.”

“Você é um grande caso para si mesmo,” observei secamente.

Ele se levantou de sua cadeira, deixando de lado uma taça de vinho, seus olhos viajando até meu rosto e tocando meu cabelo. “Esse hábito que você tem de aparecer diante de mim dessa maneira não é nada cativante.”

“Você tem alguns desses hábitos nada cativantes também.”

Ele inalou profundamente, tentando se acalmar. “Tempest,” ele rosnou.

Eu levantei minhas mãos, recuando. “Entendi. Vou me lavar. Eu posso precisar de roupas embora...”

Ele rasgou sua camisa, jogando-a em mim, seus olhos cuspidos fogo verde. Inclinei-me para frente, pegando-a sem dizer uma palavra e rapidamente pulando para o banheiro. O temperamento de Vidrol era quase tão ruim quanto o de Erudi... quanto o de *Andel*. Embora *Andel* fosse quieto. Queimava lentamente antes de varrer em explosões rápidas e perigosas. O de Vidrol era mais intenso. Mais perto da superfície.

Abri as torneiras, enchendo a banheira o suficiente para me lavar rapidamente. Penteei meu cabelo com os dedos quando terminei, puxando a camisa sobre minha cabeça. Cheirava a vinho e caiu quase nos meus joelhos. Vestida assim, rastejei de volta para a sala apenas para descobrir que Vidrol havia desaparecido. Verifiquei o quarto anexo, mas estava frio e escuro, então me enrolei no sofá da sala de estar com o fogo aquecendo meu rosto.

Por mais confortável que eu estivesse, o sono não vinha facilmente. A tempestade persistiu incansavelmente, me fazendo acordar com relâmpagos sempre que minhas pálpebras se fechavam. Meus pensamentos ficando presos em Calder novamente, e eu rolei de costas, olhando para a luz bruxuleante do fogo no teto até que a exaustão finalmente tomou conta e meus membros afrouxaram me permitindo descansar.

Meus pensamentos se transformaram em sonhos e, a princípio, simplesmente sonhei com o rosto de Calder. Dos dois cortes que corriam perpendicularmente sobre seus olhos, puxando tanto a pálpebra superior quanto a inferior. As cicatrizes não prejudicaram sua aparência. O da esquerda havia sangrado na linha de ouro que pingava de seu olho, enquanto o da direita se conectava com uma cicatriz existente em sua bochecha direita, resultando em um tipo estranho e convincente de simetria. Logo, eu estava imaginando sua voz, a sensação de sua pele. Eu estava desesperada para tocá-lo, para sentir que ele era real, que ele estava comigo... que não tínhamos sido separados. Não tinha certeza de quando esse desejo se transformou em outro tipo de desespero, mas quando duas grandes mãos se encaixaram sob meu corpo, me levantando no ar, alguma parte do meu subconsciente me convenceu de que era Calder, e eu estendi a mão, precisando da pele dele contra a minha, precisando sentir que nosso vínculo não foi cortado, mesmo que tenha sido corrompido. Mesmo que tivesse derretido em algo errado, algo contra a própria natureza de quem nós éramos.

Senti o músculo duro sob meus dedos. A linha afiada de uma clavícula, a barba por fazer de uma mandíbula forte e inclinada. Meu lábio formigou com uma pontada de dor, e meus olhos se abriram, a realidade batendo na minha cabeça quando o homem que estava me carregando parou de andar, olhando para mim.

Vidrol.

Seus olhos verdes se estreitaram quando minha mão voou para meus lábios.

“Com o que você estava sonhando?” Ele perguntou.

Eu me recusei a responder, meus olhos ainda arregalados em seu rosto. Havia uma necessidade terrível correndo por mim, aquecendo meu corpo a um nível quase doloroso. Ele amaldiçoou, me derrubando no chão.

“Eu ia deixar você dormir na minha cama, mas não se você estiver...” Ele sacudiu a mão sobre mim.

Eu ri, curta e afiada e incrédula, meus dedos ainda pressionados em meus lábios. “Eu posso me controlar,” assegurei a ele. “Eu não estava pensando em

você.”

Seus olhos escureceram, e percebi que tinha dito a coisa errada. Ele deu um passo à frente, e eu dei um passo para trás.

“Quem...” ele começou quando eu escondi minhas mãos atrás das costas, girando o anel em volta do meu dedo e pensando em um nome alto e claro dentro da minha mente.

Andel.

Caí sobre uma mesa, o que não foi uma surpresa. Bem... não para *mim*, de qualquer maneira. Os olhos violetas de Andel piscaram para mim antes de se estreitarem no que eu só podia supor que estava prestes a ser uma explosão de raiva incontida. Comecei a fugir, mas sua mão bateu na minha coxa, me mantendo no lugar. Quando ele falou, seu tom era admiravelmente uniforme.

“Você está adiantada.” Ele não parecia estar fazendo uma pergunta. Seus olhos se prenderam na camisa enorme que eu usava, mas mais uma vez, ele não perguntou nada. Seu melhor palpite era aparentemente bom o suficiente para ele.

Ele se levantou, sua mão ainda me mantendo presa ao local. “Porque aqui?” Ele perguntou.

Porque eu não podia dizer o nome que eu realmente queria dizer.

Eu não podia colocar Calder em perigo.

“É o seu dia.” Dei de ombros.

“Você não voltou para o quartel.”

“O que eu preciso está aqui, não lá.”

Notei o olhar um pouco distante em seus olhos, o jeito que sua mão não se moveu nem um pouco.

“E o que você precisa, Tempest?”

“Conhecimento.”

Seus lábios se contraíram, um sorriso rápido e afiado. Ele recuou, seu toque desaparecendo. “E o que você vai trocar por isso?”

Eu gemi, colocando minhas mãos de volta contra a mesa, minha cabeça ficando pesada.

“Faça isso,” falei antes que pudesse mudar de ideia. “Você é o único que não fez. Mas, em troca, quero acesso total à biblioteca.” Eu fiz uma careta, acrescentando para completar: “E o boticário.”

Ele inclinou a cabeça, me considerando, considerando minha oferta. Eventualmente, ele assentiu, aproximando-se. Ele agarrou minhas pernas, me puxando para a borda da mesa. Quando ele empurrou meus joelhos, eu resisti, mas ele estava apenas tentando se aproximar, e quando ele empurrou novamente,

eu os deixei cair para o lado. Ele me puxou contra seu peito, suas mãos enfiando no meu cabelo e puxando-o sobre um ombro. Quando seus dedos tocaram minha nuca, seus olhos encontraram os meus, brilhando brevemente.

“Pronto,” disse ele, batendo em um ponto na minha nuca.

“Porque aí?” Perguntei quando meu lábio coçou. Tentei ignorá-lo, mas seu corpo estava quente, suas mãos firmes, e minha mente se lembrou dos anseios do meu sonho, me convencendo de alguma forma de que o que eu precisava poderia ser encontrado ali mesmo. Bem na minha frente.

“Eu não quero que os outros vejam ainda.” Ele não esperou mais um segundo. Senti minha pele formigar e queimar, e engasguei, minha atenção passando rapidamente entre seus olhos.

Ele estava irritantemente perto.

“Sua marca da alma foi ativada,” observou ele sem emoção. “Suas pupilas estão dilatadas. Seu batimento cardíaco acelerado.”

Os dedos de sua mão esquerda apertaram meu pulso, aparentemente medindo meu pulso, e eu desviei o olhar, balançando a cabeça.

“É parte da minha fórmula,” ele meditou, sua marca completa, ambas as mãos caindo para minhas coxas. “Intimidade.”

“Não faz parte da minha,” eu gritei, embora eu balançasse para mais perto dele.

Ele sorriu, afastando-se completamente de mim, aquela pequena faísca de instabilidade piscando em seu rosto novamente. “Por enquanto,” ele permitiu. “Agora saia da minha mesa.”

Passei o resto da noite vagando pelas prateleiras nos vários níveis do Obelisco, minhas mãos percorrendo as lombadas, esperando que algum livro pudesse saltar para mim como *A Batalha por Ledenæther* em minha primeira visita ao Obelisco. Depois de algum tempo, fui forçada a desistir e voltei ao apartamento de Andel, onde me encolhi em um de seus assentos na janela. Eu tinha escolhido um lugar no lado oposto ao seu escritório no apartamento, sabendo que era improvável que ele viesse me procurar.

Quando acordei, era quase madrugada, e usei meu anel para viajar até o rio novamente, embora soubesse que Calder não apareceria novamente. Não agora que estava claro que o Mestre Guerreiro iria descobrir. Mesmo assim, quando cheguei, havia uma corda enfiada em vários pesos de ferro, sentada ali inocentemente na chuva. Agarrei as pontas da corda e passei a hora seguinte tentando arrastá-la pela pequena colina da margem até as árvores. Eu sentia o tempo todo que Calder estava me observando de alguma forma, mas mesmo

quando minhas costas doeram dolorosamente, me mandando para o chão com um grito... ele permaneceu escondido.

Passei o resto do dia limpando para Andel e ficando fora de seu caminho, e então, enquanto seu jantar estava fervendo, voltei para o quartel para encontrar um pequeno grupo de recrutas no quarto que dividia com Bjern e Frey.

“Nós cobrimos para você hoje.” Raekov se separou dos outros. “Bern amarrou carne crua em nossas costas e nos fez fugir dos cães. Foi muito divertido.”

“Cobriram para mim?” Perguntei inquieta, sem saber o que significava que eles estavam todos lá, calmamente descansando ao redor. *Quando nos tornamos todos amigos?*

“Bjern é capaz de convencer as pessoas das coisas,” Frey respondeu, dando um passo ao lado de Raekov. “Ele está convencendo seu pai que Raekov é realmente você o dia todo. É bastante impressionante.”

Eu pisquei, estupefata. “Obrigada. Eu... sinto muito por não estar aqui.”

Eles ficaram lá, esperando. Para quê, eu não tinha certeza.

“Queremos ajudá-la,” disse Bjern finalmente. “Você precisa vencer esta batalha, Lavenia. Estamos dependendo de você.”

“É verdade que o mundo está acabando?” Um dos recrutas perguntou, a pergunta explodindo dele como se ele estivesse segurando a respiração.

“Algo assim,” falei.

“E você pode ser capaz de pará-lo?” Outro questionou.

Olhei para Frey e Bjern, mas eles não pareciam nem um pouco castigados. Frey até copiou minha expressão de volta para mim.

“Seja grata pela ajuda,” ela me repreendeu. “Cada um de nós é forte e corajoso e está esperando na porta para fazer o que puder para ajudá-la.”

“Você tem razão.” Senti uma onda de culpa e rapidamente agarrei sua mão. “Eu sinto muito. Fico feliz pela ajuda.” Dei um passo para trás e tirei a bolsa dos meus ombros, derrubando-a no chão. Livros caíram, formando uma pequena pilha. “Eu trouxe isso,” ofereci. “Do Obelisco. Achei que você poderia encontrar algo que eu não consegui.”

Suas sobrancelhas se arquearam na testa, e cada um deles parecia olhar para a pilha, reconhecendo silenciosamente o problema que eles teriam se fossem descobertos com um tomo protegido roubado do Obelisco.

“O que estou procurando?” Perguntou Frey.

“Qualquer coisa sobre Ledenaether, ou o mundo intermediário...”

“Forsjaether é real,” ela respirou, seus olhos se arregalando.

“Sim. Ou qualquer coisa sobre o Fjorn. Histórias antigas, rumores, lendas. Qualquer coisa mesmo.”

Eu os deixei depois disso, terminando minhas tarefas para o Erudito. Me enrolei desconfortavelmente ao lado de sua cama naquela noite, mas como na semana anterior, acordei para encontrar seu lado intocado, e uma luz de lamparina ainda acesa sob a porta de seu escritório.

O resto da semana passou de maneira semelhante, com os recrutas me ajudando a vasculhar os livros do Obelisco e me cobrindo com Bern enquanto eu suportava a tortura dos mestres durante o dia e a tortura de minha própria mente durante a noite. Ansiei na escuridão dos meus pesadelos e na faísca brilhante e dolorosa de cada um dos meus sonhos, sempre procurando Calder, sempre procurando seu rosto. Quando eu acordava todas as manhãs, sempre havia algum novo aparato de treinamento montado à beira do rio. Os testes eram muitas vezes difíceis, deixando-me ferida e às vezes incapaz de me mover, presa à beira do rio com o coração batendo fora do peito e a chuva ameaçando me levar embora. Certa manhã, havia uma árvore derrubada na margem, uma linha na terra do topo da colina de onde ela havia sido arrastada, e tirei meu ombro de seu encaixe tentando arrastá-la de volta colina acima, seguindo a linha disposta para mim.

Caí no quartel, meus soluços altos acordando Bjern e Frey... o primeiro enfiou um cinto de couro entre meus dentes enquanto a outra colocava meu ombro de volta no lugar, de alguma forma sabendo exatamente o que fazer de um livro que ela havia memorizado. O ombro sarou em dois dias, durante os quais nenhum aparelho apareceu junto ao rio. Não que isso importasse. Frey havia arrancado de mim a informação sobre como eu me machuquei e insistiu que ela e Bjern viessem treinar comigo daquele dia em diante.

Para nossa tarefa final como recrutas, Bern nos reuniu em uma seção coberta de mato na fronteira a oeste de Hearthenge, onde ele nos espalhou em torno de um buraco coberto no chão, o deslizamento e assobio abaixo não deixando dúvidas sobre que tipo de tarefa nos esperava, antes mesmo que a cova das cobras fosse descoberta. Fomos forçados, um a um, a subir na cova enquanto o resto dos recrutas deveria assistir de cima, provocando os animais com paus. A mudança que havia começado com Raekov, no entanto, havia se espalhado por todo o nosso grupo de recrutas e, em vez de agitar as cobras, eles usaram seus bastões para proteger quem estava no meio, prendendo os corpos rastejantes sempre que se aproximavam demais.

Quando chegou a minha vez, Bern me viu descer com um olhar estranho. Ele estava frustrado com os recrutas se recusando a se virar, mas havia um

lampejo de medo em seu olhar também. Ele deveria estar impossibilitando que eu me tornasse um Sentinela... e ele estava falhando.

“Abaixem suas varas,” ele ordenou, quando os recrutas começaram a mover as cobras para longe de mim.

Eles fizeram o que foi dito, incapazes de recusar um comando direto, e ele se ajoelhou na beira do poço, uma palavra saindo de seus lábios enquanto o fogo corria de sua palma para queimar a areia sobre a qual as cobras deslizavam. Enquanto o fogo não me tocou, ele agravou as cobras, e elas me atacaram, acertando meus braços e pernas. Tentei alcançar meu anel, mas meus membros ficaram rígidos, imóveis, o veneno correndo pelas minhas veias, me incapacitando. Eu desmaiei, e as cobras deslizaram sobre mim, o fogo queimando em direção à minha cabeça e pés.

Olhei para cima com os olhos semicerrados, observando como Bjern discutia com seu pai baixinho, seus olhos selvagens. Bern balançou a cabeça, seu olhar fixo no meu, e eu consegui distinguir as palavras formadas por seus lábios, embora eu não conseguisse ouvir o som de sua voz.

Uma hora.

Frey se separou do grupo, montando em um cavalo e fugindo da pequena clareira sem olhar para trás. Mordidas cobriram cada centímetro da minha pele, suor se misturando com sangue, ardendo em cada uma das perfurações. Eu podia sentir aquilo correndo em meus olhos, minha visão embaçada enquanto eu me mexia dentro e fora da consciência. Por fim, Bern ajoelhou-se novamente no poço, sussurrando outra palavra, e senti o calor do fogo diminuir, mas era tarde demais. Eu estava completamente paralisada, o veneno rastejando em direção ao meu coração, que começou a soar alto no meu ouvido.

Flop. Flop. Ele sangrou, ofegando pela vida.

Devia ter passado quase uma hora quando Helki apareceu. Ele caminhou pela multidão de recrutas, sua expressão feroz quando ele caiu no poço, me levantando e puxando por cima do ombro.

“Mestre Guerreiro...” Bern começou alarmado, mas qualquer protesto que ele estava reunindo foi silenciado quando Helki moveu meu corpo para prendê-lo com uma mão, sua metade superior saltando para frente.

Ouvi o som de um osso se quebrando, seguido pelo som de um corpo caindo no chão, e então Helki estava entrando na floresta, o protesto de Bern silenciado. De alguma forma, Frey sabia que devia contar a ele. *De alguma forma*, ela sabia que ele não iria me querer morta.

Não neste momento, desta forma.

Caí inconsciente logo depois que ele me moveu pela segunda vez, meu sangue infectado correndo para minha cabeça, e quando acordei estava na cabana de Vale, que havia sido milagrosamente consertada, embora a tempestade ainda continuasse rugindo do lado de fora, e um leve *pinga pinga* constante pudesse ser ouvido do canto enquanto a chuva escapava para dentro.

Estremeci, puxando o cobertor que tinha sido jogado sobre mim para mais perto dos meus ombros. Vale estava desaparecido, o fogo tinha sido deixado sozinho por horas, uma frigidez penetrando nas frestas entre as tábuas do assoalho. Eu me enrolei ao lado da cama, olhando para baixo em estado de choque.

Havia gelo no chão.

Sentei-me, apertando o cobertor em volta de mim, balançando a cabeça quando percebi que o gotejamento que eu tinha ouvido era apenas o som da geada derretendo do parapeito de tijolo acima da lareira. Enfiei os pés nas botas, que estavam ao lado da cama, arrastando os pés até a janela salpicada de gelo. Lá fora, estava escuro, o sol lutando para subir acima de grandes montanhas de neve.

O mundo não estava mais chorando.

Mas isso... isso parecia pior, de alguma forma.

Vale ficou longe o resto do dia e, assim que a noite chegou, abandonei sua cabana para o quartel. Os aposentos da torre haviam sido esvaziados, então fui para o hall, enfiada na capa que roubara do guarda-roupa de Vale. A neve caiu sobre meu cabelo, ardendo em minhas bochechas. Ainda não estava caindo com força suficiente para impedir minha caminhada pelo quartel, mas logo se tornaria assim. As barracas e oficinas ao longo da estrada principal estavam todas fechadas com tábuas, protegidas contra o que quer que o céu decidisse jogar em nós a seguir. Sacos de areia cobriam a estrada, junto com sacos de sal.

Corri para Raekov enquanto empurrava as pesadas portas do corredor, e ele agarrou meus ombros, seus olhos correndo por mim.

“Você está bem!” Ele exclamou. “Quero dizer... claro que você está. Não duvidamos, mas estávamos preocupados. Principalmente quando começou a nevar. Parece que as coisas estão aumentando, não é?” Ele lançou um olhar para as janelas, e eu assenti.

“Pegue um pouco de comida,” ele ordenou, “e então eu vou te mostrar onde eles nos colocaram. Estamos jurados, agora. Você incluída, já que você está viva. Parabéns, Sentinela.”

Ele me deu um tapinha nas costas, e eu senti um sorriso estúpido se

espalhando pelo meu rosto.

Sentinela.

Meu sorriso se transformou em uma risada, e me virei instintivamente, meus olhos procurando por alguém que não estava lá. O sorriso imediatamente desapareceu, substituído por frustração e raiva.

Não vi Calder naquele dia nem no seguinte. Mesmo quando o dia de Helki chegou novamente e ele me forçou a remover a neve das estradas de Hearthenge até que bolhas cobriram minhas mãos. Fui ficando cada vez mais retraída, uma frieza se instalando em meu coração como se plantada ali pela neve persistente, e no dia da minha batalha para o Legionário, escolhi caminhar até lá sozinha.

Os grandes mestres aproveitaram todas as oportunidades nos dias restantes para me dissuadir de minha batalha. Eles me ameaçaram. Eles tentaram me aleijar. Eles ofereceram acordos e, a certa altura, até ofereceram Calder. Essa foi a única coisa que me fez parar, mas não era concebível que Calder se sacrificasse de tal maneira apenas para que eu trocasse minha batalha por sua liberdade.

Eu tinha que me lembrar de confiar nele.

E quando não conseguia... me forcei a rejeitar a oferta de qualquer maneira.

A batalha seria travada bem no topo da Sectorian Hill, onde a neve havia sido retirada do Templo de Ledenather, nossa arena improvisada. Setoriais e mordomos alinhando-se igualmente na estrada que conduzia ao templo, a notícia da batalha já bem e verdadeiramente espalhada naquele momento. Havia um ar estranho e solene sobre eles. Parecia mais um cortejo fúnebre, e a percepção de que eu havia me tornado importante para algumas dessas pessoas, para alguns dos mordomos, pelo menos, começou a se instalar em mim.

Eles não tinham certeza para quem torcer.

Helki era o herói deles há muito tempo, desde que a maioria deles o conhecia, mas eu também era importante. De algum modo. Quando cheguei ao templo, havia ainda mais pessoas ao redor da estrutura de pilares, mas eles se separaram quando me viram, permitindo uma visão das cinco figuras sozinhas dentro do templo.

Helki, Vale, Andel, Vidrol e Fjor.

Cada um deles usava capas pesadas e escuras forradas de pele grossa. Todos, exceto Helki, que parecia um verdadeiro Vold em apenas botas, calças e uma infinidade de alças contendo armas.

“Tempest,” ele disse enquanto eu saía da grama para o chão de mármore, que já estava coberto de neve novamente. “Esta é sua última chance de desistir.”

“Não,” murmurei de improviso, procurando as pessoas ao nosso redor.

Frey estava lá, Bjern ao lado dela, Raekov ao lado dele. Eles devem ter escalado a montanha cedo para reivindicar lugares na beira do templo. Ofereci a eles um pequeno sorriso, aquele aperto frio dentro de mim aumentando, e eu virei meus olhos sobre os rostos mais uma vez, com uma última e frágil esperança. Algo dentro de mim se partiu quando finalmente o vi, empurrando o perímetro de pessoas, uma capa grossa varrendo a neve atrás dele. Um olho dourado e um olho azul me fixaram no local, seus lábios firmes se torcendo em um sorriso pesaroso, sabendo de alguma forma que ele havia escolhido o momento exato em que eu tinha desistido dele para entrar em minha visão.

“Tenho o direito de escolher o momento da minha batalha,” disse ele, sua voz áspera e alta, gritando para todos ouvirem. “E eu escolho agora.”

Ele tirou a capa dos ombros, jogando-a para o lado, revelando seu peito nu por baixo, coberto de tiras e bainhas assim como o de Helki... com uma notável diferença.

A marca dos Legionários se espalhava brilhante e ousada de um ombro ao outro, esculpida em toda a metade superior do peito.

Engasguei com algo que poderia ter sido um protesto, mas a palavra distorcida foi perdida para o alvoroço repentino da multidão. Vidrol e Fjor apareceram de cada lado de mim, uma mão em cada um dos meus braços, me arrastando rapidamente de volta para a borda do templo, embora eu tenha lutado com cada grama de minha força.

Vale veio atrás de nós, estendendo a mão para me dar um tapinha na testa, nem um centímetro de surpresa em sua expressão. Meus membros congelaram, a luta se esvaindo do meu corpo. Eu não conseguia me mexer. Eu estava travada.

“Como,” resmunguei, minha garganta dura, embora eu nem tivesse certeza do que estava perguntando naquele momento.

“Destino é tempo,” Vale murmurou, movendo-se para o lado de Vidrol. “E o que é movimento, senão o deslocamento através do tempo?”

Totalmente impotente, observei enquanto Helki e Calder se encaravam, um tipo selvagem de emoção passando entre eles. Senti lágrimas de frustração escorrendo dos meus olhos, mas eu pisquei com raiva, me recusando a tirar minha atenção de Calder por um segundo sequer. Ele havia prometido manter distância de mim em troca da marca dos Legionários, pela habilidade de sequestrar minha batalha, porque ele achava que todo o seu propósito na vida era me proteger. E os grandes mestres permitiram porque cada novo Legionário tinha que derrotar o Legionário anterior em batalha, o que significava que se Calder derrotasse Helki...

Eu seria forçada a derrotar Calder.

Ele estava se sacrificando duas vezes para me salvar.

Um grito furioso saiu da minha garganta, mas não foi notado quando Calder saltou sobre Helki, uma faca aparecendo em cada mão. Eles se chocaram no meio do templo, sangue derramando sobre o mármore, molhando a neve. Era impossível dizer quem estava vencendo a luta a qualquer momento, pois eles se moviam rápido demais, suas facas deslizando uma após a outra, caindo nas bordas da colina até que seus esconderijos de armas parecessem esgotados e ambos pulverizassem gotas de sangue de suas feridas com cada movimento cambaleante.

Quando Helki jogou Calder no mármore com tanta força que a pedra rachou ao redor dele, senti o som de tambores começar naquele pequeno espaço frio para onde meu coração havia se refugiado. Ele me encheu de fogo, batendo ruidosamente nos confins da minha mente. Fjor apareceu diante de mim, seus olhos escuros engolindo os meus, bloqueando a luta diante de mim.

Eu rosnei, um som feroz para avisá-lo para sair do meu caminho, mas ele ficou, assistindo ou *ouvindo* minha magia enquanto ela lentamente, com certeza, começou a filtrar o poder que me mantinha no lugar.

“Ela está livre...” ele começou a dizer, mas era tarde demais.

Eu já estava torcendo meu anel.

Caí entre Helki e Calder, pegando um punho na parte inferior das minhas costas e outro contra o lado da minha cabeça. Fui empurrada para o lado, mas foi Calder quem segurou a parte de trás do meu uniforme de luta. Os outros grandes mestres ficaram nas bordas do templo, sabendo que não poderiam interferir.

Eles não tinham a marca.

Eles não eram Vold.

Mas não havia regra sobre duas pessoas lutando sua batalha dos Legionários ao mesmo tempo. Eu sabia, porque tinha lido as malditas regras quando Helki tentou usá-las contra mim. Helki olhou para mim agora, limpando o sangue de seus lábios com as costas da mão, e Calder gentilmente me soltou, percebendo que não havia como ele ser capaz de me forçar a sair da luta sem virar as costas para Helki, que iria incapacitá-lo em um segundo.

Em vez disso, nós dois corremos para frente, mergulhando para Helki ao mesmo tempo. Com a mesma facilidade com que ele segurou Calder, ele agora segurou nós dois, sempre mais rápido, antecipando cada um de nossos movimentos. Nós mergulhamos nele com intenção mortal todas as vezes, mas ele conseguiu escapar de cada tentativa contra sua vida com apenas ferimentos

leves. Lutamos até escorregarmos na neve, nossas roupas rasgadas e cortadas, nossos movimentos se tornando lentos, e tudo em vão. Helki não parecia estar passando pela mesma mudança. Ele ficou mais rápido, mais forte, uma névoa cobrindo seus olhos. Intenção misturada com algo mais forte e sombrio.

Ele terminou de brincar conosco... e ele *estava* brincando conosco.

Ele empurrou Calder para o lado, enviando-o para um pilar que se partiu ao meio, fazendo com que as pessoas ao redor se dispersassem com medo. Ele se moveu mais rápido do que meus olhos podiam rastrear, sua mão envolvendo minha garganta e me puxando do chão antes que eu pudesse escapar de seu aperto.

Eu o reconheci, então. Aquele olhar em seus olhos. Era uma *decisão*.

Ele havia decidido que esta era a hora de eu morrer. O caminho para eu morrer.

Um terror agudo ricocheteou através de mim, cortando quente qualquer ligação que havia entre mim e Calder, deixando-o de joelhos e depois de pé. Ele tinha uma perna quebrada, e ela se arrastou atrás dele enquanto ele mancava para frente, uma ira escaldante derramando de seus olhos enquanto o calor opressivo crescia e explodia ao nosso redor. O chão vibrou, a pedra estalando com um som ensurdecedor enquanto o próprio ar parecia lamber com fogo, oscilando diante dos meus olhos. O aperto de Helki em meu pescoço aumentou, cortando meu suprimento de ar, mas suas sobrelanceiras baixaram e eu vi a decisão vacilar por um breve segundo antes de tudo explodir.

Calder era o único que restava no templo, de pé sobre uma única laje do chão enquanto todos nós fomos jogados para trás, pedaços de mármore e fragmentos de rocha se espalhando pelas pessoas reunidas, forçando um grupo inteiro de espectadores a cair da beira da colina, embora a inclinação não fosse íngreme o suficiente para eles ficarem gravemente feridos.

Eu puxei um pedaço de mármore do meu braço, mal notando a dor enquanto corria de volta para Calder. Helki havia se levantado primeiro e estava quase em cima dele, embora seu braço direito, o braço que estava me estrangulando, estivesse enegrecido até o ombro, a carne queimada além do reparo.

Pensei no breve momento de fraqueza que eu tinha visto em seus olhos e gritei de dor quando me forcei a correr mais rápido, me lançando em suas costas antes que ele pudesse alcançar Calder. Minha sombra saltou prontamente da minha pele, passando diretamente do meu peito para as costas dele, afundando no centro dele enquanto nós dois caímos juntos.

Quando batemos no mármore, ele me agarrou, me esmagando sob seu corpo.

“Sinto muito,” engasguei, observando aquela luz marrom translúcida piscar em seus olhos. Eu realmente acreditava que ele havia mudado de ideia.

Como o primeiro Fjorn me instruiu... eu esperei que ele estivesse mais fraco.

Esperei que sua humanidade espiasse, e então o esfaqueei com ela.

“*Tamksveel*,” ele respondeu, a palavra quente contra meu pescoço, e eu senti os últimos vestígios da minha energia escorrer de mim, roubada por ele.

Seu corpo foi puxado de cima de mim, o rosto de Calder aparecendo sobre o meu. Ele se arrastou para o meu lado, e seus dedos agora agarraram meu rosto, forçando meus olhos para os dele.

“Fique acordada,” ele ordenou, o tom de sua voz fazendo uma risada borbulhar no fundo da minha garganta, embora não soasse. Eu estava muito fraca para o som.

Ouvi pessoas se aproximando, e Helki foi erguido do chão, apoiado entre Andel e Fjor, que se viraram em um movimento de ar e desapareceram.

“Ela está viva?” Vidrol perguntou, sem tom.

“Sim,” respondeu Calder, sem tirar os olhos dos meus.

E Helki também, pensei, meu olhar subindo, passando entre Vale e Vidrol. Eu não precisava dizer as palavras em voz alta. Eles sabiam.

Talvez eles sempre soubessem. Talvez Vale tenha tirado o resultado desta batalha da água. Calder caiu ao meu lado com um gemido de dor, nós dois olhando para o céu enquanto Vidrol e Vale desapareciam, tendo testemunhado qualquer fio do destino que havia sido escolhido naquele dia.

“Olha,” Calder murmurou enquanto as pessoas se reuniam ao nosso redor.

Ele apontou para cima, e segui a linha de seu dedo até onde o sol desfazia a escuridão. O calor dele picou meu rosto, fazendo uma risada cheia de sangue borbulhar horivelmente no fundo da minha garganta.

Estou livre, pensei, testemunhando o sol separando o céu com os braços bem abertos, abrindo as garras da tempestade que tão obstinadamente cobriu o mundo de escuridão.

O mundo ainda não tinha desistido.

Minha cabeça caiu para o lado, meus olhos encontrando os de Calder. Uma voz familiar ecoou dentro da minha cabeça, as palavras doces do primeiro Fjorn passando por um momento entre nós.

Cada gota que você sangrar por mim será um curativo sobre este mundo.

Estendi a mão, e sua mão pegou a minha.

Não tinha começado conosco... mas terminaria conosco, de uma forma ou de outra.

Continua...

Notas

[← 1]

Dracar ou drácar (forma aportuguesada para a palavra nórdica antiga Drakkar - navio-dragão) — designado nos países nórdicos por langskip, langskib ou långskepp — é um nome genérico pelo qual são conhecidos os navios clássicos dos viquingues, gênero que admitia algumas variações, em função tanto do tamanho (comprimento, largura e calado), como da finalidade da embarcação.